

Mário Bergner

AMOR RESTAURADO

Esperança e cura ao homossexual

Dedicatória

Para Annlyse DeBellis e Leanne Payne, duas mulheres cujo amor por Jesus e por mim converteram-me em um homem melhor.

Publicado em inglês com o título *Setting Love in Order*.

1ª impressão, dezembro 2000 (Brasil)

Esse Livro foi digitalizado com permissão da Editora Palavra, que contém os direitos autorais da obra.

Apoiamos e incentivamos sua reprodução, utilização e distribuição.
Nossa intenção em lançar o material em arquivo "pdf" é alcançar o maior número de pessoas GRATUITAMENTE.

É PROIBIDO COMERCIALIZAR OU ALTERAR ESSE ARQUIVO.

Maiores informações:

closetbook@hotmail.com



Visite a Editora Palavra e conheça materiais que edificam todas as áreas da sua vida:

<http://www.editorapalavra.com.br/site/>



<http://closetfullbr.blogspot.com>

Sumário

Apresentação.....	04
Agradecimentos.....	05
1. Escolha.....	06
2. Um basta para a negação Enfrentando o Mal e a Rejeição.....	19
3. O amor em desordem O desenvolvimento da Homossexualidade.....	33
4. Estabelecendo ordem no amor Desvencilhando-se da Confusão dos Símbolos.....	44
5. Cristo em nós A Esperança da Glória.....	59
6. Amor pelo mesmo sexo.....	70
7. A mulher odiada.....	85
8. Amando o sexo oposto.....	99

Apresentação

Amor Restaurado – Esperança e Cura Para o Homossexual é um livro importante por diversos motivos. Antes de mais nada, porque muitos que necessitam de libertação e cura das neuroses sexuais as encontrarão enquanto ainda o estiverem lendo. Ele indica um caminho bastante seguro a todos que se disponham a percorrê-lo.

Não existe livro que retrate melhor (do ponto de vista de alguém que sofreu intensa perturbação) o que significa assumir seus verdadeiros problemas – nem até que ponto, as barreiras que as pessoas erguem para se proteger da maldade e das privações contribuem para o desenvolvimento de uma sexualidade distorcida e da homossexualidade. Mário Bergner descreve sua neurose sexual como a ambivalência do “mesmo sexo” e a homossexualidade como de fato é: o modo pelo qual a sentia e via, sob a perspectiva de alguém que se encontrava do lado de dentro e como a deixou. Descreve-a também como um transtorno relacionado aos símbolos e conta o que fez para se desvencilhar dos símbolos doentios e substituí-los por outros, sadios, que o Senhor lhe deu. O capítulo sobre misoginia (aversão às mulheres) é extraordinário, incomparável no modo de tratar a questão da ambivalência do “sexo oposto”, bem como, a luta necessária para que uma pessoa do sexo masculino se liberte das transferências para a figura da mulher.

A sinceridade de Mário para com Deus, consigo próprio e com os outros, por si só, já bastaria para conduzi-lo à cura. Nunca conheci ninguém que se expusesse como ele. Ao fazê-lo, aqueles que Têm necessidades semelhantes ouvem a própria história. Muitos percebem, pela primeira vez, que “não sou o único que tem esses sentimentos”, ou essas “fantasias”, ou esses “receios de resvalar pelas frestas do não-ser”. Muita gente, depois de ler este livro, pela primeira vez se dará conta do que realmente é a “ansiedade causada pela separação” e saberá que existe um bálsamo capaz de curar até esta ferida, de todas a mais profunda. Da atitude de compartilhar tudo isso, brota a alegria do Senhor.

Mário teve de enfrentar muito cedo a maldade humana, sua expressão, suas conseqüências. Uma vez identificado e classificado o mal que o afligia, ele não se esquivou da necessidade de reconhecê-lo dentro de si mesmo. Pelo contrário, chamou-o pelo nome, tão logo o viu. Você está se perguntando por que algumas pessoas recebem tão grande porção de cura, enquanto outras, tão pequena? Observar ou ler a história de Mário é saber o porquê. No momento em que toma consciência do pecado em sua vida, ele o confessa e lhe dá as costas, com todas as suas forças. Mário ama o Santo, o belo, o justo, o verdadeiro e sabe que fazem parte da busca, da jornada mais emocionante que podemos empreender: a que visa a estabelecer ordem no amor.

Leanne Payne
Pastoral Care Ministries
(Ministérios de Amparo Pastoral)

Agradecimentos

À equipe Pastoral Care Ministries, minha família em Cristo – Leanne Payne, rev. William Beasley e rev. Anne Beasley, Ariane de Chambrier, rev. Conlee e Signa Bodishbaugh, rev. Bob e Connie Boerner, Patsy Casey, Denis Ducatel, John Fawcett, Jean Holt, Jonathan Limpert, Val McIntyre, dr. Jeffrey Satinover, Ted e Lucy Smith. Juntos, temos percorrido o mundo glorificando a Deus, maravilhando-nos com Seu poder de cura e acumulando lembranças felizes para o céu.

Aos amigos e colaboradores do ministério de redenção sexual – Exodus International em San Rafael, Califórnia; rev. Andy Comiskey e equipe da Desert Streams, Los Angeles; rev. Michael Lumberger e equipe Dunamis Ministries, Pittsburgh e Katheribe Allen e equipe Sought Out Ministries, Virginia Beach – por uma unidade em Cristo que proclama que Jesus perdoa e cura do homossexualismo.

À faculdade, aos alunos e à equipe da Escola Episcopal Trinitariana para o Ministério de Ambridge, Pensilvânia, por suas orações, incentivos, apoio e flexibilidade em relação a minha agenda de viagens. Ao dr. Stephen M. Smith, conselheiro durante meus anos de seminário, pelo incentivo e a Patrícia Miller por graciosamente me instruir na redação e revisão deste livro. A Hal B. Schell, rev. David Brown e a meu antigo grupo de bairro em Milwaukee, por me amarem e encorajarem desde o início do meu processo de cura.

A amigos especiais ao redor do mundo: rev. Jim e Donna Adkins, rev. Norman e Jackie Arnold, rev. David e Jô Blackledge, Ron e Lin Button, dr. Stuart e Marilyn Checkley, Cliff e Lyn Davis, Kathleen Demien, rev. Larry e Claudia Evans, Jenny Flanagan, rev. Joseph Garlington, John e Susan LeCornu, Artemis Limpert, Christiane Mack, rev. Clay e Mary McLean, Mary Pomrening, rev. Gerry Soviar, dr. Daniel Trobisch e dr. Roland e Elke Werner – por enriquecerem minha vida com suas orações, amor e amizade.

Àqueles do ramo editorial que sempre acreditaram neste livro: Lila Bishop, minha editora, pela amizade e tempo, Steve Griffith, nosso agente, pela marca Hamewith da Baker Books e a Jan Denis por me incentivar a publicar este livro.

A todos que citei,

“O Senhor te abençoe e te guarde;
O Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti
E tenha misericórdia de ti;
O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a
paz.”

Números 6:24-26

“Escolha” 1

“O Senhor o sustentará no leito da enfermidade
e o restaurará da sua cama de doença.
Eu disse: senhor, tem compaixão de mim,
sara a minha alma, pois pequei contra ti.”
(Salmo 41. 3,4)

Na sala de radiologia do hospital, preparando-me para um raio X do peito, a enfermeira me pediu:

- Por favor, tire a correntinha e a medalha que o senhor está usando no pescoço.

Tratava-se, na verdade, de uma bela cruz com o rosto de Jesus gravado por cima. A enfermeira deve ter notado a apreensão nos meus olhos, enquanto eu carinhosamente esfregava o precioso presente que recebera de meus pais, anos antes.

- Se a envolvermos com fita, o senhor poderá mantê-la durante o raio X – disse ela.

- Obrigado.

Aquele símbolo de Jesus pendendo do meu pescoço era o último vestígio da fé cristã que, um dia, eu enxergara como uma fonte de esperança.

Mais tarde, já no hospital, deitado na cama, senti-me vazio e com medo enquanto relembrava os acontecimentos dos anos mais recentes. Minha saúde, nos últimos treze meses, se debilitara drasticamente. Da primeira doença venérea, em janeiro de 1982, até minha presente internação (fevereiro de 1983) no Hospital Municipal de Boston, por causa de herpes, meu corpo apresentara doze sintomas assustadores. Na minha cabeça, o fato de tudo isso estar acontecendo dois anos depois de me tornar sexualmente ativo na cidade de Nova Iorque, apontava para uma direção – AIDS.

Cinco dias de exames de sangue, todos negativos, deixaram-me uma só opção: biópsia da medula óssea. Era o único exame que faltava para descobrir por que a contagem de minhas células T apresentava resultados tão baixos. Meu médico dera essa sugestão anteriormente, porém eu recusara, sabendo que seria o teste final pra o diagnóstico da AIDS. Temia também a dor a que teria de me submeter. Ainda assim, sem outra alternativa a minha frente e no mais completo desespero, concordei em fazê-lo no dia seguinte.

Aquela noite, deitado na cama, mais uma vez acariciei a cruz que pendia do meu peito. Seu nome formou-se em meus lábios: - Jesus..., Ó, Jesus – orei - , o que foi que eu fiz? Eu te busquei aos quatorze anos e de novo aos dezoito, mas em nenhuma daquelas ocasiões recebi a cura de que precisava para ser liberto do homossexualismo. Por quê, Senhor? Por que algumas pessoas conseguem ir até o Senhor e participarem da

vida da igreja, enquanto outras, como eu, apesar de minha evidente necessidade, não encontram qualquer auxílio?

Não ouvi resposta alguma. Mas tive uma visão. Surpreso com a cena que se desenrolava a minha frente, sentei-me na cama. A princípio, pensei, “Você está delirando, Mário. Feche os olhos que passa!” Porém, mesmo com os olhos fechados, a imagem continuava ali. Abri de novo os olhos e limitei-me a assistir, como a um filme que estivesse sendo projetado aos pés da cama.

Enas distintas eram exibidas simultaneamente em duas telas suspensas em pleno ar. A tela à esquerda me mostrava na condição homossexual, recebendo tratamento para a AIDS, em um quarto de hospital. A tela à direita apresentava o contorno da cabeça e ombros de Jesus, enquanto uma luz muito forte brilhava às Suas costas. Então o Espírito do Senhor disse:

Quero curá-lo por inteiro, não apenas o seu corpo. Escolha.

Como minha única preocupação no momento era ser curado fisicamente, não compreendi muito bem o que significava me “curar por inteiro”. Ainda assim, sabia que algo extraordinariamente real estava acontecendo, de forma que escolhi a tela que mostrava o Senhor. No mesmo instante, a outra tela foi perdendo nitidez até desaparecer por completo. Em seguida, tive a impressão de que todo o quarto era sugado para dentro da tela que restara. Até que me encontrei na presença de Deus. E sem palavras.

Esperei em silêncio a Sua frente. No início, imaginei que me encontrasse diante de um anjo. A luz que brilhava por detrás era tão clara que me impedia de fitar-lhe o rosto. Mas hoje estou convencido de que aquela presença no meu quarto era, na verdade, de Jesus. Depois do que me pareceu um longo tempo, o Espírito do Senhor levou-me a orar por mim mesmo. Levantou-me os braços e conduziu-me em oração, impondo minhas próprias mãos sobre meu corpo. Adormeci com as mãos sobrepostas, pousadas sobre a clavícula esquerda.

Uma vez adormecido, sonhei com uma colega dos tempos de faculdade, em Milwaukee (naquela época, eu sempre pensava que, se fosse heterossexual, ela seria o tipo de garota com quem me casaria). No sonho, nos casávamos de fato. Meses mais tarde, quando Jesus começou a me curar da neurose homossexual, o sonho voltou a minha mente diversas vezes. Interpretei-o como uma promessa de Deus, de que um dia eu desejaria uma mulher e com ela me casaria.

Na manhã seguinte, bem cedo, uma enfermeira entrou no quarto e colheu material para um último exame de sangue antes a biópsia da medula óssea, já agendada. Passaram-se algumas horas. Afinal meu médico, um jovem residente, veio me ver. Perplexo, disse que o exame de sangue daquela manhã revelara um surpreendente aumento dos glóbulos brancos. Por esse motivo, adiará a biópsia até poder fazer nova contagem das células T, dentro de poucos dias. Eu soube então que recebera uma cura de Jesus!

Depois de mais cinco dias em observação no Hospital Municipal de Boston, recebi alta. Meu médico estava aturdido. Lembrou-me de seu ar pasmado, a testa cheia de rugas, balançando a cabeça e atribuindo minha miraculosa recuperação ao tipo de vírus, com certeza ainda não diagnosticado, que me atacara.

Ordenou-me que voltasse para uma avaliação mais completa uma semana mais tarde. Dessa vez fez-se acompanhar de seu supervisor. Revisaram juntos meus registros e a alarmante deterioração do meu sistema imunológico, que me levava à hospitalização. Perplexo, o jovem residente contou a seu colega, mais velho e experiente, que eu voltara a trabalhar e estava fazendo ginástica na academia, de novo.

Quando escolhi a vida durante aquela visão no hospital, Deus curou-me da enfermidade física. No entanto, eu ainda ignorava que enveredara por uma estrada que acabaria por me conduzir à renúncia também do homossexualismo. Não dispunha de

nenhum indício de que o fato de dizer sim a Jesus transformaria radicalmente todos os aspectos da minha vida. Só sabia que desejava tudo o que Ele tinha para mim. Minha oração é de que todos que lêem este livro digam “Sim, Jesus” e recebam belos presentes.

Nas mãos de Deus

A primeira vez que me entreguei a Cristo, aos quatorze anos, fiquei radiante de alegria ante a idéia de uma vida eterna e me enchi de esperanças quanto ao futuro. Embora não soubesse dar um nome aos confusos sentimentos relacionados ao sexo que brotavam em meu interior, já reconhecia que devia ter alguma coisa muito errada dentro de mim. Infelizmente, a igreja que freqüentava não estava preparada para ministrar a cura de que tanto necessitava. Eles pouco entendiam o poder de Cristo para redimir a sexualidade de uma pessoa e curar-lhe as profundas feridas emocionais.

Apesar de tudo, Deus Se fazia presente naquela comunidade de crentes na Palavra. Durante, cerca de um ano que freqüentei a igreja, muitas mudanças positivas ocorreram em minha vida. Adotando ensinamentos morais cristãos e a visão bíblica do mundo, comecei a descobrir um estilo de vida pleno de significado. Graças a uma poderosa série de estudos feitos pelo pastor presidente sobre “O Sermão da Montanha”, tornei-me uma pessoa mais solícita e amável, a despeito da dura realidade da vida no meu lar.

Em algum momento daquele ano, deparei-me pela primeira vez com a palavra *homossexual* em uma revista. Agora tinha um nome para os sentimentos que redemoinhavam dentro de mim. Embora continuasse submisso à pregação daquele excelente pastor, de repente ficou claro para mim que o homossexualismo era incompatível com o Cristianismo. Como o “homossexual” dentro de mim parecia crescer a passos muito mais velozes que o “cristão”, decidi parar de ir à igreja. Ainda assim, continuei acreditando em Jesus e vivendo de acordo com os padrões cristãos que me haviam sido ensinados.

Durante três anos mais, travei uma luta silenciosa por causa dos sentimentos homossexuais e do Cristianismo. No fundo, temia que, se a homossexualidade em mim fosse mais forte que a fé cristã, então, sem dúvida alguma, o Cristianismo era uma religião de expectativas irrealis, de promessas vazias e de falsa esperança. Nesse período, comecei o declínio do meu zelo por viver de acordo com os padrões cristãos.

Aos dezoito anos, ouvi o extraordinário testemunho de um ex-sacerdote satanista que se convertera ao Cristianismo e minha fé se reacendeu. Pensei: “Se Jesus libertou esse homem, com certeza pode fazer o mesmo comigo”. Entretanto, optei por não voltar à igreja, receoso de não encontrar nenhum tipo de ajuda ali. Orei por mais de seis meses em segredo, pedindo a Deus que me dirigisse a um lugar onde encontrasse a cura para o homossexualismo. Cheguei a ligar para a Associação Psicológica America, em busca do nome de um terapeuta. Sem condições financeiras para pagar a terapia e impossibilitado de pedir o dinheiro a minha família, nunca marquei consulta. Minha fé, renovada, logo se extinguiu. (Nessa época, descobri que a maioria das tentativas isoladas de se abraçar o Cristianismo fracassam quando o novo crente não encontra uma igreja que o acolha e na qual ele se desenvolva.) Sem dispor de outra opção, comecei a aceitar os sentimentos homossexuais como parte de mim mesmo.

Dias antes do meu décimo-nono aniversário, no outono de 1977, ingressei na Universidade de Wisconsin em Milwaukee (UWM), onde me formei em estudos teatrais. Conheci muitos homens e mulheres homossexuais, inteligentes e criativos, em cujas vidas havia propósito e direção. De um modo ou de outro, tinham feito as pazes com sua orientação sexual. No primeiro ano da UWM, tive um professor declaradamente homossexual e que elogiava muito minhas habilidades como ator e cantor. Quanto maior

o meu contato com aqueles homossexuais, mais aumentava minha afinidade com eles. Compartilhávamos os mesmos sentimentos, exceto que os meus eu guardava em segredo, ao passo que eles os declaravam.

Aos vinte e um anos mudei-me para Nova Iorque, aprovado no teste de ator de um curso de teatro da cidade. Ali assumi de vez minha homossexualidade e passei a me reconhecer, aberta e livremente, como um *gay*. Pela primeira vez na vida, dizia a verdade acerca da minha orientação sexual. Experimentei um sentimento de liberdade que nunca conhecera antes. A verdade, mesmo quando relacionada a nossa condição de caídos, pode tornar mais leve o fardo de ter de conservar as máscaras no devido lugar. Não demorou muito para que me identificasse por completo com minha homossexualidade. Era *gay* e começava a me orgulhar disso.

Para minha surpresa, ao chegar a Nova Iorque, no outono de 1980, descobri que o mesmo professor da UWN que tanto me incentivara, também se mudara para a cidade. Tanto ele, quanto seu namorado, haviam sido contratados para dar aulas no curso em que me inscrevera. A amizade entre nós cresceu e eles se tornaram meus mentores. Muito afetuosos, preocupavam-se de verdade com o rumo que minha vida estava tomando e advertiram-me a não desperdiçá-la no cenário raso, narcisista, dos bares *gay's*. Em vez disso, encorajaram-me a investir em mim mesmo. Por estranho que pareça, deles recebi parte dos ensinamentos e apoio que tanto necessitava e pelos quais sempre ansiara que meu pai me tivesse dado. Havia muita coisa boa naqueles dois homens.

Aquele ano, passei o Natal em Nova Iorque, com amigos. Na véspera, alguns de nós, a maioria *gay*, resolveu ir a uma igreja. Sabendo que um grupo de homens e mulheres homossexuais não seria bem-recebido na maior parte delas, consultei um serviço telefônico de informações sobre a comunidade *gay* para descobrir uma igreja que nos aceitasse. Foi-me indicado um culto litúrgico, específico para homossexuais, promovido por uma igreja de denominação bastante conhecida, próximo a Union Square.

Meus amigos e eu fomos ao culto da meia-noite. A música era linda e a congregação consistia em casais homossexuais de braços afetuosamente entrelaçados. Chegada a hora de pregar, o pastor discorreu sobre o que significa ser *gay* – não sobre Jesus. Fez apenas uma rápida referência ao nascimento de Jesus, cuja narrativa lêramos anteriormente no Evangelho. As poucas passagens bíblicas que usou estavam a serviço do tema principal da mensagem – ser *gay*. Sua pregação não continha o tom de verdade objetiva que eu ouvia nos sermões da igreja da minha adolescência. Conhecedor de uma verdadeira ministração, reconheci que aquilo não passava de uma falsificação. Saí do culto ainda mais convencido de que o homossexualismo era incompatível com o Cristianismo.

No final do meu primeiro ano em Nova Iorque, meus dois amados mentores/professores anunciaram sua mudança para Boston. Uma universidade de lá, contratara o mais famoso deles como professor titular. Quando soube da novidade, perguntei-lhe se estaria disposto a treinar-me para ser professor do método de impostação da voz em que era especialista. Como concordasse, abandonei o curso de teatro e mudei-me para Boston. Por causa da excelente reputação profissional desses dois homens que me haviam treinado, fui contratado para ensinar na universidade, quando eles decidiram se mudar de Boston, um ano mais tarde.

Em Boston, meu envolvimento com o mundo *gay* aumentou. Ignorando o conselho de meus professores, passei a freqüentar os bares com regularidade. A atividade sexual, o uso de drogas e álcool – coisas que, poucos anos antes, eu nem sequer teria levado em consideração – passaram a fazer da minha vida. Um dos poucos pontos luminosos nesse período foi a amizade com uma mulher, também homossexual. Quando fui hospitalizado no Hospital Municipal de Boston, Shauna me visitava diariamente e me confortava com grande carinho. Por seu intermédio, conheci várias lésbicas da

politicamente atuante comunidade feminina da vizinha Cambridge. Uma delas, líder da bancada *gay* em Massachusetts, de brincadeira, declarou feriado estadual no dia do meu aniversário.

Certa noite de outono, depois de jantar em Harvard Square, Shauna e eu saímos para uma caminhada pelas alamedas de Cambridge. À distância, via-se o campanário de uma igreja, com seus tijolos vermelhos. À medida que nos aproximávamos, ouvimos um coral cantando a plenos pulmões, no melhor estilo *gospel* negro, uma música sobre o sangue de Jesus. Hipnotizados, paramos na frente da igreja e ficamos escutando. O cântico que entoavam era como uma brisa suave que com todo cuidado nos colhesse do chão feito folhas caídas e nos depositasse sobre os últimos bancos da igreja.

Terminada a música, um jovem pregador negro iniciou o sermão sobre o poder de Deus. Enquanto falava, passeava todo empertigado pelo corredor central, indo e voltando. Chegou a subir em alguns bancos. Receei que estivesse fazendo tudo aquilo por nossa causa. Éramos os únicos brancos na igreja inteira. Imaginei-nos duas desagradáveis manchas desbotadas sobre um belo e elegante vestido de veludo negro. Para meu alívio, ele não se aproximou de nós. Durante todo o sermão, as pessoas gritavam “amém” e “isso mesmo!”

Quando o pregador concluiu a mensagem, a congregação irrompeu em uma série de poderosas canções de louvor. A presença de Jesus encheu a pequena igreja. Shauna e eu ficamos sem fala. Sentia-me à beira das lágrimas. Muitos anos tinham se passado desde a última vez que experimentara a presença de Deus.

Ainda fugindo do Senhor, a voz embargada pela emoção, sussurrei para Shauna:

- Vamos embora daqui antes que acabe o culto.

De novo na rua, tomamos o rumo para voltar a Harvard Square, calados, enquanto o som dos cânticos vindo da igreja enfraquecia pouco a pouco. Quando não conseguíamos mais ouvi-lo, Shauna quebrou o silêncio:

- Mário, você está diante de uma judia lésbica que acaba de sentir a presença de Jesus naquela igrejainha. - Havia lágrimas em seus olhos.

Com a voz trêmula, repliquei:

- Eu senti a mesma coisa.

Chegando a Harvard Square, nos separamos. Tomei o trem para voltar para casa e Shauna foi embora a pé. Nunca mais mencionamos esse episódio, um ao outro.

Por volta de outubro de 1982, a dura realidade da vida *gay*, aos poucos se tornava patente para mim. A sensação inicial de alívio, por assumir minha condição e o fascínio por aquele estilo de vida haviam se desgastado. Começava a enxergar algumas das facetas obscuras daquela vida: a eterna preocupação com a juventude, tão presente na comunidade *gay*, as doenças sexualmente transmissíveis e contra as quais estava sempre me tratando, os rompimentos devastadores com os namorados e o começo da crise da AIDS. Como nuvens negras, a realidade pairava sobre as falsas promessas de felicidade e liberdade feitas aos jovens instigados a abraçar o homossexualismo.

Nesse período, lembranças do meu passado cristão enchiam-me de dor. Eu parecia um rio pelo qual fluíssem duas correntes opostas - uma que eu permitia ao mundo conhecer, minha identidade homossexual e a outra, muito bem escondida dentro de mim, a cristã. À medida que aumentava essa dor, sentia-me cada vez mais desesperado e deprimido. No entanto, exteriormente, continuava me conformando à imagem politicamente correta do homossexual "experiente". A ideia de que era falsa a esperança um dia experimentada, de que tudo não passara de sensações tribais baratas, crescia dentro de mim. Um único fator impedia que a corrente cristã deixasse de fluir em meu interior: continuava acreditando que Jesus Cristo era Deus. Por esse motivo, ainda me incomodava o sentimento de culpa, já que não vivia de acordo com os

padrões cristãos. Além do mais, falava periodicamente com Jesus, embora não me desse ao trabalho de esperar para ouvir o que Ele tinha a dizer.

Uma noite, voltando de um bar gay para casa, subi as escadas do prédio conversando em voz alta com Ele. Perturbava-me um pouco continuar sentindo que Deus me guardava, mesmo depois que eu escolhera um estilo de vida obviamente contrário a Sua vontade. Bêbado, gritei com Ele:

- Eu me sentiria muito melhor se o Senhor me deixasse em paz, para que pudesse seguir minha vida sem o peso dessa culpa que me acompanha desde a adolescência. De repente um versículo da Bíblia saltou dentro da minha mente: *"De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei"* (Hebreus 13.5).

Chegando ao terceiro pavimento do prédio, decidi que, embora Deus não me deixasse em paz, ainda assim eu tentaria abandoná-Lo de uma vez por todas. Até então, essa ideia jamais me passara pela cabeça. Diante das portas que se abriam para o corredor do andar onde morava, falei para Jesus:

Pronto, está decidido. Vou Te deixar aqui na escada e quando passar por estas portas, quero ficar livre de Ti e dos sentimentos de culpa para sempre.

No momento em que passei pelas portas e me pus a caminhar rumo a meu apartamento, meus olhos se abriram de forma a permitir que eu visse literalmente as centenas de demônios que se lançavam contra mim. Nunca vira nada parecido, mas sabia do que se tratava. Aterrorizado, voltei correndo para a escada, fechei as portas atrás de mim e disse:

- Eu não estava falando sério, Senhor. Não quero deixá-Lo; sofrer contigo é melhor do que sofrer sem Ti.

Hesitante, abri as portas de novo e dei uma rápida espiada no corredor. Vazio. Atravessei o corredor com toda cautela. Uma vez dentro do apartamento, tranquei a porta, enfiei-me na cama e procurei tirar da minha cabeça o que acabara de acontecer.

A partir daquele incidente, aprendi que Deus não se impõe a nós, nem nos mantém reféns de Sua vontade. Ele segura cada crente na palma da mão com firmeza e, embora nunca nos solte, temos o livre arbítrio de pular. Mais ainda, Jesus ensina, nas Escrituras, que tanto Ele quanto o Pai conservam os crentes na fé e que nenhuma força exterior, não importa com que intensidade, pode nos arrancar de Sua mão.

"Eu lhes dou a vida eterna, jamais perecerão, eternamente, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar"(João 10.28, 29).

Deus em um bar gay

Além de lecionar meio período, eu também trabalhava como garçom no restaurante de um hotel da rede *Marriott*. Uma noite, terminado meu turno, peguei o metrô até a praça Copley. Detive-me um instante em frente à Igreja Trinitariana, no meio da praça - um prédio enorme, glorioso. Olhando para o céu estrelado, perguntei-me: "Onde está Deus?" Deixando a igreja para trás, atravessei a praça, passei por trás do prédio *John Hancock Tower* e segui pela ruazinha mal iluminada que conduzia ao bar gay de que era cliente assíduo.

Lá chegando, aproximei-me do balcão principal e pedi um martini de vodka com gelo. Bebericando meu drinque, passei o olhar pelo público presente. Uma centena de corpos masculinos pulsava na pista de dança, ao som de uma música de Michael Jackson. Dispersavam pelo ar o cheiro acre do suor que exalavam. Um rapaz latino, baixo e corpulento, segurando um grande leque, apresentava um número de dança que presumi ser típico da América do Sul.

A pista era ladeada por compridas arquibancadas. Em cada uma de suas extremidades, alto-falantes enormes, do tamanho de geladeiras, irradiavam música a todo volume. Um segundo balcão de bar ocupava um espaço menor, mais isolado. Mesinhas rodeadas de cadeiras espalhavam-se a sua frente e quem que não gostava de dançar conversava aos gritos por causa da música muito alta. Mais afastadas ficavam as mesas de bilhar, onde rapazes negros e latinos, recém-saídos da adolescência, se reuniam. Uma área com identidade própria, tanto que um amigo lhe deu um apelido carregado de conotação racista.

Sustentavam o bar, pilares ilusórios da fumaça dos cigarros, que lâmpadas poderosas fixas no teto aprisionavam em sólidos focos de luz. Nos cantos escuros, homens de mais idade se escondiam. Tinham os olhos vidrados e de um vazio profundo. Fitavam os rapazes no balcão, sem alimentar qualquer esperança. Homossexuais mais jovens, entre os quais me incluía, chamavam-nos de "zumbis". Eram criaturas sub-humanas que nunca viam a luz do sol. Viviam na noite, alimentadas pela lembrança da juventude há muito perdida. Exis- tiam bares especiais para eles, conhecidos como "salão da ruga". Muito de vez em quando, meu amigo Bob e eu íamos a um desses bares divertir os zumbis, cantando velhas canções de musicais da Broadway, em torno do piano.

Aquela noite, a desesperança cristalizada nos olhos embaciados dos zumbis me angustiou. Ainda bebendo meu martini, pensei: "Deus ama esses homens, é claro. Com certeza tem planos para suas vidas muito melhores do que isso". Então, olhando para meu reflexo em um espelho próximo, questionei: "Será que um dia também meus olhos ficarão embaciados e sem vida como os deles?" As seguintes palavras das Escrituras vieram-me à mente: *"São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há, sejam trevas, que grandes trevas serão!"* (Mateus 6.22,23). A sensação de quem sucumbe aos poucos apoderou-se de minhas entranhas e comeci a me desesperar. Até que ouvi uma voz dizer: -Você vai Me ajudar a libertar essas pessoas.

Pensando que fosse meu amigo Bob, sempre tão cínico, virei-me esperando encontrá-lo a meu lado, com um sorriso radiante de menino travesso, de orelha a orelha. Mas não o vi. "Essa não," pensei, "estou ouvindo coisas!" Mais que depressa, pedi outro martini.

Com o segundo drinque na mão, afastei-me do bar principal e atravessei a pista de dança lotada. Tentando abafar aquela voz indesejada, sentei-me bem junto a um enorme auto-falante. Com os tímpanos latejando por causa da música, mais uma vez ouvi a mesma voz, porém agora com maior clareza que antes:

- Você vai me ajudar a libertar essas pessoas!

Sabia que era a voz de Deus. O medo se apossou do meu coração.

Deixando intacto meu martini em cima do banco, levantei-me com a intenção de ir embora. Nesse instante, a música parou. Quando dei o primeiro passo para atravessar novamente a pista de dança e sair, aqueles homens todos que a abarrotavam, se afastaram, como as águas do Mar Vermelho. Na rua, um táxi esperava. Segurando a porta aberta do lado do passageiro, o motorista perguntou-me:

- Precisa de um táxi, amigo?

- Sim.

De volta a meu apartamento, tratei de bloquear qualquer pensamento a respeito daquela noite e fui dormir.

Na manhã seguinte, porém, tomando café, as palavras que ouvira no bar não saíam da minha cabeça. Refletindo no que acontecera, concluí que a combinação entre cansaço e vodca me prepara uma peça.

- Por que Deus falaria comigo?

Ele nunca o fizera; por que haveria de começar logo agora? Eu deixara o Cristianismo para trás havia muito tempo. Durante anos fora refém da luta homossexualismo versus Cristianismo. Dava por encerrado esse doloroso episódio da minha vida, do qual escapara a tempo apenas de preservar minha saúde mental e emocional. Religião, para mim, nunca mais.

Porém, não contava com o inabalável e irresistível amor de Deus. Ele continuou dispendo pacientemente as minhas circunstâncias, de forma a mostrar as conseqüências do estilo de vida que eu escolhera. A cada sintoma da AIDS que se manifestava, meu medo e desespero aumentavam. Ficava cada vez mais difícil apegar-me à ilusão da possibilidade de realizar-me na utopia gay. Tanto que, aquela noite decisiva no Hospital Municipal de Boston, quando Ele me ofereceu uma opção, minha resistência desmoronou. Segurei-Lhe a mão e comecei a sair das trevas para Sua incrível luz e liberdade.

O Caminho do Arrependimento

Depois da alta no hospital, telefonei para minha irmã Annelise, de Milwaukee. Ela desempenhara um importante papel em minha conversão, na adolescência. Contei-lhe a miraculosa cura do meu físico. À época, Annelise estava frequentando um curso de educação cristã para adultos, em sua igreja, intitulado "Restaurando a Plenitude Pessoal Através da Oração que Cura", ministrado por Leanne Payne.

Semanas mais tarde, Annelise escreveu-me uma longa carta, colocou-a dentro de um exemplar do livro *The Broken Image* (Imagem Partida), de Leanne Payne e despachou-os para mim. Como eu me mostrara aberto para o poder de Deus de curar fisicamente, ela concluiu que chegara o momento de informar-me do Seu poder para curar minha sexualidade. Mas eu não estava pronto para tanto, não ainda.

Quando recebi o pacote pelo correio, abri o livro de Leanne no prefácio e li o parágrafo inicial, onde ela chama a homossexualidade de neurose e problema. Considerando-me um homossexual bem ajustado, ofendi-me. Enfiei o livro em cima do armário, sem perceber a carta entre suas páginas.

Vários meses se passaram. Um fim de semana, fiquei sozinho em casa, acometido por uma forte gripe. Para alguém que chegara tão perto de receber o diagnóstico de portador de AIDS, uma simples gripe bastava para me deixar apavorado. Deitado no sofá, enrolado em diversos cobertores e muito ansioso, lembrei-me do livro, mas não de onde o colocara.

Só depois de procurá-lo um bom tempo, percebi uma pontinha da capa projetando-se de cima do armário. Quando estendi a mão para pegá-lo, ele caiu e a carta de Annelise voou longe.

Repleta de amor, aquela carta preparou meu coração para ler o livro de Leanne. Nela, minha irmã explicava que Deus estava presente em cada instante de minha vida, inclusive no passado, como se acontecesse naquele exato momento, pois o tempo não O restringe; é também uma criação Sua. Esse o motivo que Lhe permite curar todas as nossas aflições, não imporia quando tenham acontecido. Ou seja, aquelas feridas e pecados do passado, que continuam nos moldando na vida adulta, não são amarras para as quais inexista esperança. Annelise também pedia meu perdão, caso tivesse de algum modo falhado em me tratar com amor e me julgado por causa da homossexualidade. Talvez tenha sido esse o fator chave que me motivou a ler *The Broken Image*.

Encontrei muita dificuldade no livro de Leanne. Como ainda não me dispusesse a abandonar o estilo de vida homossexual, recusava-me a acreditar nas curas ali documentadas. Apesar de saber que Jesus me curara de uma enfermidade física, poucos meses antes, eu permanecia enredado na mentira, bastante popular e corrente, de que o homossexualismo é um estilo de vida alternativo, não uma neurose que necessite de cura. Ainda assim, poderosas verdades descritas no livro romperam essa barreira e chegaram ao meu coração: todas as pessoas carregam dentro de si feridas provocadas por relacionamentos desajustados - com Deus, com os outros, consigo mesmas. Não há cura a não ser na cruz de Jesus. O perdão flui de Suas chagas.

Eu tinha diversos relacionamentos desajustados, porém um em particular incomodava mais: o relacionamento com meu pai. Sentia uma dor enorme por causa disso. Tanto que ele parecia uma presença funesta a observar-me cada movimento, muito embora mais de mil quilômetros nos separassem. Seguindo os exemplos contidos em *The Broken Image*, decidi começar a orar diariamente, pedindo ao Senhor que me mostrasse todos os incidentes do passado envolvendo meu pai, em que eu precisava perdoar ou ser perdoado. As lembranças vieram à tona, uma após a outra. Muitas, dolorosas demais para serem enfrentadas. Porém, de repente me descobri fazendo a oração de "cura das lembranças", tal como descrito em *The Broken Image*.

Não imaginava que, orando dessa maneira, acabaria sendo conduzido ao arrependimento da homossexualidade como um pecado, nem a buscar a cura dessa neurose. Até então, achava que estava orando para ser liberto das influências negativas do passado que ainda afetavam minha vida.

Orando com regularidade pela primeira vez em dez anos, descobri que não só Jesus falava comigo, como também tentava dar direção a minha vida. Foi em oração que ouvi Deus me orientando a aceitar o emprego de professor em uma pequena universidade de Ohio, desistindo da possibilidade de uma colocação em Montreal. Em seis meses me mudava de Boston, deixando para trás amigos gays e vida noturna, para viver em Kettering, Ohio.

Durante aquele primeiro trimestre na Wright State University, no outono de 1983, a solidão tomou conta de mim. Eram raras as oportunidades de conhecer outros gays e os velhos amigos me faziam falta. No final do trimestre, comecei a me sentir deprimido. E também a perceber que Deus me pedia para escolher entre Ele e o homossexualismo. Pela primeira vez, passou-me pela cabeça a ideia de que a homossexualidade podia ser revertida através da fé em Jesus Cristo. Até então, porém, devido a um envolvimento com o modo "politicamente correto" de pensar, característico do estilo de vida homossexual, eu não admitia acreditar em uma coisa dessas (surpreende notar como as pessoas que se orgulham de serem "politicamente corretas" não se outorgam, e nem aos outros, a liberdade intelectual de explorar todas as correntes de pensamento, como aquela que defende a cura da homossexualidade). Não passava um dia sem que pensasse na miraculosa cura física que Jesus operara em mim.

No recesso escolar de inverno, Annelise me telefonou. Deu-me a notícia de que Leanne Payne retornaria a sua igreja para repetir o curso sobre plenitude pessoal, a partir do primeiro domingo de dezembro.

- Mário, você não gostaria de fazê-lo enquanto estiver aqui, de férias?

- Claro - respondi, depois de hesitar um instante.

- Que bom! - exclamou ela. - Já tinha feito sua inscrição. Enchi-me de ansiedade, quando chegou o dia do curso. A igreja se reunia no auditório de uma escola elementar, do lado leste da cidade de Milwaukee. Ao me aproximar da porta do local reservado para o curso, o medo e a ansiedade me assaltaram com tamanha violência, que senti náuseas.

Ó, Jesus, me ajude - orei.

Para minha surpresa, surgiu em minha mente a imagem de uma enorme lata de lixo descoberta, cheia de matéria em decomposição. Orando sem parar, vi a tampa da lata se mover e cobrir aquela massa escura. Uma pequena fresta, no entanto, permaneceu aberta. Deus me assegurava que só traria àquele curso questões com as quais eu conseguiria lidar. Se todos os meus problemas fossem expostos de uma vez, eu temia "entrar em parafuso Olhando para trás, hoje percebo que minhas defesas contra a ideia de aceitar a homossexualidade como uma neurose, começavam a ceder. Sentimentos e uma profunda depressão, reprimidos durante anos, aos poucos subiam à superfície. Estava à beira de um colapso nervoso.

Quando entrei, Leanne já dera início ao curso. Annelise guardara um lugar para mim em uma das últimas fileiras e acenou para que me juntasse a ela. Sentei-me e olhei a minha volta, pelo velho ginásio de esportes em que nos encontrávamos. Leanne ministrava debaixo de uma cesta de basquetebol, suspensa mais para perto do teto. Usava uma blusa branca com uma saia preta lisa. De seus ombros pendia um bonito xale de lã que parecia feito à mão. Concentrei meus ouvidos em suas palavras quando ela leu, com grande alegria, o Salmo 139, fazendo questão de enfatizar os versículos 13-16:

"Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe. Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem; os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda".

Terminada essa leitura e após uma breve pausa, ela disse algo cujo sentido é o seguinte:

Queridos, Deus, o Pai, os conhece antes que vocês nascessem. Ele se delicia em estar com Seu povo. Ele se deliciou quando Se fez presente em suas vidas, Deus encarnado por meio de Seu Filho, Jesus. Deus está presente em cada lembrança dolorosa que molda vocês. Ele está presente para curar cada ferida de suas vidas.

Eu sabia que ouvia verdades, com a mesma certeza que tinha no primário, quando aprendi que um mais um é igual a dois. Meus olhos se encheram de lágrimas e a impressão de que um enorme bocado de dor, que estava prestes a escapar de minhas entranhas, me fez engolir.

Daquele momento em diante, a dor dentro de mim adquiriu proporções tão exageradas que pouca coisa consegui escutar. Leanne seguia falando, mas só ocasionalmente eu captava uma ou outra palavra, que calava fundo em meu coração. De tudo que foi dito, só o que chegou aos meus ouvidos foi "blá, blá, blá, blá, PAI. Blá, blá, blá, PERDÃO. Blá, blá, blá, A CRUZ DE JESUS." "Será que essa mulher não está falando coisa com coisa ou o problema sou eu?", cheguei a pensar. Hoje entendo que o mecanismo de sobrevivência que nos faz negar as coisas permitiu-me ouvir apenas aquilo que minha alma seria capaz de assimilar.

Leanne encorajou-nos todos a iniciar um diário de oração, o que eu fiz. Instruiu-nos também a anotarmos todos os pensamentos e apresentá-los diante de Deus, a dialogarmos com Ele, e então, aguardarmos a palavra de cura que Ele daria. Inaugurando meu diário, escrevi:

7 de dezembro 1983

Fico um pouco apreensivo quando penso em mudar algo que se desenvolveu com tanta naturalidade, acompanhando meu crescimento até a idade madura. Sei que parece retórica defensiva de ativista gay, mas o sentimento é real dentro de mim.

Além e acima de tudo, porém, minha fé em Deus, em Jesus e no Espírito será minha preocupação prioritária. Repito: "Não tenho fé na premissa de que Deus vai me modificar; mas graças a minha fé, posso considerar a possibilidade de que Ele o fará."

Ainda não estava convencido de que a cura da homossexualidade era possível, mas chegara a um ponto no relacionamento com Deus que não podia mais negá-Lo. Nunca mais viveria sem Ele. Se Deus quisesse transformar meu homossexualismo, dispunha-me a permiti-lo. Com esse objetivo, concordei em fazer tudo que Ele pedisse. E fui sincero para com Deus. Uma grande porção de mim gostava de ser gay. Agradavam-me as amizades proporcionadas por aquele estilo de vida e a satisfação dos desejos sexuais em encontros amorosos. O homossexualismo não me enojava; pelo contrário, me dava muito prazer na maioria das vezes, coisa que também anotei no diário de oração.

O período em Milwaukee fez incidir muita luz sobre os cantos obscuros do meu passado - lugares em que se escondiam diversas recordações dolorosas, as quais, outrora me esforçara demais para negar. Então começaram os questionamentos: se essas lembranças tinham influenciado de alguma maneira a formação da minha sexualidade, até que ponto se podia dizer que a homossexualidade é natural? Naquele mês de dezembro, avancei alguns passos em direção à cura que Deus tentava derramar em meu interior. Parei inclusive com as fantasias sexuais, restringindo, conseqüentemente, a masturbação, embora essa decisão tenha exigido de mim um esforço enorme e muita oração.

De volta a Ohio para o primeiro semestre escolar, fiquei deprimido. Enfrentava não só uma solidão horrível, como também toda a dor interior recém-emersa e que permanecia sem solução. Lembrando vagamente do nome de uma igreja que um de meus alunos, o único cristão da classe, frequentava, resolvi ir ao culto de domingo.

Ouvindo a mensagem simples do evangelho, os motivos para o desenvolvimento de minha homossexualidade assumiram contornos muito precisos em minha mente. O livro *The Broken Image*, alguns conselhos de Dave Browns, pastor da igreja de Annelise, o curso de Leanne e agora, aquele pastor a minha frente, tão simples, tudo apontava para uma única direção - a cruz de Jesus. Tornara-se evidente para mim que a homossexualidade não passava de uma reação pecaminosa minha aos pecados cometidos contra mim, bem como às feridas que esses pecados provocaram em minha alma. O homossexualismo, portanto, era uma defesa erigida por minha alma para lidar com a dor. Pela primeira vez entendi que minha homossexualidade consistia também em um pecado e que necessitava de arrependimento. Como o filho pródigo caiu em si no meio dos porcos (Lucas 15.17), eu também "caí em mim", quando confrontado com os pecados do passado, meus e também de outros, que haviam me moldado.

Quando o pregador fez o apelo para que fossem à frente aqueles que precisavam se reconciliar com Deus, atendi-o, segurando as lágrimas. Um segundo pastor aproximou-se e sussurrou:

- Sabe que seu nome foi escrito no Livro da Vida do Cordeiro?

Minha garganta estava apertada pela dor do meu pecado. Meu corpo tremia ante a presença de Deus naquele lugar. Com a voz entrecortada, respondi:

- Não, eu cometi pecados demais.

- Isso não importa; basta que se arrependa desses pecados.

Ao dizer isso, ele estava ministrando a graça verdadeira sobre mim. Enquanto lágrimas de arrependimento escorriam pelo meu rosto, arrependi-me de todos os meus pecados, incluindo o do homossexualismo.

Em seguida, o mesmo pastor orientou-me:

- Agora, peça a Jesus que lhe mostre o Livro da Vida do Cordeiro e você verá seu nome escrito com o sangue que Ele derramou.

E foi o que aconteceu! A imagem do meu nome, Mário Bergner, escrito em vermelho no Livro da Vida, penetrou fundo na minha alma, tanto que lágrimas de alegria verteram do mais íntimo do meu ser.

O que aconteceu a seguir só pode ser considerado um milagre. Aquele pastor perguntou:

- Você deseja ser cheio do Espírito Santo?

- Claro - respondi, embora nem soubesse que se podia pedir tal coisa.

Ele então convocou os presbíteros da igreja. Enquanto alguns impunham as mãos sobre mim, outros ergueram-me os braços e o pastor orou:

Senhor Jesus, venha encher este homem com Teu Santo Espírito.

Como uma grande rajada de vento do Céu, o Espírito Santo desceu às profundezas do meu ser. Todo medo e relutância alojados em minhas entranhas foram embora e mais lágrimas de alegria fluíram dos meus olhos. Instantes depois, uma linguagem celestial e estranha brotou de dentro de mim. Proferi palavras de puro louvor e adoração a Deus.

Voltando para casa após o culto, notei que a ansiedade corrosiva, o medo brutal e todo o conjunto de pensamentos desordenados que assolaram minha mente durante anos, haviam desaparecido. Sentia-me em paz com Deus. A serenidade inundara-me a alma. Eu não só recebera o perdão dos meus pecados e um poderoso batismo no Espírito Santo, como também fora liberto de uma infestação de demônios que fixara residência em meu corpo por causa do pecado.

Aquela noite, pela primeira vez em dez anos, dormi sem interrupções até o dia seguinte. Quando acordei, levantei-me sem pressa da cama, fui até a cozinha, preparei o café, saí de casa, olhei fixo para o céu azul da manhã e, ainda cheio de profunda paz, perguntei a Deus: - Foi tudo um sonho?

O que me aconteceu naqueles onze meses, da hospitalização em Boston ao arrependimento na pequena igreja de Ohio, foi o remate final da conversão que começara ainda na adolescência. Durante esse período, as circunstâncias pecaminosas de minha vida levaram-me ao fim absoluto de mim mesmo. Paradoxalmente, Jesus me atraía, com toda graça, a entrar no Reino de Deus. Foram os onze meses mais dolorosos da minha vida, já que, nesse intervalo, Deus criou em mim *"um coração quebrantado e contrito"* (Salmo 51.17, Versão Revisada), até que finalmente eu me sacrificasse por Ele, através do arrependimento.

Na época de Jesus, um popular preceito rabínico dizia: Grande é o arrependimento, pois traz cura ao mundo."¹ Sou grato a Deus porque, por onze meses, Ele me protegeu das doutrinas tolas que "psicologam" todo sofrimento interior, em vez de dar-lhes o nome correto de pecado. *"Porque virá em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo grande desejo de ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres, segundo os seus próprios desejos"* (2Timóteo 4.3, Versão Revisada). Parte desse sofrimento interior é a busca da alma pela libertação do pecado. Infelizmente, muitos jamais conhecem os benefícios da transformação de vida resultante do profundo arrependimento do pecado e de se receber o perdão de Deus.

O arrependimento aos pés da cruz de Jesus representa a base da cura para todos que desejam livrar-se de aflições que lhes controlam a vida. É o remédio de que a alma necessita na libertação inicial do sofrimento, pois só então a verdadeira cura pode se seguir. A cruz de Jesus e o arrependimento que ela exige capacitaram-me a desatar por completo as amarras que me prendiam a um passado cheio de pecados. Minha identidade deixou de ser a de um homossexual. Eu estava livre para começar uma nova vida, uma caminhada pela gloriosa estrada da identificação com Cristo. O processo de cura que Jesus iniciara em mim poderia agora, seguir avante, até sua conclusão.

Um basta para negação 2

Enfrentando o Mal e a Rejeição

“Morte e Destruição estão perante o Senhor, quando mais o coração dos filhos dos homens” (Provérbios 15:11)

A Família

Meu pai nasceu em uma linda cidadezinha na região da Saxônia, Alemanha. Último de treze filhos, foi criado por um pai cruel e autoritário e uma mãe submissa e amorosa. Nunca ouvi meu pai contar qualquer história a respeito de meu avô que contivesse uma palavra gentil. Para mim, era óbvio que vovô nunca o honrou como pessoa, nem o apoiou como homem. Seus pecados contra meu pai continuavam a moldá-lo até o dia de hoje.

Meu pai ainda precisa encontrar a libertação dos efeitos maléficos de crescer na Alemanha nazista. Sua crenças pessoais são maculadas pelo anti-semitismo e idéias de supremacia branca, aprendidas na escola. De 1945 a 1948, os americanos o mantiveram prisioneiro de guerra. Passou por várias prisões em acampamentos americanos às margens do rio Reno. Em uma delas, viveu mais de um ano ao relento, dentro de um galinheiro fechado com arame, dormindo em um chão imundo, todas as noites ouvindo os gritos de centenas de compatriotas morrendo de fome. De alguma forma, por providência de Deus, ele conseguiu se agüentar, ainda que muito mal, até que os americanos o entregaram aos franceses. Transferido a um campo específico para prisioneiros de guerra em Soulac, França, chegou ali pesando cerca de trinta e seis quilos.

O modo como meu pai foi criado e seu encarceramento deram-lhe uma conformação que nunca esteve nos planos de Deus para ele. Tanta humilhação provocaram um comportamento extremamente pecaminoso para com sua família. Parecia incapaz de se controlar, à mercê de sofrimentos profundamente enraizados, do ódio e da ira aquartelados em sua alma. Cheguei a enveredar pelo mesmo caminho, mas Jesus veio e cancelou a norma que determina a repetição da iniquidade dos pais nos filhos (veja Êxodo 20.5).

Meu pai tinha uma grande necessidade de controlar aqueles que o rodeavam. Sem saber tratar as pessoas com o devido respeito, relacionava-se com as que lhe estavam próximas como meras extensões de si mesmo. O amor que nos devotava não transmitia segurança, antes, era doentio, um amor que desconhecia os limites apropriados entre ele e o restante da família. Manipulava e controlava esposa e filhos para fazer coisas que, segundo ele, demonstravam nosso amor. Sua carência, tão

confusa e destruidora, levava todos que penetravam em seu mundo pessoal a acabar se sentindo aviltados por tantas manobras. Por fim, concluí que não havia como agradá-lo, como convencê-lo de que o amávamos de verdade. Com o intuito de libertar-me de seu controle opressivo, saí de casa aos vinte anos, furioso e amargurado, para nunca mais voltar.

Apesar de tudo, meu pai sabe o que significa ser réu e carrasco ao mesmo tempo. Era e continua sendo um homem humilhado, carente do amor redentor de Cristo. Depois de tê-lo perdoado, lutei muitos anos, tentando achar sentido em suas atitudes maldosas e pecaminosas contra mim, minhas irmãs e mãe. O que me confundia ainda eram as raras ocasiões em que se mostrava terno e gentil. Também era incomum encontrar nos pais de meus amigos de infância tanto amor pela natureza, por jardinagem e pelos animais.

Minha mãe cresceu na região dos vinhos, no Sul da França. Segunda filha de um total de seis, fora criada por uma mãe fria e distante, enquanto o pai, embora afetuoso, sofria de alcoolismo. Das seis irmãs, cinco se casaram com alcoólicos.

Mamãe era a única exceção; contudo, os problemas do meu pai podiam ser facilmente comparados aos de um alcoólico. Ele tinha o hábito de empregar observações sarcásticas e degradantes para mantê-la submissa.

Depois da guerra, os franceses rotularam minha mãe de colaboracionista por dar à luz uma criança meio francesa, meio alemã: Maryse, minha irmã mais velha. Foram cruéis e desumanos com ela e minha irmã.

Sem dúvida alguma, mamãe nos amava, porém, às vezes se deixava influenciar pela maldade de meu pai. Nessas ocasiões, errava por não proteger os filhos, nem exercer seus direitos de ser humano. Perdoava sempre o comportamento do marido, lembrando-nos da "vida dura que ele teve", ou da brutalidade com que fora tratado quando prisioneiro de guerra. Duas verdades que, no entanto, não bastavam para desculpar atitudes indesculpáveis.

Mamãe não sabia manter um limite pessoal adequado entre ela e os outros. Costumava confiar a mim coisas que uma mãe não deve compartilhar com seu filho. Formou-se uma ligação doentia entre nós, contribuindo para que eu desenvolvesse a neurose homossexual. Nossa ligação, que alguns psicólogos chamam de "incesto emocional", consiste na troca de papéis entre um dos pais e seu filho ou filha. No meu caso, tornei-me um marido substituto para minha mãe. De acordo com Hemfelt, Minirth e Meier:

"É aqui que o relacionamento de amor entre pai e filho, de alguma maneira, tem sido virado de cabeça para baixo. Na mente do pai (e raras vezes ele tem consciência disso) está o pensamento: 'Não me importo muito com meu cônjuge, mas tenho este filho, a quem amo mais do que a própria vida'."

Com o passar do tempo, senti a necessidade de orar pedindo um divórcio emocional de minha mãe, a fim de me tornar uma pessoa sadia. Até chegar ao ponto de estabelecer os devidos limites emocionais entre nós, a fim de conservar-me saudável.

As Privações no Lar

Tanto minha mãe, quanto meu pai, experimentaram perdas profundas antes de se casarem. Mamãe viu o negócio do seu pai ser bombardeado e destruído duas vezes, durante a Segunda Guerra Mundial. Meu pai, certa vez contou que, na manhã em que o levaram, contra a vontade, para as forças armadas alemãs, senti como se o arrancassem prematuramente do ventre da mãe. Morreram-lhe sete irmãos e irmãs na

guerra. Meus pais eram adolescentes quando a guerra começou. Perderam a infância, membros da família, os pais que identificavam como pátria, os lares e até o primogênito. Resumindo, foram completamente privados daquilo que conheciam por vida.

Os danos causados à personalidade por perdas assim profundas fogem à capacidade de descrição. Quando pessoas que sofreram tais privações se casam, tentam recuperar o que perderam começando tudo outra vez. A nova família torna-se o meio para curar a dor do passado. Fazem sacrifícios incríveis por essa família. Meu pai trabalhou em dois, três empregos ao mesmo tempo para nos tirar da pobreza. Por pura força de vontade, fundou um negócio bem-sucedido, obteve bons lucros, construiu uma casa grande no subúrbio e mandou os filhos para a faculdade. Estava determinado a nos dar o que lhe fora negado. Tanto ele, quanto minha mãe, deram o máximo de si para propiciar-nos a melhor vida possível. Eu os amo e respeito por isso.

Em cada um deles, porém, as privações do passado provocaram um grande vazio que os impediu de assistir os filhos quando mais precisavam. Meus pais não tinham como dar o que lhes faltava. Assim, também nós conhecemos uma profunda privação.

Além disso, encaramos a maldade e a rejeição abertamente, no lar onde nos criamos e a falta de coisas simples, necessárias para o desenvolvimento saudável de uma criança. Nossos pais nunca leram livros de histórias para nós. Não nos tratavam com dignidade e respeito, como pessoas pequenas cujo crescimento as transformaria em indivíduos. Quando nos machucávamos, era raro corrermos para mamãe ou papai em busca de consolo. Às vezes, embora crianças, corriamos um para o outro. Em geral, fechávamo-nos dentro de nós mesmos.

Nossa família era composta de sete pessoas. Podíamos estar todos em casa ao mesmo tempo, e no entanto, cada qual absolutamente isolado. Jamais criamos os laços familiares devidos, essenciais para o desenvolvimento emocional sadio. Não nos relacionávamos uns com os outros. Só em momentos de crise extrema nos uníamos como família. Para as lutas corriqueiras, do dia-a-dia, não nos ajudávamos mutuamente.

Dick Keyes, no excelente livro *Beyond Identity* (Além da Identidade) escreve: "Crescemos como indivíduos e encontramos nossa identidade, não por conta própria, mas no contexto de muitos e diferentes relacionamentos - com os pais, irmãos e irmãs, com parentes mais velhos, cônjuges, filhos, sócios e amigos.

O senso de ego se desenvolve em relacionamentos elementares, como é o caso do familiar. A criança desprovida dessa relação indispensável, pode nunca encontrar um senso sólido de que ocupa o centro da própria personalidade. Olha para as outras pessoas esperando que lhe digam quem ela é. Meus pais tentaram conseguir esse senso de ego a partir dos filhos. O homossexual, inseguro quanto à identidade do gênero a que pertence, procura estabelecer vínculos com alguém do seu mesmo sexo, na tentativa de obter uma identidade.

Deixar de corresponder às necessidades emocionais da criança produz uma espécie de "neurose da privação", um sofrimento interior violento, que a induz a tentar compensar tal deficiência. Essa criança jamais criou uma relação adequada com outras pessoas e, por conseguinte, não conhece a paz de deleitar-se no amor do outro. O resultado é uma sensação difusa de vazio interior. Preencher esse vazio pode tornar-se a força motriz de sua vida. Ele ou ela podem estabelecer vínculos com pessoas, objetos ou substâncias em que não existem fronteiras bem definidas. Esse vazio também pode gerar profundos sentimentos de ansiedade. Nesse caso, o alívio da ansiedade se transforma em algo de extrema importância na vida da pessoa que sofre privação.

A marca registrada da neurose da privação, ou carência, são emoções negativas poderosas, capazes de se sobrepor ao bom senso. Inveja, ódio, raiva e rejeição podem ser os únicos sentimentos experimentados pela pessoa. Ela tende a operar subjetivamente, a partir desses sentimentos. Ao contrário de quem consegue reprimir ou bloquear as emoções por meio de mecanismos de defesa intelectuais ou outros, a pessoa que sofre dessa neurose é incapaz de reprimir seus sentimentos negativos. Para compensar, ela se vicia em coisas que lhe dão prazer - álcool, comida, cigarros ou sexo. Quando adultas, só conseguem sentir desejos sexuais. Logo, erotizam todos os relacionamentos.

A pessoa carente costuma sentir-se incompetente intelectualmente. A atividade intelectual apropriada, como aquela que opera na capacidade de produção escolar, dificilmente se manifesta fora de uma base emocional segura. Quando o ambiente doméstico não gera essa segurança, a maior parte das crianças, por uma questão até de coerência, apresenta baixo rendimento escolar. Era o caso de nossa família. Nenhum de nós foi bom aluno até sairmos de casa e estabelecermos um sistema de suporte emocional, envolvendo cônjuges e amigos, que nos sustentassem enquanto dávamos continuidade a nossa educação. A seguinte citação de *Healing the Unaffirmed* (Curando os Inseguros), dos drs. Conrad Baars e Anna Terruwe, descreve muito bem minha luta para satisfazer necessidades intelectuais:

"Certa moça, com sérios problemas de carência, sentia-se incapaz de fazer bem o que quer que fosse, apesar de dotada de talentos incomuns para atuar em quase todas as áreas. Dona de uma inteligência extraordinária, de uma grande percepção artística, era também habilidosa com as mãos. Entretanto, seu trabalho nunca chegava ao fim. Começava alguma coisa para desistir pouco depois, alegando que 'não seria mesmo capaz de concluí-la!' Após um ano de tratamento, porém, ela venceu seus temores e conseguiu perseverar em seus esforços. Transformou-se em uma mulher bem-sucedida em tudo que se dispunha a fazer. Contou-nos então, que nunca quisera aprender nada por medo, caso se visse obrigada a tentar alguma coisa, de se revelar um fracasso."

Só depois de começar a receber cura e apoio através da igreja de Leanne Payne e da equipe de Pastoral GareMinistries, usei concluir o curso colegial. Leanne foi minha grande incentivadora nessa época. Com muito carinho, exortou-me a continuar os estudos, assegurando que, com a ajuda de Deus, eu tinha todas as condições para terminar os estudos iniciados tantos anos antes.

A carência também pode se manifestar através daquilo que os drs. Itears e Terruwe chamam de "relação deliberada". Como faltam à pessoa emoções positivas profundas, normalmente adquiridas no contexto de um ambiente familiar de amor e segurança, ela é incapaz de estabelecer amizades fundamentadas em sentimentos positivos. Sendo assim, grande parte de seus relacionamentos são amizades deliberadas.

A amizade pressupõe um mútuo intercâmbio de sentimentos, que cada qual recebe da melhor maneira possível. Mas é exatamente isso que falta ao neurótico da privação... Ele pode ser capaz de estabelecer contatos superficiais com meros conhecidos, bons conhecidos, até, mas que jamais atingirão a estatura de amizades emocionalmente satisfatórias. Portanto, não é de surpreender que todos os carentes se digam solitários.'

Sem dúvida alguma, era assim que me sentia. Por dez anos, mudei de cidade em cidade. Era fácil ir embora de um lugar e chegar ao próximo, porque não tinha relacionamentos fortes, comprometidos, fora do círculo familiar e de amigos de infância. Boas habilidades sociais também permitiam-me iniciar e manter amizades superficiais com facilidade. Quando chegava a uma cidade, em pouco tempo, reunia ao

meu redor, vários "novos amigos". Mas, nem sequer uma, dessas amigadas, se manteve. Por contraste, hoje minhas amigadas são duradouras, profundamente comprometidas, construídas sobre vulnerabilidade e confiança mútuas.

Ainda outra manifestação da neurose da privação é a hipersensibilidade. Sentimentos negativos precedentes são sempre introduzidos, embora inconscientemente, nos relacionamentos atuais. A mais leve palavra negativa que alguém dirija à pessoa que sofre desse tipo de neurose pode provocar intensos sentimentos de raiva ou rejeição. Em outras ocasiões, o sentimento precedente de rejeição é projetado sobre relacionamentos e situações em que nenhuma rejeição ocorreu de fato. Por conseguinte, esse neurótico costuma se sentir rejeitado sem um motivo real que o justifique.

Meu pavor da rejeição fazia com que mantivesse as pessoas sempre a uma distância segura. Apesar de ser divertido em contextos sociais, na verdade não permitia que me chegassem realmente. Se alguém se aproximava demais, um muro de invulnerabilidade se erguia para me proteger. Em inúmeras ocasiões, conhecidos disseram que me achavam reservado e distante.

A carência também pode se manifestar em sentimentos paranóicos. Não me refiro à paranóia no sentido de algo que desencadeia um sistema de pensamento ilusório – como acontece com o indivíduo que acredita em um plano secreto arquitetado pela CIA para matá-lo. Refiro-me à paranóia no sentido de uma forte desconfiança dos outros, baseada na incapacidade de dar-lhes crédito. A pessoa que sofre de neurose da privação nunca viveu relacionamentos profundos e seguros com aquelas pessoas da família que foram as primeiras a lhe dedicarem cuidado. Por conseguinte, ela inicia cada nova relação com desconfiança. Quando surgem conflitos em relacionamentos já existentes, pode ter uma reação exagerada e atribuir motivações inexistentes aos outros.

Um Basta para a Negação

Histórias angustiantes e secretas dos horrores da guerra, que todos sabiam constituir um assunto proibido, faziam parte do meu lar, na infância. Fui despertado algumas noites pelos gritos de agonia de meu pai, seguidos da voz meiga de minha mãe, tentando acordá-lo de mais um pesadelo com o cárcere. No curso normal de nossa vida familiar, era comum ver meu pai explodir feito um vulcão, lançando sua raiva incandescente para todos os lados, muitas vezes sem nenhum razão aparente. Ele se enquadrava perfeitamente nos critérios para o diagnóstico de Distúrbio da Tensão Pós-Trauma. As feridas que a guerra lhe causara estavam sempre presentes em nosso lar.

Os padrões doentios de relacionamento encontrados em uma família desestruturada, como também os personagens do salvador, da criança perdida, do mascote e do bode expiatório, todos induzidos pela necessidade de sobrevivência, manifestaram-se em nosso meio. Esses personagens, interpretados por mim e minhas irmãs, capacitaram-nos a operar dentro do caos da vida familiar. Apesar disso, tinham um lado ruim. Não percebemos os padrões comportamentais associados a cada personagem como a consequência do pecado (desordem) em nosso lar, de forma que transportamos tais comportamentos anômalos para a vida cristã, quando adultos.

Como a maioria dos filhos de lares desajustados, lidamos com o sofrimento intenso refugiando-nos na negação, que pode ser definida como a decisão, consciente ou inconsciente, de se recusar a enfrentar determinada realidade. Quando a cura imediata para esse sofrimento não está disponível, a negação impede que a pessoa perambule por aí sentindo-se um trapo inútil. A falta de estrutura em nossa família, de tão óbvia, impedia-nos de negar certos fatos. Todavia, éramos muitíssimo bem-

sucedidos, negando até que ponto ia essa falta de estrutura, e até que ponto, esse ambiente doentio nos afetava pessoalmente.

Tive de abandonar a negação aos poucos, pois não me seria possível enfrentar tudo de uma só vez. O mais difícil para mim foi reconhecer que, de certa forma, meu pai optara por tomar o partido do mal. Alguns de seus comportamentos maldosos eu podia admitir, mas não todos. A presença palpável do mal enchia nossa casa.

O livro do dr. Scott Peck, *People of the Lie* (O Povo da Mentira), muito me ajudou a compreender a psicologia da maldade humana - os efeitos devastadores que ela produziu em meu pai, bem como sua existência em meu próprio coração. A introdução do livro é intitulada "Cuidado! Frágil!". O dr. Peck previne os leitores de que alguns podem fazer mal uso das informações contidas em seu livro para ferir as pessoas. E adverte para que se tome a seguinte precaução:

"É fácil odiar pessoas más. Porém, lembre-se do conselho de Santo Agostinho, de que odiemos o pecado e amemos o pecador. Quando reconhecer uma pessoa má, lembre-se de pensar: "Com a graça de Deus, aqui vou eu."

Reluto demais em dizer que não existe saída para um determinado ser humano, tantas foram as maldades que praticou. A redenção na cruz foi feita em prol até do mais vil pecador. Além disso, em cada pessoa, não importa o quanto ela tenha pecado, permanecem vestígios do que significa ser criado à imagem de Deus, ainda que tais vestígios se encontrem cobertos por um véu. Através da história, os grandes santos cristãos ensinaram que, a despeito do que tenha feito uma pessoa, a cruz de Cristo espera para ser aplicada a suas circunstâncias. A respeito de Caterina de Siena se escreveu:

"Apesar de seu pavor pelo pecado, nunca se soube que ela recuasse instintivamente diante do mais vil pecador, enquanto tivesse esperança de conquistá-lo para uma vida melhor. Ela enxergava possibilidades ocultas até debaixo da aparência menos promissora, e sua fé inabalável na existência de um 'eu melhor' na natureza humana, mesmo decaída, dava às pessoas a força e a coragem para superarem o pior".

O Dom da Objetividade Divina

Felizmente para mim, na época em que estava deixando a negação de lado, vi-me rodeado por cristãos amorosos, na igreja local, mas também, graças a meu trabalho na Pastoral Gare Ministries. Esses queridos amigos exortaram-me a encarar com objetividade o mal que identificava em meu pai, a amar a pessoa verdadeira dentro dele, por cuja redenção Jesus morrerá, e a orar pedindo sua salvação. Para tanto, precisei receber o "dom da objetividade divina".

O livro de Leanne Payne, *Crisis in Masculinity* (Masculinidade em Crise), foi de excepcional ajuda nesta área. Ela escreve:

"A criança raramente consegue distinguir, nos pais, a pessoa de sua natureza pecaminosa, enferma ou frágil. O genitor e o modo como ele ou ela se comportam, parecem ser uma só coisa para a criança. Mais tarde, a fim de se libertar, o filho ou a filha tem de separar as duas coisas. Precisa perdoar o pecado e aceitar o pecador. Para tanto, deve buscar o dom da objetividade divina..."

Não é tarefa fácil encarar as trevas existentes em nossos pais. Mas, por intermédio da oração, os obstáculos a essa atitude de encarar e especificar, podem ser superados. Só assim, essas pessoas começam a dissociar suas identidades, tanto dos pais, quanto de situações do passado, e avançar até que perdoem realmente. Dessa forma, podem ainda começar a assumir total responsabilidade pelo modo lamentável como reagem ao problema. Confessam e se arrependem completamente dos próprios

pecados relacionados à questão. À medida que a cura penetra em meu coração, sinto-me cada vez mais livre para amar meu pai com objetividade, sem esperar nada em troca. Quando acontece de seu "eu melhor" vir à tona, sou capaz de me alegrar e apoiá-lo por isso.

Guardo como um tesouro em meu coração a lembrança de uma visita à casa de meus pais, quando o "eu melhor" de papai se revelou durante toda uma tarde. Depois do almoço no quintal, amante da natureza que é, ele sugeriu uma caminhada no parque ali perto. Mal partíramos, vi-o segurar a mão de minha mãe, com toda delicadeza, e seguir assim, balançando os braços. Demonstrações públicas de afeto entre ele dois sempre foram raras. Já no parque, ele nos informou que se seguissemos pela trilha, encontraríamos uma pata com seis filhotes no riacho. De fato, logo nos deparamos com aquela alegre família de patos. Papai ordenou que fizessemos silêncio, a menos que quiséssemos incomodá-los. Ao final da caminhada, subimos uma grande colina, da qual eu costumava descer de trenó, nos longos invernos do estado de Wisconsin, onde a neve é sempre abundante. Próxima à colina, havia uma estrada de ferro. Ao longe, ouvimos o apito de um trem se aproximando.

Vamos esperar ele passar - disse papai.

Quando o trem chegou, meus pais se puseram a contar os vagões, em unísono, mas cada qual em sua língua materna. Quando o último vagão passou, mamãe gritou o total em francês, no exato instante em que ele também o fazia, em alemão. Para deleite de ambos, rindo muito, perceberam que tinham chegado ao mesmo número.

Infelizmente, o "eu pior", falso e arrogante, reina em meu pai a maior parte do tempo - o "eu" que tanto me machucou quando criança. Foi preciso estabelecer limites muito claros entre mim e essa porção do meu pai, de forma a impedir que mal dentro dele voltasse a me ferir. Assim agindo, honro a meu pai, já que não lhe dou chance de pecar contra mim.

Tentativas Fracassadas de Compreender o Mal

Até receber o dom da objetividade divina, oscilei entre dois extremos, tentando compreender o mal existente dentro de meu pai, nas circunstâncias da vida dele e de mamãe, e em nossa casa. Os dois extremos a que me refiro são a intelectualização e a superespiritualidade. Tratam-se de duas defesas que usei em conjunto com a negação, para controlar o sofrimento interior.

Na época em que me agarrei à intelectualização, repetia vezes sem fim, mentalmente, os acontecimentos do passado, em especial aquelas lembranças terríveis de casa, que pareciam tão sem sentido e cruéis. Tentava entender que feridas psicológicas poderiam fazer com que alguém adotasse um comportamento tão monstruoso para com outro ser humano. Imaginando que uma melhor compreensão dos horrores da Segunda Guerra Mundial me forneceria a resposta, estudei vários livros sobre o assunto. Pouco antes de voltar para Cristo, li o livro de Viktor Frankl, *Man's Search for Meaning* (O Homem e Sua Busca de Significado). Mostrou-me uma grande verdade: a esperança primordial de sobrevivência do homem está em seus relacionamentos. Muitos que deixaram com vida os campos de concentração da Alemanha nazista, sobreviveram porque aguardavam o dia em que se reuniriam a seus amados. Para outros, a simples imagem de um ente querido, preservada em seus corações, bastou para alimentar e fortalecer a vontade de resistir até o fim.

Depois de retornar para Cristo, tentei interpretar o mal que via em meu pai, em mim mesmo e no mundo, sob uma perspectiva puramente espiritual. Considerava-me apto para explicar o comportamento maldoso de meu pai (e os do meu passado)

atribuindo-os exclusivamente a influências demoníacas. Houve um momento em que cheguei a pensar se Hitler não seria o diabo encarnado.

Essa visão, porém, desculpava a maldade da raça humana transferindo-a para Satanás. Conquanto reconheçamos que Satanás introduziu o mal neste mundo, não podemos culpá-lo pela opção do homem de seguir o mal. Ao fazê-los, deixa-se de chamar o homem à responsabilidade e ao arrependimento perante Deus.

Eu sabia que *"para isso se manifestou o Filho de Deus, para destruír as obras do diabo"*(I João 3:8b). Embora a Bíblia não explique como Deus pode ser bom e soberano diante da maldade do mundo, ela nos dá o remédio divino contra o mal. Mais ainda, ela apresenta quatro relatos desse maravilhoso remédio - os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Aos pés da cruz, em oração, percebi que Deus precisava Se tornar homem e morrer no madeiro para vencer o mal presente na humanidade e no mundo, carregando sobre Si todo pecado.

Nessa busca infrutífera por compreender o mal, às vezes tinha a sensação de que minha mente pairava entre a sanidade e a loucura. Em momentos assim, quando receava que a vida não passasse de uma piada de mau gosto, ou que minha cura jamais se completasse, a imagem de Cristo na cruz me reanimava e fortalecia. Então, só pedia que me fosse permitido ver Jesus pendurado no madeiro, morrendo para levar os pecados do mundo em Seu corpo. Às vezes, em oração, limitava-me a repetir seu nome sem parar, "Jesus, Jesus, Jesus...", até minha alma se sentir reconfortada. Há poder no nome do Senhor.

Em outras ocasiões, entrava em uma igreja católica, sentava no último banco e voltava os olhos para o enorme crucifixo pendurado sobre o altar. Deixava que a imagem de Jesus na cruz ministrasse a mim Sua obra redentora. Exatamente como a imagem de um ente querido, sustentava os prisioneiros diante da maldade dos campos de concentração nazistas, assim, a imagem de Jesus me fortalecia e curava, enquanto meu corpo e alma estremeciam de dor por causa da maldade que dominara o lar em que nasci.

Corrie e Betsie ten Boom, juntamente com o pai e com o irmão, participaram do movimento de resistência na Holanda. Escondiam judeus dos nazistas e ajudavam-nos a fugir para a liberdade. Em 1944, a família inteira foi presa e Corrie e Betsie, enviadas para o campo de concentração de Ravensbruck. Noventa e seis mil mulheres morreram ali dentro. Betsie ten Boom foi uma delas. Entretanto, até o dia de sua morte, Betsie conservou um ditado envolvendo Jesus que serviu de estímulo à fé de muitos e que ajudou a sustentá-los em meios aos horrores daquele lugar: "Não existe poço tão fundo que ganhe d'Ele em profundidade."

Perante a cruz, eu dirigia a Deus todos os questionamentos que costumam fazer os que sofrem. *"Por que me mostras a iniquidade, e me fazes ver a opressão?"* (Habacuque 1.3). Um dia, enquanto orava, fui lembrado de que também Jesus fizera uma pergunta parecida a Deus: *"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"* (Marcos 15.34b). Foi então que percebi que o Pai não respondeu a pergunta de Jesus (nem a de Habacuque). Três dias mais tarde, porém, Deus respondeu ressuscitando-O dentre os mortos. Talvez não recebamos respostas para os nossos porquês, mas com certeza, receberemos conforto para nosso sofrimento, pelo poder de ressurreição de Jesus, disponível para nós em oração. Por fim, aprendi a me concentrar no remédio e fazer perguntas mais importantes, iniciadas pela palavra "como". "Como, Senhor Jesus, posso aplicar o poder de cura da cruz a essa circunstância?" A resposta consistia em olhar para fora de mim mesmo e para cima, no meio de minha dor e sofrimento, para Cristo, aquele que foi levantado dentro os mortos, vitorioso sobre o pecado e o mal.

Não Temos Quartos Vagos

A disseminação do conhecimento sobre a família desajustada tem conduzido muita gente a uma verdade libertadora. O lado negativo desse excesso de informação é que ele tende a banalizar o trauma de se crescer em um lar desajustado, ao construir um paradigma em que se enquadraram tantas famílias. Corremos o risco de fechar os olhos para o fato de que cada família tem uma história própria e única, que jamais deveria ser vista como apenas mais uma dentre tantas.

Só pela oração Deus revela o quanto cada núcleo familiar é realmente único. Não existem dois iguais. Nenhum sistema psicológico genérico seria aplicável ao sofrimento e privação singulares, circunscritos à história de minha família. Só a abrangência absoluta da aplicabilidade da cruz pode curá-la. Eu não entendia o papel que um profundo senso de rejeição, o qual remontava ao passado de meus pais em uma Europa assolada pela guerra, desempenhava no desajustamento de minha família. Tudo isso ficou muito claro para mim a partir de revelações que se sucediam, enquanto eu orava.

Passsei um fim de semana com vários amigos, assistindo a uma conferência sobre cura, na Igreja Presbiteriana College Hill, em Cincinnati, Ohio. Como preparação para aquele retiro, trabalhamos com uma apostila chamada *Breaking Free from the Past* (Libertando-se do Passado), escrita pelo dr. Gary R. Sweeten. Durante dois meses fizemos exercícios que incluíam o levantamento do histórico familiar de cada um. Assim, quando nos reunimos naquela semana, todos tínhamos uma ideia bastante boa sobre o assunto.

O método do dr. Sweeten prescrevia a divisão da plateia em pequenos grupos, cujos participantes oravam uns pelos outros, pedindo a libertação das coisas destruidoras do passado. Cada pessoa demandava um período de oração de cerca de uma hora e meia. No final da noite de sábado, chegou minha vez. Desde o início dos trabalhos, sexta-feira à noite, Deus vinha me lembrando das muitas histórias dolorosas sobre as quais minha família sempre evitara falar. De repente, tive a impressão de que vinte e seis anos desse tipo de comportamento se resumiam a uma frase breve: "Não temos quartos vagos".

O coordenador do meu grupo virou-se para mim e disse:

- É a sua vez, Mário.

Contendo as lágrimas, respondi:

- Sim, eu sei. Só que não consigo falar.

Um nó fechava-me a garganta de tal maneira que não conseguia fazer com que as palavras saíssem.

Dolores, uma irmã da minha igreja, participante daquele mesmo grupo, incentivou-me com muito amor:

- Consegue sim, Mário. Estamos aqui para ajudá-lo, e Jesus também.

- Não temos quartos vagos - foi tudo que consegui dizer afinal. E então, me pus a chorar amargamente.

- O que você quer dizer com isso? - alguém perguntou.

- É a história da minha família. Vivemos a procura de um local que possamos chamar de lar, porém nunca o encontramos. Quando eu tinha sete anos, ouvi minha irmã Maryse, em conversa com mamãe, citar muito por alto o nome de nosso falecido irmão, Karl. Até então, nunca ouvira seu nome em casa. Meu pai ficou furioso e gritou: "Os médicos franceses o mataram. Não tinham capacidade nem pra lhe dar o medicamento certo."

Lembrei que papai gritava sobre muitas coisas que eu sabia serem mentiras deslavadas. Se os médicos tinham ou não sido negligentes, não posso afirmar com certeza, mas, nessa questão em particular, acreditava no meu pai.

- Você é capaz de perdoar os médicos franceses por isso, Mário? - alguém do grupo me perguntou.

- Não, não sou.

- Deixe que Cristo os perdoe através de você.

Finalmente, por fê, liberei perdão para os médicos que haviam tratado de maneira inadequada meu irmão, filho de um alemão odiado, dizendo:

Em nome de Jesus, eu os perdoo.

Nesse instante, veio-me à mente uma velha fotografia de meus pais, em pé diante de um monturo de lixo, no meio do qual se via uma porta. Por causa dessa fotografia, acreditava que eles tinham vivido em um antigo abrigo antiaéreo, transformado em conjunto de quartos para moradia depois da Segunda Guerra Mundial. Imaginava que não tivessem conseguido lugar melhor para morar na França do pós-guerra, principalmente porque formavam um casal franco-alemão.

- Eles viviam em um velho abrigo antiaéreo no sul da França. Aquilo não era um lar - exclamei, amargurado.

Eu chorava e as pessoas me confortavam em nome de Jesus. A dor, porém, se intensificava.

Depois de algum tempo no abrigo antiaéreo, papai voltou para a Alemanha, em busca de um lugar para estabelecer a família. Foi a Passau, uma adorável aldeota na região dos Alpes alemães onde, no entanto, não havia quartos vagos. A guerra deixara grande parte da Alemanha e da Europa com uma séria escassez de moradias. Não havia acomodações para nós na Alemanha.

Papai chegou a ir até mesmo a sua terra natal, em busca de um lar para a família. Mas nem ali havia quartos vagos para nós. - O nó em minha garganta apertou-se ainda mais.

Meu coração trouxe-me à lembrança uma outra fotografia - agora, de uma coleção de fotos da revista *Life*. Exibia uma jovem francesa de cabeça raspada. Carregava um bebê nos braços. Abaixo da foto, os seguintes dizeres: "A vergonha das colaboracionistas, a quem raspam a cabeça como forma de punição, está refletida no rosto desta mulher (francesa) que carrega seu filho, cujo pai é alemão, pelas ruas, debaixo da zombaria dos vizinhos."

Lembrei de minha mãe contando-me anos antes: "Os franceses foram cruéis comigo e com Maryse. Várias vezes cuspiram e jogaram urina em cima de nós, quando eu passava pelas ruas com ela nos braços."

Uma convulsão de dor percorreu meu corpo ante esse retraio e as palavras de mamãe, fazendo com que as pessoas em redor tentassem me segurar.

- Eles cuspiram e atiraram urina em minha mãe e na minha irmã.

- Quem?

- O próprio povo delas. Odeio os franceses!

- Consegue perdoá-los?

- Não, não quero.

- Deixe Cristo perdoá-los através de você.

Eu tinha consciência de que, se não deixasse o perdão de Cristo fluir através de mim até o povo francês, o ódio e a raiva em meu corpo acabariam por me matar. Por isso, em fê, exclamei:

- Eu perdoo os franceses!

Em seguida me veio a primeira lembrança que tenho de papai. Minha família imigrou para o Canadá no início da década de 50, para começar vida nova e

fugir de um passado doloroso na Europa. Nasci no Canadá. Tinha cerca de três anos, quando aconteceu um incidente que ficou gravado em minha memória. Brincava no balanço construído por papai no quintal de casa, em Thet Ford Mines, Quebec, quando ele chegou correndo, a perna toda ensanguentada. Acho que tinham lhe dado uma surra no trabalho. Muitos franco-canadenses não gostavam dele por ser um trabalhador muito esforçado e nos rejeitavam devido ao casamento misto de meus pais. De repente, voltou-me a memória de papai dizendo certa vez: "Saímos do Canadá porque os franco-canadenses tratariam Mário do mesmo jeito que os franceses haviam tratado Karl."

Verdade ou não (talvez apenas mais uma manifestação da paranóia de meu pai, enraizada nas feridas abertas com a morte de Karl), nunca vou saber. Mas sempre acreditei assim, desde a infância. Por isso, contei às pessoas que oravam por mim:

- Deixamos o Canadá porque papai temia pelo meu bem-estar. Não éramos bem-vindos ali.

- Você é capaz de perdoar os canadenses? Eu sabia que devia, portanto, em nome de Jesus, perdoei mais uma vez.

Até que chegou a hora da lembrança mais dolorosa. Quando eu tinha quatro anos, minha família imigrou para os Estados Unidos. Mudamos para Milwaukee quando eu tinha cinco anos e instalamo-nos em um bairro de imigrantes, no lado oeste da cidade.

Um domingo à tarde, a família inteira foi a uma loja de departamentos. Quando saíamos da loja, meu pai notou alguns adolescentes mexendo no carro. Correu até eles e, com seu pesado sotaque alemão, calmamente mandou que fossem embora. Seguiu-se uma rápida troca de palavras ríspidas, até que, enquanto aqueles rapazes se afastavam, um deles virou-se e gritou para meu pai:

- Por que não volta para seu país?

Todo seu sofrimento transparecendo na voz fragilizada, meu pai respondeu:

- Este ser meu país também.

Havia lágrimas em seus olhos. Vi que ele lutava para conter a dor e o sentimento de rejeição. Momentos mais tarde, porém, já no carro, seu sofrimento veio à tona sob forma de uma explosão de raiva direcionada contra nós. Hoje sei que ele não estava bravo conosco. A raiva era apenas uma reação a sua dor.

Meditando no caminho de volta ao nosso apartamento, concluí que não tínhamos nada a ver com aquele lugar. Sempre nos referíamos aos americanos como "eles". Éramos europeus que não tinham um local para chamar de lar. Odiava os americanos.

- Não temos quartos vagos - gritei para os demais participantes do grupo. - Não temos quartos vagos. Exatamente como Maria e José, não tínhamos um local para chamar de lar. Franceses, alemães, canadenses, americanos, todos nos rejeitavam.

Naquele instante, eu só queria morrer e ir para perto de Jesus, em um lugar onde eu finalmente me sentiria em casa. Então, uma mulher do grupo fez uma oração de expiação, mais ou menos assim:

- Querido senhor Jesus, eu confesso os pecados dos Estados Unidos cometidos contra a família Bergner. Mário, você consegue perdoar a nós, americanos presentes aqui, do seu lado, pêlos pecados do nosso país contra sua família?

- Em nome de Jesus, eu perdooo vocês.

Àquela altura, eu tinha certeza de uma coisa: o perdão é um ato de vontade, possível apenas quando essa vontade está alinhada com a vontade de Deus, a fonte de todo perdão.

Alguém mais orou para que meu coração fosse curado de toda rejeição que tanto influenciara minha família e a mim. Parecia que os pecados relacionados à

rejeição, alojados na história de minha família durante décadas, me oprimiam a alma como uma serpente que se enrola em sua presa e a mata devagar. No exato momento daquela oração, a luz do perdão que cura, o perdão de Jesus, entrou em meu coração. A serpente da rejeição afrouxou o abraço em torno de mim. O amor de Jesus veio, religou os fragmentos do meu coração e me-reviveu. A vontade de morrer desapareceu.

"Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra, terá sido ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra, terá sido desligado no céu. Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.18-20).

Pelo fato de haver incorporado a rejeição existente no passado de minha família, habituara-me a esperar que as pessoas me rejeitassem. Essa expectativa transformou-se em uma profecia que se auto-cumpria, atraindo rejeição. De repente, pela primeira vez na vida, libertava-me do senso de rejeição que me moldara. Passei a ser capaz de receber o amor dos outros, tanto de homens quanto de mulheres. Mais ainda, essa cura me libertou para começar a amar as pessoas incondicionalmente, mesmo diante de uma rejeição verdadeira.

Autocomiseração, Aflição e Inveja

Se não recebermos o dom da objetividade divina, continuaremos a buscar em nossos pais o amor que deixaram de nos dar quando crianças. Não perceberemos que, provavelmente, eles hoje continuam tão desestruturados, talvez tão carentes também, quanto naquela época. Para piorar a situação, podemos deixar de assumir a responsabilidade, por meio de nossas reações infantis e pecaminosas, diante da carência presente em nossa família desajustada. Quando é este o caso, vemo-nos como meras vítimas impotentes. Em consequência, podemos nos enredar no modelo do "filho chorão, rabugento e autocomiserativo". Como escreve o psicólogo cristão Gerard van den Aardweg:

"Pessoas com tendências à neurose de estar sempre reclamando mantêm uma atitude de censura por causa de tudo que os pais lhes impuseram. Deve-se notar que essa pode ser ainda uma outra forma de reclamação. Além do mais, a queixa constante dos pais - de quem a pessoa se considera vítima - quase sempre se baseia em uma visão irreal desses pais. A visão que o filho rabugento tem dos pais é, por definição, a visão de um filho, ou seja, determinada por sentimentos egocêntricos. Ela precisa ser corrigida, se a pessoa pretender amadurecer emocionalmente."

Sempre que a voz do filho rabugento brotava dentro de mim, eu anotava todas as suas crenças negativas e autocomiserativas em meu diário de oração. Nesse processo, a verdadeira dor em que esse filho imaturo estava enraizado começou a se fazer manifesta. Tratava-se da dor por jamais ter tido uma infância.

Ela se revelava por completo quando eu via pais saudáveis se relacionando com seus filhos, em um ambiente cristão. A princípio eu invejava os filhos, por terem aquilo que eu desejava de um modo tão desesperador. Mas, confessando meu pecado de inveja a Deus, parei de me revolver na compaixão que sentia pelo menininho machucado dentro de mim. Quando me permiti expor minhas feridas diante de Jesus, clamar por Ele, sofrer, então a cura se iniciou.

Essa aflição durou vários meses. De novo, a imagem de Jesus morrendo na cruz para levar sobre Si todo o pecado e dor de um mundo caído, desajustado, era meu

único conforto. Eu tinha um lugar aonde ir com minha dor. Quase no término desse período, uma outra forma de aflição veio à tona - a dor pelo meu pecado. Por quatro dias afligi-me imensamente pelo fato de haver pecado contra meu próprio corpo e contra Deus, com minha antiga atividade homossexual.

"Ali vos lembrareis dos vossos caminhos e de todos os vossos feitos com que vos contaminastes e tereis nojo de vós mesmos, por todas as vossas iniquidades que tendes cometido. Sabereis que eu sou o Senhor, quando eu proceder para convosco por amor do meu nome, não segundo os vossos maus caminhos, nem segundo os vossos feitos corruptos, ó casa de Israel", diz o Senhor Deus" (Ezequiel 20.43,44).

A linha divisória entre *autocomiseração* e *aflição* nem sempre é fácil de traçar. Entretanto, o rev. Clay McLean estabeleceu seis grandes diferenças entre elas:

AUTOCOMISERAÇÃO	AFLIÇÃO
1. Destrutiva	1. Conduz à cura
2. Frágil e chorosa; nunca faz uma declaração clara da verdade	2. Fortecedora e verbal; faz declarações claras acerca de perdas legítimas e sentimentos relacionados
3. Circular e descendente	3. Olha para fora do eu e para cima, concentrando-se em Deus
4. Não dá os passos fundamentais para a sobrevivência – não ora, não ouve a Deus, nem lida com as questões básicas	4. Dá os passos básicos; interage com Deus, com o eu e com os outros de uma maneira madura
5. Dramatiza o passado	5. Estabelece uma comunicação verdadeira da dor com o eu, com Deus e com amigos de confiança
6. Colectora feridas	6. Encara as feridas com objetividade sem negar-lhes a existência

A autocomiseração faz parte do exercício da presença do "velho homem", o eu carnal, enquanto que a aflição é a capacidade de sentir dor, ao mesmo tempo em que busca a presença de Deus. Afligir-se com a própria dor é uma necessidade legítima da pessoa ferida e deve ser-lhe dada permissão e graça para fazê-lo. Como os salmistas ou Jó, todo cristão tem necessidade de depositar o sofrimento verdadeiramente redentor diante de Deus.

Barreiras para a Cura

Nos últimos dez anos, muito tem sido escrito acerca dos efeitos negativos de se crescer em um lar desajustado. Infelizmente, parte de toda essa informação recorreu a um amontoado de termos técnicos de psicologia, falhos em conduzir à cura, bem-sucedidos apenas no que diz respeito a criar ainda mais rótulos. Ensinando e ministrando a grupos grandes, encontramos duas reações comuns a esse tipo de informação, verdadeiras barreiras para a cura.

Algumas pessoas, sob a direção de grupos de auto-ajuda, resvalaram para o modelo do filho interior irritado e autocomisérativo. Embora esses irmãos na fé possam ter adquirido grande conhecimento intelectual, vêem a cura sob um ponto de

vista subjetivo, centralizado no homem, e não objetivo, centralizado em Deus. Estão sempre cavando, procurando desenterrar aquela que será a próxima recordação da infância a fornecer outro motivo que lhes justifique a raiva. Uma vez questionados e reconhecida essa tendência, sentem-se gratos pela exortação. Trazendo consigo aquilo que de melhor receberam em tais grupos, superam a raiva e passam a ver a situação objetivamente, diante da presença restauradora de Deus.

Por outro lado, é também comum encontrar irmãos que desprezam toda análise psicológica como sendo algo anticristão. Espiritualizam as feridas do passado e são rápidos em entregar para Deus problemas que Ele desejaria que eles resolvessem em Sua presença. Se alguém lhes pergunta em que tipo de lar passaram a infância, costumam responder:

- Ó, um lar terrível, mas entreguei tudo ao Senhor.

Todavia, suas vidas provam que permanecem sob os efeitos negativos de um tal ambiente. Sua confiança em Jesus é correta e boa, porém, não permitem que Ele Se faça presente em seus corações a ponto de revelar e curar suas feridas. A "fé" dessas pessoas passa a ser então mais uma defesa para que permaneçam em negação.

Cristãos que desejam ser pessoas completas, isto é, maduras em Cristo, não podem se permitir ignorar as verdades reveladas pela noção relativamente nova de família desestruturada. Precisam desesperadamente atentar para o conselho de S. Agostinho:

"Todo bom e verdadeiro cristão deveria compreender que, onde quer que encontre a verdade, ela pertence a seu Senhor." Aqueles que insistem em ignorar esses conceitos recém-descobertos são como o povo de Israel no tempo de Oséias, destruído "*porque lhe falta o conhecimento*" (Oséias 4. 6).

No período em que Jesus me curava da homossexualidade, descobri que eu queria pertencer aos dois grupos. Conquanto ainda sob os efeitos do batismo no Espírito Santo, recebido na igreja de Ohio, eu já espiritualizava problemas dos quais Deus não tinha nenhuma intenção de me livrar, a menos que fosse pela redenção do sofrimento (a exposição de minha dor e aflição perante Ele).

Estabelecido o contato com a dor, revelada pelo sólido ensinamento que recebi sobre família desestruturada, estava apto para revolver-me na raiva e autocomiseração, deixando de levantar os olhos e assim, desviá-los de mim mesmo para Jesus. Felizmente, rodeado de cristãos maduros, muito amorosos, recebi grande ajuda quando preso a um desses dois extremos: ou me revolvendo na raiva imatura, ou espiritualizando meus problemas.

Suspeito que alguns leitores deste livro podem se encontrar prisioneiros dessa contradição. Posso sugerir-lhes veementemente que não permitam, nem à espiritualização, nem à autocomiseração, negar a Cristo o acesso à dor por cuja redenção Ele morreu.

O Desenvolvimento da Homossexualidade

"Compadece-te de mim, Senhor, porque me sinto atribulado; de tristeza os meus olhos se consomem, e a minha alma e o meu corpo."
(Salmo 31. 9)

O Rompimento com o Masculino

Diferentemente de muitas crianças, nunca quis imitar meu pai, porque nunca vi nele as qualidades que eu admirava. Ele, não só deixou de me dar o apoio necessário como homem, como também, através do abuso emocional, denegriu minha masculinidade, quando ela começava a se manifestar. Portanto, eu a reprimi pelo simples fato de me distanciar de tudo que meu pai era literalmente para mim. Na verdade, lembro até de um voto silencioso de jamais ser como ele.

Esse voto e meu distanciamento de papai acabaram se estendendo a tudo que ele representava para mim, incluindo todos os outros homens. No fundo do meu coração, ou ser interior, ocorreu um rompimento entre minha personalidade e os demais símbolos de masculinidade. Não tinha dúvidas quanto a meu sexo biológico, porém nunca me senti masculino.

Leanne Payne, em seu livro *Crisis in Masculinity* (Crise na Masculinidade), conta a história de Richard, um homem que passou por uma ruptura tão semelhante a minha que, em todos os lugares onde seu nome apareceria na citação abaixo, substituí-o pelo meu:

"Como será alienar-se de um importante pedaço do eu - da identidade com o próprio gênero, com todos os seus poderosos símbolos arquetípicos no profundo da mente e do coração? Psicologicamente, o rompimento com a masculinidade para Mário significava estar separado do poder de se ver e aceitar como homem. A visão interior de si mesmo permanecia aguardando, triste. Como um sorriso a que faltam dentes, a percepção que ele tinha de si mesmo exibia buracos obscuros. Em seu coração não havia imagens de si mesmo como homem, nem como pessoa propriamente dito. Essas imagens simbólicas, conquanto mais realistas, do próprio eu, são coisa líquida e certa e passam despercebidas para a pessoa segura quanto a sua identidade de gênero. Dentro de Mário, porém, existe um vazio peculiar, um nada que ele tentou preencher com uma vida de fantasia doentia. Essa vida de fantasias, assim como as imagens que emergiam de sua psique enferma, propiciavam retratos dos símbolos de sua confusão de gênero."

Das "imagens que emergiam" de minha psique enferma e ferida, três se destacam. Com cerca de cinco anos, notei um profundo desconforto dentro de mim em relação a meu sexo. O medo que tinha de meu pai crescia, bem como o senso de profunda rejeição da parte dele. O coração é econômico ao conter, em um único símbolo, intensa dor interior. O meu reduziu a masculinidade e minha profunda

alienação dessa mesma masculinidade em um único símbolo: pés masculinos. Eles me fascinavam - por menos natural que isso possa parecer. Aliado a esse fascínio, havia um sentimento de vergonha - a resposta ao meu senso de rejeição por parte de papai. A dra. Ruth Tiffany Barnhouse, em seu livro *Homosexuality: A Symbolic Confusion* (Homossexualidade: Uma Confusão Simbólica), afirma serem comuns os fetiches relacionados a pés em disfunções da sexualidade masculina. Entretanto, minha fixação em pés não se desenvolvera plenamente, já que desvinculada de uma reação genital.

Tempos depois, por volta dos dez anos de idade, um outro símbolo de masculinidade substituiu o fascínio por pés. Minha família se preparava para a mudança da cidade para o subúrbio. Pouco antes de nos mudarmos, plantei a semente de um plátano próximo à base de um poste de iluminação pública. Depois da mudança, eu sonhava sempre com aquela semente. Ela crescia tão depressa e atingia uma altura tão grande que o topo da planta chegava a vergar o poste. Mesmo acordado, sentia medo e culpa por haver plantado a árvore logo ali.

Na primeira oportunidade, retornei a nossa antiga casa na cidade, para verificar se o plátano vergara o poste. Claro que não. Mais uma vez, meu coração abrigava, em um único e econômico símbolo, um profundo conflito interior. A árvore e o poste eram ambos símbolos do masculino em mim, e o medo de o plátano crescer e vergar o poste, o medo deslocado de minha própria masculinidade. Eu não queria crescer e transformar-me em um homem porque isso significava ser igual a meu pai - autoritário, cruel e destrutivo.

Um último exemplo de como meu coração atribuía símbolos a meu conflito interior se traduz em mais um sonho. Desde o início da infância, até meados da adolescência, um segundo sonho repetitivo jamais deixou de me despertar, em pânico, molhado de suor. Nesse sonho, eu estava de um lado de uma cerca viva, correndo do meu pai, que do outro lado, perseguia-me com uma faca na mão. No momento em que ambos chegávamos ao final da cerca viva, eu o via e fugia. Enquanto corria, surgia a minha frente a porta de um armário. Eu a abria, entrava e tornava a fechá-la atrás de mim - apenas para encontrar, a minha frente, um homem morto dentro de um saco plástico, daqueles próprios para transportar cadáveres. Esse sonho representava simbolicamente o que acontecera a minha masculinidade. Apavorado, eu fugia de meu pai (o masculino). O único refúgio era dentro do armário, onde o masculino estava morto. Só na presença do masculino morto me sentia seguro.

A partir do momento em que rompi com minha masculinidade, passei a investir emocionalmente muito mais em minhas qualidades femininas. Porém, cheguei a odiar meu lado feminino. Quando adolescente, examinando as fotografias no álbum anual da escola, eu sempre desprezava as características femininas que reconhecia em mim mesmo. Tendo em vista toda a repressão a que submetera minha masculinidade, meu lado feminino não dispunha de um complemento adequado ao meu sexo biológico, minha condição de homem. Consequentemente, o que havia de feminino em mim, emergia sob forma de falsa feminilidade, ou seja, um estado efeminado.

A Confusão dos Símbolos

À medida que fui crescendo, meu coração não retinha nenhuma imagem de homens completos. Por esse motivo, não havia como reconhecer as características masculinas que estavam dentro de mim. Não dispunha de um padrão pelo qual pudesse reconhecer o masculino e com ele me identificar de um modo saudável. Em vez de símbolos reais de masculinidade, meu coração me fornecia símbolos falsos e enfermos: o fetiche por pés, o medo do plátano imenso e o sonho em que meu pai me perseguia. Na carta que Annylyse enviou-me, junto da cópia de *The Broken Image*, ela escreveu:

"Deus é um Pai perfeito e anseia por dar boas dádivas a seus filhos." Lembro de ter lido essas duas palavras juntas - perfeito e pai - e dizer com meus botões: "Perfeito e pai combinam tão bem quanto peixe e bicicleta." Meu coração não alcançava tal ideia; era um pensamento absolutamente abstrato para mim.

O contato da criança com formas desajustadas de amor masculino e feminino faz com que ela os registre como símbolos confusos, em sua identidade de gênero ainda em desenvolvimento, e também em sua compreensão do aspecto complementar dos gêneros.

Quando o amor está em desordem, nossos relacionamentos também estão. Assim sendo, as imagens primordiais nos faltam, ou elas se encontram seriamente desordenadas (como na neurose homossexual). Esta é a tragédia dos lares desajustados, onde sofremos não só a perda dos pais ou de outros membros da família, como também daquilo que essas pessoas simbolizam. Sofremos a perda de imagens simbólicas de plenitude, embora elas continuem a nos alimentar.

Uma História de Amor

A masculinidade e a feminilidade nos são transmitidas quando crianças por aquelas pessoas em nossas vidas que simbolizam o significado de masculinidade e feminilidade para nós (inicialmente, pai e mãe). A fim de adquirirmos uma identidade pessoal saudável, precisamos estabelecer relacionamentos afetuosos e saudáveis com membros de ambos os sexos. Seria possível dizer que nossos primeiros contatos com entes queridos de ambos os sexos ficam registrados em nossos corações como uma história de amor, com ideias específicas acerca de masculinidade e do que significa ser homem; e de feminilidade e o que significa ser mulher.

Dessa história de amor fazem parte enredos que moldam nosso senso de identidade. Os relacionamentos que mantemos com os personagens desses enredos afetam a direção pela qual envereda nossa sexualidade. Se durante todo o período de desenvolvimento, nossos relacionamentos com membros de ambos os sexos forem saudáveis, será escrita uma história de amor heterossexual sobre os nossos corações. Nossa sexualidade então, acompanha essa história de amor e vivemos enredos agradáveis de amor entre os sexos, conforme foi escrito em nossos corações.

Para o desenvolvimento de uma identidade sexual saudável, a história de amor do coração deve conter dois enredos paralelos. Um deles consiste no relacionamento afetuosos com o genitor do mesmo sexo. Nele se encontram as lembranças boas de uma relação de cumplicidade até, de tão estreita, a ponto de fazer com que, em determinado momento, paremos e percebamos que "essa pessoa é como eu". O outro enredo trata do relacionamento afetuosos com o genitor do sexo oposto. Nele estão as lembranças boas de uma relação mais simples, em que logo se percebe que "essa pessoa é diferente de mim", que as diferenças entre "mim e essa pessoa são complementares e nos aproximam". Em teoria, mãe e pai nos servem de modelos dessa complementaridade dos sexos.

Para que nos identifiquemos com o genitor do mesmo sexo e percebamos a diferença complementar do genitor do sexo oposto, nosso coração deve abrigar imagens positivas de ambos os sexos, em relação um com o outro. O fato de deixarmos de ter relacionamentos saudáveis com membros de ambos os sexos produzirá personagens negativos dentro do enredo, tanto da identificação, quanto da complementação, no contexto da história de amor do coração. Nossa sexualidade passará a seguir tais enredos e a consequência será alguma forma de ambivalência ou confusão de gênero e sexual.

Uso o termo "gênero" para me referir a qualidades masculinas ou qualidades femininas existentes em Deus e na humanidade. Como tal, essa palavra costuma ser empregada para explicar comportamentos aprendidos, caracteristicamente associados a masculinidade ou feminilidade biológicas. Pode também ser utilizado em alusão ao senso interno da pessoa de pertencer a seu sexo biológico. A "identidade de gênero interno" de alguém pode ser definida como uma "auto-imagem biológica resultante do crescimento da própria percepção do eu em relação ao outros."

Gênero, as qualidades da masculinidade e da feminilidade, abrange os dois sexos, mas não se limita àquilo que tem um sexo. Como escreveu C.S. Lewis, "Gênero é uma realidade, e uma realidade mais fundamental que o sexo." Masculinidade e feminilidade são qualidades existentes na essência suprema de Deus. Originárias d'Ele, pode-se dizer que possuem dimensões transcendentais. Como escreve o dr. Donald Bloesch:

"Conquanto o testemunho bíblico deixe claro que o Deus vivo transcende a sexualidade, que ele não é nem homem nem mulher, deixa igualmente claro que ele encerra masculinidade e feminilidade dentro de si. De fato, fomos criados a sua imagem, como homem e mulher (Gênesis 1.27; S.1.2).

Mais ainda, em *Is the Bible Sexist?* (É a Bíblia Sexista), o dr. Bloesch escreve:

"(Deus) inclui masculinidade e feminilidade como movimentos em si mesmo, indicando iniciativa e poder por um lado (o masculino), e receptividade e obediência por amor do outro (o feminino)".

O primeiro relacionamento de Deus para conosco é o de iniciador masculino (Ele ama primeiro; Ele dá início à redenção). Nosso primeiro relacionamento para com Deus é de receptividade feminina (recebendo Seu amor, recebendo a Cristo em nossos corações). Deus também age através da receptividade feminina para com os seres humanos quando somos nós que iniciamos o contato com Ele: "*Chegai-vos a Deus e ele se chegará a vós outros*" (Tiago 4.8). Porém, a nossa aproximação d'Ele nasce de Sua autorevelação a nós, como aquele que, antes de mais nada, aguarda que alguém estabeleça o contato. Além disso, as Escrituras usam o conjunto de imagens próprio do feminino para descrever o amor "maternal" de Deus para com a humanidade (Números 11.12 e Mateus 23.37). Todavia, a maior parte das Escrituras descreve Deus em termos masculinos. Ele se revela ao mundo como Pai, em vez de mãe, no céu. Como disse um teólogo:

"O Deus do Antigo Testamento não apenas é chamado de 'Pai', como Se declara o Pai. Nosso Senhor afirmou: "*A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu*"(Mateus 2.9).

Porém, os seres humanos caídos têm uma imagem distorcida de quem Deus é, e do que representa ser feito a Sua imagem - homem e mulher (Gênesis 1.26). Como criaturas caídas, Sua imagem em nós está ofuscada pelo pecado, portanto, vivemos confusos em relação ao significado do gênero e do sexo.

Masculinidade e feminilidade são qualidades existentes em todo ser humano. Quando o dr. Bloesch escreve "No relacionamento com Deus e com Cristo, todo cristão é chamado a assumir um papel feminino", ou quando C.S. Lewis declara "Aquilo que está acima e além de todas as coisas é tão masculino que, em comparação, somos todos femininos", ambos querem dizer que a humanidade inteira, homens e mulheres, encontram-se na posição feminina de responder aos atos de iniciativa divina (ou seja, alianças, amor, redenção). Além disso, ao nos referirmos à Igreja no feminino (ou como a Noiva de Cristo), não estamos dizendo que seja composta só de mulheres. Nem quando nos reportamos a Deus como Ele (ou a Cristo como nosso Noivo), estamos dando a entender que seja masculino.

Nosso Senhor Jesus Cristo, sendo plenamente Deus e plenamente homem, dá mostras da qualidade feminina da receptividade, uma vez que está sempre esperando e ouvindo a palavra que o Pai envia. Jesus exhibe a qualidade masculina da iniciativa quando, em obediência ao Pai, entrega Sua vida na cruz de livre e espontânea vontade, propiciando redenção para a humanidade.

Seria um erro, no entanto, limitar o masculino, dizendo que sua única característica é a iniciativa, e que o feminino tem por única característica a receptividade. Seria simplista demais e perderíamos todas as indescritíveis qualidades contidas na masculinidade e na feminilidade. Se definidos muito especificamente, masculinidade e feminilidade logo se degeneram nos papéis estereotipados em que, por engano, tentamos enquadrar homens e mulheres. A representação hollywoodiana do machão de bigode, ou da loira platinada e cabeça oca, são exemplos perfeitos dessas caricaturas. Nesse caso, perdemos de vista a verdade de que indivíduos do sexo masculino e feminino, desde quando foram feitos, possuem qualidades tanto masculinas, quanto femininas. Em teoria, deveria haver uma feliz coexistência entre masculinidade e feminilidade, na alma de todo ser humano.

Entretanto, muitas pessoas acreditam enganosamente que só os homens possuem qualidades masculinas e que só as mulheres têm as femininas. Por conseguinte, as mulheres são consideradas basicamente intuitivas e os homens, racionais. Uma segunda concepção errada é aquela que afirma ser a biológica (sexo), a única diferença entre homens e mulheres, desconsiderando por completo as realidades relativas ao gênero. Aqueles que se atêm a essas duas concepções mal fundamentadas confundem gênero com sexo. Quando encontram a palavra masculino (gênero), entendem homem (sexo). Precisam ser lembradas que masculino e feminino reportam-se a qualidades relacionadas a gênero e que homem e mulher, a sexo biológico. Embora não se deva ir longe demais, a ponto de definir gênero e sexo separadamente um do outro, por medo que nunca mais sejam considerados como coisas inter-relacionadas, faz-se necessário ver as diferenças entre essas duas palavras. Como coloca Andy Comiskey, em seu livro *Pursuing Sexual Wholeness* (Buscando a Plenitude Sexual):

"Masculino implica ser homem, em vez de mulher. É uma condição diretamente relacionada ao gênero biológico da pessoa. Masculinidade é uma qualidade, uma postura, um modo de abordar a vida, complementado pela feminilidade. Tanto homens, como mulheres podem expressar qualidades femininas e masculinas... Mas para que se possa considerá-los homens e mulheres plenos, essas qualidades devem encontrar harmonia e ritmo apropriados ao seu sexo biológico."

Decididamente, é correto ao homem dizer que sua identidade tem o gênero masculino, e à mulher, que a sua tem o gênero feminino. Porém não só temos qualidades masculinas e femininas, como também, graças a nosso sexo, pertencemos a um gênero ou outro. Um senso seguro de pertencer ao próprio gênero é fundamental para que se tenha uma identidade pessoal saudável.

A intensidade com que necessitamos de cura pode espelhar até que ponto estabelecemos contato com nossas qualidades masculinas e femininas. Se houver um desequilíbrio entre masculino e feminino, ou a completa alienação de um dos gêneros, alguma disfunção acabará por se manifestar em nossa identidade pessoal. Leanne Payne, escrevendo sobre o assunto, no tocante à necessidade de cura, diz o seguinte:

"Para a mulher, a liberdade de tomar iniciativas — ou seja, de ouvir a palavra de Deus e fazer aquilo que O ouve dizer — significa, para ela, estabelecer contato com seu lado masculino. Ela não é pessoa de uma passividade doentia — o princípio masculino mantendo à distância o feminino. Sente-se livre para responder a Deus com todo o seu ser e, portanto, capaz de tomar a iniciativa quando a ocasião o exigir. No relacionamento perpendicular, em sentido vertical, com seu Deus, ela é uma pessoa

inteira, plenamente capaz de colaborar com o Espírito. É um feminino equilibrado que faz, à imagem de seu Pai Criador.

De igual modo, para que um homem opere plenamente como alguém que faz, precisa manter contato com o princípio feminino em seu interior. Seu coração deve estar receptivo a Deus, aos outros, à obra que tem de ser executada. Seu coração, como o de sua correspondente feminina, é o ventre fértil que recebe continuamente a vida de Cristo e, em resposta, dá à luz ao fazer ordenado por Deus. Mantendo os ouvidos bem abertos à palavra de cura que Deus está sempre enviando, ele se transforma em servo e despenseiro dessa palavra; aquele que a planta e faz crescer no coração dos outros. Portanto, torna-se o responsável pela cura dos relacionamentos desajustados. É a versão masculina da noiva de Deus. Invariavelmente, quando a alma necessita de cura, há um desequilíbrio dentro da esfera do masculino e do feminino. Ele, ou ela, estão fazendo pender demais o ponteiro da balança em direção a um dos extremos do todo."

Visando uma melhor compreensão do desenvolvimento de uma história de amor heterossexual saudável, observe as três palavras gregas para amor: *ágape, filéo* e *eros*.

Ágape

O termo expressa, no âmbito do humano, algo como "amor natural" ou "amor familiar". É aquele que une as pessoas em algum tipo de grupo natural - o amor presente na família, por exemplo. Os pais amam os filhos, os filhos amam os pais, os filhos amam-se uns aos outros... O fato de se pertencer a uma família era muito importante na antiguidade e o amor ágape, como não poderia deixar de ser, representava ao mesmo tempo, um elemento valioso e valorizado na vida da pessoa. Sem ele, só restava a possibilidade de uma existência miserável e de privações, algo que mal se podia chamar de vida.

C.S. Lewis considera esse tipo de amor muito importante. Ele o chama de "afeição" e diz a seu respeito: "A imagem que deve ser nosso ponto de partida é a da mãe amamentando seu bebê, da cadela ou gata deitada em uma cesta e rodeada pelos filhotinhos - formando um amontoado meio indistinto, aconchegados uns aos outros; os ronrons, as lambidas, os dadá-gugus, o leite, o calor, o cheiro da vida recém-inaugurada."

O amor ágape possui expressões masculina e feminina e nossos contatos com essas diferentes formas variam durante a infância. Quando crianças, a princípio provamos o sabor do ágape em sua manifestação feminina por intermédio da mãe - um toque, um seio repleto de comida. Na simbiose entre mãe e filho, o bebê nem sequer suspeita que é um ser desligado da mãe. Tudo que ele conhece são sentimentos de segurança e amor, resultantes do fato de ter feito parte do corpo dela.

Um cordão invisível persiste, muito tempo depois de o umbilical ter sido cortado. Existe uma profunda relação de intimidade entre mãe e filho - um tipo de conhecimento que precede o advento da razão e, de certa forma, o transcende.

O bebê conhece um senso de ser e de individualidade no amor da mãe. Nele, a história de amor do bebê recebe suas primeiras influências do feminino e da feminilidade, bem como do ser.

É de extrema importância que a criança não seja separada da mãe até que tenha desenvolvido a capacidade de compreender-lhe a ausência. Do contrário, ela absorve a ausência da mãe como uma rejeição. Nesse caso, o amor feminino vincula a rejeição a um enredo da história de amor do coração.

Psicólogos que estudam o relacionamento entre filhos e pais, geralmente concordam que o desenvolvimento da capacidade de compreender a ausência da mãe

não começa antes do nono mês de vida, e só atinge seu pleno potencial quando a criança chega aos cerca de dois anos e meio. Longos períodos de separação da mãe, antes dessa idade, causam não apenas sentimentos de rejeição, como também toda uma gama de efeitos negativos - raiva, ansiedade e até desejo sexual exagerado - na vida adulta [veja o livro do dr. Frank Lake, *Clinical Theology* (Teologia Clínica), ou *Attachment and Loss* (Vínculo e Perda), do dr. John Bowlby].

Com o intuito de encontrar um senso seguro de individualidade longe da mãe, a criança necessita do apoio afetivo do pai. Diz o dr. Daniel Trobisch: "A mãe representa um ciclo, e o pai, aquele a quem cabe nos resgatar desse ciclo". O contato inicial da criança com a forma masculina de ágape acontece basicamente quando o pai ama a mãe; através dela, está amando também o filho. Em seu amor para com a esposa, o pai começa a escrever, na história de amor do próprio filho, o enredo da proteção e sustento masculinos. Quando as crianças aprendem a engatinhar, elas o fazem em direção ao pai, afastando-se da mãe. Graças a seu apoio afetivo, o pai desempenha o importante papel de ajudar o filho a desvincular sua identidade pessoal da identidade materna. Quanto à relação desse fato com o desenvolvimento durante a adolescência, Leanne Payne escreve o seguinte:

"Se nos aceitamos ou não, como pessoas, vai depender do apoio que recebemos expresso pela voz masculina. Como mulher, não posso dar apoio a meu filho ou filha, em sua identidade de gênero. É à voz do homem que eles estão atentos, porque, filhos do meu ventre, passam pelo processo de desvincular de mim as próprias identidades. Os laços com o pai, antes desse período crucial na adolescência, são importantes, claro. Acontece que agora, não existe nada mais importante. Ao se 'interpor' entre os filhos homens e a mãe, onde necessário, o pai lhes permite que isolem suas identidades sexual e pessoal da dela. O mesmo se aplica à filha, embora constitua um acontecimento menos significativo, no tocante a sua identidade sexual. Afinal, ela não é diferente da mãe."

No caso do filho, o amor do pai lhe permitirá identificar-se positivamente com as características masculinas e de homem que vê nesse pai. O que é essencial para o desenvolvimento de uma "identidade de função do gênero" saudável - o papel que se desempenha na vida como homem ou mulher. Tanto para os filhos, quanto para as filhas, o pai é uma representação de tudo que se pode associar a masculino e ao homem no mundo, da mesma maneira que, também para filhos e filhas, a mãe é uma representação de tudo que se pode associar a feminino e à mulher no mundo. É importante que os identifiquem-se positivamente com os papéis desempenhados especificamente por seu gênero, percebidos no genitor do mesmo sexo que eles ou elas. Isso para que adquiram uma identidade positiva da função do gênero. Por outro lado, a mesma importância tem o fato de que a criança deve vivenciar positivamente as diferenças entre os gêneros com o genitor do sexo oposto ao dela. Só assim, aprende a estabelecer uma interação complementar com representantes do sexo oposto. Ter segurança no que diz respeito à identidade de gênero é identificar-se corretamente com o próprio sexo e relacionar-se de um modo saudável com o sexo oposto, de forma a complementá-lo.

Uma manhã, minha irmã Karen telefonou-me para contar a última que Alexander, meu sobrinho, aprontara. Meu cunhado saíra para o trabalho bem cedo e Karen se pusera logo a lavar a louça do café. Seus dois filhos, Katie, de cinco anos e Alexander, de dois, foram brincar em outro cômodo da casa. Algum tempo depois, Karen estranhou o silêncio, coisa que, segundo ela, geralmente era indício de que estavam "fazendo arte".

Quanto enxugava as mãos para ir à procura dos filhos, eis que Alexander entra aos tropeços na cozinha, calçando os chinelos do pai e com seus óculos pendurados no nariz, carregando também a Bíblia que ele usava para estudar.

Karen mais que depressa, correu para o banheiro, imaginando que a filha estivesse participando do mesmo jogo. Semanas antes, Katie cobriria o rosto de maquiagem e, tesoura em punho, picotara boa parte do cabelo. Karen é cabeleireira. Dessa vez, porém, encontrou-a brincando feliz da vida, às voltas com seu mundo imaginário, o cabelo são e salvo e no devido lugar.

Essas brincadeiras inocentes revelam uma saudável identificação de símbolos com o genitor do mesmo sexo. O resultado final de uma identificação de gênero saudável como essa é uma identidade de função do gênero igualmente saudável. Tal identificação com o próprio gênero serve de base para o estabelecimento de uma identidade interior de gênero sadia, ou seja, aquela segurança experimentada pelo menino no fundo do seu coração, de que ele não só é homem, como também masculino, ou pela menina, de que é tanto mulher, quanto feminina.

À medida que essa identidade interior de gênero cresce, as crianças despertam para as diferenças entre si mesmas e o sexo oposto. Esse despertar, além de servir de apoio para a noção de que os gêneros se complementam, apoia também, de um modo muito mais profundo, a crescente identificação da criança com o próprio sexo.

A imitação dos papéis desempenhados pelo gênero, mesmo de brincadeira, ajuda a criança a identificar-se, em segurança, com o gênero a que pertence. Na década de 20, Jean Piaget, psicólogo suíço, empreendeu amplos estudos sobre a importância das brincadeiras infantis.

Piaget via a brincadeira com os símbolos como um aspecto muito importante da vida emocional da criança, bem como, de seu desenvolvimento cognitivo... A brincadeira serve a um grande número de propósitos. Quando se observam crianças brincando, aprende-se muito acerca daquilo que elas estão tentando compreender.

O amor da mãe e do pai é a primeira influência sobre os enredos da identificação e da complementação de gênero, na história de amor dos nossos corações. O amor que a mãe dedica aos filhos é único e diferente do amor do pai. É importante levar em consideração essas diferenças para não dar maior valor a um, que a outro. As expressões de afeto que recebemos da mãe e do pai não são intercambiáveis, mas, igualmente importantes. A segurança no amor dos pais permite que uma saudável história de amor heterossexual se desenrole e que seja vivida mais tarde. Quando manifestações sadias do ágape masculino e feminino ficam impressas em nossos corações, temos liberdade para deixar que outras formas de amor sejam escritas em nossa história.

Filéó

Ao iniciarmos o contato com o mundo exterior à mãe, engatinhando na direção do pai, acabamos por descobrir o mundo dos amigos.

Uma segunda palavra para amor é filéó, designando o amor da amizade. Designa o amor do homem pelos companheiros, da mulher pela amiga. Também ele nos aponta para algo de grande valor na vida. É possível viver sem amigos, mas seria uma existência pobre. Lewis salienta que, hoje em dia, parece que não fazemos mais tantas amizades como antigamente, época em que Aristóteles podia classificá-la como uma das virtudes e Cícero, escrever um livro a seu respeito.

A amizade também conta com expressões feminina e masculina. No início de seu desenvolvimento, as crianças parecem não notar se os amiguinhos são do sexo masculino ou feminino. À medida que o enredo da identificação de gênero com o mesmo sexo se desdobra, na história de amor do coração, passa a ser perfeitamente natural que um menino, tendo se descoberto um "homenzinho", queira brincar apenas com outros meninos. O mesmo vale para as meninas. Quando a criança se sente segura em sua identificação com o genitor do mesmo sexo, em casa, surge a necessidade de estabelecer relações com membros do mesmo sexo. Ou seja, ela precisa se "misturar ao bando", pois a participação em um grupo ajuda a aumentar sua identificação de gênero. A atitude de exclamar "meninas, argh!", no caso dos meninos, e "meninos, argh!", das meninas, é absolutamente normal nesse período. A rejeição infantil ao sexo oposto, por não pertencer a "nossa turma", faz parte da identificação sadia com o mesmo sexo. Deixa de ser sadio, contudo, permanecer sempre nesse estágio infantil. As brincadeiras com o sexo oposto exercem um papel crítico no desenvolvimento de um enredo saudável, relacionado ao caráter complementar do gênero, na história de amor do coração. Por toda a infância, e particularmente na puberdade, da amizade com o sexo oposto deveria ser encorajada pelos pais, professores e outras figuras detentoras de significativa autoridade. Do contrário, a capacidade da criança de se relacionar com o sexo oposto pode subdesenvolver-se, ser reprimida por completo, ou, já na vida adulta, ser tragicamente reduzida a uma expressão do eros carregada de sensualidade.

Eros

A puberdade revela o eros, geralmente imaturo a princípio, com frequência carregado de sensualidade e dotado de um dramático colorido romântico. Costuma surgir em nossos corações sob a forma de uma história de amor dramática. Se formos sadios na puberdade, o enredo do caráter complementar do gênero, na história de amor do coração, exigirá todas as atenções. O jovem apaixonado passa a se considerar o personagem principal da trama secundária do amor erótico. Os sentimentos que nutre para com o objeto de seu amor, o anseio de possuí-la, os pensamentos acerca da amada, tornam-lhe os temas mais importantes dessa trama. Ao mesmo tempo, falta igual atenção aos sentimentos, necessidades e pensamentos da amada. A motivação do rapaz é tipicamente narcisista.

"...eros é aquilo que a maioria das pessoas hoje em dia tem em mente quando pensa em amor. Basicamente, eros é o amor romântico, o amor sexual. É também o nome do deus grego que empunha o arco e as flechas. *A palavra costuma ser empregada em referência a afeições outras que o amor romântico*, porém é este seu significado natural, que o particulariza. Deveríamos notar, já de início, que eros é mais que experiência sexual. Pode-se fazer sexo sem amor... Porém o ato sexual consiste na expressão apropriada para o eros. Ele não é o eros em si mesmo, porque a afeição é um elemento básico nesse tipo de amor" (Itálicos meus).

Eros é o amor entre os sexos em todas as suas diferentes expressões. Abrange a relação complementar entre homem e mulher, o gesto inocente de dar as mãos de adolescentes apaixonados, o prazer simples que tem o homem ao admirar uma mulher e o conhecer e ser conhecido íntimo, verdadeiro, do relacionamento conjugal. O eros saudável inclui sempre o respeito mútuo.

Eros é ainda o termo mais apropriado, não só ao amor entre os sexos manifesto romanticamente, como também aos relacionamentos amorosos, sempre entre os sexos, no círculo familiar. É natural que o amor do filho pela mãe compreenda aspectos do eros, pelo simples fato de existir uma diferença de sexo entre eles. O mesmo se aplica, claro, ao amor da filha pelo pai.

O eros expresso no amor romântico necessita desesperadamente de definição, nos dias de hoje. Nossa sociedade, como um todo, parece um adolescente que não conseguiu sair da puberdade. O enredo do caráter complementar do gênero em nossos corações lembra mais uma história de amor trágica, ou um dramalhão. Damos a impressão de estarmos atados a uma visão narcisista do eros, altamente romantizada, ou então, ignoramos como nos relacionar com o ato sexual que abraça o amor. Como Romeus incompetentes em busca de nossas Julietas, precisamos demais das profundas revelações que C. S. Lewis faz em *The Four Loves* (Os Quatro Amores):

"O Eros faz o homem querer de verdade, mas querer uma mulher em especial. De um modo misterioso, porém, absolutamente inquestionável, o amante deseja a Amada em si, não o prazer que ela lhe possa proporcionar."

Essa descrição do amor, voltada para o outro, estabelece um contraste gritante com o desejo sensual narcisista, que só visa a gratificação própria e que hoje se faz passar por eros.

Como homem, mantenho o devido contato com a diferença entre a afeição que sinto por um irmão e por uma irmã em Cristo. O amor irmão-para-irmão mais genuíno é o filéu, desde que capacitado pelo ágape (aqui no sentido do amor incondicional de Deus). Parte do amor que sinto por ele tem sua raiz no fato de sermos ambos do sexo masculino. Em francês, a palavra que significa conhecer devido a uma similaridade inata é *connaitre*. *Naitre* quer dizer nascimento e con, o mesmo. Este conhecimento induzido por uma relação de igualdade só tem lugar quando a história de identificação com o próprio sexo, presente no coração, é saudável.

O amor mais autêntico que posso experimentar por uma irmã em Cristo é também o filéu revestido do ágape divino, porém nesse caso o eros participa, pois sou do sexo masculino e ela, do feminino. Considerando que não compartilhamos da mesma natureza (humana sim, mas não sexual), passo a conhecê-la à medida que convivo com ela, estendo-lhe a mão e a trago mais para perto de mim. Em francês, esse tipo de conhecimento é denominado *savoir*, de onde se originou a palavra inglesa *savor* (provar cheiro ou sabor, em português). Esse conhecer em razão de diferenças só acontece quando o coração dispõe de um saudável enredo do caráter complementar do gênero.

Amor Confuso

"Amamos de um modo confuso, nós, os caídos; a estrada da vida existe para estabelecer ordem no amor." Nossos primeiros encontros com as formas masculina e feminina desses três tipos de amor, incorporados a nossos relacionamentos mais significativos (mãe, pai e outros), moldam a maneira como vivenciaremos mais tarde, no decorrer da vida, o amor pelo mesmo sexo e pelo sexo oposto. Esses contatos afetam ainda o modo como vemos a nós mesmos, enquanto homens e mulheres.

Os enredos de identificação de gênero e do caráter complementar do gênero não podem ser escritos no coração isoladamente um do outro. Só podemos conhecer de verdade um enredo, conhecendo o outro. Masculino e feminino se definem quando vivenciados em conjunto. Por conseguinte, se estamos confusos em relação a um deles, estaremos também em relação ao outro.

Necessidades de afeto não satisfeitas na infância não desaparecem simplesmente porque crescemos. Costumam se manifestar disfarçadas de necessidade neurótica exigindo atenção. Se nos faltar um dos três diferentes tipos de amor, é provável que tentemos satisfazer essa exigência com o amor de um dos outros dois tipos. A necessidade de afeto não satisfeita, e que se transformou em neurótica, pode

aparecer nos enredos, tanto de identificação de gênero, quanto do caráter complementar do gênero.

Quando um homem deixa de receber a forma masculina de ágape na infância, o déficit é anotado em seu enredo de identificação de gênero. Talvez então, ele tente compensá-lo estabelecendo um vínculo no qual se apegar, e do qual se torne dependente, com um outro homem, ou por intermédio de uma expressão do eros, resultando na neurose homossexual. Se ao homem faltar filéu, ele pode criar expectativas nada razoáveis e depositá-las sobre os amigos homens. A mulher que não encontrou um senso seguro de ser no amor materno pode transferir essa necessidade para os relacionamentos com outras mulheres, esperando delas algo que simplesmente não podem ou não deveriam lhe dar. É possível compreender certas expressões da homossexualidade, tanto no homem quanto na mulher, como necessidades de afeto relacionadas ao mesmo sexo não satisfeitas, e que foram erotizadas.

Em casos assim, o eros foi erroneamente incluído no enredo da identificação de gênero, ao mesmo tempo que ficou de fora do enredo do caráter complementar do gênero. Considerando que necessário seria o ágape, a tentativa de encontrar tal amor no eros, jamais neutralizará essa deficiência. A pessoa está "procurando o amor no lugar errado", literalmente. A necessidade não satisfeita de amor do mesmo sexo assume traços distorcidos e desproporcionados. Determinadas expressões da homossexualidade, seja no homem, seja na mulher, resultam em fuga impulsionada pelo medo do sexo oposto, e a um apego, uma dependência do mesmo sexo. A introdução do eros nesse enredo serve como uma forma neurótica de aproximação e identificação com o mesmo sexo. Ao evitar membros do sexo oposto, o homossexual não precisa mais lidar com seu senso de inadequação sexual em relação a eles.

Quando a história de amor do coração está confusa, também o estão nossos relacionamentos com ambos os sexos. A fim de nos tornarmos sadios, precisamos contar a história de amor do nosso coração, com toda sinceridade, a Deus e buscar d'Ele revelações que expliquem como foi que chegamos a esse grau de confusão. Com sinceridade, por doloroso que seja, podemos admitir, diante de Deus e dos outros, o quanto nossos relacionamentos desajustados com entes queridos têm afetado nossa identificação com o mesmo sexo e com o caráter complementar do sexo oposto. Podemos ainda reconhecer até que ponto esses relacionamentos desajustados têm moldado nossa personalidade. Quando conseguirmos olhar para o passado, com total sinceridade, e o vímos do modo como ele realmente aconteceu, então poderemos começar a nos libertar de nossas reações aos relacionamentos desajustados que afetam nossas relações no presente. Só então conseguiremos amar e sermos amados verdadeiramente, por ambos os sexos, e assim, convertermo-nos nas pessoas que Deus deseja que sejamos.

Desvencilhando-se da Confusão dos Símbolos

"Ser de verdade não tem nada a ver com aquilo de que se é feito", explicou o Cavalinho de Couro. "É uma coisa que acontece com a gente. Quando uma criança te ama por muito, muito tempo, não só para brincar com você, mas te ama MESMO, aí você se torna DE VERDADE." "E dói?", perguntou o Coelho. "Às vezes", disse o Cavalinho de Couro."
(Margery Williams)

Encontrando um homem pleno

Nossa imagem interior do pai ou da mãe espelhará a capacidade, ou incapacidade deles de nos amarem corretamente. Às vezes aconteceu de tentarem nos criar, sem que eles próprios tivessem conhecido o que significa ser amado corretamente pelos pais. Tudo que a mãe e o pai são para nós, literalmente falando, bem como tudo que representam, estará contaminado se vivenciamos um amor desajustado da parte deles. Como pai e mãe são para nós protótipos de homem e mulher, seu desajuste será refletido nos símbolos atribuídos aos sexos por nossos corações.

Quando esses símbolos, de importância tão fundamental, tornam-se confusos, passam a ser receptáculos das interpretações enganadas das qualidades masculina e feminina em nós mesmos e nos outros. Uma vez que tais símbolos confusos residem no inconsciente, só nos apercebemos das emoções, atitudes e padrões de comportamentos que saltam do inconsciente para a consciência. Na maturidade, simplesmente chegamos à conclusão errada ao tentarmos responder às perguntas "Como é o homem pleno?" ou "Como é uma mulher plena?".

Durante aquelas férias cruciais que passei em Milwaukee, frequentando o curso de Leanne Payne sobre plenitude pessoal, conheci um pastor de sua equipe ministerial - ele trabalhava na igreja que a recebia. O pastor Brown era dono de um coração muito generoso, um rosto redondo, simpático e uma constituição física de boxeador. A primeira vez que nos encontramos ele perguntou:

- Mário, o que é um homem pleno?

- Não faço ideia - respondi, confuso. Tentando visualizar um homem pleno, meu coração apresentou-me imagens de meu pai esbravejando feito um louco, em um de seus acessos de raiva; dos colegas de escola mais cruéis, atormentando-me por ser efeminado; de homens unidos em um abraço homossexual. Eram essas as únicas imagens de homens que abrigava em meu coração.

- Você se lembra de algum homem pleno na infância? -perguntou-me então, o pastor.

- Não.

Ninguém me vinha à mente. A vaga noção de que dispunha de como seria um homem assim era proveniente das histórias que minha mãe contava, a respeito de seu pai - segundo ela, meu avô fora sempre bondoso e gentil, transbordante de amor pelas seis filhas. No entanto, ele também fora um desajustado, vítima do alcoolismo. Na verdade, o pastor Brown era o primeiro homem pleno que demonstrava algum tipo de interesse por mim.

Nesse momento, porém, já incomodado demais por acreditar que passara a vida inteira sem nunca conhecer um homem pleno, ainda por cima ouvi-o insistir:

- Mas com certeza você conheceu pelo menos um homem pleno, em algum período de sua vida?

Escute aqui, cara - retruquei, irritado -, provavelmente você foi criado em uma tranquila cidadezinha qualquer de Indiana e já participava de campeonatos de beisebol quando criança. Sou capaz de apostar que seu pai assistia a todos os jogos e o incentivava bastante. Pois bem, eu não fui criado desse jeito. Portanto, terá de acreditar em mim, quando digo que nunca, nos meus vinte e cinco anos em cima deste nosso planeta, jamais conheci um homem pleno.

O pastor olhou-me nos olhos, com muito carinho, em vez de revidar à altura do meu sarcasmo. Pegou então sua Bíblia e abriu em Lucas, capítulo 7, no relato da fé do centurião. Explicou-me que aquele homem amava todo mundo que Deus colocava em seu caminho, desde um servo até os judeus de sua região.

Escutando aquela linda história que me estava sendo contada com grande afeto e carinho, comecei a descobrir o que significava sentir-se amado por um homem pleno - o próprio pastor Brown. Para mim, ele era um exemplo vivo do bom e amoroso centurião da Bíblia. Toda vez que se voltava para ler mais um trecho de Lucas 7, eu dava uma olhadela furtiva em seu rosto, ou em suas mãos de gestos tão gentis, como quem examina uma criatura de outro planeta. Não tinha a menor ideia de como me relacionar com ele.

Ao final de nosso primeiro encontro, ele segurou-me as mãos entre as suas para orarmos juntos. Era a primeira vez na minha vida que um homem pleno se dispunha a me ajudar. Quando o pastor Brown pegou minhas mãos, reagi ao contato de uma maneira erotizada, o que envergonhou-me demais para que pudesse lhe confessar meus sentimentos. Em meu ser não havia lugar para receber o amor fúeo masculino, inspirado pelo ágape divino, que me oferecia o pastor. Ainda por cima, o eros havia sido inserido no enredo de identificação de gênero do meu coração. Eu só conhecia um modo de interpretar o toque carinhoso de outro homem - eroticamente.

Enquanto ele orava, segurando gentilmente minhas mãos, abri os olhos e espiei seu rosto. A sinceridade que encontrei só fez aumentar a vergonha pela reação do meu corpo. Até que alguma coisa na oração do pastor Brown fez com que me sentisse inundado por uma onda do amor verdadeiro, que nada tem de erótico. Acho que foi por sua referência a mim como "meu irmão Mário", no final. Além de sentir o amor de Deus fluir para dentro de mim, através das mãos daquele homem bondoso, senti também o verdadeiro amor humano. O contato com suas mãos, de repente tornou-se mais poderoso que os sentimentos neuróticos emergindo a partir da confusão dos símbolos reinando dentro de mim. Imediatamente, começou a ser estabelecida a ordem no amor.

As mãos do pastor Brown, embora ternas, pareciam mais firmes e reais quando comparadas às minhas, transformadas em massa de modelar. Pois, durante a oração, senti como se minhas mãos estivessem mesmo sendo moldadas. Aliás, meu ser inteiro estava sendo moldado, assumindo a forma do homem por cuja redenção Jesus morreu. Doía, mas eu estava me tornando real.

Desfazendo-se de Imagens Mentais Doentias

Meu verdadeiro eu começou a vir à tona conforme aquilo que havia de real, de verdadeiro e de bom dentro do pastor Brown ia sendo transmitido a mim por intermédio de seu toque de amor. Pelo simples fato de ser um cristão fiel, ele converteu-se em um canal sacramental pelo qual a cura de Deus atingiu meu interior. O que o pastor Brown era, um homem pleno em Cristo, causou uma impressão muito mais profunda em mim do que o que ele dizia. A substituição dos símbolos existentes em meu coração começou aquele dia. Velhos símbolos distorcidos de uma masculinidade desordenada abandonaram o enredo de identificação de escrito no fundo do meu coração. Agora, novas imagens de uma masculinidade plena principiavam a tomar o lugar que lhes pertencia por direito.

Depois de deixar o escritório do pastor Brown, senti, pela primeira vez, que a cura da homossexualidade era possível. Até aquele momento, não me permitira esperar de verdade pela cura completa, com medo do desapontamento. Só levava em consideração essa história de cura por sentir que Deus me conduzia nessa direção, não porque tivesse grande fé de que daria certo. Além disso, gostava do prazer que experimentava nos contatos homossexuais e não tinha certeza de estar pronto para abrir mão deles, definitivamente. Contudo, sabia que a cura, que agora achava viável, jamais se daria sem algum esforço da minha parte. Por esse motivo determinei-me, diante Deus, por não mais envolver-me com nenhuma atividade homossexual.

Desde que lera o livro de Leanne Payne, *The Broken Image*, oito meses antes, recomeçara a orar. A motivação para a maior parte de minhas orações era o desejo de ser liberto de todos os sentimentos e lembranças negativas que abrigava no peito, relacionados a meu pai, não necessariamente de ser curado da homossexualidade. A cada manhã, em oração, pedia a Jesus que trouxesse do meu coração, à superfície, pelo menos uma lembrança, à qual pudesse aplicar Seu divino perdão para com meu mui necessitado e doente pai. Em seguida, pedia ao Senhor que me perdoasse por reagir aos pecados de meu pai contra mim, com mais pecados. Durante meses, diariamente, Deus me mostrou em oração, alguma recordação que precisava ser objeto de cura e perdão.

Na época em que conheci o pastor Brown, a cruz de Jesus, com Sua poderosa capacidade de perdoar pecados meus e dos outros, já amolecera bastante meu coração de pedra, deixando-o pronto para a substituição dos símbolos. As antigas imagens distorcidas de homens e mulheres, bem como sentimentos e lembranças a elas associados, não se achavam mais alicerçadas pela amargura e falta de perdão. No entanto, para que símbolos confusos pudessem ser substituídos por verdadeiros, eu precisava enfrentar todas as emoções, atitudes e comportamentos que tinham produzido.

Emaranhada a minha neurose, havia ainda uma vida de fantasias homossexuais, com frequência alimentada pela pornografia. Como observa Leanne Payne, esse tipo de vida fantasiosa, bem como as imagens expostas de uma psique ainda enferma, servem ao indivíduo como quadros simbólicos da confusão de gênero. Voltar as costas para essa vida de fantasias e para o uso de pornografia foi o primeiro passo para me desfazer do conjunto de imagens doentias de ambos os sexos, alojado em minha mente. Além disso, precisei me arrepender do pecado da luxúria subjacente a esses hábitos e receber cura da masturbação estimulada pela ansiedade. Porém, envolvera-me com tais práticas por quase dez anos. Não ia ser fácil. Depois de me arrepender da luxúria, joguei fora todo material pornográfico que possuía.

Em seguida, precisei trabalhar as imagens doentias em minha mente. Primeiro, busquei o significado contido nas imagens das minhas fantasias

homossexuais. Para usar a terminologia de Leanne Payne, eu precisava aprender a ler minha "compulsão canibal".

Em *The Broken Image*, ela conta a história de Matthew, um rapaz que, como eu, precisava se liberar da confusão dos símbolos em suas fantasias homossexuais. Quando entendidos corretamente, os símbolos passam a ser vistos como gritos confusos do coração que clama por uma identificação de gênero e uma integração pessoal com membros do mesmo sexo. Leanne inicia a conversa com Matthew perguntando-lhe:

" - O que você faz, em suas fantasias?

- Quero abraçá-lo, beijá-lo na boca. Quero estar junto dele. E, em sonhos, é isso que faço.

Ouvindo isso, perguntei:

- Você conhece alguma coisa, qualquer coisa, sobre os hábitos dos canibais? Sabe por que eles comem gente?

- Não, não faço a menor ideia - ele respondeu, perplexo."

Essas questões costumam ser fundamentais para trazer à tona, em mentes e corações como os de Matthew, o que realmente acontece nas compulsões homossexuais. Em seguida, contei-lhe o que um missionário certa vez me disse:

- Os canibais só comem quem admiram, e o *fazem para adquirir-lhes as características*.

Estava muito claro qual o problema com Matthew; ele olhava para o outro rapaz e se apaixonava por uma porção perdida de si mesmo, uma porção que ele não conseguia reconhecer nem aceitar (itálicos meus).

Ruth Tiffany Barnhouse, no livro *Homosexuality: a Symbolic Confusion*, define a homossexualidade como a tentativa neurótica de obter identificação de gênero com o próprio sexo. Ela escreve:

"... pode-se recorrer à adaptação homossexual como forma de se identificar com a força "masculina" do parceiro. Como bem colocou um paciente meu, "O problema não estava tanto no fato de eu querer amar Peter; eu queria ser o Peter" (itálicos meus).

Uma revelação iluminou-me a mente como um raio e de pronto agarrei-me à verdade que continha: meu desejo homossexual não era um impulso biológico, mas sim a projeção de amor desordenado e da identificação de gênero incompleta sobre um membro do meu mesmo sexo, que simbolizava minha masculinidade. Foi assim que comecei a abandonar a mentira de que a homossexualidade é uma expressão legítima da sexualidade humana.

Afim de me desfazer dos símbolos confusos da masculinidade presentes em meu interior, procurei responder a essas perguntas simples a respeito dos homens que habitavam minhas fantasias sexuais, ou por quem me sentia sexualmente atraído: O que ele tem que estou tentando tomar? Que porção da minha masculinidade ele simboliza e com a qual não estou estabelecendo contato?

Com isso, ficou muito claro para mim que todos os homens do meu passado, pelos quais me "apaixonara", nada mais eram que receptáculos das minhas projeções. Só estivera tentando completar minha identificação de gênero através de uma união erotizada com eles. Na verdade, nunca os vira como as pessoas reais, de carne e ossos, que eram de fato. Antes, me relacionara com eles (ainda que inconscientemente) a partir da perspectiva de minha própria necessidade e confusão.

Liberdade da Masturbação Estimulada pela Ansiedade

Seguindo minha crescente libertação das imagens mentais doentias, percebi que precisava começar a lidar com o hábito firmemente arraigado da masturbação e com a ansiedade a ela relacionada. Já que a masturbação costuma ser estimulada pela ansiedade, não me parece sensato falar de uma coisa sem mencionar a outra. Todavia, em benefício da clareza do texto escrito, vou discuti-las separadamente.

Sempre me masturbava no mesmo lugar, o quarto, e pouco antes de dormir. Dessa forma, passei a associar o quarto a esse tipo de comportamento. Todas as vezes que entrava ali, tinha um reflexo pavloviano e pensava em me masturbar. Meu quarto precisava receber novos símbolos - ou seja, um novo símbolo em meu coração.

A princípio, cada vez que sentia vontade de me masturbar, levantava da cama e ajoelhava no chão. Orava então, as palavras do Senhor dirigidas a Paulo, referentes a sua fraqueza: "*A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza*" (2 Coríntios 12.9), até que a vontade cedesse. Admitindo minha fraqueza perante Deus, pedia-Lhe que derramasse Sua força sobre mim. Nunca neguei que a necessidade continuava ali; apenas comecei a exercer uma certa autoridade sobre meu próprio corpo. Depois voltava para a cama e tentava adormecer de novo.

A primeira noite que fiz essa experiência, levantei-me para orar umas dez ou doze vezes. Dormi muito pouco. Entretanto, quando chegou a manhã, eu não me masturbava. Era a primeira vez em anos que passava um período de vinte e quatro horas sem me entregar a esse hábito.

Ainda me parecia pouco natural abandoná-lo, influenciado que estava por crenças sobre sexualidade adotadas de revistas especializadas em estilo de vida gay. Em meu diário de oração, escrevi:

Não me masturbei essa noite; acho estranho não ceder a um comportamento tão natural. Mas meu entendimento do que é, ou deixa de ser natural, não serve mais como padrão para minha vida - esse padrão agora é Jesus. Vou fazer aquilo que O ouvi dizer, em vez do que penso.

Meus sentimentos e pensamentos subjetivos, egoístas, deixariam de ser medida para a verdade. Esse lugar agora cabia a Jesus. Era um estranho paradoxo, comprometer-me pessoalmente com dois conjuntos de crenças contraditórios - um originário do meu coração enfermo, e o outro, da minha fé em Deus.

Na noite seguinte, a mesma luta se sucedeu, mas resisti firme. Na terceira não resisti, porém, já sabia que não ganharia nada negando-me o direito ao perdão. E assim comecei tudo de novo, naquela mesma noite.

Em pouco tempo, meu quarto adquirira novo símbolo. Tornou-se lugar de comunhão com Deus e de descanso. Em meu coração, deixara de estar associado à masturbação.

Ansiedade Por Causade Separação na Infância

Aos dois anos, passei mais de um mês hospitalizado, devido a uma grave infecção nas vias respiratórias. Durante aquele mês, não permitiram que minha mãe ficasse comigo. Isolado dela por um período tão longo, desenvolvi um sério problema de ansiedade por causa de separação. Quando criança, carregava essa ansiedade e as atitudes de defesa que a acompanham, como vergonha, raiva e rejeição, bem no fundo do meu ser. Na adolescência, experimentei a necessidade, sempre acompanhada de um verdadeiro pavor, de me masturbar como forma de diminuir a ansiedade. À medida que avançava para a maturidade, a masturbação tornou-se uma reação habitual para aliviar as tensões e ansiedades. Olhando para trás, hoje percebo que, na época em que seguia

um estilo de vida homossexual, situações estressantes costumavam remeter-me a um novo ciclo de atividade sexual.

Na infância, os filhos desconhecem sua condição de indivíduos, separados da mãe. A separação da presença física da mãe representa a separação da fonte do ser. Os filhos adquirem um correto senso de ser e um senso de bem-estar, através do vínculo apropriado com a mãe. Attingir esse estágio é conhecer uma profunda paz interior no amor materno. Os bebês sabem ser a mãe a fonte de suas vidas. Essa consciência aguçada não pode ser confundida, nem igualada com impulsos biológicos, tais como a necessidade de comer. Trata-se de algo mais profundo e essencial. Por conseguinte, os filhos estão constantemente tentando manter uma íntima proximidade da mãe.

Alexander, meu sobrinho, tinha poucas semanas de vida quando surgiu a oportunidade de eu testemunhar sua necessidade de ficar sempre perto da mãe, minha irmã Karen. Conversávamos na cozinha enquanto ela preparava o jantar. Alexander, sentadinho na cadeira de bebê em cima da mesa, observava a mãe com dois enormes olhos azuis. Onde quer que ela fosse, seus olhos seguiam-na como as luzes do teatro iluminam um ator sobre o palco. Até que, em determinado momento, Karen saiu da cozinha. No instante em que perdeu o contato visual com a mãe, Alexander se agitou todo e começou a chorar. Assim que Karen voltou e ele restabeleceu o contato visual com ela, suas lágrimas de repente pararam de correr.

Embora a separação da mãe seja inevitável para que a criança, ao amadurecer, se transforme em um indivíduo saudável, o momento exato dessa separação deveria coincidir com um estágio muito particular do seu desenvolvimento. Comentando a capacidade da criança de vivenciar positivamente a separação, a dra. Sally Provence escreve:

A capacidade de uma criança de trabalhar bem o estresse da separação depende significativamente de sua habilidade em evocar imagens mentais daqueles a quem ela atribui seu senso de segurança e bem-estar.

Essa capacidade de trazer imagens mentais à lembrança é chamada de memória evocativa. Sabemos que a criança já desenvolveu esse tipo de memória quando ela aprendeu que um objeto continua existindo mesmo se não está mais à vista. Se consegue reconstruir na imaginação um retrato da mãe e, dessa forma, saber que ela continua a existir quando não pode mais vê-la, a criança não sofrerá tanto de ansiedade por causa da separação. Meu sobrinho ainda não tinha capacidade para evocar mentalmente uma imagem da mãe, nem entender que ela não podia ser vista, mas continuava na mesma casa que ele. Assim que ela saiu da cozinha, Alexander se pôs a chorar. Tudo que ele sabia era que a mãe se fora.

O dr. John Bowlby, famoso teórico das relações humanas, adverte que a separação prolongada da mãe, nos três primeiros anos de vida, é "perigosa e, sempre que possível, deveria ser evitada." O dr. Bowlby observou três estágios na reação das crianças à separação. O primeiro consiste no protesto. Neste estágio, a criança grita, chora e procura a mãe. Todas elas passam por esse estágio da ansiedade causada pela separação, uma vez que todas, em determinado momento, choram se a mãe se ausenta. O segundo estágio é o do desespero. Durante esse estágio, a criança perde a esperança de que a mãe volte e se fecha dentro de si mesma. O terceiro estágio, da indiferença. A essa altura, a criança recupera o interesse por seu ambiente mas não responde positivamente à mãe, quando ela retorna. Somente crianças que ficam longo tempo distantes da mãe passam pelos dois últimos estágios da ansiedade causada pela separação.

O dr. Frank Lake, no livro *Clinical Theology*, escreveu que a ansiedade causada pela separação pode provocar uma variedade de defesas e reações nos bebês -

raiva, desejos intensos, tensão na genitália ou rejeição. A separação prolongada da mãe pode se manifestar fisicamente na criança sob forma de uma dolorosa tensão na genitália. Nessa situação, ela aperta a genitália para aliviar a dor, em uma atitude muito parecida à dos atletas que esfregam um músculo dolorido.

O dr. David Benner acrescenta que, na longa separação da mãe, a criança costuma sentir vergonha, resultante da sensação de não ter valor nenhum. Parece-lhe que não é querida.

Reações infantis como raiva, desejo intenso, tensão na genitália, rejeição e vergonha podem persistir por toda a infância, adolescência e vida adulta. Nesses casos, o comportamento da criança que esfrega a genitália para aliviar a dor da tensão às vezes é mal interpretado pelos pais como masturbação. Todavia, assim que a criança ingressa na adolescência, o ato de esfregar os órgãos genitais conduz naturalmente a uma estimulação sexual, sob forma de masturbação. Como disse Leanne Payne, porém, "em tais circunstâncias, segue-se uma masturbação dominada pelo pavor (em vez de algo meramente sensual)".

A descoberta de que parte de minhas necessidades sexuais mais prementes tinha relação direta com a ansiedade, e não exclusivamente com o desejo homossexual, produziu uma enorme sensação de liberdade em mim. À medida que progredia na cura do meu homossexualismo, passei a lidar com a dor da ansiedade causada pela separação na infância. A oração com imposição de mãos desempenhou um importante papel nesse processo. Tais orações sempre continham um pedido a Deus para que eu recebesse um senso de bem-estar. Segue um exemplo desse tipo de oração:

"Querido Pai celestial, confesso diante de Ti o pecado de um mundo caído, onde as pessoas nascem sem um senso de proximidade com a mãe, e sem um senso de paz em seu amor. Senhor, se meu relacionamento com minha mãe sofreu perturbações devido a algum pecado que ela cometeu, eu a perdoo agora. Se aconteceu por causa de outra circunstância qualquer desse mundo caído, eu perdoo essa circunstância pecaminosa. Por algum motivo que desconheço, Senhor, eu perdi, ou nunca cheguei a estabelecer, um vínculo seguro com minha mãe. Às vezes sinto como se não existisse, como se estivesse resvalando pelas frestas da vida, sem vínculo com ninguém, desesperadamente solitário. Venha sobre essa sensação de não existir, Senhor, trazendo o amor de que necessito afim de me relacionar com as pessoas.

Senhor, não há paz dentro de mim - apenas uma ansiedade que me corrói e que parece piorar quando estou só. Atue sobre minha solidão, de modo que possa enfrentá-la na Tua presença. Encha meu vazio com Teu amor. Tome minha solidão e a transforme em um bonito jardim.

Venha sobre minha ansiedade, Senhor. Deixe que Tua paz penetre minha pelve, onde essa ansiedade tem se manifestado sob forma de tensão na genitália. Encha-me da Tua paz e, ao fazê-lo, cure a ansiedade que venho tentando aliviar por intermédio de um comportamento sexual neurótico. Oro em nome de Jesus. Amém".

A Mulher de Nova Iorque

No que diz respeito às mulheres com neurose de lesbianismo, o pavor de perderem o contato com a mãe costuma estar na raiz de seus problemas sexuais. O desapareço das lésbicas a sua fonte de ser não só provoca intensa ansiedade, como também, a alienação de seus relacionamentos básicos e, portanto, dos meios para obter uma saudável identidade de gênero. Desde o princípio da infância, como resultado dessa ansiedade, pode acontecer de carregarem tensão nos órgãos genitais. A necessidade que sentem do amor ágape feminino pode estar tão confusa que todos os relacionamentos com mulheres acabam sendo erotizados.

Quando se submetem ao aconselhamento, essas mulheres em geral me dizem que a pele do braço chega a doer, tamanha a vontade que sentem de tocar e serem tocadas. É a consequência de uma privação tátil. Entretanto, qualquer contato vindo de uma mulher costuma ser recebido de maneira confusa, como algo erótico (do mesmo modo que eu reagi ao toque do pastor Brown). Por conseguinte, elas podem não deixar que ninguém se aproxime demais, com medo de erotizar até as mais simples expressões de afeto.

Em uma grande conferência perto da cidade de Nova Iorque, da qual tomei parte como um dos palestrantes, ministrei, acompanhado de um colega, a uma lésbica que reconhecia ter tais necessidades. Quando começamos a orar por aquela mulher que tanto sofria com seus profundos conflitos emocionais, recebi do Senhor a visão de um vaso sanitário. Após contar à mulher o que estava vendo, perguntei-lhe:

- Faz sentido para você?

Muito envergonhada, ela se pôs a chorar e nos relatou uma terrível situação que vivera aos cinco anos de idade. Sua mãe a encontrara sentada no vaso sanitário, esfregando, ansiosamente a genitália. Com uma expressão de nojo no rosto, a mãe a acusara de estar se masturbando, impondo um pesado sentimento de vergonha e culpa a uma criança já bastante machucada.

Imediatamente trabalhamos essa culpa e vergonha falsas, as quais ela vinha carregando havia mais de quarenta anos. Em seguida, a unguimos com água consagrada, transmitindo-lhe por meio desse símbolo a ideia de que Cristo a purificara de todos os pecados, ao mesmo tempo em que expulsávamos quaisquer espíritos opressores de vergonha e culpa.

Não é comum uma menina de cinco anos se masturbar -assegurei-lhe então.

- Mas pode acontecer que esfregue os órgãos genitais para aliviar a dolorida tensão concentrada naquela parte do seu corpo. Essa tensão pode ter sido provocada por um pavor terrível, ou pela ansiedade; tudo em função do fato de não ter conseguido estabelecer corretamente o vínculo com a mãe.

Depois de invocar a presença de Jesus sobre aquela lembrança, aplicamos Seu perdão ao relacionamento mãe-filha desajustado. Em seguida foi preciso orar pela cura das feridas resultantes desse relacionamento. Eu a ungi com óleo e, enquanto pedia a Deus que estabelecesse naquela mulher um senso seguro de estar no amor materno, Willa, a colega que ministrava comigo, abraçou-a com força. Depois disso esperamos e observamos Deus fazer exatamente o que acabáramos de pedir.

Orando para que Deus abençoasse o feminino naquela mulher, roguei ainda que ela fosse capaz de receber de maneira adequada o toque de amor contido no abraço de Willa. Ela, então, nos contou que alguma coisa dentro dela a impulsionava no sentido de erotizar aquele contato. Pedimos a Deus que interviesse nesse impulso, que eliminasse de sua mente toda vergonha e culpa e que estabelecesse ordem em seu amor. Em seguida oramos para que Deus fizesse com que o Seu amor permeasse cada músculo do corpo dela, de modo a aliviar a tensão outrora concentrada na genitália. Não raro, mulheres que sofrem de uma grave ansiedade causada por separação também experimentam dores extremas e absurdas no período de menstruação. Isso porque a dor da ansiedade causada pela separação se combina com a dor existente no ciclo menstrual.

Na manhã seguinte, ela ostentava um rosto radiante de paz e alegria. Sempre fora uma cristã fiel, e embora acabasse de passar por mais uma, dentre as várias curas que Deus operara em sua vida, talvez essa fosse a maior delas, excetuando-se a da conversão. Ainda teria de caminhar muito para ampliar a cura e, como já acontecera antes, seria tentada por Satanás a menosprezá-la, além de ouvir cristãos ignorantes

negá-la. Porém, não lhe faltava maturidade cristã para conservar os olhos voltados para cima e para fora de si mesma, em Jesus.

É preferível que uma mulher abrace aquela que precisa desse tipo de oração, porque é a forma feminina do amor ágape que lhe falta. Contudo, se não houver uma mulher por perto, um homem capaz de compreender corretamente o contato terapêutico pode ser usado por Deus para orar por esse tipo de cura em favor de outros homens e também mulheres.

Outro Comportamento Induzido pela Ansiedade

Ultimamente, tenho conhecido pessoas que lutam com uma forma diferente de masturbação provocada pela ansiedade, a da estimulação anal, que pode envolver sentimentos sérios de vergonha e culpa. Mais uma vez, é preciso dissipar esses sentimentos com muita graça e amor, a fim de que se possa trabalhar o problema de maneira apropriada.

Pessoas que sofrem desse tipo de problema quase sempre transferem grande tensão para os esfíncteres localizados no interior do reto. Aliás, carregam tensão em toda a parte inferior do corpo. Costumam surpreender-se quando descobrem que, para aliviar essa tensão muscular, basta que enviem uma mensagem àquela porção do corpo, ordenando-lhe que relaxe.

Se houver um desejo sexual qualquer associado a esse comportamento, antes de mais nada, deve ser confessado e abandonado. Em quase todos os casos desse tipo, é necessário orar para que um senso de ser ou de bem-estar seja estabelecido.

Excitação Sexual e Ansiedade

Os psicólogos clínicos há muito compreenderam que situações que provocam a ansiedade em geral excitam sexualmente a pessoa. Determinado pesquisador menciona um rapaz que "revelou ter pequenas ereções, desde a adolescência, toda vez que se sentia ansioso". O remédio para a excitação sexual induzida pela ansiedade está em se aprender algumas habilidades práticas para lidar com essa ansiedade, e não se concentrar na masturbação ocasionalmente resultante. Reduzido o nível de ansiedade, a necessidade de se masturbar também diminuirá.

No meu caso mesmo, depois de receber um senso seguro de bem-estar, bastava um pouco de ansiedade para querer me masturbar. Não permiti que um falso sentimento de culpa tomasse conta de mim nessa época. Isso só teria feito aumentar meu nível de ansiedade, o que, por sua vez, aumentaria também o desejo de me masturbar. No entanto, era uma tentação muito diferente daquelas que experimentava quando ainda homossexual, ou da necessidade sexual legítima de unir-me a uma mulher, como jovem solteiro e normal, ambas repletas de intenso desejo.

Para o homem em transição da homo para a heterossexualidade, a vontade de se masturbar às vezes é consequência do emergir de sua heterossexualidade até então reprimida. Pode representar a tradução do despertar sexual (atrasado) para a existência da mulher, coisa que em geral ocorre na puberdade. Esse despertar não só precisa ser bem-recebido, como também transportado rapidamente para a maturidade. E o indivíduo precisa aprender que pelo simples fato de experimentar uma necessidade sexual legítima, mas por isso poderá satisfazê-la imediatamente.

A tentação sexual relacionada à ansiedade ficou ainda mais evidente para mim após diversas visitas à casa de meus pais -ainda o mesmo lar desajustado e tenso da minha juventude. Durante e depois dessas visitas, eu sempre lutava contra a tentação de me masturbar. Aprender algumas habilidades práticas para lidar com o estresse

ajudou-me a quebrar esse padrão. Primeiro, estabeleci limites saudáveis entre mim e as pessoas da família que me punham mais ansioso. Em segundo lugar, aprendi a técnica de sobrevivência do distanciamento, essencial para qualquer pessoa que tenha crescido em uma família desestruturada. "Distanciamento implica em soltar os laços ou distanciar-se mesmo de uma pessoa ou problema em amor. Mental, emocional e, às vezes, também fisicamente, distanciamos-nos de envoltórios doentios (e frequentemente dolorosos) com a vida e as responsabilidades de outra pessoa, e de problemas que não somos capazes de resolver... O distanciamento não significa que não estamos nem aí. Mas sim, que aprendemos a amar, a nos interessar e envolver sem enlouquecer por causa disso." Enfim, restringi as visitas ao lar da minha infância.

A oração se transformou no instrumento mais importante para trabalhar essa ansiedade e a excitação sexual a ela relacionada. Em primeiro lugar, eu invocava o nome de Jesus e estabelecia um diálogo com Ele a respeito de tudo que estava acontecendo. Depois, voltando-me para meu próprio corpo, ainda em oração, lhe dizia com carinho: "Tudo bem, corpo, vá em frente e fique ansioso. Jesus está aqui e vai te tranquilizar. (Mesmo sentindo a ansiedade e a excitação sexual, continuava orando). Jesus, por favor, venha sobre esses dois sentimentos e rompa a conexão que meu corpo instituiu entre ansiedade e sexo."

Tive de repetir muitas vezes esse tipo de oração em meu próprio benefício. Seu objetivo não é fazer com que o corpo pare de ter sentimentos sexuais. Antes, que os sentimentos sexuais não sejam resultado de ansiedade. Às vezes, eu orava: "Senhor, permita que o sentimentos sexuais ocorram em meu corpo só como resultado do correto relacionamento entre mim e uma mulher."

Jejum e Oração

Uma palavra final para compartilhar algo que me ajudou a superar a masturbação e a seguir em frente com a minha cura. Refiro-me à prática cristã do jejum. Ao jejuar, o crente diz para seu corpo: "Tenho autoridade sobre você. Não sou escravo dos meus desejos carnis." Como o bebê aprende a controlar o intestino no período em que está sendo treinado a utilizar o peniquinho, assim também os adultos precisam desenvolver o autocontrole sobre os desejos que atuam em seus membros.

Egresso de uma condição em que, além de agir a cada desejo físico, eu cedia à necessidade de satisfazê-los como um neurótico, encontrei no jejum uma disciplina de cura dinâmica, em minha caminhada cristã. Quando confrontado com uma questão sobre a qual parecia impossível obter vitória, eu costumava fazer dela o objeto de minhas orações durante um período de jejum. Em geral, nessas ocasiões, o Senhor me dava alguma revelação capaz de me fazer avançar no processo de cura.

À medida que minha necessidade de uma profunda cura emocional diminuía, os períodos de oração e jejum se converteram em experiências maravilhosas de comunhão com Deus, momentos em que me encontro particularmente sensível para discernir Sua vontade.

Libertação da Paquera de Rua

Na época em que a vida gay de Nova Iorque ainda era novidade para mim, lembro que olhava maravilhado para todos os homens que via na rua. Criado no meio-oeste, Nova Iorque representava para mim uma espécie de Terra de Oz. Logo notei que alguns devolviam-me o olhar de um jeito diferente. Quando um amigo homossexual e

eu passeávamos na Quinta Avenida, aconteceu de novo. Aproveitei, então, a oportunidade e perguntei-lhe o significado dos estranhos olhares.

- Ora, eles estão te paquerando - ele explicou.

- E isso quer dizer o quê? - insisti.

Quando estiver andando pela rua, se vir um cara que de longe pareça te interessar, e se perceber que ele sentiu a mesma coisa, mantenha o olhar firme e procure examiná-lo bem, à medida que se aproximarem um do outro. Depois que tiverem se cruzado, olhe para trás. Se vocês dois estiverem se olhando, significa que não há problema algum em estabelecer contato. Pode até "rolar" alguma coisa. A gente chama de "paquera de rua".

Durante anos, habituei-me a olhar para os homens na rua com a esperança de ser correspondido, ou seja, que emitissem um sinal de que me queriam. A paquera de rua é o modo confuso adotado, por aquele que sofre de homossexualidade, de tentar obter um olhar masculino que lhe diga "Eu te quero", "Eu te amo", "Preciso de você". Portanto, nada mais é que uma expressão da confusão dos símbolos.

Enquanto estava sendo curado de minha neurose homossexual, deparei-me com um artigo na New York Times Magazine de domingo. De autoria de David Shorewood, citava a carta de seu irmão Andy, um homossexual envelhecendo em Paris.

"Faço virar bem menos cabeças que antigamente", ele escreve agora. "Um amigo e eu inventamos um passatempo chamado 'Eu existo', que consiste em tentar adivinhar se um estranho tem ou não consciência de nossa presença, e de qual de nós, ou se nem 'existimos' para ele, que aí estará olhando 'através de', e não 'para' nós."

Esses estranhos parâmetros pelos quais Andy e amigos definem a "existência", são rapazinhos e homens vistos de longe, a princípio, depois mais de perto, quando se cruzam pelas calçadas.

"Quando conseguimos que alguém nos olhe", ele acrescenta, "geralmente é na direção de Patrice, quinze anos mais jovem."

Andy lida bem com a crescente ausência de olhares dos estranhos. Mas o incomoda o fato de jamais ter atraído um olhar afetuoso de nosso pai.

Os olhares que papai dirigia a mim também nunca expressaram amor, nem transmitiram confiança; em geral, eram plenos de cruel zombaria. Um dos empregados de papai certa vez me disse:

Mário, seu pai é o único homem que conheço capaz de castrar alguém só com o olhar.

O apoio do pai não está apenas no que ele diz, ou deixa de dizer, mas também no contato físico e em seu olhar. Como não recebemos o apoio necessário - uma declaração positiva daquilo que somos, acerca de nossa existência - nossos corações se confundem. Por conseguinte, esforçamo-nos em receber o mesmo apoio e amor simbolicamente, de uma maneira inadequada.

Muito tempo se passara desde que a tentação da masturbação e do homossexualismo declarado tinham deixado de representar um problema para mim, quando dei conta de que continuava praticando a paquera de rua. Uma noite, voltando para casa depois de um curso de aconselhamento para leigos que estava frequentando, notei que, ao ultrapassar um carro, eu sempre olhava dentro dele, na esperança de descobrir um homem na direção. Perguntei ao Senhor por quê. Embora não obtivesse resposta, sabia que me culpar sem piedade não levaria a nada.

Pouco tempo depois, jantava com um amigo que superara o homossexualismo e aproveitei para perguntar-lhe a esse respeito. Não sei por que eu agia assim - ele respondeu -, mas sei como orar por isso. Toda vez que vejo um homem pelo qual sou tentado, fecho os olhos e imagino a mulher que Deus criou para estar com ele. Vendo-os juntos, agradeço a Deus por aquele homem ter sido criado para se

tornar uma só carne com aquela que deverá ser sua companheira, ou seja, uma mulher, não eu.

Aceitando o conselho do meu amigo, comecei a declarar essa verdade a meu coração. Fazia questão de nele inserir a imagem de um homem e uma mulher juntos, toda vez que orava nesse sentido. Na prática, Deus estava mudando os símbolos ali existentes, ao remover antigas imagens distorcidas de homens com homens, compartilhando um engano e substituindo-as por imagens íntegras e verdadeiras de homens com mulheres relacionando-se corretamente, uns com os outros. Este processo avançou bastante quando me integrei ao corpo de Cristo e passei a ser testemunha de casamentos lindos e plenos, homens e mulheres juntos, macho e fêmea à imagem de Deus.

Reações Pecaminosas à Solidão

O dr. Frank Lake, no livro *Clinical Theology* (Teologia Clínica), escreve:

"Os padrões de solidão do presente tendem sempre a invocar protótipos latentes nas raízes do ser. Operando dessa maneira, o passado enterrado transforma um momento presente assustador, mas tolerável, em um momento de insuportável ansiedade."

Ele, então, continua dizendo que "a solidão do presente pode induzir à ansiedade neurótica", que, por sua vez, faz brotar em sua vítima sentimentos sexuais que conduzem à tentação.

Algumas pessoas, muito embora tenham recebido um senso de ser ou de bem-estar através da oração, podem continuar a ter reações pecaminosas à solidão - uma solidão que, no passado, resultava em quedas sexuais de vez em quando, para aliviar a ansiedade neurótica. Algumas dessas reações pecaminosas à solidão são passividade (indolência), egoísmo e orgulho. Eu era culpado de todas as três.

A reação passiva está diretamente relacionada à voz autocomiserativa da criança interior ainda não submetida ao processo de cura. Ela não tem imaginação e tampouco se dá ao trabalho de pensar em alternativas para esse estado de passividade.

Na época em que estava preso a esse tipo de problema, muitas vezes deitado no sofá e olhando o espaço vazio, eu lamentava minha triste condição para com Deus, naquilo que eu pensava ser uma oração. (Na verdade, só estava me exercitando na presença do velho Mário.) Uma ocasião, ao deixar escapar um profundo suspiro no meio de uma dessas orações, o Senhor respondeu, trazendo Jó 38.2-3 ao meu coração. Imagine minha surpresa quando peguei a Bíblia e li: "*Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os teus lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber.*"

Continuei lendo os dois capítulos seguintes de Jó em voz alta, em pé diante de Deus, na minha sala de estar. As perguntas que o Senhor fizera a Jó me maravilharam tanto que não consegui lê-las sem erguer os olhos de vez em quando, deixando de concentrá-los em mim mesmo e descobrindo um novo ponto de vista para minha situação. Depois de me arrepender da passividade, terminei aquele período de oração sentindo-me um homem mais completo do que quando o iniciara.

A reação egoísta à solidão em geral é consequência da atitude de proteger a própria privacidade, sem permitir que ninguém se intrometa. Pode estar relacionada ao fato de se passar muitos anos sozinho e resultar na renúncia à comunhão com outros cristãos.

Certa manhã de domingo, pouco menos de um ano depois de abandonar a vida gay, o Senhor revelou-me que eu era culpado de egoísmo. Na hora do cafezinho,

depois do culto, uma das líderes da igreja convidou-me a participar de um lanche reforçado para os recém-convertidos, em sua casa.

- Não, obrigado - respondi, muito gentil. - Já tenho compromisso para hoje.

Meu "compromisso" consistia em passar a tarde na melhor delicatessen especializada em cozinha judaica da cidade, lendo tranquilamente meu *New York Times* enquanto saboreava um bagel com salmão e requeijão, acompanhado de café bem quentinho. Um ritual que eu cumpria havia cinco anos.

Dirigindo o carro até a delicatessen, porém, o Senhor me convenceu de que eu falhara por não levar em consideração os sentimentos daquela irmã, nem o amor com que ela preparara a refeição. Quanto mais me aproximava do meu destino, pior ficava. O *New York Times* podia me esperar, ao passo que aquele lanche só aconteceria naquele dia. Por fim, fiz o retorno e fui para a casa daquela irmã, onde pude estreitar os laços de amizade com ela e conhecer muita gente.

A reação orgulhosa pode se manifestar sob a forma de um padrão fantasioso na escolha dos amigos. Em lugar de acolhermos todo o povo de Deus que Ele mesmo aproxima de nós, visando nossa comunhão, muitas vezes temos uma fita métrica pela qual baseamos a decisão de quem é digno de receber parte do nosso precioso tempo. Também o fato de nos relacionarmos apenas com pessoas que julgamos melhores que nós pode ser uma forma de dar novo impulso a uma auto-estima baixa. De um lado, achamos que somos menores que os outros e desejamos que nos aceitem para que nos sintamos melhores com relação a nós mesmos. Por outro lado, consideramo-nos mais elevados que os outros e não queremos ser incomodados.

Apesar de ser do meio-oeste e da poderosa ministração que recebera naquela igreja de Ohio, de vez em quando, me pegava torcendo o nariz, um nariz empinado e cosmopolita, adquirido com o passar dos anos, para aqueles "caipiras". Dayton, Ohio, insultava meu senso estético (adquirido) de intelectual de Boston. Sentia que lhes fizera um favor mudando-me para Cow-hio (trocadilho com o nome Ohio: cow, vaca, em inglês, e hio, onomatopéia do vaqueiro ao conduzir o rebanho) – como meus amigos de Boston chamavam Ohio.

Todavia, experimentei uma grande vergonha (vergonha moral de verdade) tão logo reconheci minha arrogância. Afinal de contas, era igualmente difícil para aquelas pessoas ultrapassar as barreiras culturais entre nós. Ainda assim, conseguiram enxergar além das minhas atitudes, das minhas roupas, ao melhor estilo do East Village de Nova Iorque e me amar.

É possível lidar com todas essas reações pecaminosas à solidão arrependendo-nos delas diante de Deus. Do contrário, a solidão só irá continuar, levando-nos à ansiedade que, por sua vez, pode nos expor a tentações desnecessárias.

Enfrentando a Ansiedade Diante de Deus

Tendo encontrado tanta ajuda no pastor Brown e nas aulas de Leanne, depois de me arrepender dos pecados e ser cheio do Espírito Santo, passei por uma experiência absolutamente incrível com Deus, certo final de semana. Era tarde de quinta-feira e as aulas do dia seguinte haviam sido suspensas. Três longas noites e dois dias vazios me esperavam, até que chegasse a manhã de domingo e a oportunidade de estar de novo em comunhão com outros cristãos. Sentado em meu pequeno, porém confortável apartamento, em Ohio, comecei a me apavorar ante a perspectiva de ficar só, por um período tão longo. A excitação sexual associada a minha ansiedade redundou em tentações homossexuais avassaladoras. Sabia muitíssimo bem que se saísse do apartamento, com certeza cairia por causa de sexo.

Decidido a ficar aquela noite em casa, assisti a um pouco de televisão e li outro tanto. Na sexta-feira, logo que acordei, outra vez uma profunda ansiedade e uma esmagadora tentação homossexual apoderaram-se de mim. Tais sentimentos pareciam ter piorado muito durante a noite. Aquela manhã, em comunhão com Deus, ouvi-O dizendo: "Eu te amo, Mário." Terminadas as minhas orações, uma profunda sensação de confiança encheu-me o ser: se aguentasse firme até a manhã do domingo, sem cair, então, nunca mais meu corpo seria consumido por uma tentação homossexual como aquela. Não sei o porquê, simplesmente tinha absoluta certeza disso. Tendo alinhado minha vontade à vontade de Deus e resolvido que cair por causa de sexo estava fora de cogitação, peguei um band-aid e coloquei-o unindo a porta do apartamento ao batente. Em seguida, prometi a Deus que não quebraria aquele laque até o domingo, por mais ansioso ou sexualmente tentado que ficasse.

À medida que a tarde e noite de sexta-feira foram passando, a tentação e a ansiedade pioraram - coisa que eu não achava possível. Limpei cada cantinho do apartamento, arrumei toda a papelada para a qual nem sequer olhava havia anos, escrevi cartas a velhos amigos, fiz telefonemas interurbanos e, acima de tudo, exercitei-me na presença de Jesus. Em vez de dormir, debati-me e revirei-me na cama naquele que pareceu ser a mais longa noite da minha vida. Porém, o band-aid continuou na minha porta.

Chegou a manhã do sábado. Encontrou-me dentro de um apartamento impecável, com todos os documentos em perfeita ordem e uma pilha de cartas a despachar para pessoas com quem não me correspondia havia anos. Só me restava orar, ler e buscar a presença de Jesus. Em meu interior, a ansiedade e a tentação homossexual ainda dominavam.

À tarde, completamente só na sala de estar, resolvi ler em voz alta e acabei encenando um monólogo, "A Paixão da Sra. Bright", de Joe Orton, um autor gay. A peça conta a história de um homossexual que envelheceu e não é mais jovem o bastante para atrair parceiros de cama. As paredes de sua casa são cobertas pelas assinaturas de todos que lhe fizeram companhia por uma noite, durante os últimos vinte anos. À medida que a trama se desenrola, ele tenta trazer à memória os rostos ligados às centenas de assinaturas que enfeitam-lhe paredes. De alguns se lembra com facilidade; de outros, não consegue. Uma história triste mas verdadeira, já que, no final, ele cai em si e reconhece ser um homossexual que envelheceu sem ter ninguém para amar. Na peça, sra. Bright é, na verdade, uma "bicha" velha e cansada, presa a seu monólogo, completamente só e sem qualquer esperança.

Terminada minha encenação no meio da sala do apartamento, caí de joelhos, apavorado.

- Querido Deus - implorei, em prantos - não permita que me transforme em mais uma senhora Bright.

Nesse instante, veio-me à mente uma das mais terríveis lembranças dos tempos de vida gay.

Era véspera de Natal, quatro anos antes. Vários amigos eu saíramos para tomar um drinque em nosso bar gay predileto. Neve fresca cobria a cidade e grandes flocos caíam silenciosos lentos do céu. Saltamos do carro e caminhávamos para o bar quando um sino repicou a meia-noite.

- Ei, hoje é Natal - lembrou um de meus amigos. - Feliz Natal!

No exato momento em que chegamos à porta do bar, ela abriu para dar passagem a um homossexual mais velho que nós e bêbado. Ele caiu na neve, soltou um palavrão, mal-e-mal conseguiu se levantar e então, cambaleante, passou por nós. O mesmo amigo que nos desejara feliz Natal, com uma careta de desdém, perguntou:

- Como será a noite de Natal para uma bicha velha como essa?

Ouvindo isso, levei um choque que me paralisou. Com lancinante sinceridade, por fim dei voz a uma ideia que, sabia muito bem, todos nós temíamos.

- Dentro de trinta anos, serei eu essa bicha velha em uma noite de Natal.

Se continuássemos vivendo daquele jeito, sem dúvida, todos nós, um dia, nos converteríamos em sras. Bright, ou então, "zumbis" refugiados nas sombras de um bar gay. O destino de quem vive aparte de Deus é sempre horrível.

Embora lutasse contra o homossexualismo naquela época, não estava sozinho. Minha vida ainda não podia ser comparada ao monólogo da peça de Orton. Pela graça de Deus. Estabelecera um diálogo vivo com o Senhor. Melhor sofrer aos pés da cruz que acabar sozinho e desesperado, pensei. As palavras de Jó 13.15a soaram em meus ouvidos: *"Ainda que ele me mate, nele esperarei"* (Revista e Corrigida). Mesmo que minhas atuais tentações nunca me deixassem, estava disposto a colocar-me perante a cruz e sofrer, se necessário, até que o Reino viesse. Incapaz de proferir palavras em oração, minha própria solidão, entremeadas de sofrimento e ansiedade, assumiu a forma de uma oração. No meio de uma dor insuportável, estabeleci o firme propósito de obedecer a Deus. Era exatamente o que Ele esperava que eu fizesse.

Conquanto minha vontade continuasse frágil e ainda precisasse de cura, eu a exercitara em sintonia com a vontade de Deus. A presença de Deus que comigo habitava capacitou-me para fazer aquilo que antes eu julgava impossível. Com Jesus, enfrentei o medo da solidão, a ansiedade, a tentação sexual e o abandono, tudo que nunca fora capaz de encarar. Passava pelo ponto crítico da minha cura, o instante em que morria voluntariamente para o velho "eu" e me identificava com Cristo em Seu sofrimento. Quando finalmente chegou a manhã de domingo e rompi o lacre de bandaid da porta, meu verdadeiro eu, o eu em união com o Cristo ressurreto ocupava com maior firmeza do que nunca o centro da minha alma.

Na semana seguinte, atingi uma nova e poderosa compreensão do significado de Cristo vivendo em mim. Ela tem mudado minha vida. E nunca mais precisei enfrentar um fim de semana de tanta agonia como aquele.

Cristo em nós 5

A Esperança da Glória

"Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles esteja." (Jesus falando ao Pai a respeito de você e de mim.)
(João 17.26)

A Realidade da Encarnação

O poder da verdade grandiosa "*Cristo em vós, a esperança da glória*" (Colossenses 1.27), converteu-se em realidade tangível para mim, meses depois que recebi a plenitude do Espírito Santo e minha vida foi transformada. À época, já me habituara a iniciar todos os dias voltando os olhos para Deus, lendo as Escrituras e orando.

Depois de ler *The Practice of the Presence of God* (O Exercício da Presença de Deus) do irmão Lawrence e relatos da caminhada espiritual de Frank C. Laubach, resolvi experimentar algumas das práticas que eles adotavam. Sempre que possível, trazia à minha mente o nome santo de Jesus. A princípio, decidi invocar-Lhe o nome ao menos uma vez a cada hora do dia. Aos poucos aumentei para uma vez a cada meia hora, depois para cada quinze minutos, até invocá-Lo a todo minuto. Claro que fracassei feio no início, permitindo até que se passassem horas sem, nem sequer, pensar no assunto. Mas então recomeçava, tomando o cuidado de não imputar a mim mesmo nenhuma culpa falsa por ter falhado, depois de algum tempo, descobri que, se esquecesse de me exercitar na presença de Deus, o Espírito que em mim habitava me lembraria de fazê-lo. Várias manhãs acordei e ouvi o Espírito invocando o nome de Jesus dentro de mim. Logo observei que sempre que devaneava, meus pensamentos seguiam em direção a Ele.

À medida que foi-se cumprindo meu firme propósito de exercitar-me na presença de Deus, voltando os olhos para cima e para fora de mim mesmo, trazendo à mente o nome de Jesus sempre que possível, comecei a perceber a beleza do mundo a minha volta - em meus alunos, no meu gato, na paisagem do Sudeste de Ohio.

Uma tarde de primavera, eu e todo o corpo da universidade em que vinha lecionando reunimo-nos na sala do diretor do Departamento de Teatro. Acomodados em torno de uma grande mesa de reunião, ocupei um lugar bem de frente para uma grande janela cujas cortinas tinham sido afastadas ao máximo. A neve do inverno derretera e brotos verdes pontilhavam cada galho de árvore.

A reunião mal começara e meus pensamentos já divagavam. Agradei a Jesus pela beleza de Sua criação e pelas árvores em flor do lado de fora da janela.

Notando meu alheamento da reunião, o diretor perguntou-me:

- Mário, está conseguindo nos acompanhar?

- Desculpe - respondi.

A partir daquele momento, procurei fixar a atenção no que estava sendo dito e nem olhar para a janela. Pouco depois, no entanto, entediado outra vez, olhei para minhas mãos. Belisquei delicadamente a pele sobre um dos nós dos dedos da mão esquerda. Erguendo uma pequena porção de pele entre os dedos, pensei "Deus está me mostrando Sua beleza e realidade através da cena de primavera do outro lado da janela; mas como é muito mais belo e real o Espírito do Senhor que mora neste pedacinho de pele".

De repente, o significado de Cristo estar em mim invadiu-me o ser como ondas de água viva. Naquele momento compreendi que se o Espírito de Deus habitava naquele pedacinho de pele, então, Sua presença também permeava cada célula e fibra do meu corpo, quer eu quisesse, quer não. As palavras de I Coríntios 6.19-20 entraram em minhas veias como sangue restaurador: *"Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo."*

Ao mesmo tempo que essa verdade tomava conta da minha mente, olhei para meu dedo mindinho e concluí que se todo o Espírito de Deus habitando em mim fosse suficiente apenas para preencher a ponta daquele dedo, eu já teria poder divino suficiente para ser curado. Daquele momento em diante, a porção mais profunda do meu coração tomou consciência de que eu seria completamente curado da homossexualidade. E foi o que acabou acontecendo. A mais plena alegria emergiu de dentro de mim. Eu devia estar brilhando em maviosa reverência.

Sem que me apercebesse, o diretor vinha observando-me furtivamente esse tempo todo. Eu ainda olhava maravilhado para meu mindinho, pensando na realidade do poder de Deus que em mim morava, quando ele perguntou, em um tom de voz muito peculiar:

- Mário, quer fazer o favor de me dizer o que está acontecendo?

Embaraçado por ter me distraído de novo, respondi:

- Ó, o senhor não entenderia, se lhe dissesse.

- Experimente - ele retrucou, sarcástico.

Desconhecendo outras palavras para descrever a descoberta de uma verdade tão antiga, todo empolgado, compartilhei com ele e com o restante do corpo docente uma expressão que aprendera com Leanne Payne:

- Acabo de me deparar com a Realidade da Encarnação!

O rosto do diretor perdeu a expressão e ele ficou estático, só me olhando, por vários segundos. Afinal, piscou os olhos algumas vezes, desviou-os sem me dirigir palavra e prosseguiu a reunião.

Daquele dia em diante, relacionei-me com meu corpo de um modo inteiramente diverso. Pois não se tratava de um mero corpo, mas sim do templo do Espírito Santo. Sempre que experimentava um desejo carnal pecaminoso, recusava-me a submeter meu corpo a tratamento tão indigno. Em vez disso, exercitava-me na presença do Espírito Santo habitando em mim e me concentrava em Jesus, até que a vontade de pecar e a tentação fossem embora. Não estou fazendo sensacionalismo de um assunto banal, nem fundando uma teologia esotérica. Mas apenas constatando uma realidade concreta, prática e usual, disponível para todo crente.

União com Cristo

A primeira vez que me entreguei a Jesus, na adolescência, ninguém me ensinou sobre a união com Cristo através do Espírito Santo habitando no crente. Só dez anos depois, tendo frequentado a classe de educação cristã para adultos de Leanne Payne e, mais tarde ainda, recebido o poderoso enchimento do Espírito Santo na igreja de Ohio, deparei-me com a realidade de "um outro que vive em mim". Essa realidade representa uma verdade fundamental para a cura das pessoas.

Em cada cristão existe um lugar interior saudável, onde ele mantém sua união com Cristo. A respeito daquele que O ama, Jesus disse: *"E meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada"* (João 14.23b). Nesse lugar interior, podemos ousar dar ouvidos ao nosso coração e a tudo que existe dentro dele. O cristão que, após a conversão, descobre que em seu coração só tem lixo (como era o meu caso), está pronto para estabelecer ordem em sua confusão interior, tão logo sintá-se seguro da existência desse lugar interior saudável, onde Jesus e o Pai vieram fazer morada.

Das oitenta vezes que a palavra união aparece na versão em inglês do Novo Testamento na Linguagem de Hoje, setenta e nove se referem à união do crente com Cristo. Um meu professor do seminário lembra sempre os alunos: "O tema 'estar em Cristo' é de tal forma preponderante nos escritos de Paulo que pode ser encontrado praticamente em cada página de suas epístolas."

Essa união mística entre o crente e Deus é a realidade que nos capacita a sermos transformados de dentro para fora. Não deve ser confundida com monismo, para o qual Deus está em todas as coisas, nem com conceitos da Nova Era (gnósticos) que afirmam que o homem é, ou se torna Deus. Como disse o teólogo ortodoxo Kallistos Ware:

"Embora 'feito um' com o divino, o homem permanece homem; ele não é engolido ou aniquilado..."

Essa união com Cristo traz poder também à vida de oração do crente. Como escreve o teólogo evangélico dr. Donald Bloesch:

"Outra forma pela qual Cristo possibilita uma genuína vida de oração está no fato de Ele morar dentro dos corações dos crentes. Ele não só intercede por nós no céu, como também, por intermédio de Seu Espírito, faz morada nos mais profundos recessos do nosso ser. Portanto, podemos invocá-lo com certeza e confiadamente, pois Ele se encontra infinitamente perto. Paulo lembra a seus ouvintes: *'Não reconhecéis que Jesus Cristo está em vós?'* (2 Coríntios 13-5). Cheio de confiança, ele proclamava: *'Cristo em vós, a esperança da glória'* (Colossenses 1.27). Dentro do ser de cada cristão existe uma luz interna, uma voz interior, que nos impele para a oração. E essa presença interior é um refúgio permanente em tempos de provas e tribulação."

Foi a realidade de Cristo dentro do crente que capacitou os cristãos primitivos a sofrerem o martírio com tanta alegria. No ano 202 d.C., Septímio Severo, imperador romano, emitiu um decreto proibindo a propagação do cristianismo. Era dirigido particularmente aos novos convertidos e seus mestres. Uma nova convertida, Felicitas, estava grávida quando a prenderam. Encarcerada por vários meses, nesse período deu à luz uma menina. Ouvindo seus gemidos na hora do parto, suas carcereiras lhe perguntaram como faria para enfrentar as feras na arena. Ao que ela respondeu:

"—Agora os sofrimentos são apenas meus. Mas quando estiver diante das feras, haverá *um outro que viverá em mim e sofrerá por mim*, já que me cabe sofrer por Ele" (itálicos meus).

Essa realidade de "um outro vivendo em mim" foi a chave para minha cura da homossexualidade, e é a chave para a cura de todas as pessoas. Pois não importava quão terrível fosse a lembrança que me viesse à mente, não importava quão vil fosse o pecado revelado de dentro do meu coração, não importava quão insignificantes ou ridículos fossem os pensamentos que me assaltassem, não importava a intensidade da dor que me abalava a alma, eu agora sabia que Jesus estava vivendo dentro de mim. Por haver "um outro vivendo em mim", eu tinha coragem para enfrentar as feras na arena do meu coração. O lugar saudável onde Jesus morava, dentro de mim, era meu verdadeiro centro.

O Amadurecimento

As Escrituras nos convidam a adotarmos o processo vitalício do amadurecimento em Cristo. Em Efésios 4.13, *"até que chegemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo"*, a palavra grega traduzida como varonilidade, teleios, também pode se referir a alguém que "que atingiu completo desenvolvimento" ou "adulto". Não alcançamos a plena maturidade na conversão, nem o faremos enquanto estivermos deste lado do céu. Antes, em nossa jornada pela terra, continuaremos crescendo até atingirmos a plenitude de Cristo. Esse crescimento também poderia ser chamado de identificação com Cristo ou santificação.

Santificação designa o processo de tornar-se santo com o objetivo máximo de ser como Jesus. Para o crente, toda transformação envolve uma encarnação - uma Vida vertida do alto sobre nós. Essa vida é Jesus. Por esse motivo todos os cristãos, e não apenas Paulo, pode proclamar com alegria: *"Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim"* (Gálatas 2.20a).

O processo de identificação com Cristo permite ao crente descobrir sua verdadeira identidade. O produto final dessa identificação é uma identidade - aquilo que a Nova Bíblia Inglesa, no trecho de Mateus 16.24-25, quando Jesus diz *"aquele que perder a sua vida por minha causa, achá-la-á"*, traduz "encontrará seu verdadeiro eu". Embora o cristão aparentemente se perca, a julgar pelos padrões do mundo, na realidade, ele encontra seu verdadeiro eu seguindo a Jesus, por paradoxal que possa parecer.

O verdadeiro eu é o resultado de uma nova ordem criada, na qual os seres humanos se convertem em filhos de Deus à semelhança do Filho de Deus, *"o primogênito entre muitos irmãos"* (Romanos 8.29). A jornada da vida tem por objetivo a identificação com Cristo. Até que enfim, na glória, deveremos ser como Ele, livres do pecado e completamente puros.

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque havemos de vê-Lo como Ele é. E a si mesmo se purifica todo o que n'Ele tem esta esperança, assim como Ele (Jesus) é puro (1 João 3-2,3).

Assim como o verdadeiro eu (ou a nova criação) é aquilo que está em união com Cristo, o falso eu (ou o velho homem) é aquilo que está em união com Adão. -Todavia, nossa união com Adão só é mencionada uma vez no Novo Testamento (1 Coríntios 15.22). Esse o motivo porque o cristão dá ênfase à existência do verdadeiro eu em união com Cristo, enquanto morre todos os dias para o falso eu, em união com Adão. Nossa identidade essencial é a de santo, não de pecador.

Capacitação para a Obediência

Como Emanuel, Cristo é Deus conosco. Como uma presença que habita dentro do homem, o Espírito Santo é Deus em nós. Pelo fato de Deus estar presente tanto "com", quanto "em" nós, dizemos que Ele é imanente, um aspecto fundamental do que significa ser um Deus pessoal. No entanto, Deus só pode ser imanente por ser também transcendente. Ele se faz sempre presente porque é "completamente outro" -ao contrário de qualquer coisa criada. Mais ainda, Ele é Senhor tanto do Céu quanto da terra. Como Senhor sobre todas as coisas, o Pai celestial é aquela fonte objetiva que nos explica quem realmente somos. E já que o Espírito Santo habita em nós, a Palavra de Deus tem um lugar em nossa alma a partir do qual frutifica.

Amadurecemos à medida que obedecemos a Deus. Desviando os olhos do próprio eu e voltando-os para o exterior, para o Céu, recebemos de Deus aquela palavra objetiva, à qual devemos obedecer, se quisermos amadurecer. O verdadeiro "Eu" vem à tona quando fixamos os olhos em Deus, o verdadeiro "Tu". Desse modo, nosso eu é refletido sobre nós.

Martin Buber, filósofo judeu nascido em Viena em 1878, articulou a teoria dialogal, ou seja, do relacionamento "Eu-Tu", estabelecendo-a como algo fundamental para o crescimento humano. Ele diferencia a relação "Eu-Tu", de pessoa para pessoa, da relação "Eu-Coisa", de pessoa para objeto. De acordo com Buber, só pode haver um "Eu" se houver um "Tu" me dizendo que existe um "Eu". "Existo graças a minha relação com o Tu; à medida que me transformo Eu, é a minha vez de dizer Tu. A vida real nada mais é que relacionar-se."

Jesus, aquele que nos conduz ao Pai, é a pessoa por intermédio de quem o relacionamento "Eu-Tu", entre a humanidade e Deus, é restabelecido. Em Cristo somos *"feitos filhos de Deus; a saber: os que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus"* (João 1.12b, 13).

É impossível descobrir o verdadeiro eu olhando para dentro. Pelo contrário, ele nasce da relação com Deus e com os outros. Por definição, o verdadeiro eu se volta para o exterior, no sentido oposto da preocupação consigo próprio. Afastando o olhar do eu, conseguimos participar das belas realidades que existem fora de nós. Tais realidades - como a simplicidade de uma flor, a inocência de uma criança ou, como madre Teresa descobriu, a dignidade inerente a cada ser humano - vai nos dando a forma das pessoas que Deus nos criou para que sejamos.

As Escrituras ensinam que, pela fé nas promessas de Deus, todo cristão se torna participante da natureza divina.

Visto como pelo Seu divino poder nos têm sido doadas todas as cousas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo d'Aquele que nos chamou para a Sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as Suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo (2 Pedro 1.3, 4).

A Igreja Ortodoxa Grega adota uma teologia bem engendrada concernente ao que significa tornar-se co-participante da natureza divina. Trata-se de um privilégio que depende da redenção e nasce da união do crente com Cristo. Os ortodoxos gregos dão ênfase à encarnação de Cristo como a realidade poderosa que permite ao crente participar da natureza de Deus. Irineu, um dos pais da Igreja, via a encarnação, não apenas como Deus descendo até o homem, mas também como algo que "elevava o homem a Deus." Em Cristo Jesus, Deus se tornou homem e participou de nossa natureza; crendo n'Ele, é-nos dada a graça de participarmos da Sua natureza.

Isso implica que, por intermédio de nossa união com Cristo, passamos a ser como Ele foi - isto é, uma pessoa santa, madura - e não que nos transformamos em Deus. Nas palavras de Irineu em *Against Heresies* (Contra as Heresias), "(Jesus) nos redimiu da apostasia através de Seu sangue também para que pudéssemos sermos feitos um povo santo." Atanásio coloca da seguinte maneira: "Ele santificou o corpo estando dentro dele." Participar da natureza divina não dá a entender que não tenhamos pecado. A mesma tradição cristã que nos legou essa teologia deixou-nos a oração "Senhor Jesus, Filho do Deus vivo, tem misericórdia de mim, pecador".

Ser participante da natureza divina é o aspecto da santificação necessário à capacitação do crente para obedecer a Deus. *"Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada"* (João 14.23). Estar em Cristo e participar de Sua natureza é ter poder divino para obedecer. Qualquer coisa menor é simples esforço humano. A obediência está no cerne de se tornar maduro em Cristo. Obedecemos porque temos Sua natureza dentro de nós. A esse respeito, Oswald Chambers escreve:

"Não existe a menor possibilidade de levantar questionamentos quando Deus falar se Ele estiver se dirigindo a Sua própria natureza dentro de mim; obedecer de pronto é a única consequência. Quando Jesus diz 'Vem', *eu simplesmente vou*; quando Ele diz 'Solte', *eu solto*; quando Ele diz 'Confie em Deus neste assunto', *confio mesmo*. Toda essa operação constitui prova de que a natureza de *Deus está em mim*" (Itálicos meus.)

A natureza de Deus em mim redime minha natureza interior. Sou justo porque Sua natureza justa habita em mim, na figura do Espírito Santo, não apenas porque conheço uma verdade teológica acerca de Sua justiça em mim.

Do ponto de vista de Sua natureza em mim, estou capacitado, por meu interior, a escolher e desejar o que é bom. Graças à obra de redenção de Jesus, minha atração pelo mal pode ser convertida em zelo pelo bem. "(Jesus) *a si mesmo se deu por nós, afim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras*" (Tito 2.14). A tentação do crente não deveria nos fazer lembrar meramente que o "falso eu" continua existindo dentro de nós. Em vez disso, ela pode ser uma chance para praticarmos a verdade de que há um Outro vivendo dentro de nós, capacitando-nos para escolhermos as boas obras e para lutarmos contra o mal no mundo, contra a carne e contra os demônios.

"Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora na minha ausência, desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade." (Filipenses 2.12, 13, destaques meus).

A obra de Deus em mim deu-me coragem para suportar os primeiros meses em que estava sendo curado da neurose homossexual. A presença de Cristo em mim não é um sentimento que eu precise evocar; pelo contrário, trata-se de uma realidade que transcende a natureza dos meus sentimentos. Por isso, ao mesmo tempo que desejos homossexuais devastavam-me o corpo, eu podia clamar por Jesus nos momentos em que não o sentia próximo a mim. Sem culpa ou vergonha, aguardava Sua presença até que os desejos passassem. Com o tempo, os desejos homossexuais que um dia eu buscara satisfazer com tanta afeição, foram transformados em tentações para fazer algo que eu não queria mais. Havia um Outro vivendo em mim. Sua justiça, Cristo em mim, submetia-me a uma transformação de dentro para fora.

Hoje, quando tentado a pecar, imediatamente volto meus olhos para cima e para fora de mim mesmo, clamando pelo nome de Jesus. Em seguida reconheço que, embora continue um pecador, minha identidade básica é a união do meu verdadeiro eu a Cristo. Do centro desse eu, onde participo da natureza de Deus, exercito o poder de

obedecê-Lo, disponível para mim. Continuo me exercitando na presença de Deus, comigo e dentro de mim, até que a tentação vá embora. Agindo assim, aprendi que o tempo de duração das tentações é limitado. Quanto mais persevero em Sua presença, menos tempo elas perduram. Nunca neguei-lhes a presença em meu corpo. Apenas aprendi a reconhecer uma realidade superior: existe um Outro que vive dentro de mim e Ele me ajudará a atravessar os problemas.

Todos nós precisamos exercer esforço moral a fim de obedecer a Deus. Contudo, nossos esforços humanos são ampliados grandemente pelo poder de Deus quando participamos de Sua natureza, tomamos nossa cruz e seguimos o Senhor todos os dias.

Minha Vida de Oração

No curso de educação cristã para adultos, Leanne Payne sugeriu a seus alunos que mantivessem um diário de "oração passiva". Seguindo seu conselho, eu anotava no meu diário que trecho das Escrituras lera pela manhã e copiava os versículos que falavam ao meu coração de modo mais particular. Costumava transformá-los em orações ao Senhor. Depois disso, ficava aguardando em Sua presença, propositadamente, pela palavra que Ele me devolvia. Enquanto esperava, geralmente criava uma imagem mental em que meu coração se inclinava para o coração de Cristo. Por mais de um mês O ouvi dizer a mesma coisa:

- Eu te amo, Mário.

E, durante todo aquele mês, registrei diária e fielmente essas quatro palavras que Deus me falava. Transcorrido esse período, porém, cansei-me de ouvir sempre a mesma coisa: "Eu te amo, Mário, eu te amo, Mário, eu te amo, Mário...". Perguntei então ao Senhor:

- Tenho ouvido essas mesmas palavras há mais de um mês. O Senhor não poderia, por favor, mandar-me algo diferente?

- Você não crê em Mim - foi a resposta que ouvi.

Sendo assim, tomei aquelas quatro palavrinhas e as retive em meu coração, perante o Senhor, até que calassem fundo dentro de mim.

Henri Nouwen escreve:

"A oração acontece onde o coração fala ao coração; no local onde o coração de Deus se une ao coração de quem ora. Portanto, conhecer a Deus passa a ser amar a Deus, assim como ser conhecido de Deus é ser amado por Deus."

Conhecendo a Deus e sendo conhecidos de Deus, encontramos nosso coração e somos libertos para aprofundar nossa identidade com Cristo, tendo em vista que o coração ainda enfermo pode ser nosso próprio e pior inimigo. Deus, pouco a pouco, nos vai revelando seu conteúdo, de tal forma que possamos continuar a amadurecermos n'Ele.

*"E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, **perante ele, tranquilizaremos o nosso coração**; pois, se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração, e conhece todas as cousas"* (1 João 3-19,20 destaques meus).

Pelo fato de Deus ter assegurado Seu amor por mim, logo no início da minha vida de oração, confiei n'Ele para mostrar tudo que meu coração continha realmente. Sentia-me seguro sendo conhecido de Deus porque tinha certeza do Seu amor. Isso me libertou para ser sincero, humilde e vulnerável, apesar do sofrimento, perante Ele.

Se assumirmos uma posição vulnerável diante de Deus em oração, encontraremos toda a confusão e pecado que nos acompanhou até a vida cristã. Ali, na presença de Deus podemos sem medo algum permitir-Lhe ver aquelas coisas que, antes da conversão, não ousávamos trazer à luz. Depois de oferecer tais porções do nosso

velho eu para que Deus as examine, aguardamos em Sua presença enquanto Ele nos transforma, cura ou equipa para destruir os vestígios do velho eu carnal.

Os psicólogos cognitivos são rápidos em salientar que padrões de pensamento baseados em erros ditam grande parte dos comportamentos e sentimentos que regulam nossas vidas. Eles sabem que a introdução de novos pensamentos positivos em uma mente abarrotada de atitudes doentias é a chave para a cura. A oração profética bíblica ou a oração passiva, que na verdade vai muito além do pensamento positivo, é a chave para a renovação da mente:

"E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12.2).

Aguardando diante de Deus em oração passiva, conscientizamo-nos de todos os pensamentos irracionais, vulgares e pecaminosos que nos moldam negativamente. Podemos exteriorizar esses pensamentos negativos anotando-os no diário e então pedindo a Deus que os substitua com a palavra da verdade, positiva e poderosa para criar coisas novas, das Sagradas Escrituras, ou por uma palavra profética.

Em oração enfrentei as atitudes negativas que tinha para com os outros, bem como, as críticas e os julgamentos que lhes devotava, ainda que não o soubessem. Tais pensamentos me impediam de estabelecer relacionamentos íntimos com aqueles contra quem era mais crítico - principalmente os irmãos na fé. Por fim, anotei o modo como julgava as pessoas em meu diário de oração e pedi perdão a Deus. Pedi ainda que Ele abrisse meus olhos para que eu enxergasse as qualidades daquelas pessoas. Com o auxílio de Deus, substituí meus antigos julgamentos por declarações positivas, condizentes com a realidade. Também as novas e fidedignas declarações foram anotadas em meu diário, junto às anteriores. Isso me libertou para amar as pessoas mais plenamente.

A Responsabilidade e a Vontade

Somos criaturas dialogais; amadurecemos à medida que nos dirigem a palavra e respondemos. Nós que queremos a cura devemos nos colocar todos os dias em posição responsiva, aguardando, cheios de expectativa, diante de Deus, por aquela palavra que haverá de nos curar. Quando a recebemos, por intermédio das Escrituras, ou de outro crente, da adoração, de um bom sermão, ou de uma palavra profética que ouvimos de Deus em oração, passamos a ter a responsabilidade de agirmos com base nessa palavra. A responsabilidade está no cerne do amadurecimento em Cristo Jesus. O cristão... sustenta que o homem encontra sua essência e liberdade na Palavra de criação e graça, proferida por Deus. Neste ato divino, inimaginável sem uma resposta do homem, isto é, um gesto de responsabilidade, o homem encontra o seu ser. Ele é homem, graças a sua relação com Deus. Fora disso, é uma caricatura de homem, como dizemos em alemão, um "não-homem." ...O homem é humano para e desde que viva no amor de Deus, portanto, no amor para com seu irmão.

Antes da redenção, vivemos um monólogo. Alienados de Deus, nossa posição é a de quem caiu do esplendor divino e está aprisionado em uma espiral descendente, que nos leva a nos nos transformar em um "não-homem". No diálogo com nosso Criador, respondemos ao grandioso ato inicial de Deus, qual seja, a redenção através da cruz de Cristo. Quando fazemos escolhas, diariamente, perante o Senhor, colaboramos mais com nossa própria cura. Porém a resposta que damos à cruz também sela nosso destino - céu ou inferno.

Para que nossas escolhas diante de Deus sejam responsáveis, nossa vontade de escolher deve estar intacta. Exercer vontade, quando ela está ferida, é como tentar soltar os pés de dentro de um tonel de cimento. Empregamos toda força e energia na tentativa vã de nos libertarmos. Quando a vontade está ferida e a alma exausta de tanto lutar contra o cimento, a pessoa adota uma atitude passiva.

Depois de um período bastante longo de passividade, clamei a Deus, perguntando por que o exercício da minha vontade exigia um esforço tão gigantesco. Até que me lembrei de algo que, como já mencionei anteriormente, um dos antigos empregados de meu pai dizia:

- Mário, seu pai é o único homem que conheço capaz de castrar alguém só com o olhar.

De fato, eu sempre enxergava ódio, zombaria e repugnância quando meu pai olhava para mim. Também me sentia castrado por seu jeito de olhar. Junto da masculinidade, minha vontade fora seriamente ferida por ele.

Ao me aperceber disso, pedi oração a Ted e Lucy Smith, também eles membros da equipe de Pastoral Care Ministries. Ted pediu a Deus que curasse todas as áreas da minha masculinidade em que eu fora castrado por meu pai. Por sua vez, Lucy teve uma visão no Espírito da minha vontade. Eu a vejo como um fio muito tênue, prestes a se romper. Vamos pedir ao Senhor que cure sua vontade, Mário. - Enquanto orávamos, Lucy teve outra visão. - Agora Jesus a está envolvendo com a Sua vontade. E a vontade d'Ele tem o aspecto de uma corda grossa e dourada, dando voltas naquele fiozinho tênue.

Poucas semanas depois, conheci um novo senso de responsabilidade pela minha cura, o qual mudou minha vida. Continuava necessitado de muito mais curas sobre as feridas passadas. Eu as tinha em quantidade suficiente para gemer e choramingar pelos próximos vinte anos. No entanto, uma nova dimensão de vida se abriu a minha frente - o futuro desvencilhado do passado. Agora eu olhava para diante, para uma vida normal, livre das referências diárias ao passado doloroso. Por esse motivo, decidi não mais mencionar esse passado a não ser no contexto da oração, de um ensinamento, ou ministrando para outras pessoas.

Há quem diga que passei de vítima a sobrevivente. Mas até o termo sobrevivente adquirira uma conotação negativa para mim, visto que nasce de um acontecimento passado. Em vez disso, via a mim mesmo como a nova criatura em Cristo que as Escrituras dizem que sou (2 Coríntios 5.17). Queria trabalhar para o Reino de Deus, acima de tudo, livre do passado. Lucas 9-62 fazia sentido para mim pela primeira vez: *"Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus."*

Depois que os Smith oraram comigo, a debilitante passividade desapareceu. Desde então, tenho feito muitas orações de "cura da vontade" por pessoas precisando se libertar da passividade, e também assumir responsabilidade pela própria vida diante de Deus. A oração que segue é um bom exemplo do que estou dizendo:

"Vem, Espírito Santo. Senhor Jesus, capacita-me neste exato momento a segurar a mão que Tu me estendes. Ao erguer minhas mãos para o céu e desviar os olhos para fora de mim mesmo, clamo como S. Paulo: 'Quando sou fraco, então é que sou forte. 'Agora, Senhor, venha sobre minha vontade e lhe cure as feridas. Revela-me as pessoas do passado que fizeram com que se esgotasse minha força de vontade, que aferiram, ou até mesmo a desestruturaram. (Deixe o Espírito Santo falar ao seu coração o nome dessas pessoas.) Agora, Senhor, me dê a graça de optar por perdoá-las por terem pecado contra mim. (Cite o nome de cada pessoa) Eu te perdoo em nome de Jesus por teu pecado contra mim. Eu te perdoo por ferir-me em minha vontade. Nunca mais serei moldado por teu pecado contra mim. Agora me volto para Deus, a fim de

que Ele restaure minha vontade. Permita que Teu divino poder, ó Senhor, envolva minha vontade tão frágil, cansada; faça com que cresça e se fortaleça. Permita que ela e a Tua vontade sejam uma só, querido Pai celestial. Eu Te agradeço por fazê-lo neste exato momento. Te agradeço por me capacitar a Te obedecer. Te agradeço, Senhor, porque deste dia em diante, assumirei a responsabilidade pela minha vida perante Ti. Amém".

A Oração Profética Bíblica

Conquanto a Bíblia seja a Palavra de Deus para todo mundo e aplicável a todo coração humano, Deus profere, por intermédio do Espírito Santo, palavras proféticas ao crente em oração, individualmente - palavras aplicáveis apenas àquele indivíduo. O crente da Nova Aliança desfruta de condições muito melhores para receber uma palavra profética de Deus que o do Antigo Testamento. Naquela época, só aos profetas e líderes da nação de Israel era dado o Espírito Santo. No Novo Testamento, todos os crentes podem recebê-Lo.

A grande profecia do livro de Joel diz respeito ao Dia do Senhor:

"E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias" (Joel 2.28, 29).

Em Atos, capítulo 2, Pedro anuncia que Joel 2.28, 29 fora cumprido no derramar do Espírito Santo, no dia de Pentecostes. Naquele momento, o Espírito veio habitar em todo o povo de Deus. Antes do Pentecostes, o Espírito Santo repousava apenas em uns poucos servos de Deus. Essa é a mudança fundamental no papel do Espírito, do Antigo para o Novo Testamento.

No Antigo Testamento, profeta era aquele que ouvia do Senhor, em consequência de o Espírito de Deus estar repousando sobre ele. O Espírito de Deus e o poder de falar estavam inseparavelmente ligados. Tanto no Antigo, quanto o Novo Testamento, profetizar nada mais é que ouvir corretamente a voz de Deus na presença do Seu Espírito. Portanto, quando Paulo, em I Coríntios 14.1 e 14.39, encoraja os crentes de Corinto a procurarem com zelo o dom de profetizar, na verdade os está exortando a que sejam atuantes no dom de ouvir corretamente a voz de Deus. No Novo Testamento, esse dom é para todos os crentes, já que todos participam do Espírito de Deus. A oração profética pode ser resumida a segurar a mão que Deus nos estende. Donald Bloesch escreve:

"Concordo com profetas e Reformadores em que a essência da oração não é uma elevação mística da mente até Deus, mas a descida do Espírito em nossos corações (cf. Is. 4.8; 64.1; Sl. 42.8; 144.5-7; Ez. 2.1,2; Zc. 1.10). Não é subir a escada mística até o céu, mas segurar a mão estendida de Deus (cf. Is. 6.7)."

Por intermédio das alianças com Seu povo, da Bíblia e do Espírito Santo, Deus estende Sua mão e entabula uma conversa conosco. Nosso trabalho é segurar Sua mão, responder-Lhe e então, na maior expectativa, aguardar Sua resposta. Podemos alimentar nossa expectativa, pois acreditamos que nosso Deus é um Pai que ouve. O salmista coloca do seguinte modo: "De manhã, Senhor, ouves a minha voz; de manhã te apresento a minha oração e fico esperando" (Salmo 5.3).

Bernhard W. Anderson, escrevendo sobre a espera ativa diante de Deus, diz:

"Em tais contextos, o verbo 'esperar' expressa um grande esforço que aponta para um objetivo futuro, uma intensa expectativa daquilo que está por vir. Ter esperança significa anelar com todo o nosso ser, pela manhã, que a palavra recriadora

do perdão será pronunciada (Sl. 13.5-6); é esperar ansiosamente que Javeh, o Rei, venha com poder salvador."

A oração é a maneira pela qual temos nosso encontro diário com Deus. Como disse Martin Buber, "A vida nada mais é que relacionar-se". Amadurecemos através da espera ativa por aquela "palavra recriadora" de Deus, que nos confirma como novas criaturas em Cristo. A respeito de se receber essa palavra de Deus, Emil Brunner declara:

"Se for verdade que o homem tem sua essência na responsabilidade, isto é, no fato de Deus lhe dirigir a palavra, ou se, como se costumava dizer antigamente, o homem for criado à imagem de Deus, então é evidente que o homem só 'poder ser ele mesmo ao receber a Palavra divina."

Em nossas conversas com Ele, Deus nos falará sobre os pecados, tanto nossos, quanto dos outros, que nos amarram e impedem que aprofundemos a identificação com Cristo. A partir do momento que eles são revelados, passamos a gozar de liberdade para receber o remédio de Deus que nos desliga desses pecados. Optamos por nos arrepender e pedir perdão por nós mesmos, ou reconhecemos os pecados dos outros contra nós e optamos por perdoá-los diante de Deus. Quanto mais somos desligados dos pecados próprios e alheios, mais nosso verdadeiro eu se torna aparente.

Toda palavra de Deus pede por uma resposta da nossa parte. Você já notou quantas declarações Jesus faz nos Evangelhos que começam por "se"? São condicionantes. Em Mateus 19.17 Ele diz: "*Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.*" Em Marcos 9.35: "*Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.*" Em João 13.17, falando das atitudes que convêm a um servo, Jesus diz a Seus discípulos: "*Bem-aventurados sois se as praticardes.*" Trata-se de promessas que nos convidam a dialogar com Deus. Seu cumprimento depende de optarmos ou não, por satisfazer as condições. Oswald Chambers descreve assim este princípio do discipulado:

"Deus nos conduz a um padrão de vida por Sua graça, e somos responsáveis por reproduzir esse padrão em outras pessoas... Sempre que nosso Senhor falava de discipulado, Ele introduzia o assunto com um 'Se', nunca com uma afirmação enfática: 'Vocês devem.' Discipulado envolve opção.

A oração, além de ser nosso encontro diário com Deus, é também o encontro diário com nós mesmos. Em Sua presença, conseguimos ver com Seus olhos, objetivamente, tudo que existe em nossos corações. Devemos estar dispostos a morrer para o pecado e para todas as tolices que residem dentro de nós, se pretendemos nos converter em tudo para o que Deus nos criou. Por fim, é na oração que recebemos de Deus aquelas palavras de confirmação que nos edificam e encorajam a crescermos mais na imagem de Cristo.

Amor pelo mesmo sexo

6

Jônatas e Davi fizeram aliança; porque Jônatas o amava como à sua própria alma. Despojou-se Jônatas da capa que vestia e deu a Davi, como também a armadura, inclusive a espada, o arco e o cinto. (1 Samuel 18.3 e 4)

Amar Certo Versus Amar Errado

Pouco depois de assumir minha condição de homossexual, mudei-me para a cidade de Nova Iorque para fazer um curso de teatro. Morava em um bairro chamado EastVillage. Pintadas em rosa choque, pichações nas calçadas advertiam: "Clones, Caiam Fora!" Passeando pela rua com um amigo gay, perguntei-lhe:

- Quem são os clones?

- São os gays do West Village. Aqueles que se vestem todos iguais, têm todos a mesma cara.

De fato, eles eram muito parecidos entre si. Um Clone típico usava o cabelo muito curto, bigode e tinha um corpo "malhado". Estavam sempre de óculos de lentes espelhadas, camiseta branca simples ou regata, calças jeans Levis bem apertadas, de botão e sapatos estranhos, pesados. No inverno, a maioria vestia jaquetas de couro ao estilo dos aviadores da Segunda Guerra.

A tendência era de que os clones só namorassem entre si. Certa vez uma amiga lésbica, bastante desbocada, passando pela praça Sheridan, West Village, virou-se para um clone que estava acompanhado do namorado e perguntou, sarcástica:

- Como é fazer sexo com você mesmo?

Essa pergunta permaneceu gravada em minha mente durante anos. O modo de vestir e o tipo físico dos clones eram símbolos exagerados do homem. A imagem hipermasculina que projetavam espelhava a visão idealizada e erotizada que tinham do próprio sexo. A imagem exterior de homem servia como defesa psicológica contra a deficiência interna de masculinidade. Em lugar do verdadeiro amor masculino, atingível somente por meios não eróticos, tentavam encontrar o masculino através de uma imagem exterior de masculinidade em si mesmos, bem como nos parceiros do mesmo sexo.

O amor entre homossexuais contrasta totalmente com o amor entre homens heterossexuais saudáveis. Na Bíblia, Jônatas e Davi fornecem um exemplo da maior relevância dessa expressão de amor que caracteriza a relação saudável entre homens heterossexuais. O amor de Jônatas por Davi derivava do amor de Jônatas por si próprio. Esse auto-amor bíblico não deve ser confundido com o amor narcisista, centrado no próprio eu. Antes, o auto-amor bíblico seria equivalente à auto-aceitação. Por Jônatas se amar e aceitar corretamente, podia amar e aceitar corretamente o outro, como a si mesmo.

A doação caracterizava o amor entre Jônatas e Davi. Debaxo da liderança do Senhor, Jônatas abriu mão com liberalidade de seu direito de suceder ao pai como rei de Israel. Por amor, Jônatas doou seu direito ao trono a Davi. Estudiosos acreditam que ao entregar sua capa a Davi, ele reconheceu "que Davi devia assumir seu lugar como sucessor de Saul".

O amor entre homossexuais costuma ser caracterizado pelo receber. O homossexual não ama alguém do próprio sexo para se doar. Pelo contrário, ele o ama com o intuito de tomar para si mesmo. Tampouco ama o parceiro do mesmo sexo como a si mesmo. Ama-o em vez de a si mesmo.

Ambivalência do Mesmo Sexo

A coexistência ambivalente do amor e do ódio é um elemento central da neurose homossexual. Em psicologia, a palavra ambivalência se refere à existência de atitudes ou emoções contraditórias, como amor e ódio, por exemplo, em um mesmo indivíduo. Ou às atitudes emocionais para com os outros que se alternam ou mudam rapidamente.

Na homossexualidade, tanto homens quanto mulheres podem ser objetos da ambivalência amor-ódio. Durante o desenvolvimento infantil, enxergamos os sexos na medida em se relacionam um com o outro. Vivenciamos o caráter masculino e o feminino como dois lados de uma só moeda, ou seja, a humanidade. Portanto, se encontramos dificuldade em nos relacionarmos com pessoas do mesmo sexo, por causa de modelos inadequados, temos dificuldade também para nos relacionarmos com pessoas do sexo oposto. Nos próximos dois capítulos, trataremos da ambivalência do sexo oposto.

A condição homossexual resulta em parte do fato de não recebermos o amor necessário do próprio gênero a que pertencemos, em geral, representado pelo genitor do nosso sexo. Para nos defendermos da perda desse amor, desligamo-nos daquele genitor de um modo doentio. Na mente da criança, esse desligamento pode tomar a forma de um voto: "Você não me ama; nem eu vou te amar."

Os relacionamentos desajustados com o mesmo sexo imprimem imagens confusas desse sexo no fundo do coração. Além disso, as imagens existentes em nosso coração daquele que nos fere, ou rejeita, quando crianças, são ainda mais obscuras por nossas reações pecaminosas às ofensas que cometeu contra nós. Essas imagens contêm todos os sentimentos e atitudes negativos vinculados a nossos relacionamentos desajustados com o mesmo sexo.

As imagens, em nossos corações, de pessoas importantes e do mesmo sexo ditam como nos relacionamos com esse nosso sexo. As atuais dificuldades que encontramos em tais relacionamentos costumam brotar de antigos relacionamentos desajustados com o mesmo sexo. O desligamento defensivo do genitor do mesmo sexo pode assumir aspectos de generalização, abrangendo tudo que aquele genitor simboliza para nós. Em nosso sofrimento, projetamos inconscientemente, sobre todos os membros do mesmo sexo, nossos sentimentos e atitudes enfermos. Embora o amor eroticamente impregnado possa fluir de nós, em direção a alguém do nosso próprio sexo, o mesmo vale para o ódio, a raiva e a rejeição. As projeções inconscientes da ambivalência do mesmo sexo são imprevisíveis. Para o homossexual (ou a lésbica), certas pessoas provocam maior ambivalência que outras, pelo simples fato de simbolizarem algum aspecto do sexo dele (ou dela) do qual ele (ou ela) está alienado, ou com relação ao qual se sente confuso.

No fundo do coração do homossexual (ou da lésbica) pode haver duas imagens antagônicas do próprio sexo. Em um canto, reina a imagem romântica

idealizada - o modo de o coração simbolizar o amor neurótico que ele (ou ela) nutre pelo mesmo sexo. Essa imagem pode ser do genitor do mesmo sexo, tido aqui como perfeito, ou do (da) amante homossexual (ou lésbica), também perfeito (ou perfeita). No outro canto do mesmo coração reina a imagem desprezada, temida do mesmo sexo - o modo como o coração simboliza o ódio neurótico que ele (ou ela) nutre pelo mesmo sexo. No caso do homossexual, talvez seja a imagem de um pai autoritário e cruel, ou então passivo e ausente. No caso da lésbica, pode ser a imagem de uma mãe distante e nada carinhosa, ou passiva e que não fazia mais que sofrer abusos. Entre os dois extremos, da imagem idealizada e da imagem desprezada, pode haver toda uma variedade de imagens distorcidas do mesmo sexo.

O Amante Perfeito

A imagem idealizada e erotizada do mesmo sexo desempenha um amplo papel nos relacionamentos homossexuais. Apaixonado, o homossexual se enamora realmente da imagem idealizada do próprio sexo, existente em seu coração. Seu parceiro apenas combina com essa imagem, como exemplificado na história dos clones. A relação entre os dois baseia-se mais na projeção de uma imagem ilusória presente no coração, do que no amor verdadeiro por outra pessoa.

Parte de minha cura da homossexualidade só aconteceu depois que renunciei à esperança idólatra de um dia encontrar o amante perfeito, que estivesse em harmonia com a imagem idealizada e erotizada do meu sexo, existente dentro do meu coração. Mesmo após receber uma profunda cura do Senhor, continuei abrigando essa esperança no coração. Sabia tratar-se de um pecado ultrajante, para o qual precisava morrer. Mas ainda queria manter um certo controle sobre a vida. Na minha cabeça, permanecia a ideia de que pudesse existir um homem neste mundo capaz de satisfazer minhas necessidades. A neurose homossexual não me influenciava tanto como antigamente, nessa época, nem falava mais tão alto dentro de mim. Transformara-se no sussurro contido de um neurótico. Porém, eu vivia a tentação satânica de aproveitar a cura que Jesus me dera e sair a procura do amante perfeito com quem passar tranquilamente o resto da vida.

Essa esperança pecaminosa foi um dos maiores impedimentos para que eu recebesse mais cura da parte de Deus. Depois de me arrepender por tê-la acolhido, tive de enfrentar a realidade de que, ao dar as costas para o homossexualismo, abria mão de algo em que encontrava enorme prazer. A Bíblia fala dos *"prazeres do pecado"* (Hebreus 11.25). Fracassamos ao tentarmos permanecer livres de certos pecados, em parte porque negamos que contêm um elemento de prazer. Nessa época, ao mesmo tempo que lutava por conservar-me distante da atividade homossexual, lembrava-me diariamente que oferecera ao Senhor algo de que gostava muito. Também pedia a Deus que substituísse meus ardentes desejos de prazeres carnis por um anseio sincero por prazeres saudáveis e bons. Durante um bom período, minha oração se resumia a "Abra meus olhos para ver as coisas boas e santas que colocaste neste mundo. Abra meu coração para que se maravilhe, alegre e apaixone diante dessas mesmas coisas".

Outro fator dos relacionamentos homossexuais é a busca pela identidade de gênero por intermédio de um parceiro do mesmo sexo. Homens que deixaram de completar sua identificação de gênero na infância procuram estabelecê-la em um outro homem. O sentimento opressivo de se estar "apaixonado" por alguém do mesmo sexo é na verdade uma busca pela identificação de gênero que foi erotizada.

Quando alguém que sofre de neurose homossexual quer se curar, quem se dispuser a ajudá-lo precisa descobrir se ele está envolvido em um relacionamento com pessoa do seu sexo. A separação do companheiro pode desenterrar a dor pela

identificação de gênero incompleta. Nesse tipo de relacionamento, essa dor pode ser reprimida temporariamente.

Para ser curado, o homossexual deve enfrentar seu vazio interior e reconhecer que tentou preenchê-lo com uma imagem idealizada e erotizada do próprio sexo - que esse vazio fez com que depositasse sua identidade em um outro do mesmo sexo. O que equivale a estabelecer seu sexo como ídolo, no coração.

O profeta Ezequiel revela que, separados de Deus, nós levantamos ídolos (Ezequiel 14.7). Romanos 1.18-23 conta que a ira de Deus tem vindo sobre toda a humanidade, não apenas sua parcela homossexual, devido à idolatria. Mudamos *"a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível."* A homossexualidade é mencionada no contexto de Romanos 1 como uma das consequências da idolatria da raça humana (Romanos 1.26, 27). Mas a Igreja também precisa entender a relação desse pecado com a necessidade do homossexual de uma profunda cura em sua identidade de gênero. Precisamos de um ambiente de graça na Igreja, onde existam pessoas que ministrem, com muita paciência e amor genuíno, a cura da identificação de gênero incompleta.

A Imagem Desprezada

Na época em que participava do estilo de vida gay, trabalhei como garçom em vários restaurantes. Um deles não ia muito bem quando comecei a trabalhar ali. O proprietário, na tentativa de salvar seu negócio, contratou um gerente de comprovada experiência para administrar a casa. Simpatizei de pronto com o sr. Winston logo que o conheci. Era um homem imponente, de cabelos grisalhos e sorriso encantador. Tinha em torno de si um ar de elegância que me fez sentir levemente atraído por ele.

Sob a gerência do sr. Winston, o salão principal do restaurante foi todo reestruturado, de forma que a cada garçom cabiam agora poucas mesas para atender. Raciocinando da perspectiva do gerente, o sr. Winston concluiu que, tendo um número menor de mesas sob seus cuidados, os garçons dariam mais atenção aos clientes. E à medida que o serviço melhorasse, o mesmo aconteceria com os negócios. Da perspectiva do garçom, no entanto, isso significava menos gorjetas. Imediatamente meus sentimentos para com o sr. Winston sofreram uma guinada de cento e oitenta graus. Simpatia converteu-se em antipatia. Daquela momento em diante, passei a vê-lo como um velho autoritário, uma ameaça à minha subsistência.

A outra visão exagerada que o coração, às vezes, tem do próprio sexo é de uma imagem desprezada. Ela pode ser composta por um conjunto de pessoas do nosso mesmo sexo que nos feriram no passado. Quando alguém que sofre de homossexualidade quer se curar, é possível que ele se conscientize, já de início, de que tem problemas com figuras autoritárias. Isso é fácil de compreender, uma vez que os pais nos propiciam os primeiros contatos com elas. Se não conseguimos vê-las como benevolentes, pode ser que passemos a julgá-las maléficas.

Olhando para trás, constato que projetei sobre o sr. Winston minha desconfiança e desagrado para com figuras autoritárias masculinas. Essa projeção encontrava raízes no relacionamento desajustado com meu pai. Ele e o sr. Winston eram parecidos em dois sentidos básicos. Primeiro, por serem ambos mais velhos. Segundo, porque exerciam autoridade sobre mim. Eu não dispunha de objetividade para julgar figuras autoritárias e não conseguia ver a lógica no raciocínio do sr. Winston, subjacente a suas deliberações.

As reações subjetivas são marca registrada da ambivalência do mesmo sexo. Em vez de enxergar objetivamente a atitude tomada pelo sr. Winston a partir de uma perspectiva gerencial, reagi subjetivamente, a partir do meu estoque de sentimentos

ambivalentes para com homens mais velhos. Atribuí a ele quase todas as motivações diabólicas que conhecia e assumi uma postura defensiva. Em determinado momento ele era um cavalheiro imponente, que me atraiu; no momento seguinte, não passava de uma figura autoritária, ameaçadora, tentando me controlar e destruir. Apesar de tudo isso, a reestruturação do restaurante acabou melhorando realmente os negócios, o que reverteu em lucro também para mim. Mas eu achava que isso não tinha a menor importância. Embora constatasse que havia um lado positivo no que o sr. Winston fizera, continuei reagindo a ele subjetivamente, até o dia em que saí daquele emprego.

Podemos desprezar categorias inteiras de pessoas pelo simples fato de que alguns de seus representantes nos rejeitaram na infância. Quando criança, minhas aptidões para as artes conduziram-me a essa área. Alguns colegas de escola, todos do sexo masculino, interpretavam meus interesses como "coisa de menina" e me ridicularizavam. Meninos eram "machos", os atletas da turma. Na idade adulta, muito tempo depois de iniciado meu processo de cura, o Senhor me levou a perdoar um colega particularmente cruel, e depois, a me arrependeu pelas atitudes negativas para com todos os homens que gostavam de esportes.

Paranóia e Ambivalência do Mesmo Sexo

Dizem ter sido Freud o primeiro a relacionar paranóia com homossexualidade masculina. Comentando a análise freudiana dessa relação, o dr. William Niederland escreve:

"As formas principais e familiares de paranóia podem ser todas representadas por contradições de uma única proposição: 'Eu (um homem) o amo (um homem).' Ela é então convertida em 'Eu não o amo - eu o odeio.' Inaceitável também sob essa forma, o sentimento expresso na segunda declaração passa a ser projetado sobre o ser originalmente amado. Por conseguinte, a proposição 'eu o odeio' é transformada, via projeção, na ideia 'ele me odeia e está me perseguindo', proporcionando a justificativa interior para 'odiá-lo'".

A transformação de "eu o amo" em "eu o odeio" compõe a mesma dinâmica amor-ódio encontrada na ambivalência do mesmo sexo da homossexualidade. O dr. Frank Lake, no livro *Clinical Theology*, relaciona diversos adjetivos que caracterizam paranóia. São particularmente aplicáveis à condição do homossexual - "defensivo, teimoso, suspeita de possíveis detratores, em guarda contra os críticos; sempre 'firmando' sua posição contra aqueles que parecem querer ultrapassar os limites impostos por seus direitos, briguento, dado a discussões."

Vivendo em Nova Iorque, envolvi-me por um breve espaço de tempo com um grupo de teatro gay, engajado politicamente. Produzíamos peças para gays, escritas por gays, a respeito de gays. Uma forte mentalidade de "eles e nós" se fazia presente em todos os componentes. "Eles" referia-se aos heterossexuais homofóbicos e opressores que governavam o mundo. Nós éramos os pobres gays perseguidos, presos na armadilha de um mundo hétero. Historicamente, sociedade e Igreja reduzem os homossexuais a uma condição inferior à de pessoas, tratando-os como objetos de ódio.

Na comunidade homossexual de hoje em dia, essa perseguição produziu uma paranóia generalizada, que se manifesta em grupos militantes constituído de gays e lésbicas, exigindo em altos brados os seus direitos. Esses grupos fazem lobby junto a representantes do governo e têm demonstrado uma capacidade de luta e de argumentação incomparável com qualquer outro conjunto de pessoas reunidas por um interesse pessoal comum.

O senso de perseguição, bem como a postura combativa são marcas registradas da paranóia homossexual. Ao atribuir motivações diabólicas ao sr. Winston,

dei vazão a uma reação paranóica. Lutei contra sua decisão de reestruturar o restaurante, chegando mesmo a procurar seu superior e brigar muito por causa disso. Assumindo a postura de advogado frente ao júri, acreditava ter um excelente caso nas mãos e considerava-me preparado para batalhar por meus direitos.

Desconfiança e suspeita são dois dos principais elementos da paranóia homossexual. Anos depois que a atração declaradamente homossexual deixou de ser problema para mim, descobri que eu continuava a desconfiar dos homens. Essa desconfiança formava uma barreira enorme para estabelecimento de amizades saudáveis com pessoas do meu sexo. Quando conhecia homens com tendências a se imporem demais, costumava reagir com uma raiva que os machucava, em vez de lidar objetivamente com o comportamento dominador que manifestavam. A raiva representava um modo imaturo de firmar meus limites e ver-me livre do controle que tentavam exercer. Esse tipo de reação era uma transferência psicológica enraizada na esmagadora imposição de meu pai sobre mim.

Por fim, a voz da "criança com pena de si mesma", ocupando o centro da neurose homossexual, tem caráter análogo à voz belicosa na paranóia homossexual. Essa voz luta e defende o direito de reclamar da criança interior. Nas palavras do dr. Gerard van den Aardweg:

"É como se a 'criança interior' lutasse para defender sua condição trágica-importante e temesse a possibilidade de perder essa forma corruptora de amor próprio. Conseguimos entender o que Freud quis dizer ao discutir o fenômeno da resistência que observou no tratamento de vários neuróticos, e que lhe causaram 'a mais profunda de todas as impressões', transmitindo 'a sensação de que existe uma força atuando no sentido de se defender, por todos os expedientes possíveis, contra a cura e que se agarra obstinadamente à enfermidade e aos sofrimentos'."

Encontrei a cura da paranóia homossexual quando, antes qualquer outra coisa, aprendi a provar todo pensamento negativo acerca do meu sexo. Em vez de aceitá-los, colocava-os diante de Deus, em meu coração. Anotava tudo que tinha contra os homens que conhecia no diário de oração. Pedia então a Deus que me mostrasse se aqueles pensamentos negativos eram verdadeiros ou falsos.

Em segundo lugar, aprendi a não viver a partir do meu centro de pensamentos e sentimentos negativos. No início, isso significou aprender a viver no ponto de tensão entre dois centros opostos - o velho centro do eu neurótico, para o qual eu morria todos os dias, e o novo centro do verdadeiro eu redimido em Cristo, para o qual tornava-me mais vivo também a cada dia. Não permiti que a voz da criança interior, paranóica e plena de auto-piedade, me dominasse. Pelo contrário, submeti essa voz crítica, reclamona, à fome, exercitando-me na presença de Cristo. O Espírito Santo habitando em mim e a Palavra viva de Deus, as Escrituras, compunham meu verdadeiro centro. O dr. Lake, no livro *Clinical Theology*, conta como ajudava pacientes paranóicos a desenvolverem essa "dupla orientação". Ensinava-os a viverem no ponto de tensão entre dois centros opostos, mas deixando que o centro sadio e verdadeiro dominasse sobre o paranóico. Ele descobriu que isso era fundamental para a cura das pessoas.

Em terceiro lugar, nas ocasiões em que um pensamento negativo a respeito de alguém do meu sexo se revelava correto, aprendi a não expressá-lo em palavras. Claro, falhei muitas vezes, mas depois de um certo tempo, obtive sucesso em manter as críticas para mim mesmo. Por fim, aprendi a entregar toda e qualquer crítica justificável ao Senhor, em oração. Não quer dizer que negasse a existência de falhas de caráter nos outros. Apenas resolvi não permitir que se transformassem na visão definitiva que tinha daquelas pessoas.

Em quarto lugar, e talvez seja esse o mais importante, procurava o lado bom de cada um, tecendo comentários verbais a esse respeito, sempre que possível. Em um mundo caído, é fácil ver o que há de errado com os outros, como nos revela de maneira magnífica a parábola bíblica do homem com uma trave no olho. Porém, virtuoso realmente é procurar o lado bom das pessoas e realçá-lo.

Ambivalência e Raiva do Mesmo Sexo

Quando vinte e cinco anos de raiva reprimida contra meu próprio sexo vieram à tona dentro de mim, foi assustador. Por vários meses, acessos de raiva de horas de duração me acometiam. Começaram depois que parei de negar que minha família era desajustada. Despertava no meio da noite e descobria que meus dentes batiam furiosamente, ao mesmo tempo que sentia raiva e ansiedade revolvendo-se em minhas entranhas. Sabendo que não devia negar essas emoções, permiti que fluíssem livremente. Tratava-se da raiva interiorizada no passado, em grande parte, raiz da minha terrível depressão, do desprezo por mim mesmo e de pensamentos suicidas.

De modo geral, minha raiva se voltava contra um homem que também fazia o papel de receptáculo da minha ambivalência do mesmo sexo. Em determinados momentos, fúria e sexualidade se misturavam dentro de mim (lembre-se, ambivalência significa a presença de ambos, amor distorcido e ódio). Ainda que não tivesse o menor motivo para sentir raiva daquele homem, ela assumia proporções, sem dúvida alguma, absurdas para a situação.

O dr. John Bancroft, em *Human Sexuality and Its Problems* (Sexualidade Humana e Seus Problemas), escreveu que "a raiva pode contribuir para a reação sexual". Ele relata dois estudos psicológicos demonstrando que "induzir à raiva leva a um conjunto de imagens sexuais". Assim como a raiva e o desejo sexual intenso estão relacionados, também a raiva está relacionada a esse tipo de desejo. Lidar com a raiva de uma maneira responsável significa encontrar alívio do desejo sexual intenso e do conjunto de imagens a ele associado (tais como uma vida de fantasias sexuais doentias). Arrancar do fundo do coração a raiz que existe por baixo da raiva contra o mesmo sexo ajuda a desatar o conjunto de imagens homo-eróticas e as reações homossexuais ali alojadas.

Conquanto não negasse minha raiva, precisava lidar com ela. O primeiro princípio para superá-la consiste em parar de projetá-la sobre os outros. Eu tinha de assumir a posse de minha raiva. Por isso, orava. O melhor lugar para sentir raiva na presença de Deus. Com os braços levantados para Jesus, pude vê-Lo na cruz morrendo para levar meus pecados sobre Si. Minha raiva parecia uma nuvem densa e negra de fumaça que meu corpo exalava, escapando-me pelas mãos como se algo, exterior a mim, a atraísse e penetrasse nas chagas de Jesus.

Outras atitudes também ajudaram. Saía em longos passeios de bicicleta em lugares ermos, gritando a plenos pulmões. Anotava no diário de oração todos os pensamentos negativos, mesquinhos, ridículos que tinha em relação aos objetos de minha raiva e ambivalência do mesmo sexo. Escrevi cartas que jamais intentei mandar a pessoa nenhuma.

Ria de mim mesmo, principalmente quando a voz da criança interior, sempre com pena de si mesma e choramingando, vinha à tona junto com a raiva. Dramatizar sua triste condição ajudou a silenciá-la:

- Ó, pobre criança sofredora, nunca, em toda a história do mundo, houve alguém que merecesse tanto sentir raiva quanto você.

Removi do meu vocabulário frases do tipo "você me deixou louco de raiva". A verdade nua e crua é que reajo a determinadas situações com raiva, coisa às vezes

absolutamente compreensível. Contudo, não há ninguém dentro de mim, a não ser eu mesmo, que me obrigue a ficar louco por esse motivo.

Pedi a irmãos e irmãs de confiança que orassem por mim impondo suas mãos, depois, ou até durante esses períodos de profunda raiva.

Deus não me rejeitou por causa desse sentimento, nem permitiu que fosse condescendente com Ele. Mais importante ainda, eu sabia muito bem que não devia projetar a raiva sobre Deus, nem culpá-Lo pelas circunstâncias atuais. Afinal de contas, Ele me dera Jesus, o remédio para a dor.

Trabalhando com pessoas que enfrentam o mesmo tipo de problema, tenho descoberto que, às vezes, um "espírito de raiva." demoníaco se aproveita da dor provocada pela raiva legítima, para oprimir o indivíduo. Uma vez discernida essa presença demoníaca, basta repreendê-la que ela irá embora.

Se a pessoa pecou contra alguém por causa da raiva, precisa procurar quem ofendeu e pedir-lhe perdão. Acontece que muita gente não sabe lidar com a raiva de terceiros. Muitos cristãos são rápidos em rotular toda raiva como pecado, deixando de perceber as várias ocasiões em que as Escrituras falam de raiva legítima.

À medida que trabalhava minha raiva e parava de projetá-la sobre os homens a meu redor, experimentei tentação homossexual cada vez menor. A raiva foi diminuindo aos poucos, bem como o intenso desejo sexual a ela relacionado.

O Ódio Sexualizado

Em diversas oportunidades, tenho orado com homens cujo lado negativo da ambivalência foi erotizado. Em tais casos, o desejo sexual se mescla à raiva. Imagens em que parceiro ou parceiros do mesmo sexo são feridos ou assassinados fazem parte de suas fantasias sexuais. Sentem sempre vergonha e culpa por causa dessas fantasias, e talvez eu seja a única pessoa a quem já revelaram o problema. Essas almas sofredoras precisam ser libertas primeiro da vergonha e da culpa. Cuidamos disso em uma sessão de oração como a que descrevo a seguir.

Depois de invocar o nome de Jesus, passamos a analisar o possível significado contido nas imagens do mesmo sexo ferido. Mais uma vez, a noção de confusão de símbolos é o primeiro passo para se desatar o poder do conjunto de imagens neuróticas e o sentimentos a ele associados. Enquanto conversamos sobre as imagens em si, costumo perguntar:

- Qual você imagina seja o significado deste conjunto de imagens para sua fantasia sexual? Ao que o outro responde:

-Que tenho muito desejo sexual por essa pessoa, mas também raiva e ódio dela.

Sim, a raiva e o ódio, sem dúvida, estão afetando sua visão interior do mesmo sexo. Mas, por favor, lembre-se de que as pessoas que aparecem em suas fantasias representam a masculinidade para você. Você deve ter aprendido a encarar essas imagens como alegorias, em vez de anseios literais de seu coração. As imagens em que seu parceiro é ferido, ou assassinado, representam o modo como seu coração simboliza a raiva e o ódio erotizados que você nutre pelo seu sexo.

Uma vez compreendida a confusão de símbolos em que vivem como o estabelecimento de vínculos entre imagens carregadas de desejo sexual e sentimentos de raiva e ódio, o medo de realmente viver a fantasia sexual diminui.

Em seguida, pergunto se sentem que conseguem colocar essa fantasia diante do Senhor Jesus em oração. Quase sempre dizem -Sim. Invocamos o nome de Jesus e colocamo-nos na presença restauradora de Deus. Peco-lhes então, que permitam, que a fantasia sexual, em sua plenitude, venha-lhes à mente perante Ele.

Depois disso, juntos pedimos a Jesus que venha sobre cada imagem pervertida da fantasia sexual. A fim de desatar essas imagens do fundo dos corações desses homens, primeiro faço a seguinte pergunta:

- Você se arrepende do desejo sexual que tem estado entrelaçado a sua raiva e ódio?

- Sim, me arrependo.

Peço então, que tirem da mente, um a um, cada ato e símbolo sexual doentio, contido naquela fantasia sexual. Enquanto entregam, um a um, cada ato e cada símbolo a Jesus em oração, eu os incentivo:

- Detalhe para o Senhor todo o significado que esse aspecto de sua fantasia sexual tem para você. Conte-Lhe também os sentimentos que faz brotar em você.

Continuamos orando até que cada pormenor da fantasia sexual tenha sido depositado aos pés do Senhor.

Às vezes os espíritos demoníacos se servem dessa confusão de símbolos para oprimir ou habitar a pessoa. Não é incomum ocorrer manifestação de demônios nesse momento de oração. Há também ocasiões em que eles não se mostram, apenas se escondem. Nesse caso, entra em ação o dom de discernir espíritos (I Coríntios 12.10) e os demônios podem ser expulsos sem maiores problemas. É fácil expulsá-los pedindo à pessoa que renuncie a eles, ungindo-a com água consagrada em seguida.

Ambivalência e Inveja do Mesmo Sexo

A inveja, arrolada entre os sete pecados capitais, é outro fator da ambivalência do mesmo sexo e da homossexualidade (onde é erotizada). Andrew Comiskey diz o seguinte em *The Guidebook to Pursuing Sexual Wholeness* (Guia Para a Plenitude Sexual):

"Somos invejosos de quem possui aquilo que desejamos, mas nos falta, quer emocional, quer fisicamente. A inveja estende suas garras impulsivas e carentes até que encontra algo em que se concentrar. Isso não tem nada a ver com imitar quem admiramos, nem com o nascimento de uma amizade saudável entre pessoas que se complementam; antes, a inveja implica em uma tentativa imatura de atingir a maturidade, ou plenitude, por intermédio de outra pessoa. Traduzindo para a homossexualidade, trata-se de alguém inseguro quanto ao próprio gênero e à completa aceitabilidade que encontra um espelho idealizado no outro do mesmo sexo.

A inveja está relacionada à compulsão canibal da neurose homossexual. Tanto a inveja, quanto essa compulsão voltam-se para aquelas pessoas que simbolizam para nós a plenitude almejada em nossa identidade de gênero. Como citado anteriormente, a dra. Ruth Tiffany Barnhouse, no livro *Homosexuality: A Symbolic Confusion*, observa:

"Pode-se recorrer à adaptação homossexual, como forma de se identificar com a força "masculina" do parceiro. Como bem colocou um paciente meu, "O problema não estava tanto no fato de eu querer amar o Peter; eu queria ser o Peter".

Coerentes com a avaliação da homossexualidade de Romanos, tanto o rev. Comiskey quanto a dra. Barnhouse acham que o homossexual está "*cheio de inveja*" (Romanos 1.26-29).

Muitas pessoas que não sofrem de neurose homossexual requerem apoio e segurança em sua identidade sexual e de gênero. Como o homossexual, elas também caem no pecado da inveja para com membros do próprio sexo que simbolizam a plenitude em seu gênero. Podem ter de negar o que há de bom no outro, ou procurar algo negativo nele e ressaltar esse aspecto. Quando a inveja reconhece o que há de bom na outra pessoa, essa sua atitude significa apenas que ela quer possuí-lo, controlá-lo, ou destruí-lo com avidez. O Evangelho de Mateus relata que Jesus foi entregue a Pilatos

devido à inveja da mesma multidão que mais tarde gritou "*Crucifica-O!*" (Mateus 27.18,22b).

Talvez até desprezemos o objeto de nossa inveja por desfrutar de qualidades que tanto desejamos para nós mesmos. Quando a inveja é erotizada, seja na homossexualidade, seja na heterossexualidade, não raro acontece de se desprezar a mesma pessoa que, simultaneamente, nos atrai. Quando não erotizada, ela pode provocar uma comparação constante do eu com os outros, ou um senso de competição doentio.

Algumas vezes a inveja provém de fonte demoníaca. Na tradição de determinada igreja, essa inveja demoníaca costumava ser chamada de "olho gordo" - definido como "ciúmes e inveja, experimentados por alguém, de coisas que não possui: beleza, juventude, coragem, ou outro prazer qualquer". Padre Stephanou, um sacerdote da Igreja Ortodoxa Grega, escreveu que "os poderes satânicos exercem influência maligna sobre o homem, por intermédio de determinadas pessoas". Ele conta como foi pessoalmente afetado, quando outra pessoa fez dele objeto de inveja demoníaca:

"Sentia-me tão oprimido e prostrado que não conseguia levantar do chão para pegar do carro que estacionara lá embaixo, na frente do prédio, meu livro de liturgias e minha estola.. Mal-e-mal desci as escadas até o carro e subi para o meu quarto. Pensei que fosse morrer. A muito custo reuni forças suficientes para abrir a boca e fazer uma oração de exorcismo."

Quando sou objeto da inveja de alguém, observo uma espécie de maldade no olhar que essa pessoa me dirige. As vezes, faz com que me sinta extremamente cansado, ou oprimido. A inveja demoníaca costuma se levantar até contra a união que Deus dá ao crente para promover o avanço do Seu Reino. De alguma maneira, ela parece impedir que o cristão use os dons de Deus em seu pleno potencial. Porém, ele conta com uma arma contra esse ataque - a oração de libertação. Incluo abaixo uma versão resumida desse tipo de oração (observe que "masculinidade" aparece na oração como uma característica invejada por outros. Em geral, o homem que luta contra sua homossexualidade inveja a masculinidade de outro homem):

"Ó Senhor nosso Deus, Rei de todos os tempos... Aquele que cria e transforma todas as coisas apenas por assim desejá-lo... Médico e restaurador de nossas almas, segurança de todos que em Ti esperam, Te imploramos e suplicamos: vem banir, expulsar e fazer com que vá embora toda ação diabólica, todo ataque, todo assalto satânico, toda curiosidade maligna e dano físico ou psicológico, todo feitiço de olho gordo lançado por homens maus e malévolos, do Teu servo (cite o nome da pessoa) e se isso aconteceu por causa de beleza, ou masculinidade, ou prosperidade, ou ciúme e inveja, ou olho gordo, querido Mestre... estenda Tua mão poderosa... vistie-o com um anjo de paz, um poderoso guardião do corpo e da alma, que repreenda e tire dele os desígnios malignos, a bruxaria e o feitiço de olho gordo lançado por homens corruptos e invejosos..."

Se temos convicção de que somos culpados do pecado de inveja, a confissão e o arrependimento aos pés da cruz trazem cura. Após o arrependimento, a melhor coisa a fazer é agradecer a Deus em voz alta por todas as boas qualidades daquela pessoa que, antes, também invejávamos. A partir de então, por maior que seja nossa dificuldade, devemos reconhecer perante o Senhor, e também os outros, se necessário, nosso profundo senso de insegurança pessoal que nos levou a invejar o que há de bom em outra pessoa. Na base de nossa insegurança, estará o ódio contra nós mesmos. Disso também precisamos nos arrepender, pois é pecado.

Em seguida, podemos pedir a Deus que nos dê graça, disciplina e paciência para com o nosso próprio "eu", a fim de que desenvolvamos as qualidades que até então invejávamos em outra pessoa. Não menos importante, porém, é a necessidade de

aceitarmos o fato de que talvez jamais venhamos a possuir tais qualidades. Qualquer que seja o caso, devemos honrar a pessoa por suas boas qualidades, o que é o oposto da inveja.

Sinais de Advertência da Ambivalência do Mesmo Sexo

Como a ambivalência do mesmo sexo é inconsciente por natureza, precisamos aprender a reconhecer-lhe os sinais em nós. Para isso, as perguntas abaixo podem ajudar. Será que estou:

- experimentando inveja,
- com raiva, sem nenhum motivo,
- desprezando e, ainda assim, me sentindo sexualmente atraído,
- experimentando emoções contraditórias, por alguém do mesmo sexo?

Vale a pena analisar nossos sonhos também. Neles, os objetos da ambivalência do mesmo sexo podem figurar como símbolos do nosso gênero. Não raro sonhamos que estamos sexualmente ligados a alguma dessas pessoas, em uma tentativa erótica de adquirirmos as boas qualidades que invejamos nelas.

A resposta afirmativa para qualquer das questões acima talvez indique que experimentamos algum tipo de ambivalência em relação à pessoa. Identificar o problema significa vencer metade da batalha.

Minha Cura da Ambivalência do Mesmo Sexo

Assim como projetava sobre outros homens as questões mal resolvidas com meu pai, também projetava meus problemas sobre Deus, o Pai. A imagem de paternidade existente em meu coração precisava adquirir símbolos radicalmente novos a fim de que eu pudesse receber o amor do Pai celestial. Foi o que de fato aconteceu. Em junho de 1984, compareci a uma conferência da *Exodus International* em Baltimore, Maryland. Trata-se de uma organização que congrega vários ministérios cristãos de redenção sexual para o homossexual.

O conferencista principal era o dr. Robert Frost, autor de *Our Pleavenly Fatber* (Nosso Pai Celestial). Durante uma semana inteira, o dr. Frost ensinou sobre a paternidade de Deus. No fim da semana, pediu aos líderes e conselheiros cristãos que fossem à frente ajudá-lo a ministrar o amor paternal do Senhor. Em seguida, convidou àqueles na plateia que precisavam de um toque de cura do Pai celestial para também irem à frente receber oração de um dos líderes. Quase todos os presentes atenderam ao apelo.

O dr. Frost orientou-nos a colocar a cabeça sobre o ombro daquele que oraria por nós, ao mesmo tempo que esse líder devia nos dar um abraço paternal. Obedecei e, no mesmo instante, comecei a chorar profundamente. Logo se ouviam homens e mulheres soluçando por todo o salão, gente que não recebera o apoio devido, sendo agora agraciada com o amor do Pai celestial. Tive a impressão de que os soluços duraram um longo tempo. Até que a paz do céu desceu sobre nós e o silêncio prevaleceu naquele lugar. O choro de quem carecia de apoio cessara.

Voltei ao lugar em que estava sentando experimentando uma calma interior desconhecida até então. Vivenciei Sofonias 3.17 aquele dia: *"O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para salvar-te-, Ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no Seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo."* Pela primeira vez na vida, acreditei que Deus é um Pai real que me ama e se delicia verdadeiramente em mim. Graças ao

ministério do dr. Frost, recebi do Pai celestial parte do apoio que sempre esperara de meu pai terreno.

No entanto, mesmo depois de ser alcançado por uma cura tão profunda de Deus, permanecia em mim a esperança de encontrar, na comunidade cristã, um homem por intermédio do qual parte de minhas necessidades legítimas pelo amor do mesmo sexo, presentes em minha vida desde a infância, pudessem ser satisfeitas. Deixara de procurar o amante perfeito (a imagem idealizada e erotizada do mesmo sexo), tampouco esforçava-me por encontrar o pai perfeito (a imagem não erotizada porém, ainda idealizada do mesmo sexo); queria apenas um pai espiritual no Senhor, como Paulo fora para Timóteo (I Timóteo 1.18). Porém, o desajuste que vi em muitos homens na igreja, rapidamente puseram um fim a minha busca. Vários deles eram tão carentes de apoio em sua masculinidade quanto eu, ainda que não erotizassem os relacionamentos com o mesmo sexo. Na tentativa de saciar necessidades de amor do mesmo sexo, nunca atendidas, vi alguns empreendendo o equivalente emocional a saltos mortais para conquistar o amor e a aprovação de outros homens.

Enfim, dei por encerrada minha busca de um pai espiritual. Se pretendia ser um homem cristão sadio, então minha necessidade básica residia em aprender a me relacionar com outros homens, como amigos e irmãos em Cristo. Certo dia, em oração, entreguei ao Senhor todas as expectativas que criara em relação aos homens cristãos e resolvi dar mais de mim mesmo.

Essa atitude libertou-me para honrar homens cristãos mais velhos e sábios, sem esperar que satisfizessem todas as minhas necessidades de amor paternal ainda pendentes. Neles encontrei modelos de autoridade altruísta, heróis dos dias de hoje a quem imitar. Alguns conheci pessoalmente, como Ted Smith de *Pastoral Care Ministries*, o rev. Joseph Garlington da Igreja da Aliança de Pittsburgh, o dr. Roberto Frost e meus professores da Escola Episcopal Trinitariana de Ambridge, Pensilvânia. Outros não conheci, porém, os ouvi falar, ou li seus livros. Entre esses, C. S. Lewis, padre Michael Scanlon da Universidade Franciscana de Steubenville, Ohio e o teólogo dr. Donald Bloesch. Homens de grande integridade, declaram verdade em amor, portam-se com humildade, mas proclamam com ousadia o evangelho de Cristo. Honrando as boas qualidades de tais homens e moldando meu verdadeiro eu a partir deles, acolhi dentro de mim a masculinidade saudável que sempre ansiei. Considero-os portanto, meus pais espirituais.

As Escrituras ensinam que não se deve chamar nenhum homem de pai na Terra porque temos um Pai que está nos céus (Mateus 23-9). Se tivesse continuado tentando atender as minhas necessidades de amor do mesmo sexo, via relacionamentos humanos, teria fixado o olhar sempre na criatura, em vez de no Criador. Sentia uma fome voraz de um pai. O homem que se oferecesse para me adotar como pai substituto teria sido devorado emocionalmente. Só o Pai celestial era capaz de proporcionar-me a cura e o apoio masculino de que eu precisava tão desesperadamente e tanto queria.

Não existe cura para a ambivalência do mesmo sexo fora dos relacionamentos não-eróticos com o mesmo sexo. Dentro de tal contexto é que vêm à tona os problemas desse tipo de ambivalência. Se a igreja local não estiver preparada para compreender essa ambivalência e trabalhá-la em alguém que passa por um processo de cura da homossexualidade, esse alguém pode se juntar a um grupo terapêutico, como o Living Waters (Águas Vivas), de Andy Comiskey. Nesse caso específico, trata-se de um programa excelente para o desenvolvimento de habilidades a serem aplicadas aos relacionamentos com o mesmo sexo dentro da Igreja. Na ausência de um grupo local, o programa pode ser seguido pelo próprio interessado, com base no livro *Pursuing Sexual Wholeness* (Em Busca da Plenitude Sexual), juntamente com

The Guidehook to Pursuing Sexual Wholeness (Guia para a Plenitude Sexual), disponíveis nas livrarias cristãs americanas.

Quando a Igreja desempenha bem seu papel de comunidade terapêutica onde a compreensão, o perdão e o amor fluem livremente, ela é o ambiente perfeito para trabalhar a ambivalência do sexo oposto. Foi assim com minha igreja e comigo, quando tive de enfrentar esse problema.

Depois de receber a incrível cura da rejeição descrita no capítulo 2, tornei-me mais consciente da minha ambivalência do mesmo sexo em relação aos homens do meu grupo de estudo bíblico. De vez em quando, sem me dar conta, projetava sobre esses irmãos ódio e desprezo generalizados (raiva) que sentia por todas as pessoas que haviam rejeitado a mim e a minha família, no passado.

Como aqueles homens expressavam muito amor e preocupação para comigo, imaginei que podia confessar-lhes meu pecado. Porém, quando tentei fazê-lo, eles tiveram dificuldade em meu ouvir. Tratando-se de cristãos amorosos, foram rápidos demais em pedir perdão. Deixaram, portanto, de perceber que eu precisava da cura proporcionada pela confissão e arrependimento do pecado. "*Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados*" (Tiago 5.16). Nossa igreja não praticava com frequência as confissões formais. Tive de suplicar-lhes para que ouvissem a minha.

Quando finalmente os convenci, grande cura nos sobreveio. Logo após minha confissão, puseram-se a confessar seus pecados contra mim e todos que lutavam com a homossexualidade (aos quais haviam deixado de estender a mão). Unidos em oração, perdoamo-nos uns aos outros. Ainda orávamos quando algo extraordinário aconteceu. Uma onda de amor sobrenatural fluiu de mim para eles. Mais uma vez a verdade da confissão e do perdão de pecados, simples e bíblica, estabelecia ordem no amor.

Precisamos aprender a nos colocarmos perante Deus, em oração e ouvir-Lhe a orientação para todo tipo de cura, já que Ele dispõe de soluções sob medida para cada situação. Nem sempre se deve confessar a ambivalência do mesmo sexo aos envolvidos. Eles podem não ter um comprometimento de irmão (ou irmã) em Cristo com a pessoa. Ou não ser maduros o suficiente para saber lidar com a confissão, muito menos compreender a homossexualidade. Se imaturos, ainda por cima, podem passar a ver aquele que se confessou como "o fulano que tem problemas de homossexualismo", deixando de se relacionar com ele como o cristão que na verdade é.

Lidando com a Tentação

Ao mesmo tempo que minha cura progredia, com a ajuda do Senhor, eu trabalhava minha ambivalência do mesmo sexo. Em pouco tempo, meus desejos homossexuais, que antes me agradavam, foram transformados em tentações pecaminosas que desejava cada vez menos. Embora esses desejos fossem se acabando no decorrer do tempo, continuei enfrentando as tentações - sexuais e não. Agora parecia-me fácil discernir se as tentações sexuais provinham "do mundo, da carne ou do diabo". Qualquer que fosse a fonte, o exercício da presença de Cristo habitando em meu coração pela fé era sempre o ponto de partida de minha defesa.

Se a tentação provinha do mundo, tinha de resistir-lhe, ou fugir dela. Um amigo estrangeiro, visitando meu país, comentou:

- Os homens nos anúncios de rua dos Estados Unidos estão sempre em posição sedutora, como acontece com as mulheres, nas propagandas do meu país.

Essa afirmação abriu-me os olhos para perceber como somos bombardeados com imagens sedutoras de homens e mulheres - principalmente na televisão e no

cinema. Por isso, visando meu bem-estar mental, decidi que não assistiria mais a programas televisivos, nem a filmes que contivessem cenas de sensualidade explícita.

Se as tentações sexuais tinham origem em minha carne, elas costumavam surgir no contexto de um relacionamento com o mesmo sexo. Nesse caso, eu colocava em oração certas perguntas fundamentais a Deus, acerca do homem em questão. O que ele tinha que eu desejava para mim? Invejava-o de alguma maneira? Sentia-me inferior a ele? O remédio para o problema quase sempre estava na necessidade de mais cura para minha identidade de gênero. Essas tentações podiam ser vencidas pela oração pedindo mais cura pessoal, ou recebendo esse tipo de oração da parte de cristãos confiáveis.

A tentação sexual demoníaca costumava acometer sob a forma de pensamentos que invadiam minha consciência, em um movimento de fora para dentro. Certa noite, logo após uma grande série de reuniões de cura de *Pastoral Care Ministries*, passei quase a noite toda acordado, assistindo a um desfile muito veloz de lembranças de encontros homossexuais atravessar-me a mente. Sabendo não ser aquele o desejo do meu coração, rejeitei-as todas com a mesma velocidade com que haviam se apoderado do meu intelecto. Ainda assim continuaram fluindo, como se não fossem mais ter fim. Até que, pegando a água consagrada, ordenei àquele demônio que parasse de me incomodar. De repente, no meu espírito, ouvi-o acusar-me: "Pois você adorou cada um desses encontros."

Naquele instante, a única coisa que meu ocorreu foi a primeira parte de Mateus 5.25, "*Entra em acordo sem demora com o teu adversário*" (VKJ - Versão King James).

-Pode apostar que sim - retruquei então. - Mas na época eu era um ímpio, neurótico. Hoje estou me convertendo em um homem santo, saudável. Hoje tenho o Espírito Santo que habita em mim por intermédio da fé em Jesus Cristo. Por isso, em nome de Jesus, deixe-me em paz e volte para o abismo de onde você saiu.

Exercer a autoridade espiritual de cristão, em quem habita o Espírito de Deus, sempre provou ser a melhor defesa. Se uma opressão particularmente intensa me sobreviesse e durasse mais de um dia, o jejum e a oração por libertação da parte de Deus eram remédios seguros.

Satanás enviou homens até mim em diversas ocasiões, na tentativa de desacreditar meu ministério de redenção para o homossexual. Um deles, jovem e seminarista, marcou hora para me ver. Vou lhe dar o nome de Bill. Em nosso primeiro encontro, perguntei:

- Bill, por que você quis vir até aqui?

- Meu orientador espiritual sugeriu que eu conversasse com você sobre cura do homossexualismo - ele respondeu, bastante franco. - Mas não acho que seja necessário, pois não considero a homossexualidade incompatível com a Bíblia ou com o cristianismo.

- Este ministério é para pessoas que querem ajuda - alertei-lo. - Mas se quiser frequentar as reuniões do nosso grupo, nas quintas-feiras à noite, será bem-vindo.

Esse primeiro encontro foi um tanto curto. Achei que ele realmente me procurara para satisfazer uma exigência de seu orientador. Sendo assim, não fiz uma oração de cura por ele, já que teria sido uma violação da sua vontade. Bill participou de várias de nossas reuniões semanais, até que desapareceu por completo.

As consequências espirituais negativas do fato de ter-lhe permitido frequentar nossas reuniões não se manifestaram senão anos mais tarde. Bill havia sido ordenado ministro. Um outro ministro de sua denominação contou-me que ele agora procurava desacreditar meu ministério. O modo como ele relatava nosso encontro era

algo assim: "Anos atrás procurei o ministério de Mário Bergner mas não obtive cura de espécie alguma". Ocultava o fato de que não quisera receber a cura para sua homossexualidade e que eu nem chegara a ministrar sobre ele.

Em outra ocasião, um homem marcou hora para me ver, alegando necessitar de ajuda. Na verdade, queria me seduzir. Vou dar-lhe o nome de Steve. Assim que ele entrou em meu escritório, o Espírito Santo o convenceu de seu pecado. Ele se arrependeu e juntou-se a meu programa Living Waters (Águas Vivas). Quando seu processo de cura já estava bastante avançado, Steve confessou que viera até mim com o intuito de tentar desacreditar meu ministério.

A diferença entre esses dois homens determinou o curso da vida de cada um deles. Um mostrou-se humilde; o outro, cheio de orgulho. Steve estava aberto para ser convencido pelo Espírito Santo e arrependeu-se do seu pecado. Bill se trancou dentro de um paradigma mental teológico e orgulhoso, fechando a alma para o poder restaurador de Deus.

A mulher odiada

7

"Vinde, espíritos que ministrais
pensamentos mortais, assexualizem-me e
enchei-me, da coroa aos dedos dos pés,
fartai-me da mais terrível crueldade!"
(Lady Macbeth em Macbeth, ato 1, cena 5)

História de Kristin

Kristin se criou em um lar onde o ódio contra as mulheres era um fato da vida, manifestando-se diariamente. Caçula de quatro filhos e única mulher, suas recordações de infância resumiam-se ao constante serviço em prol dos irmãos, a vê-los comerem guloseimas que lhe eram negadas e a usar roupas fora de moda, enquanto eles se vestiam como os amigos. A mãe de Kristin a tratava com crueldade e fazia questão de deixar bem clara sua preferência pelos meninos. Quanto ao pai, seus olhos nunca transmitiram o apoio e carinho de que uma menina tanto precisa. Em vez disso, havia desejo sexual neles.

Na adolescência, Kristin tentou anestesiá-la profunda dor interior com as drogas. Uma grave misoginia - aversão às mulheres - fez com que rejeitasse a própria feminilidade. Como Lady Macbeth, Kristin era assexuada. Cortava regularmente os cílios por considerá-los femininos demais. Adotou uma falsa masculinidade para conseguir sobreviver em um lar doentio. Introjetando a misoginia que encontrava em casa, passou a odiar o próprio corpo. Quando sua sexualidade emergiu pela primeira vez, entregou-se a uma vida de fantasia que encerrava imagens de atos destrutivos contra seu corpo.

No final da adolescência, deixou-se persuadir de que era um homem prisioneiro de um corpo de mulher, condição essa a que se convencionou dar o nome de transexualismo. Saiu de casa logo que pôde, mudou-se para uma cidade maior e passou a frequentar a noite. Nos bares gays conheceu vários transexuais e travestis - seu tipo de gente. Contudo, como nunca encontrou outro transexual ou travesti do sexo feminino, temia, na verdade, ser uma aberração. Sentindo-se só e profundamente deprimida, tentou o suicídio, mas fracassou.

Tempos depois, viajou de trem para o Oeste. Estava tão mal que não saiu do vagão-restaurant, onde procurou amortecer a dor com álcool. Ela própria descreve assim os sentimentos que experimentava naqueles instantes:

- Pensei que simplesmente morreria se ninguém me tocasse.

Um homem sentado na frente dela convidou-a para ir a sua cabine. Kristin só queria ser abraçada. Ele, porém, tinha outros planos. Sem forças para lhe oferecer resistência, ela pensou "É questão de destino. Tem gente que nasce para ser estuprada e sofrer abusos emocionais".

Meses depois daquela terrível noite no trem, ela e um amigo foram parar em uma reunião cristã da ACM local. Ouviram a mensagem do Evangelho, mas a reação de Kristin, pode ser expressa nesta sua frase:

- Considerava-me desprezível demais para me tornar cristã.

Ainda assim, voltou à reunião na semana seguinte. Durante o sermão, o pregador disse:

Se você não se acha bom o suficiente para ser cristão, pense no apóstolo Paulo. Ele era um assassino e Jesus o perdoou!

Ao ouvir essas palavras, foi como se uma represa rebentasse no coração de Kristin. A identificação com o pecado de Paulo fora imediata, pois aquela noite no trem resultara em gravidez e no aborto da criança. O amor de Deus e a verdade da cruz penetraram na alma de Kristin. Ela disse "Sim" a Cristo e como ela mesma definiu: -Apropriei-me da verdadeira esperança que só se pode encontrar em Jesus.

A conversão produziu a cura dos alicerces de que todo mundo precisa, a regeneração inicial do espírito por intermédio do novo nascimento e da restauração de um relacionamento com Deus.

O Senhor rapidamente começou a curar a profunda confusão existente no coração de Kristin. Frequentando uma Igreja, conheceu um homem que lhe serviu de exemplo da identidade masculina que ainda desejava ter. A esse respeito, ela diz:

-Eu queria ser o Matthew, física, emocional e espiritualmente. Queria me parecer com ele, falar como ele, ter sua habilidade para conduzir o louvor. Queria a vida dele para mim.

Reconhecendo a profundidade da própria carência, Kristin arrependeu-se dessa ambição doentia, mas ainda precisava se conscientizar de que também ela fora criada de maneira assombrosamente maravilhosa por Deus.

Enquanto aguardava que o Senhor completasse a cura tão desejada, agarrou-se às seguintes palavras de Jesus: *"Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e no seu amor permaneço. Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo"* (João 15.10-11).

Deus levou Kristin a ler o livro de Leanne Payne, *Real Presence* (Presença Real). Uma passagem em particular tocou seu coração:

"A personalidade conforme a percebemos e estruturamos, ao encontrar sua identidade somente em Deus, deixando de buscá-la em um papel para desempenhar (esposa, mãe, pai, membro de igreja), em uma carreira ou profissão (médico, advogado, pastor, artista), ou em um grupo específico (mulheres, executivos, negros) pára de ser moldada ou determinada por receios de fracassar, ou pelo que os outros pensam a seu respeito. Encontra agora justificação exclusivamente em Deus. Essa personalidade redimida está liberta da superposição de pecados, erros e pequenas falhas dos outros e do próprio passado; também das rejeições experimentadas, tanto no passado quanto no presente. É livre, realmente, para amar - inclusive os inimigos - e para criar - apesar dos temores e do ódio que a rodeia. Essa personalidade não tenta mais se relacionar com os outros (muito menos com o Corpo de Cristo) baseada em conhecimentos ou opiniões de espécie alguma, pois sua identidade não está mais no conhecimento. Os receios, as pressões externas, a autoridade excessiva imposta pelos outros não moldam mais sua vida interior, nem mesmo - por períodos bastante longos - as circunstâncias de sua vida exterior; segura naquilo que tem dentro de si, recebe a capacitação para enfrentar tais coisas e lidar com elas, em vez de ser por elas moldada. Circunscrita ao que lhe permite o fato de ser finita, ela deseja ser uma com Deus. Sendo também esse o desejo de seu Criador, pode então colaborar perfeitamente com Ele. Paradoxalmente, embora pareça

ter se perdido, a personalidade descobre, pela primeira vez, que é verdadeiramente criativa."

- Essa passagem tornou-se o clamor do meu coração – conta-nos Kristin -, minha oração e a esperança pela qual eu vivia.

Entusiasmada, chegou a arrancar a página do livro e mostrá-la para diversos conselheiros cristãos. Depois de lê-la, todos lhe disseram que as ideias ali contidas eram "simples demais, exageradamente irrealistas para esta vida". Porém Kristin continuou lutando para alcançar a plenitude e a maturidade em Cristo, convencida de que estavam disponíveis também para ela.

Resolveu então escrever para Leanne Payne, que lhe sugeriu que entrasse em contato comigo. Kristin passou a percorrer quase trezentos quilômetros, ida e volta, para participar de um grupo de apoio semanal, conduzido por mim, sobre plenitude sexual em Cristo. Embora não falasse muito, sem dúvida era um vaso pronto e ansioso para receber todo tipo de cura que Jesus tivesse para lhe dar. Entretanto, como se juntara a um grupo já em progresso, foram poucas as reuniões que teve chance de frequentar antes que o grupo acabasse.

Arrependo-me de não ter me aproximado e procurado conhecê-la melhor depois disso. Mas como estava planejando fazer um seminário sobre oração de cura, no final de semana seguinte, convidei Kristin para estar presente e conduzir a adoração. Inicialmente ela concordou, porém, mais tarde, escreveu-me declinando o convite. Sua carta entristeceu-me, não por haver perdido uma ministra de louvor, mas por saber que o Senhor tinha mais curas para Kristin. Apesar de sua carta não pedir uma manifestação da minha parte, escrevi-lhe assim mesmo dizendo que sentia muito e estimulando-a para que viesse de qualquer forma, ainda que não fosse para conduzir o louvor.

Oito meses se passaram e eu me preparava para adotar um novo formato de grupo de apoio. Andy Comiskey, respeitado ministro na área de redenção sexual, estava acabando de reescrever seu *Living Waters Sexual Redemption in Christ Program* (Programa Águas Vivas de Redenção Sexual em Cristo) e graciosamente permitiu-me usá-lo no ministério. Dedicava-me a selecionar cuidadosamente os candidatos para o primeiro grupo quando Kristin reapareceu. Mudara-se para as redondezas e queria participar do novo programa.

Desde a última vez que a vira, muita coisa lhe acontecera. No grupo anterior, ela começara a aceitar sua feminilidade e seu corpo. Agora, pela primeira vez na vida, experimentava sentimentos de amor, em vez de ódio, pelas mulheres. Contudo, percebia que seu coração continuava confuso, pois descobriu que estava "se apaixonando" por uma determinada mulher. Por estranho que pareça, no caso de Kristin os sentimentos lésbicos representavam um estágio do processo de cura.

Ela tinha plena consciência, porém, de que não se tratava do amor verdadeiro, nem era sua intenção buscar um relacionamento lésbico. Agora, o amor neurótico por uma representante do seu sexo também precisava de cura.

Naquela mesma época, Kristin frequentava uma igreja dirigida por um homem extremamente dominador. Chegou a descrevê-lo como "o chefe, que diz pra todo mundo o que cada um deve fazer e cuida para que suas opiniões sejam conhecidas de Leste a Oeste!". Ele não lhe agradava em nada, mas ainda assim a atraía. Kristin queria ser igual a ele. A ambivalência do sexo oposto que ele demonstrava só fazia evocar o mesmo tipo de ambivalência nela. Seus sentimentos para com ele iam do ódio profundo à atração física. Tinha a impressão de que, se conquistasse o amor dele, então talvez ele a respeitasse e ouvisse o que tinha para dizer. Conscientemente, tanto de coração quanto de entendimento, nunca desejou de fato um relacionamento íntimo com ele.

Desde o princípio, quando começara a frequentar aquele meu primeiro grupo, Kristin fora bastante ambivalente em relação a mim. A carta que lhe enviara, convidando-a para participar do seminário mesmo que não conduzisse o louvor, provocou raiva nela. Embora enxergasse minha sincera preocupação com seu bem-estar, em sua mente eu não passava de mais um homem dando-lhe conselhos indesejados. Mais tarde ela me contou:

Perdi a cabeça. Mesmo! Fiquei furiosa e não conseguia sentir nada além de ódio contra você. Marchava pela casa, literalmente, aos gritos, dobrando e desdobrando sua carta até transformá-la em uma bolinha de papel. A raiva me sufocava tanto que não consegui mais dormir e passei uma semana inteira bastante perturbada. Em minha mente racional, sabia que você só estava pensando no meu bem. Mesmo assim, só sentia raiva. Afinal, depois de uma semana, pus o rosto em terra e derramei meu coração, aos prantos, perante o Senhor. Não sei como, mas Ele conseguiu fazer brilhar o Seu amor em meu coração endurecido e corrupto, revelando meu pecado assustador.

Um resumo dessa oração seria algo mais ou menos assim: "Deus, Tu dizes em Tua Palavra que o Senhor só dá boas dádivas, porém, Tu me deste serpentes. Tu me deste uma serpente por pai, e eu Te odeio por isso. Odeio essa serpente, e Te odeio. Te odeio, Deus. Nunca, jamais vou querer me casar porque sei que Tu só tens serpentes para mim. Não, muito obrigada, mas dispense essa dádiva."

Depois que desabafara toda raiva e esgotara minhas forças, Deus me disse: 'Kristin, eu só dou boas dádivas sim, e não te dei uma serpente (por pai), mas um homem feito a minha imagem, de um modo assombrosamente maravilhoso. Chamei-o para Me amar e servir. Chamei-o para amar você e apoiá-la. Todavia, exercendo seu livre arbítrio, ele preferiu servir a si mesmo e seguir os anseios de seu próprio coração, em vez de Me buscar. Ele pecou contra Mim e contra você. Agora, estou te chamando para que veja a pessoa que eu criei realmente. Estou te chamando para perdoá-lo e confiar em Mim!'

A ambivalência de Kristin em relação a mim revelou-lhe a necessidade de perdoar o pai. Porém, mesmo depois de fazê-lo, sua luta com a ambivalência do sexo oposto não terminara. Nas vinte semanas de duração do programa Living Waters, continuei sendo o principal objeto de projeção da raiva que ela sentia. Em algumas discussões em grupo, Kristin discordou ardentemente de mim, mas eu sabia que ela não tinha consciência de que apenas dava vazão a sua ambivalência do sexo oposto. Entretanto, reconheço que cometi alguns erros ao lidar com ela, pelos quais pedi perdão algum tempo depois. Parte de sua raiva de mim era justa, mas não toda.

Kristin e os demais participantes experimentaram um crescimento incrível, no período em que seguimos juntos o programa Living Waters. A capacidade de Comiskey para aplicar verdades teológicas com sabedoria psicológica, ao mesmo tempo que mantém a posição de preeminência do Evangelho, é admirável. Aliado a minha bagagem adquirida no trabalho conjunto com Leanne Payne e a equipe de Pastoral Care Ministries, o programa deu frutos para transformação de todas as nossas vidas. Nossos momentos de oração eram oportunidades em que céu e terra se encontravam e o Santo Espírito vinha curar o povo de Deus. A cura de Kristin aconteceu assim.

A Oração de Kristin

Começamos a orar invocando o nome de Jesus e pedindo ao Espírito Santo que viesse curar a mente e o coração de Kristin. Apesar da impressão de que nada

acontecida, aguardamos em silêncio no Espírito, sabendo que Deus estava operando. Depois de vários minutos, perguntei a ela se Deus lhe mostrava alguma coisa.

- Só vejo a mim mesma, na sexta série - ela respondeu, -Meu cabelo está todo repicado, pareço um menino.

Assim que a ouvi dizer isso, percebi que o Senhor queria substituir os símbolos existentes em seu coração. Aquela imagem consistia no símbolo de que o coração de Kristin dispunha para defini-la como pessoa. Perguntei-lhe então se conseguia arrancar a imagem de sua mente e entregá-la para Jesus. Ao fazê-lo, ela se dobrou ao meio por causa da dor e se pôs a soluçar e chorar.

Continuamos orando, até o Senhor revelar que Kristin fora rejeitada já na concepção. Tudo que fizemos então foi invocar a presença de Jesus no momento em que ela fora concebida, pedindo-Lhe que curasse a rejeição daquele bebê ainda no ventre da mãe. Li o Salmo 139.13-16:

*"Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe.
Graças te dou, visto que por modo
assombrosamente maravilhoso me formaste;
as tuas obras são admiráveis, e a minha alma
o sabe muito bem;
os meus ossos não te foram encobertos,
quando no oculto fui formado,
e entretecido como nas profundezas da terra.
Os teus olhos me viram a substância ainda informe,
e no teu livro foram escritos todos os meus dias."*

Em um grupo único de oração, colocamos diante de Deus um bebê que vivenciara nove meses de medo no útero da mãe e o trauma de nascer em um mundo que o rejeitava. Confortamos a criança presente em Kristin, assegurando-a da presença de Deus desde seus primeiros meses de vida.

Então foi a vez de vir à tona uma recordação de abuso emocional e ódio da mãe. Mediante nossa exortação, Kristin perdoou-a, livrando-se dos pecados cometidos pela mãe contra ela. Nesse momento, sua carência de amor materno tornou-se aparente. Simplesmente a abraçamos bem apertado, enquanto o Senhor fazia a incrível obra de curar e suprir a deficiência provocada pelo amor não correspondido de uma mãe doentia.

Aqui vai o relato de Kristin do que se seguiu:

"O Senhor me conduziu a uma época da minha vida em que eu estava sempre muito assustada (três anos de idade). Em seguida mostrou-me a imagem de meu pai e eu no banheiro, ele tentando abusar sexualmente de mim. Sempre tive medo de que isso tivesse acontecido, mas nunca conseguira trazer o fato para o consciente realmente, a não ser depois que oramos. Até então, só me lembrava do hábito de sentar-me no vaso sanitário (especialmente à noite) e ficar ali, chorando sem parar, por longos períodos.

Meu quarto representava para mim um buraco escuro repleto de pesadelos, habitado por grossas teias de aranhas negras e homens loucos empunhando facas - o banheiro parecia um local mais seguro. Na realidade, porém, minha reação ao problema - o pai tentar abusar sexualmente dela - foi enfática e violenta. Meus gritos (foi o que me ocorreu naquele instante) acordariam minha mãe que, aos meus olhos, era muito mais forte do que meu pai. Bastava sua voz para fazer as coisas acontecerem - como naquela noite em particular - de forma que, sem sair de seu quarto, ela conseguiu por um fim a tudo aquilo. Fugi do banheiro, mas não sei ao certo para onde.

Depois que descrevi essa imagem, você propôs que eu fosse para a sala onde meu pai estava, e então me perguntou se havia mais alguém ali. Só enxerguei meus três irmãos em pé, atrás do meu pai, olhando para ele. Foi quando você me pediu para ver Jesus naquele lugar.

De início não O encontrei em parte alguma, o que me apavorou. Quis sair correndo, porém a sala era grande demais, não achava portas ou janelas pelas quais fugir. No momento de maior pavor, dei um passo para trás, percebendo que só havia homens naquela visão, um que me segurava e – agora - homens por toda minha volta, orando. Não havia escapatória. Tinha de enfrentá-los, principalmente meu pai.

Graças às incessantes orações, finalmente fui capaz de ver Jesus na sala. Ele se aproximou, ergueu-me do chão e segurou-me em Seus braços. De repente, comeci a crescer. Cresci até ficar igual a meu pai em altura, o que me permitiu olhá-lo direto nos olhos e dizer-lhe tudo que pensava."

É importante observar que Kristin não via mais uma recordação realmente, porém uma representação simbólica da cura em progresso. Na verdade ela tem pouco mais de um metro e meio de altura, de forma que crescer até atingir a altura do pai só poderia significar enfrentá-lo e mostrar-lhe honestamente todos os pecados cometidos contra a filha.

"O medo, a dor e o profundo ressentimento por ser tratada como um objeto sexual vieram para fora. Assim como a raiva e a amargura de ter sido presa a um senso corrupto de ser. Assim como a máscara repulsiva do homem que nunca se mostrou capaz de assegurar-me a proteção que eu precisava dele e dos outros homens.

O sofrimento persistiu por um período que me pareceu bastante longo, até que você me convidou a olhar para meu pai com os olhos de Jesus. O tempo todo você também me lembrou que Jesus estava ali, que Ele sempre me protegera e se colocaria entre mim e meu pai. Eu precisava disso, pois demorou um pouco até que o medo fosse embora."

Nesse ponto, era necessário liberar Kristin dos pecados do pai contra ela. Fiz uma oração que poderia ser chamada de expiação, enquanto confessava a Deus o pecado da misoginia cometido por ambos os pais contra Kristin, moldando-a em uma pessoa que Deus nunca pretendia que ela fosse. Pedi a Jesus que tirasse de sua alma o pecado da misoginia e o mantivesse longe dela. Pedi-lhe também que viesse sobre todas as áreas em que Kristin fora moldada pelo pecado do pai, libertando-a de seus efeitos negativos. Orei especificamente para que a luz de Jesus iluminasse toda e qualquer área do seu ser em que se sentisse suja e profanada pelo pecado do pai. Então, orei a Deus para que purificasse aquelas áreas e as deixasse limpas através da Sua santidade. Pedi ainda a Jesus que lhe desse objetividade divina acerca do pai e que a ajudasse a vê-lo como o pecador necessitado, não redimido, que era.

"Quando enfim consegui ver meu pai da maneira correta, com os olhos de Jesus, dei um passo à frente e perdoei-o, e a cada palavra que proferia, o medo dentro ia me deixando."

A essa altura, ficara claro que a misoginia dos pais de Kristin havia assassinado sua identidade feminina. Lembrando-me das palavras de Jesus à filha de Jairo, repeti-as em oração, dirigindo-me à criança morta dentro de Kristin:

- *Menina, eu te mando, levanta-te!* (Marcos 5.41b).

Pedi a ela que olhasse para Jesus e recebesse d'Ele seu verdadeiro eu. Os soluços de Kristin transformaram-se em lágrimas de pura alegria. O gozo da presença do Espírito de Deus desceu do Céu e instalou-se em sua alma. Em poucos instantes, todos que orávamos ao seu redor éramos inundados de regozijo e gritos de louvor, adoração e graças a Deus encheram a sala.

"Depois disso, Jesus me mostrou quem eu sou realmente através dos Seus olhos - uma mulher feita de um modo belíssimo, a Sua imagem, e encantadora, sob Seu ponto de vista. (Aquela primeira imagem que tinha de mim mesma, quando iniciamos nosso período de oração, mostrava uma criança muito séria, tristonha, de cabelos curtos e repicados. (Agora) eu via uma mulher bonita, forte, de cabelos longos e encaracolados. Estava livre afinal - graças ao Senhor."

Misoginia

Nos homens, as tendências misóginas geralmente se manifestam de maneiras mais sutis do que em comportamentos abusivos, como no caso de Kristin, ou da mulher que apanha do marido, ou sofre estupro. É difícil reconhecer tais sutilezas, porém, dentre elas, incluem-se atitudes como:

- Fingir dar valor às contribuições de uma mulher à conversa, mas ignorar-lhe as observações, tão logo tenham sido expressas;
- Ressentir-se da mulher que se volta para o homem em busca de ajuda. Vê-la como uma pessoa doentia e incompetente;
- Esperar sempre que a mulher se doe ao homem, nunca o contrário. Uma atitude camuflada com muita sagacidade nos meios cristãos em que a doutrina de submissão das mulheres aos maridos costuma ser enfatizada fora do contexto bíblico da submissão de todos os crentes uns aos outros (Efésios 5.21);
- Participar de conversas de vestiário entre homens que se referem às esposas de modo depreciativo, fazendo comentários como "Pois é, deixei ela ir morar em casa comigo", "Sou eu quem lhe dá de comer, não sou?", "Eu acredito que Deus fale por intermédio da mulher; afinal, ele falou até através da mula de Balaão", "Se você cobrir a cabeça de uma mulher com um saco de papelão, ela fica igual a todas as outras." (Lamento ser tão específico, mas sei que alguns homens, ao lerem este trecho, reconhecerão as próprias palavras.);
- Mostrar-se incapaz de agradecer à mulher que o abençoou, ensinou-lhe algo ou se doou a ele de alguma forma;
- Mostrar-se incapaz de receber o que a mulher tem para dar, por medo de ficar em débito com ela;
- Fazer críticas constantes e sutis à mulher de alguém, em casa, porém agir de maneira exatamente oposta em público.

O comportamento misógino, que tanto fere às mulheres, não provém de homens homossexuais na maioria das vezes, mas de heterossexuais desestruturados, com os quais elas se relacionam. A dra. Margaret J. Rinck, no livro *Christian Men Who Hate Women* (Homens Cristãos que Odeiam Mulheres), descreve com muita propriedade grande parte da patologia por trás do homem que luta com a misoginia. Ela ressalta ainda que os relacionamentos desse homem com as mulheres será marcado por sua necessidade ambivalente de controlá-la e, ao mesmo tempo, de mantê-la à distância.

De certa forma, o misógino constrói muros a seu redor para manter a mulher distante. Teme que, se chegar perto demais, ela perceberá sua vergonha. Essa atitude intimidadora serve a um duplo propósito: controlá-la e impedir que o abandone, mas também evitar que ela se aproxime demais, emocionalmente. De certa forma, ele procura dar a impressão de ser um homem que se fez sozinho, independente, seguro de si, confiante, que não precisa de ninguém. Entretanto, é tão inseguro, tão incapaz de

separar-se dela que só consegue vê-la, exclusiva e absolutamente, como uma extensão de si mesmo.

Alguns cristãos com tendências inconscientes à misoginia reúnem-se em grupos de amigos exclusivos para homens. A pessoa que se sente atraída por esse tipo de grupo com toda certeza está em busca da própria identidade masculina. Seu desejo de ligar-se a outros homens cristãos de uma maneira saudável é correta. Infelizmente esses grupos, com enorme frequência, logo se convertem em playground para que os homens exercitem sua insegurança. Eles criam jogos na tentativa de afirmar a própria masculinidade, em vez de se identificarem com Cristo. As características ímpares de alguns desses grupos só expressa o desajuste que os caracteriza.

Tais homens costumam ter visões grandiosas de si mesmos, pensando inutilmente que estão "na crista da onda" do cristianismo. Na verdade, encontram-se à mercê do masculino considerado isoladamente do feminino, resultando, no homem, em um impulso bruto no sentido do poder. Os tiranos do mundo - Hitler, Mussolini, Stalin, Jim Jones, Saddam Hussein - são sempre homens desligados do efeito civilizador do verdadeiro sexo feminino.

Esse impulso na direção do poder se manifesta quando os homens confundem controle com liderança. Lembre-se: controle é uma necessidade primária no coração dos homens que têm tendências misóginas. Não se conformam com o mundo em que o servo lidera, como ensinam as Escrituras (embora possam até falar a esse respeito). Pelo contrário, são rápidos em estabelecer uma estrutura autoritária pela qual controlam os que se encontram abaixo. Pode-se imaginar essa estrutura como um templo pagão em forma de pirâmide, com seus diversos degraus. Na base estão todas as mulheres do mundo cristão, excluídas dos tais grupos. O degrau de cima cabe aos servos do sexo masculino. Acima deles encontram-se outros tantos homens, até que, no topo, um único homem, ou grupo de homens, é senhor sobre quem está embaixo.

"Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo" (Mateus 20.25-27).

A maioria dos homens que se submetem a tais estruturas nunca exercitaram plenamente os dons e talentos que lhes foram concedidos por Deus. Só aqueles que compõem o grupo restrito ocupando o topo da pirâmide são considerados detentores de revelação, sabedoria e dons verdadeiros. Certo pastor, formado em um de nossos melhores seminários, mas que abandonara uma igreja dirigida por um desses grupos, relatou-me: -Durante dez anos fiquei limitado à educação no seminário, aguardando para assumir uma posição de liderança, quando na realidade as pessoas acima de mim não tinham a menor intenção de utilizar meus dons e treinamento, com medo de perder o controle ou a condição de autoridade.

Pessoas que rompem com tais grupos, às vezes são acusadas de ter um "espírito rebelde e desobediente". Mulheres cristãs em posição de liderança, que exercitam os dons recebidos de Deus, são criticadas por tais grupos, transformando-se nos principais alvos de projeções misóginas. Quando elas perseveram em empregar seus dons, por obediência a Deus, os misóginos julgam-nas manipuladoras e controladoras, ou as acusam de estarem possuídas do "espírito de Jezabel".

Uma das principais características negativas das "confrarias" exclusivamente masculinas é a capacidade que têm de proteger uns aos outros quando confrontados com seus problemas (pecados), bem como de desviar a culpa para cima de terceiros. Encontram correspondência na relação de "apadrinhamento" da política, ou até mesmo do mundo dos negócios, em que homens doentios e carentes formam uma verdadeira

rede cuja existência só se justifica através da perpetuação do poder, bem como do encobrimento de transações obscuras.

Conquistar e manter o apoio dos outros membros do grupo passa a ter importância absoluta. Por conseguinte, as esposas desses homens ocupam um lugar menos proeminente em suas vidas. O assustador resultado é uma concentrabilidade comparável à moderna homossexualidade e à situação que Paulo encontrou em Corinto: homens obcecados por relacionamentos errados com outros homens, em vez de se relacionarem corretamente com as mulheres.

Quando o homem não consegue se relacionar com a mulher, enquanto pessoa dotada de inúmeros talentos, volta-se para o próprio sexo, em uma atitude perversa, em áreas que considera inadequadas para as mulheres. Donald Bloesch, em *Is the Bible Sexist?*, relata de que maneira a visão da mulher como ser humano inferior, na cultura greco-romana dos dias de Paulo, resultou em homens maduros buscando companhia intelectual não nas esposas, mas nos rapazes.

Entre os gregos, homens e mulheres não comiam juntos, nem sequer compartilhavam as mesmas dependências para dormir. Os homens passavam a maior parte do tempo fora de casa, onde ficavam confinadas as mulheres. Desencorajavam-se as conversas intelectualizadas entre marido e mulher, de forma que muitos maridos buscavam a companhia de rapazes novos e brilhantes com esse propósito.

Alguns desses "rapazes novos e brilhantes", muitas vezes, tornavam-se parceiros efeminados em relacionamentos pederásticos, tão comuns na sociedade grega antiga. Historicamente, a depreciação das mulheres equivale à aceitação da pederastia, do homossexualismo e da prostituição na sociedade. A própria palavra misoginia vem do grego. Quando nos deparamos com homossexualismo, pederastia, misoginia, vemos uma sociedade que começou a se desintegrar. O dr. Richard Lovelace, comentando sobre romanos 2 no livro *Homosexuality and the Church* (Homossexualismo e a Igreja), diz: "A homossexualidade de qualquer indivíduo em particular não representa uma punição direta a sua idolatria, mas sim o produto da estrutura social deteriorada de uma sociedade de idólatras.

J.B. Skemp, em *The Greeks and the Gospels* (Os Gregos e os Evangelhos), demonstra a relação entre homossexualismo, prostituição e pederastia, na medida em que aparecem como temas principais da literatura grega antiga.

"Poemas homossexuais são mais frequentes do período alexandrino em diante, ao passo que na comédia ática, é a cortesã a figura constante; embora não existam escrúpulos, ao menos em Aristófanos, quanto a mencionar as relações de homens com belos rapazes".

No centro das religiões pagãs do Oriente próximo, havia a imagem dual e antagônica da mulher representada como virgem e meretriz ao mesmo tempo. Os templos, tanto para as prostitutas, quanto para as virgens, eram fundamentais para a adoração idólatra da antiga Grécia. A deusa egípcia Ísis, associada a várias religiões mediterrâneas que cultuavam deusas, era mãe, esposa e meretriz. Teólogas feministas são rápidas demais em atribuir valor superior à essas religiões de divindades femininas sobre a judaico-cristã, com seu Javeh, o Pai celestial e Jesus, Seu Filho. Interpretando positivamente a visão da deusa que é mãe e meretriz, uma feminista declara que, por conseguinte, "Tanto as mulheres respeitáveis quanto as prostitutas podiam se identificar com ela". Contudo, esse tipo de visão não tem feito mais que diminuir o valor da mulher, através da história. O engano das teólogas feministas reside em deixar de perceber que "a natureza revolucionária da (proibição de) todas as formas de sexo não-marital no judaísmo" redimiu a mulher de sua condição sexualmente inferior.

Ao advertir os coríntios: *"Não vos enganéis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus"* (1 Coríntios 6.9b-10), Paulo incluiu aqui os relacionamentos pervertidos entre rapazes e homens maduros, resultante da incapacidade dos habitantes de Corinto em se relacionar com as esposas como pessoas dotadas de entendimento. Todavia, as palavras de Paulo também devem ser interpretadas como uma denúncia declarada contra o homossexualismo em geral, não exclusivamente da pederastia.

Paulo, por contraste, instigou a esposa a perguntar, e o marido, a discutir questões espirituais com ela (1 Coríntios 14.35). Salientou também que, se um membro é deficiente, todo o corpo sofre (1 Coríntios 12.24-26). Ele rejeitava a segregação sexual, tanto em casa, quanto na adoração (1 Coríntios 11.11). Mais ainda, apoiava a completa igualdade dos direitos sexuais no casamento, insistindo em que cada parceiro satisfizesse as necessidades eróticas do outro (1 Coríntios 7.3-5).

A Carta Magna da liberdade cristã é Gálatas 3.28 - *"Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus."* Paulo perseverava em que existe uma igualdade básica em Cristo, que homens e mulheres são herdeiros idênticos da salvação.

Cristo irrompeu em um mundo pagão que aceitara de pronto a imagem dual e antagonica da mulher virgem e meretriz. Quando encarada como virgem, assume os contornos de "santuário sagrado" intocável, para que a mão indigna do homem não a profane. É elevada e exaltada, mais uma imagem santa que uma pessoa. Quando vista como meretriz, ela passa a ser considerada impura e intocável mais uma vez, para evitar que o homem, entrando em contato com ela, profane a si mesmo. É mais um objeto a ser usado em prol das paixões carnis e imorais do homem. Vindo ao mundo através do ventre de uma virgem e estendendo Sua mão redentora às prostitutas, Jesus libertou a mulher das duas condições que reputavam intocáveis. Relacionou-se com elas, como as pessoas de carne e ossos que de fato eram e estabeleceu sua salvação do mesmo modo que a dos homens - na cruz.

O Complexo Virgem/Meretriz

No final da década de 80, um pregador da rede de televisão americana serviu como um exemplo da maior relevância, para todo o mundo, do complexo virgem/meretriz. Tratava-se de um poderoso evangelista. Assistindo a suas cruzadas na televisão, muitas vezes o ouvi pregar a mensagem simples do Evangelho e me regoziquei quando centenas, milhares de pessoas atenderam a seu convite de passar pelo novo nascimento em Cristo.

No programa diário de televisão, ele era famoso pela retórica contra o pecado sexual e também por pedir aos convidados que falassem, de maneira bastante indiscriminada, contra os ministérios de cura conduzidos por diversos cristãos honrados. Muitas vezes, seus telespectadores viram-no de pé, a Bíblia em uma das mãos, a outra apontando para uma ilustração em um quadro-negro. Abaixo dele, junto a uma mesa, sentavam-se mestres na Bíblia e a esposa do evangelista, compondo o painel do programa. Enquanto os homens discutiam as verdades bíblicas, ela permanecia em silêncio. Limitava-se a olhar para o marido, que ensinava.

Houve uma ocasião, durante o período de discussões que se seguia ao ensino propriamente dito, em que a esposa do evangelista deu seu parecer sobre o assunto. Ela tinha uma cabeça muito boa, de forma que havia profundidade em sua contribuição. O evangelista, sempre em pé enquanto ela permanecia sentada, olhou para a esposa,

agradeceu o comentário e tratou de retomar logo a discussão -desconsiderando por completo o que ela dissera. Obviamente, ele não valorizava sua capacidade de raciocínio (talvez por não se enquadrar na ideia que ele fazia da boa esposa cristã).

Pouco tempo depois desse programa, denunciaram o evangelista por levar vida dupla. Durante anos, ele usufruiu dos serviços de uma prostituta. Mais que depressa, ele se arrependeu publicamente do pecado e pediu perdão à esposa.

Acompanhando a história pela mídia, ocorreu-me que as declarações do evangelista relativas à esposa lembravam a visão idealizada que Romeu tinha de Julieta, na peça de Shakespeare. Ela era a "esposa ideal" e Deus "não podia ter dado a um homem esposa melhor". Elevada, exaltada, intocável, um santuário sagrado, não uma pessoa.

No lado reverso dessa imagem de santidade havia a visão das mulheres como meretrizes. Senti o coração apertar, pelo evangelista, quando ele admitiu, cheio de remorso, que a compulsão para visitar prostitutas o afligia desde a mocidade.

O problema daquele homem estava não só em seu comportamento pecaminoso envolvendo a prostituta, mas na condição pecaminosa de seu coração, que abrigava a imagem dual e antagônica das mulheres. *"Porque do coração procedem maus designios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias"* (Mateus 15.19). Ele apresentava um caso clássico de confusão de símbolos, por trás da ambivalência do sexo oposto e da misoginia.

Ficou claro como a condição de pertencer a um ser humano caído de seu coração moldara-lhe a teologia. Os ensinamentos radicais que transmitia sobre a submissão das esposas aos maridos, bem como sua patente rejeição a ministérios mais femininos dentro do mundo cristão (como o de cura da alma), eram sintomáticos de sua fuga do feminino. A repressão do feminino em si mesmo e nos outros representava uma tentativa frouxa de controlar as visões distorcidas da mulher que o impulsionavam no sentido de um comportamento pecaminoso.

O homem mantém viva a prostituição, enquanto comércio, graças a sua visão da mulher, próprio de um ser humano caído. Se a prostituição é a profissão mais antiga do mundo, significa que a ambivalência do sexo oposto é a neurose mais antiga do mundo.

A cura de que o evangelista necessitava, e necessita até hoje, era a mesma cura que recebi - passar a ver a mulher da maneira correta, ser curado da ambivalência do sexo oposto e da misoginia. Aparentemente, sua teologia ressaltava a necessidade do novo nascimento, mas ignorava que o cristão precisa de santificação constante. Sua visão da conversão parecia deixar implícito que toda a obra redentora da cruz acontece no momento do novo nascimento. Por conseguinte, não restava lugar em sua teologia para que o cristão sofresse por causa de um problema sexual que lhe controlava toda a vida. Quando a denominação a que ele pertencia, insistiu muito acertadamente em que se submetesse a aconselhamento, ele se recusou terminantemente. Tempos mais tarde, pegaram-no outra vez com uma prostituta.

Liberdade da Misoginia

A misoginia geralmente é uma raiz de pecado agarrada à base dos diversos problemas sexuais experimentados pelas pessoas. Está relacionada, não só à homossexualidade no homem, como também ao lesbianismo e a perversões da heterossexualidade. Causa problemas intermináveis nos relacionamentos entre homens e mulheres. A ambivalência do sexo oposto, manifestando-se a partir da misoginia, obstrui o avanço do Reino de Deus quando tentamos executar a missão que Cristo nos deu.

A confissão desse pecado costuma ser fundamental no sentido de fazer com que os homens se libertem da misoginia. Foi assim comigo. Para aquele que luta com sua homossexualidade, reconhecer o pecado e dele se arrepender pode ser o primeiro passo para conquistar uma identidade heterossexual saudável. No caso do homem com ambivalência do sexo oposto mas sem neurose homossexual, a confissão pode proporcionar a vitória que lhe permitirá estabelecer relacionamentos confiantes e sagrados com mulheres.

Costumo fazer a seguinte oração com os homens, tanto em público quanto em particular, para ajudá-los a romper a barreira do pecado da misoginia:

"Senhor Jesus, eu Te agradeço por criar a mulher e o homem para serem juntos a imagem de Deus. Não tenho me alegrado, nem comemorado o fato de a mulher ter sido feita de modo assombrosamente maravilhoso. Confesso essa atitude como um pecado.

Reconheço diante de Ti, senhor Jesus, que vim a este mundo pelo ventre de uma mulher. O corpo dessa mulher já foi fonte de vida para meu corpo, e por intermédio dela, ó Deus, Tu me deste a vida natural. Graças ao ventre de uma virgem, toda a humanidade foi abençoada com a vida e o ministério de Jesus, nosso Senhor e Salvador. Hoje sei que jamais poderei retribuir à mulher as muitas maneiras pelas quais ela tem sido usada, por Ti, para me abençoar e a todos os homens.

Agora, revela-me, Senhor, as mulheres contra quem tenho pecado. (Aguarde um instante na presença do Senhor, até que Ele lhe mostre a existência de eventual pecado em seu coração contra alguma mulher.)

Também esse(s) pecado(s) eu confesso a Ti. Confesso o pecado da misoginia e a ele renuncio em nome de Jesus. Por favor, perdoa-me, Jesus. (Certifique-se de esperar na presença de Deus até receber plenamente Seu perdão que cura.)

Agora, eu Te peço, senhor Jesus, dá-me a graça de amar e abençoar as mulheres, como Cristo amou e abençoou Sua noiva, a Igreja. Mostra-me, Senhor, como me doar a elas, como abençoá-las e expressar minha gratidão para com elas. Liberta-me para amá-las incondicionalmente, sem esperar nada em troca, a não ser Tua voz me dizendo "Bom trabalho, servo bom e fiel".

Não raro, tenho de convidar uma mulher a também fazer essa oração. Meninas educadas em lares misóginos reproduzem essa característica na vida adulta. Se cristãs, abraçam de todo coração os ensinamentos distorcidos da submissão das esposas aos maridos, fora do contexto da submissão mútua (Efésios 5.21).

Entre as sutis atitudes pelas quais a misoginia se revela nas mulheres se contam:

- Valorizar a opinião dos homens sobre determinados assuntos mais que das mulheres, mesmo que eles não tenham um bom conhecimento da matéria;
- Desprezar mulheres frágeis (atitude que costuma ser adotada por quem teve uma mãe frágil perante um pai misóginos);
- Competir com os homens e até imitar-lhes os traços masculinos, na tentativa de alcançar maior sucesso;
- Preferir os filhos às filhas;
- Culpar a mãe e/ou fazer dela um bode expiatório pelos problemas em casa, quando eles deveriam ser compartilhados com o pai, ou entregues a sua total responsabilidade;
- Necessitar ser ouvida e compreendida pelos homens, mas não ter a mesma necessidade em relação às mulheres;
- Desejar inconscientemente (ou conscientemente) ter nascido homem.

Para algumas mulheres, como Kristin, a vontade de ter nascido homem pode aflorar sob a forma de uma neurose sexual com plena carga. Elas devem se arrepender

do pecado da misoginia e fazer a oração acima. Talvez precisem ser libertas do pecado em si, que passou a fazer parte de suas vidas devido a relacionamentos desajustados com homens, tanto quanto com mulheres. Esse pecado pode estar lhes oprimindo a alma, moldando-as em pessoas que não foram criadas para ser e reprimindo-lhes a verdadeira identidade feminina.

Por mulheres que necessitam de libertação desse pecado, no tocante ao fato de ele as estar moldando, às vezes faço uma oração de reconciliação:

Vem, Espírito Santo, penetre nas profundezas do coração dessa minha irmã. Entre nos cantos escuros de sua dor, onde há muito tempo ela experimenta os efeitos da misoginia. Vem, Senhor Jesus e comece a libertá-la, agora, desse pecado.

Eu confesso, senhor Jesus, o pecado de misoginia que tem habitado nessa Tua filha. Confesso que esse pecado passou a fazer parte de sua vida por causa de seus pais. Tire-o de sua alma, senhor Jesus e mantenha-o bem longe dela.

Faça com que ela seja liberta das consequências negativas desse pecado - se desprezou seu próprio sexo, se desejou ter nascido homem, ou se foi transformada em uma não-pessoa por causa da misoginia. Se esse ódio contra a mulher se alojou em seu corpo, a ponto de lhe causar dores físicas, que ela seja liberta agora, senhor Jesus, e seu corpo curado.

Peço-te ainda, que venha e abençoe a mulher verdadeira dentro dela, que ela receba de Ti a confirmação de sua verdadeira identidade feminina. Enche-a do Teu amor.

Esse tipo de cura pode ser dramático. Por isso, é melhor se fazer acompanhar de vários intercessores experientes e de ambos os sexos. Muito contribui para o processo de cura, se a pessoa por quem ela está sendo ministrada, ouvir de um homem a oração de reconciliação, em que o pecado da misoginia contra as mulheres é confessado. Ao mesmo tempo, porém, seria aconselhável que uma mulher a abraçasse. Se essa tarefa couber a um homem, pode acontecer de ela se esquivar, pois talvez tenha sido através do toque inadequado de um homem que entrou em contato pela primeira com esse pecado. Também ao pedir a cura do feminino, já quase no final da oração, o toque de uma mulher plena é um meio sacramental por cujo intermédio Deus derrama cura sobre ela. Depois disso, um homem pode orar, abençoando-a como sua irmã em Cristo.

Uma Mulher de Verdade

A vida de Kristin continua a mostrar o fruto de orações como essas. Nos meses que se seguiram àquele período de oração por ela, em que tantas barreiras foram transpostas, sua feminilidade desabrochou. Dentre os homens que vinham participando do programa Living Waters, vários frequentavam a mesma igreja que Kristin e eu. Todos nos maravilhávamos de observá-la, a ponto de deixá-la sem jeito, com tanta atenção. Olhando para trás, noto que, pela primeira vez, os homens enxergavam uma mulher de verdade em Kristin.

Mais tarde, ela teve um envolvimento romântico com um rapaz cristão, o que fez com que a ambivalência do sexo oposto tornasse a se manifestar. Porém, não adotou os sentimentos conflitantes como verdade, nem projetou-os sobre o rapaz. Em vez disso, manteve os olhos voltados para a frente, para Jesus, levando a Sua presença restauradora, cada pensamento e emoção conflitante que emergia de seu interior. Na presença de Jesus, contando ainda com o conselho e o amor de outros cristãos de confiança, ela continuou se transformando na mulher que Deus a criara para ser.

Foi estabelecida ordem no amor de Kristin, graças a sua dolorosa honestidade consigo mesma e com Deus. Seu compromisso não era com a cura, mas sim com Jesus. Durante o processo de cura a que se submeteu, e apesar de toda a dor, em momento algum ela trocou o Evangelho da realização de seu pleno potencial pelo Evangelho de Cristo.

Se Jesus pode curar os Mários e Kristins deste mundo, Ele pode curar qualquer um.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É Ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus. Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo (2 Coríntios 1.3-5).

Amando o sexo oposto

8

"Então o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas, e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher, e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne"
(Gênesis 2.21-23a)

A História de Kevin e Cindy

Kevin procurou-me por estar desesperado com os problemas que ele e a esposa, Cindy, enfrentavam no casamento. Enquanto conversávamos, logo ficou claro que parte do problema estava na ambivalência do sexo oposto de Kevin, cabendo à esposa o papel de principal receptáculo de suas projeções. Sofrendo muito, ele compartilhou comigo que, em público, mostrava-se sempre gentil e gracioso para com Cindy. Em casa, porém, aniquilava-a com suas palavras. Muito sincero, olhou-me nos olhos e disse:

- Eu a amo e quero parar de magoá-la.

À medida que conversávamos, ele contou-me um pouco sobre seu lar e o de Cindy na infância. Ambos tinham crescido em famílias desajustadas, onde o alcoolismo representara um sério problema. Casaram-se com vinte e poucos anos sem ter a menor ideia de como seria um casamento normal.

No início do casamento, juntaram-se a uma associação cristã que ensinava muita coisa sobre a dinâmica entre homens e mulheres no casamento, na família e na igreja. Como muitas igrejas, essa associação tinha uma ideia equivocada de masculinidade e feminilidade. Basicamente, via-os como papéis (ou obrigações) a que a pessoa se sujeitava com o intuito de manifestar qualidades típicas do sexo masculino ou feminino. Desesperadamente necessitados de compreender ao menos um pouco melhor os papéis (e a normalidade) da identidade de gênero, eles cometeram o erro de adotarem para si preceitos rígidos sobre os papéis dos gêneros, bem como ensinamentos radicais sobre discipulado e a submissão devidas pelas mulheres aos maridos. Tais ensinamentos relacionados à submissão só fizeram alimentar a ambivalência do sexo oposto de Kevin, ainda que inconsciente, e seu desejo de ser o único objeto do amor de Cindy.

Depois que lhe expliquei a ambivalência do sexo oposto, ele pediu a Deus que sondasse seu coração, a procura de quaisquer visões confusas e distorcidas que pudesse ter das mulheres. Também oramos especificamente para que ele não permitisse mais que seu relacionamento com Cindy a impedisse de olhar para Jesus como principal desejo de seu coração. Como acontece com grande frequência quando os casais adotam princípios radicais de submissão, ele se interpusera entre a esposa e Deus. Isso o colocava na posição de estar sempre certo, impondo para si mesmo

padrões aos quais jamais seria capaz de corresponder. Trouxe ainda solidão, pois ele não podia buscar a ajuda da esposa quando preciso. Aquela oração foi o primeiro passo, tanto para Kevin quanto para Cindy, no sentido de se tornarem tudo aquilo para o que Jesus os criara.

Dez dias mais tarde, encontrei-me com Cindy e discutimos várias daquelas mesmas questões. Ela era uma mulher inteligente, em contato com sua dor interior. Compartilhou comigo sua luta por ser uma filha, esposa, mãe, colega de trabalho e amiga perfeita. Chegara ao ponto de se definir essencialmente pelos papéis que desempenhava na vida das pessoas. Esses relacionamentos moldavam sua identidade pessoal. Na linguagem da moderna psicologia popular, era "co-dependente".

Em seu sentido mais amplo, co-dependência pode ser explicada como um vício em pessoas, comportamentos ou coisas. Quando o co-dependente se vicia em alguém, estabelece um envolvimento muito complicado com a pessoa, a ponto de o senso de eu - a identidade pessoal - ficar seriamente restrito, circundado pela identidade e problemas do outro.

Desde que tinham se mudado para Ohio, havia apenas um ano, a autoconfiança de Cindy fora se dissipando aos poucos, até chegar à depressão que ela agora experimentava. Os esforços para encontrar trabalho dentro de sua profissão tinham fracassado (não encontrara vaga nem como voluntária). Ainda não vivera em Ohio tempo suficiente para estabelecer amizades profundas. Via-se privada de todos os papéis pelos quais podia se definir. Sentia-se uma não-pessoa.

Criada em ambiente onde predominava o alcoolismo, adotara um papel que lhe permitisse sobreviver no meio da família desajustada - de heroína da família. Tinha sempre de certificar-se de que estava tudo bem com todos, muitas vezes encobrindo os erros de alguns a fim de manter a paz. Cindy vivia um constante medo do abandono - comum em adultos filhos de alcoólicas. Para ser mais específico, temia que, se o marido descobrisse que não era perfeita, ele a deixaria. A escritora Janet G. Woititz afirma:

"O medo constante, no entanto, é de não ter a pessoa a quem se ama por perto, no futuro, quando se precisar dela. Na tentativa de evitar a perda do ser amado, você idealiza o relacionamento, bem como seu papel nesse relacionamento. A salvaguarda contra a possibilidade de ser abandonado está em esforçar-se ao máximo para ser perfeito, para atender a todas as necessidades do outro".

Os ensinamentos radicais sobre submissão das esposas aos maridos só fizeram aumentar o padrão co-dependente de relacionamento em Cindy, que passou a depender de Kevin até para ouvir Deus chamá-la. Seria possível dizer que ela entendeu erroneamente as palavras de Deus a Eva - *"o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará"* (Gênesis 3.16) - como uma ordem, em vez de uma maldição em consequência da Queda, da qual Jesus a redimira por Sua morte.

A oração para a cura de Cindy era bastante simples. Pedi que voltasse os olhos para Jesus e fizesse d'Ele a fonte principal de seu desejo. Incentivei-a também a se juntar ao famoso grupo de apoio Cristãos Adultos Filhos de Alcoólicas (ACOA, em inglês), de forma que começasse a trabalhar seus problemas em conjunto com outras pessoas. Depois de cuidarmos de suas necessidades espirituais, ela ainda precisava dos benefícios do conhecimento psicológico para ajudá-la a desenvolver sua cura. Uma vez que passasse a encarar as consequências de se crescer em um lar desajustado, problemas viriam à tona e exigiriam o apoio de pessoas com experiências semelhantes.

Também incentivei Kevin a frequentar um grupo desse tipo, mas ele ainda estava na fase da negação dos problemas relacionados a álcool no lar de sua infância. Buscara com sinceridade sua cura em Deus durante um bom período de tempo, de forma que incomodava-o a ideia de se submeter a qualquer coisa que não trouxesse

resultados mais imediatos. Pedi a Deus que lhe desse paciência consigo mesmo, e que pouco a pouco o levasse a reconhecer os fatos pertinentes a sua família desajustada.

Enquanto isso, Deus graciosamente trabalhava na vida de Cindy, apoiando-a em sua identidade n'Ele, ao mesmo tempo que a curava da co-dependência. Em pouco tempo recebi essa sua carta glorificando ao Senhor.

"Querido Mário,

Regozijo-me quando vejo a pessoa em que estou me transformando. No dia seguinte àquele em que oramos, o Senhor revelou-me que Kevin era um ídolo para mim, assim como o casamento e minha família. Eu pegara dádivas de Deus e as transformara em ídolos. Renunciei a tudo isso, enquanto ídolo, e pedi perdão ao Senhor.

Sua oração por centralidade em Cristo significou para mim um início, a partir do qual passei a enxergar que sou um ser à parte do marido, filhos e mãe. Eu precisava aprender a caminhar nessa centralidade em Jesus diariamente.

Deus continua a me mostrar como eram minhas relações com as pessoas no passado, que me sinto uma não-pessoa a menos que esteja me relacionando com alguém. Só assim consegui crescer em um lar de alcoólicos. Ninguém em casa prestava atenção em mim. Por isso envolvia-me em uma porção de atividades da qual pessoas tomassem parte. Nunca apoiaram quem eu era como indivíduo, apenas em relação a um outro alguém.

O Senhor me tem revelado isso desde que nos mudamos para cá. Continuo sem amigos e sem emprego - as tentativas de fazer amigos e de arranjar trabalho, inclusive voluntário, falharam. Tenho a impressão de que Ele precisava remover tudo isso para que eu pudesse encontrá-Lo face a face. Quero tanto ser livre, e sei que Deus me trouxe até aqui para completar Sua obra em mim. É emocionante, mas também assustador, pois receio as feridas que possa encontrar.

Quando você orou e colocou a cruz perto do meu coração, algo profundo aconteceu. Senti Jesus levar embora a dor do meu ser. Sempre achei difícil personalizar o fato de Ele carregar sobre Si, na cruz, meus pecados e minhas dores. Parecia servir para todo mundo, menos para mim. Minha imagem mental representava Jesus na cruz sobre uma colina, enquanto eu, ao pé da colina, lhe atirava meus pecados, dores e cuidados. Contudo, eles voltavam todos para mim - como se não conseguissem alcançá-Lo. Com a cruz tão perto do coração, no entanto, minhas dores e feridas passaram direto para Jesus — não havia espaço para que caíssem e retornassem.

Obrigada, Jesus, por ser possível orar com criatividade.

Sei que Jesus está dizendo: 'Querida, venha para a frente, minha menina, venha para a frente'. E Ele cuidará de tudo que vem afetando minha família. Quando saí do seu apartamento, sentia-me grata (pela primeira vez) por termos nos mudado para cá.

Obrigada, Cindy"

Depois dessa experiência inicial de cura espiritual, em que recebera o perdão por seus pecados (na verdade, pela primeira vez), Cindy foi a uma escola da *Pastoral Care Ministries*, onde encontrou ainda mais cura e revelações. Juntou-se então a um grupo ACOA, por intermédio do qual completou sua cura e aprendeu a trabalhar corretamente com as questões específicas de quem cresce em um lar de alcoólicos.

Não foi uma jornada fácil para Cindy ou Kevin, pois significou lidar com a maneira desajustada pela qual se relacionavam, e que haviam transportado para dentro do casamento. Sentimentos que tinham sido forçados a reprimir na infância agora lhes era permitido trazer à tona. Tanto Kevin quanto Cindy estavam sendo convocados a

assumir suas emoções negativas relacionadas ao passado de cada um individualmente, e a parar de projetá-las um sobre o outro.

Entretanto, como pertenciam a uma comunidade de cristãos bastante amorosa, e por terem os olhos postos firmemente em Jesus - em vez de continuarem curvados um sobre o outro, em uma atitude idólatra - seguiram juntos até completar o processo de cura.

Ambivalência do Sexo Oposto

A ambivalência para com o sexo oposto é uma das maiores barreiras que impedem homens e mulheres de se relacionarem apropriadamente uns com os outros. Embora tanto mulheres quanto homens possam experimentar a ambivalência para com o sexo oposto, costumam ser elas o objeto da ambivalência de ambos os sexos com maior frequência. Talvez isso esteja relacionado a um degrau do desenvolvimento infantil, quando todas as crianças vivenciam ambivalência para com a mãe. Se não vencerem esse estágio com sucesso, a ambivalência mal resolvida para com a mãe pode se generalizar e abranger todas as mulheres. Até que, adultos, inconscientemente projetamos sobre as mulheres as questões ainda doentias (como as rejeições, por exemplo) relacionadas à mãe.

Em geral, a ambivalência do sexo oposto é um fator tão importante para a neurose homossexual quanto a ambivalência do mesmo sexo. No caso do homem que está superando a homossexualidade, como aconteceu comigo, deixar de trabalhar plenamente sua ambivalência para com a mulher significa deixar de atingir plenamente sua verdadeira identidade heterossexual. Considerando que o egresso de um passado homossexual cresceu com déficits de amor do mesmo sexo, não é incomum que ele se concentre em suas necessidades de amor do mesmo sexo, o que poderia se chamar de homocentrismo. A homossexualidade pode ser entendida como o fracasso em se ver corretamente o sexo oposto devido a uma preocupação doentia com o mesmo sexo. Para que possa enfrentar as diferenças existentes no sexo oposto, as pessoas precisam se sentir seguras com o próprio sexo.

No homem heterossexual, a ambivalência do sexo oposto pode se manifestar como medo de compromisso com a mulher. Ele é incapaz de se relacionar com uma mulher tempo suficiente, ou mesmo com a profundidade necessária, para permitir que o verdadeiro amor desperte. Mais ainda, ele pode subestimar a mulher enquanto ser humano e, como o homossexual, acabar enredado pelo homocentrismo. Ou ser obcecado pela ideia de agradar a outros homens, preocupando-se exageradamente com aquilo que "os rapazes" vão pensar. Se casado, pode ser infiel à esposa. Se cristão, pode reprimi-la impondo-lhe a exigência de uma submissão radical a ele. Em seu auge, a ambivalência do sexo oposto nos homens guarda estreita relação com a misoginia, o ódio contra a mulher. Misoginia é o ponto principal na questão do abuso de mulheres via pornografia e estupro.

A ambivalência do sexo oposto geralmente se origina no passado, em feridas, rejeições, medos e confusão acerca do sexo oposto que não foram curados. Quando adultos, sem o percebermos, projetamos tais problemas ainda enfermos sobre o sexo oposto. Devido à natureza inconsciente dessas projeções, deixamos de reconhecer a ambivalência quando ela acontece.

Como homens, temos consciência apenas da exasperação irracional que certas mulheres nos provocam, do medo que elas nos infligem, e da exagerada tentação sexual que representam para nós. A exasperação, o medo e a tentação sexual na realidade nascem de projeções psicológicas. De quando em quando, uma das mulheres presentes em nossa vida torna-se a principal receptora dessas projeções. Pode ser a

esposa, mãe, filha, irmã, namorada ou colega. (Daqui para a frente, quando falar de ambivalência do sexo oposto, estarei me referindo à ambivalência dos homens para com as mulheres.)

Talvez a mulher objeto de nossa ambivalência sinta que alguma coisa não vai bem, mas sem perceber que o problema está nela. Pode até sondar freneticamente o próprio coração, em busca de uma falha que não está lá. Também pode reagir a nossa ambivalência experimentando raiva quando a culpamos por algo que não fez. Nesse momento, baseada em uma compreensão errada da raiva, é possível que ela nos procure e confesse essa raiva (que, dadas as circunstâncias, tem razão de ser). Isso só reforça nossos sentimentos ambivalentes para com ela. A partir de então sentimo-nos autorizados a culpá-la pelo problema, pensando: "Ela é um poço de raiva mal resolvida". Na verdade, o problema está em nosso próprio coração. Se for esse o caso, significa que somos como o homem na parábola do Evangelho, que tira a farpa do olho do outro quando tem uma trave no seu.

Culpar a mulher é uma expressão da ambivalência do homem para com ela bastante comum. Na Bíblia, em uma das primeiras interações entre o homem caído e a mulher caída, ele põe a culpa nela. Depois que Deus perguntou ao homem se comera do fruto da árvore, Adão Lhe responde: "*A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi*" (Gênesis 3.12). Em vez de assumir a responsabilidade pelos próprios atos, ele aponta para Eva antes de finalmente admitir: "Eu comi."

Deixando Mamãe para Trás

Nossos corações geralmente abrigam imagens distorcidas e confusas do sexo oposto. Tais imagens, por sua vez, são os receptáculos de todas as nossas atitudes negativas e pecaminosas em relação ao sexo. Desajustadas de fato, resultam de se viver em um mundo caído - um mundo onde as famílias também são desajustadas muitas vezes, e onde a igreja tem errado por não ver a mulher da maneira correta.

Na condição de seres caídos, também é possível que tenhamos imagens distorcidas do sexo oposto, como resultado de nossas reações pecaminosas aos pecados que alguns de seus representantes cometem contra nós. Geralmente são reações a nossas mães. Até que tenham sido trabalhadas, nós, homens, podemos fracassar na tentativa de nos desligarmos da mãe - e, por causa disso, fracassar também quando queremos ter liberdade para nos unirmos corretamente a uma mulher, e com ela nos tornarmos uma só carne. "*Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne*" (Gênesis 2.24).

Walter Trobisch escreve:

"A Bíblia é muito 'pé na terra' e sóbria. Ela diz 'deixa o homem pai e mãe'. Deixar é o preço da felicidade. Deve haver um corte claro e limpo. Exatamente como o recém-nascido não consegue crescer a menos que lhe cortem o cordão umbilical".

O homem que não deixou a mãe para trás não pode dar nada a outra mulher, nem servi-la, nem amá-la. Em posição assim imatura, ele se relacionará com a mulher sob a perspectiva das próprias necessidades. Portanto, tenderá a vê-la como uma extensão de si mesmo, em vez de uma pessoa diversa. No leito conjugal, ele poderá ter mais consciência do prazer que recebe que daquele que proporciona. No contexto do casamento cristão, ele pode adotar doutrinas que advogam a submissão das esposas, exigindo que se doem continuamente aos maridos. O modelo bíblico contrasta com isso, pois o homem assume o caráter de Cristo - doando-se à mulher até a morte.

Tampouco a Bíblia ordena à mulher que deixe pai e mãe para trás. Um possível motivo talvez seja o fato dela ter uma tarefa bem mais fácil para se aperceber da própria identidade de gênero. Diferente do homem, que precisa dissociar suas

identidades pessoal e sexual da mãe, a mulher só precisa separar a identidade pessoal. Pois ela e a mãe compartilham da mesma identidade sexual, coisa que não acontece com o homem, que precisa reconhecer esse fato.

Parte da homossexualidade no homem está relacionada à incapacidade de dissociar completamente sua identidade de gênero da mãe. Em se tratando de um travesti ou de um transexual, o problema maior está no fato de ele não conseguir separar as identidades de gênero e sexual da mãe. Em tais casos, talvez a mãe tenha se mostrado sempre carente emocionalmente, ou excessivamente controladora, ou tenha até abusado sexualmente do filho, provocando uma ligação doentia entre com ele. Até que essa ligação seja admitida e rompida, os filhos - sejam eles homossexuais, transexuais ou travestis - não atingirão o amadurecimento emocional necessário para compreender que têm identidade de gênero diferente da mãe.

Em *The Broken Image*, Leanne Payne fala da importância de o homem que tem neurose sexual se libertar da ligação doentia com a mãe. A citação abaixo foi extraída de um relato de cura do lesbianismo. Contudo, as coisas que Leanne escreveu aplicam-se também aos homens que precisam deixar a mãe para trás:

"Quando oro por esse tipo de libertação, costumo pedir que olhem para Jesus com os olhos do coração, que O vejam na cruz, tomando sobre Si a dor e a escravidão contra a qual estão lutando, bem como toda falta de perdão ou pecado existente em seus corações. Convido-as a estenderem as mãos para Ele e verem a dor e a escuridão fluindo para Suas mãos também estendidas, traspassadas pelos cravos, enquanto oro para que suas almas se dissociem da dominação exercida por suas mães. Sem interromper o ritmo da oração, tenho o hábito de perguntar-lhes, baixinho: 'O que estão vendo agora com os olhos do coração?' Como é maravilhoso ouvir seus relatos, à medida que a escuridão flui do interior daqueles pessoas e cai sobre Ele. Com frequência o Santo Espírito me conduz a também ver o mesmo 'quadro'.

Em seguida, e considero este um passo muito importante, peço-lhes que tragam à mente a imagem da mãe. Como quem controla tudo é o Espírito Santo, e tendo em vista a poderosa cura que está acontecendo, nesse momento as pessoas quase sempre têm uma visão reveladora da mãe, que lhes permite enxergá-la com objetividade pela primeira vez e perdoá-la com mais facilidade. Eu então solicito que verifiquem se ainda resta alguma amarra entre elas e a mãe. Assim o fazem, e declaram tudo que encontram. Encorajo-as então, como se segurassem tesouras de verdade, a cortar os laços. A libertação que este gesto tão simples provoca é absolutamente fenomenal, e em muitas ocasiões se faz acompanhar de reações emocionais e até físicas. Às vezes vemos representações desses laços sob forma de grossos cordões umbilicais, outras vezes, como linhas muito finas ligando-lhes as almas. Cortados os laços, vemos uma imagem simbólica, plena de verdade, da libertação".

Deixar a mãe para trás é a chave para enfrentar o mundo das demais pessoas, o que, por sua vez, é a chave para amar a mulher da maneira correta.

Ambivalência para a Mãe na Fase do Desenvolvimento

A função da mãe não se resume a dar abrigo, proteção e transmitir confiança. Pelo ato do nascimento ela nos traz ao mundo; seria possível dizer até que nosso primeiro contato com ela diz respeito ao momento em que fomos expulsos de dentro dela. Após o nascimento o cordão umbilical é cortado, e se o amor da mãe pelo filho for saudável, segue-se um processo de cortes graduais e indolores, não apenas física como também mentalmente. A mãe mostra ao filho que ele não é receptor exclusivo de seu amor. Ensina-lhe a compartilhar sua afeição. Faz com que desvie o olhar de cima de si mesma. Ele precisa encarar a realidade. Só a mãe neurótica mantém

o filho em um estado de dependência e fixação; a mãe que tem discernimento sabe não apenas como amarrar, mas também como cortar o laço. Na verdade, o homem só é capaz de amar realmente se o vínculo psicológico de fixação materna estiver seccionado. Só então conseguimos enfrentar o mundo e o "outro".

No momento em que a criança compreende que não é o único receptor do tempo e do amor maternos, é comum que experimente ambivalência em relação a ela. Testemunhei um caso assim certo dia, em visita a minha irmã Karen. Cheguei quando seu filho, Alexander, na época com cerca de dez meses de idade, fazia seu sono da tarde. Tio "coruja" que sou, assim que ele acordou fui até seu quarto, todo contente, e peguei-o no colo. Levei-o ainda sonolento, os olhos pesados, para a cozinha. Parecia um querubim, os anéis dourados do cabelo todos despenteados. Assim que viu a mãe, porém, ele virou o rosto, com raiva.

Achando graça, Karen aproximou-se de nós com os braços abertos e dizendo:

- Vem, Alex, vem com a mamãe.

Em resposta, ele fez um gesto brusco com o braço na direção de minha irmã, como se quisesse bater nela, virou o rosto para o outro lado e descansou a cabeça sobre meu ombro.

- Que doçura. Ele ficou contente em me ver.

Não se empolgue demais, Mário - replicou Karen, como quem fala com conhecimento de causa. - Na verdade, ele está bravo comigo porque tive de colocá-lo no chão esta manhã, para poder terminar o serviço de casa.

De fato, aquele rapazinho que ainda nem chegara a seu primeiro ano de vida zangara-se com a mãe porque ela o "expulsara". Agora fazia o mesmo com ela, por vingança. Se Karen não soubesse discernir suas táticas infantis, poderia tentar apaziguá-lo. Porém isso só serviria para ensinar-lhe que a raiva seria a reação apropriada quando não fosse o único objeto do tempo e do amor maternos. Se Karen cedesse àquele pequenino sem-vergonha, com o tempo ele acabaria adquirindo uma imagem das mulheres em que elas figurariam como meras gueixas ocidentalizadas, sempre à espera de um aceno de seu homem para poder se mexer. Enfim, Alexander desenvolveria um caso completo de ambivalência do sexo oposto.

Quantos homens têm reações injustificadas a uma mulher que simplesmente diz "não"? Ou quantos, no relacionamento amoroso com uma mulher, dão provas de ciúmes tão logo percebem não serem receptores exclusivos de seu tempo e amor?

Enxergar a Mulher

O homem conhece a mulher experimentando-a, mantendo um contato muito próximo com ela. Em cada homem reside a necessidade, magnífica porque dada por Deus, não apenas de encontrar a mulher, como também de ter com ela uma profunda comunhão. A raiz dessa verdade reside no fato de que, antes de serem separados, Adão e Eva formavam um só corpo.

Então da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou a mulher, e a trouxe ao homem. Disse o homem: *"Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada mulher, pois do homem foi tomada"* (Gênesis 2.22-23, Edição Contemporânea).

Adão sentiu necessidade de tornar-se uma só carne com Eva porque já fora uma só carne com ela. Tenham ou não plena consciência disso, faz parte da estrutura de todos os homens essa mesma necessidade de estar em comunhão com a mulher, de se reunir a ela, de tornar-se um com ela. A esse respeito escreve Walter Trobisch:

"Essa história constitui a descrição mais poderosa e extraordinária da realidade do amor. Por que os sexos anseiam sem cessar um pelo outro? Como explicar que se atraíam magneticamente? A resposta é: são feitos de uma mesma matéria... Partes de um todo, desejam restaurá-lo novamente, completar um ao outro, tornarem-se 'uma só carne'."

A primeira vez que li sobre essa atração magnética entre os sexos foi no clássico livro de Karl Stern, *The Flight from Woman* (A Fuga da Mulher). O dr. Stern escreve:

"A mais famosa apresentação dessa ideia encontra-se no Gênesis, quando Deus criou o homem a Sua imagem, 'homem e mulher' - antes da dissociação de Eva do corpo de Adão".

Na época, eu ainda estava sendo curado de minha neurose homossexual. Ao ler a descrição de Stern da separação de Adão e Eva, tive a sensação de que fogos de artifício explodiam dentro de mim. De repente compreendi que só podia conhecer a plenitude do fato de ser feito à imagem de Deus reunindo-me à mulher. Acreditasse ou não nisso, de acordo com os desígnios de Deus, uma parte de mim, como homem que sou, precisava estar com uma mulher. Era apenas uma questão de tempo antes que essa necessidade brotasse do estado reprimido a que a relegara dentro de mim. Na realidade, essa descoberta foi o estopim que desencadeou um interesse sexual por mulheres que jamais conhecera até então. Pela primeira vez na vida, acreditava possível encontrar alegria e prazer para mim, na união sexual com uma mulher.

Exercitando-me sempre na presença do Senhor, porções maiores do meu verdadeiro eu masculino vinham à tona a cada dia. Deixando de ser homocêntrico (centrado em meu próprio sexo), tornei-me mais extrovertido, mais interessado no que acontecia a minha volta, que nada tinham a ver comigo. Por isso, comecei a notar coisas que não via antes. Logo de início, a criação de Deus e Suas criaturas adquiriram uma nova beleza aos meus olhos, desde as colinas macias a Sudoeste de Ohio até Little Guy, meu gato rajado de cinza.

Uma nova e agradável consciência das diferenças entre meus alunos e alunas tomou conta de minha imaginação, coisa que, agora eu sei, desperta na maioria das pessoas durante a puberdade. Como professor de impoção de voz e técnicas de discurso, eu detinha um bom conhecimento de cinestesia (o estudo do corpo em movimento no espaço). As diferenças entre o andar da mulher e do homem, ou entre o modo como se sentam, saltou aos meus olhos. Não que procurasse perceber tais coisas. Pelo contrário, foram elas que me pegaram de surpresa e recusaram-se a me deixar em paz enquanto não lhes desse a devida atenção.

Certa tarde, veio até meu escritório uma aluna que me pedira aula particular sobre um texto de Shakespeare. Depois que ela entrou e sentou-se em uma carteira, metodicamente certifiquei-me de que alinhasse bem a coluna, de forma a obter o máximo conforto e apoio para a respiração. Em seguida, acomodei-me na cadeira a sua frente e fiquei ouvindo aquela linda moça de cabelos dourados recitar o texto. De repente, uma porção particularmente bela de seu corpo atraíu-me os olhos a ponto de, por algum motivo desconhecido para mim, deixar-me atônito. Fascinado e imobilizado, não ouvi nem sequer uma palavra do que ela dizia.

Notando minha desatenção, ela chamou-me afinal:

- Mário? Mário?!

Continuei parado, boquiaberto, tentando responder-lhe porém incapaz de formar uma sentença. Tentei de novo, mas o enorme nó que se formara em minha garganta só permitiu a passagem de sons guturais.

Visivelmente preocupada, minha aluna, que se chamava Carol, perguntou:

- Mário, está tudo bem?

Sem saber se estava mesmo tudo bem, engoli em seco e balbuciei:

- Hum... eu... não sei. - Pensando um pouco melhor no que estava acontecendo e sentindo-me um tolo por continuar olhando fixo para ela, humildemente sugeri: - Carol, hum, você se importa de ir embora?

- Claro que não - foi a resposta. Olhando para mim de modo estranho, pôs-se em pé de um salto e saiu mais que depressa do escritório.

Quando me sentara a sua frente, a luz que entrava pela janela incidira sobre seu rosto, emprestando-lhe um lindo colorido. Eu nunca vira faces tão suaves, aveludadas, nem um tom rosado mais bonito. Era tão diferente do efeito que provocaria um raio de luz que caísse sobre o rosto de um homem.

A beleza daquela pequena porção de seu rosto tocara-me profundamente. Uma grande variedade de sentimentos inexplicáveis percorrera-me o corpo como um rio de delícias e alegria. Quanto mais olhava para ela, mais os sentia. Queria que não tivessem acabado.

Sem saber o significado de tantos sentimentos, comecei a orar, depois que Carol saiu, e perguntei ao Senhor:

- O que foi isso?!

De repente, como se um anjo entrasse no escritório carregando o poema de Shakespeare em uma salva de prata, as seguintes palavras proferidas por Romeu ao ver Julieta no balcão vieram-me à mente:

*"Vejam, como descansa a face sobre a mão!
Ó, fosse eu uma luva nessa mão,
Para poder tocar aquele rosto"
(Romeu e Julieta, ato 2, sc. 2, linhas 23-25)*

Em contato com minha masculinidade pela primeira vez, não mais preocupado com meu sexo, tive olhos para enxergar o caráter diverso do sexo oposto. Enxerguei uma mulher.

Ao ver a mulher que o Senhor Deus lhe trouxera, Adão alegremente exclama: *"É isso"* (Gênesis 2.23, Bíblia Viva). Assim minha alma se encheu de alegria ao deparar-me com a mulher pela primeira vez. Como Adão, também reconheci nela uma parte de mim mesmo: *"Esta é agora ossos dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada mulher, pois do homem foi tomada"* (Gênesis 2.23, Edição Contemporânea). O enorme abismo entre mim e a mulher fora unido por uma ponte. Paradoxalmente, ao descobrir o caráter diverso da mulher, estava despertando também para suas similaridades com o homem. Fascinado pela feminilidade de Carol, senti ainda que compartilhávamos o caráter de sermos humanos. Por estranho que pareça, nunca antes eu vivenciara esse elo tão banal com uma mulher.

Meu indefinível prazer aumentou quando constatei que enxergar a mulher era algo tão estranho que eu simplesmente não sabia o que tinha acontecido. Hoje, analisando a situação, compreendo que experimentava a reação sexual normal de um homem a uma mulher que considere atraente. Como eu só conhecia a excitação sexual em sua forma neurótica e envolvendo uma luxúria excessiva, não dispunha de um padrão pelo qual reconhecer essa nova e verdadeira sexualidade, emergindo de seu estado reprimido dentro de mim.

O apetite sexual saudável é suave e discreto, não clamoroso e estridente. Egresso de um cenário homossexual, no entanto, eu esperava que meu desejo sexual pela mulher tivesse a mesma intensidade, excessiva em sua luxúria, de minha antiga atração neurótica pelos homens. Desde então, tenho conversado com vários homens que superaram a homossexualidade. Em seu processo de cura, eles também têm

descoberto essa diferença entre a homossexualidade e a heterossexualidade saudável. Os homens cujo impulso sexual no sentido da mulher é excessivo e caracterizado por um desejo demasiado intenso estão, na verdade, manifestando a necessidade de cura em sua sexualidade. Esse tipo de impulso, portanto, de maneira nenhuma representa um sinal de virilidade.

Um Amor Marcado pela Morte

O despertar sexual que tive em meu escritório, diante de uma aluna, equivale ao que a maioria dos homens experimenta na adolescência. Não saí a sua procura; pelo contrário, fui "achado", pois pegou-me de surpresa. Embora natural e verdadeiro, esse despertar precisava amadurecer. Como o primeiro amor na adolescência, sua característica básica era o narcisismo. Meus sentimentos por aquela aluna ocupavam o centro de toda a experiência, não a aluna em si.

Senti-me um pouco constrangido a princípio, passando pela puberdade aos vinte e cinco anos. Contudo, parecia que vários colegas na universidade, a maioria homens mais velhos que eu, não eram muito mais maduros sexualmente. Percebi então que, na sociedade atual, as pessoas amam de modo muito parecido ao dos adolescentes. Membros da geração "eu sou mais eu" demonstram um narcisismo e uma consciência do próprio eu que torna praticamente impossível enxergar qualquer outra coisa a não ser eles mesmos.

Muitos que lêem "Romeu e Julieta" ou assistem a uma montagem da peça consideram-na uma história sobre o amor verdadeiro. No meu ponto de vista, não é bem isso. Não foi por acaso que Shakespeare chamou-a de "A Tragédia de Romeu e Julieta".

A maioria das pessoas do mundo caído e desajustado de hoje confundem amor com ideias a respeito do amor trágicas e românticas ao mesmo tempo. Embora duvide que tenha sido essa a motivação de Shakespeare para escrever esse clássico, seu texto certamente poderia ser interpretado como uma declaração sobre o amor trágico, imaturo e narcisista.

A peça começa com um prólogo em forma de soneto. Sonetos eram um tipo de poesia de amor bastante popular no período elizabetano. Costumavam ser lidos em voz alta nas reuniões da corte e representavam o modo de expressão do amor galante, então na moda.

Em seus sonetos, Shakespeare usa linguagem e imagens bastante intensos, produzindo uma relação muito coesa entre as palavras. Ao introduzir um soneto em uma peça, ele transmitia à plateia a mensagem de que algo importante estava acontecendo. Vários sonetos muito bonitos aparecem na peça, realçando os momentos chave.

O soneto de abertura de "Romeu e Julieta" revela toda a trama e descreve, com muita propriedade, o amor entre os dois adolescentes como "de má estrela" e "marcado pela morte".

*"Um par de amantes de má estrela tira a própria vida;
Sua ruína lamentável e desditosa
Enterra na morte o conflito entre seus pais.
A terrível história desse amor marcado pela morte,"*
(Prólogo, linhas 6-9)

De início vemos Romeu conversando com o primo, Benvolio. Romeu sofre porque seu atual amor, Rosaline, fez voto de se entregar ao celibato. O primo o aconselha a esquecê-la.

Certo de que conhecer outra moça resolverá o problema de Romeu, Benvolio o leva a uma festa. Lá chegando, vêem que todos os convidados usam máscaras. Porém Romeu divisa o rosto de Julieta de longe, antes que ela esconda o rosto. Ele também cobre o seu com uma máscara e se aproxima dela. A conversa entre os dois é descrita na peça sob forma de outro soneto, e ocupa quatorze linhas.

*"Romeu: Se profano com minha mão indigna
Este sagrado santuário, doce pecado é este:
Meus lábios, dois peregrinos envergonhados, prontos estão
Para remover-lhe o contato áspero com um terno beijo.*

*Julieta: Bom peregrino, insultas demais vossa mão,
Cuja delicada devoção bem o demonstra:
Pois as santas têm mãos que mãos de peregrinos tocam sim,
E palma com palma é o beijo do santo romeiro.*

*Romeu: Não têm lábios os santos, e santos romeiros também? Julieta: Sim, peregrino,
lábios que devem usar em oração.*

*Romeu: Ó, se é assim, minha cara santa, permita aos lábios fazer o que fazem as
mãos;
Elas oram, que se lhes conceda, evitando à fé transformar-se em desespero.*

Julieta: Os santos não se movem, para conceder o que lhe pedem em oração.

*Romeu: Então não te movas enquanto aceito o que pedi
em oração".*

(Ele a beija.)

(Ato 1, cena 5, linhas 95-108)

Observe que nem Julieta, nem Romeu, conseguem se ver diretamente. Ambos olham para máscaras. É espantosa a frequência com que duas pessoas se apaixonam por máscaras sociais (a aparência do outro) e não pela pessoa atrás da máscara (o verdadeiro eu). Como o amor imaturo mudou pouco em quatrocentos anos. Note também que, nas primeiras palavras de Romeu dirigidas a Julieta, ele a descreve como um santuário sagrado, a quem tocar significaria profanar. Julieta não é uma mulher comum para Romeu.

O ato 2 começa com outro soneto, parte do qual diz o seguinte:

*"Agora Romeu é amado, e ama outra vez,
Do mesmo modo enfeitiçado pelo encanto do olhar,"*
(Ato 2, prólogo, linhas 5-6)

Parece que Romeu, igual a muitos no século vinte, está "caído" por um rostinho bonito.

Sob o feitiço do amor, Romeu agora sobe no muro que separa o pátio da casa de Julieta da rua, e olha pela janela de seu quarto. Do jardim, escondido, vê seu "amor" e diz as famosas frases:

*"Mas, silêncio! Que luz brilha daquela janela?
É o nascente, e Julieta, o sol.
Levanta-te, sol resplandecente, e mata a lua invejosa,
Já doente e pálida de dor,
Por seres tu, sua ama, mais luminosa que ela:
Não lhe sirvas de ama, pois é invejosa;
Seu traje de vestal maltrapilho e esverdeado
E ninguém o veste a não ser as tolas; lançai-o fora.
É minha amada, Ó, é meu amor!
Ó, se soubesse que o é!
Ela fala, mas não diz nada: o que foi?
Seus olhos discursam; eu lhes responderei.
Sou corajoso demais, não é a mim que ela fala:
Duas das mais brilhantes estrelas de todo o céu,
Tendo afazeres, rogam a seus olhos
Que reluzam em suas órbitas até que voltem.
E se os olhos atendessem, e levassem consigo sua cabeça?
O brilho de seu rosto faria vergonha àquelas estrelas,
Como a luz do dia faz à lâmpada; seus olhos no céu
Refulgiriam tanto pelos ares
Que os pássaros cantariam e pensariam não ser noite.
Vejam, como descansa a face sobre a mão!
Ó, fosse eu uma luva nessa mão,
Para poder tocar aquele rosto".*
(Ato 2, cena 2, linhas 2-25)

Anteriormente, na festa, sob os efeitos do feitiço do amor, Romeu encantara-se de tal maneira por Julieta que a vira como um santuário sagrado. Agora, no jardim de sua casa, ele a vê como o sol, a lua, as estrelas do céu. A estrela do pobre coitado é tão má que o faz ver Julieta de diferentes formas, menos como a mulher de carne e osso que realmente é. Ele não está apaixonado pela pessoa de Julieta tanto quanto pelos símbolos que seu coração lhe empresta (santuário sagrado, lua, estrelas). Pode-se dizer que está apaixonado pela ideia de Julieta, ou por seu aspecto. Romeu confundiu a aparência do amor pela realidade do amor.

No final da cena no pátio, eles juram se casar. Quando Romeu está indo embora, Julieta o chama de volta. A resposta que ele lhe dá merece especial atenção.

*"Minha alma chama-me pelo nome.
Que argêntas e doces as línguas dos amantes à noite, Como a mais suave música
para ouvidos atentos!"*
(Ato 2, cena 2, linhas 164-167 - itálicos meus)

Esta é uma das frases mais reveladoras que Romeu profere em toda a peça. Para ele, Julieta simboliza também a própria alma. Levando-se em conta que a alma é feminina, é comum o homem reconhecer na mulher aspectos de sua alma. Nas Escrituras, a alma é simbolizada como feminina, por esse motivo tanto homens quanto mulheres são chamados de "a noiva de Cristo".

O desejo que Romeu e Julieta têm um do outro é alimentado em parte pelo fato de pertencerem a famílias inimigas. Em nossa condição de seres caídos, queremos, por perversidade, aquilo que nos é proibido. O desejo proibido costuma ser a força motriz por trás dos casos de amor adúlteros e passionais. Se um dos parceiros de

adultério se divorcia do cônjuge, logo imagina que o fogo de seu novo "amor" também já esmoreceu. Quando isso acontece, ele passa a ansiar pelo verdadeiro amor um dia compartilhado com o cônjuge que abandonou. Na condição de criaturas caídas, às vezes queremos aquilo que nos é negado de propósito. Uma vez alcançado carnalmente o objeto do nosso desejo, com frequência sentimo-nos vazios e insatisfeitos.

Romeu pede a frei Lourenço que os case. 'A princípio, o frade pensa que Romeu continua apaixonado por Rosaline. Fica chocado ao saber que Romeu agora está "apaixonado" por Julieta e quer se casar com ela, embora a conheça há tão pouco tempo. Diz o religioso:

"Meu São Francisco, que revolução!

Rosaline, a quem tanto amaste,

Abandonada tão depressa?

Significa que o amor dos rapazes está depositado

Não em seus corações verdadeiramente, mas nos olhos".

(Ato 2, cena 3, linhas 61-68)

Contudo, imaginando que o casamento daqueles dois membros de famílias rivais pudesse trazer a reconciliação, o frade concorda em realizar a cerimônia. Enquanto ele e Romeu aguardam a chegada de Julieta, antes que o casamento secreto aconteça, o rapaz lhe conta:

"Depois que selardes nossas mãos com santas palavras, Então a morte, que devora o amor, faça o que lhe aprouver; Basta que possa chamar-lhe minha".

(Ato 2, cena 6, linhas 6-8)

O amor trágico é narcisista; busca os próprios interesses. Romeu está preocupado em possuir Julieta como quem deseja um objeto qualquer. As Escrituras ensinam que o verdadeiro amor é exatamente o contrário: "(O amor) não procura os seus interesses..." (1 Coríntios 13.5).

Romeu e Julieta se casam, e pouco depois o amigo mais próximo de Romeu, Mercucio, morre pela espada do primo de Julieta, Teobaldo. As últimas palavras de Mercucio a Romeu são: "Uma praga em ambas as vossas casas!"

O amor trágico traz destruição também às vidas a seu redor. A maldição de Mercucio contra as duas famílias carrega em si a natureza do amor trágico, que não é abençoado.

Neste ponto da peça, Paris entra em cena. Talvez seja o único personagem dessa história que se aproxime do amor verdadeiro. Tem em Julieta sua amada. Assegurou para si o direito à mão da futura noiva pelos canais apropriados -pedindo-a para o pai dela. As famílias marcam uma data para o casamento. (Apenas Romeu, Julieta, sua ama e o frade sabem do casamento secreto). Julieta fica horrorizada com os planos do pai de uni-la a Paris. Não o ama, e já é uma mulher casada.

Acidentalmente, Romeu mata Teobaldo durante uma briga de rua. Procurado por assassinato, ele tem de se esconder.

Julieta se entrega ao desespero por causa do casamento com Paris, cuja data se aproxima, e da condição de fugitivo de Romeu. Em busca de ajuda, procura o frade, que concebe um plano para salvar a todos. Entrega a Julieta uma poção que, logo depois de bebida, deverá fazê-la cair em sono profundo, a ponto de ser considerada morta por quem a encontrasse. Mais tarde, quando já estivesse repousando em um túmulo e depois que as pessoas tivessem ido embora, o frade traria Romeu para junto dela. Então tudo ficaria bem.

Mas o amor trágico atrai o desastre, do qual parece que recebe poder. Apesar das duas mortes anteriores, os olhos desses amantes de má estrela permanecem cerrados. O amor trágico tem caráter secreto. Não pode ser compartilhado com ninguém. O verdadeiro amor é livre para convidar outras pessoas a tomarem parte da alegria compartilhada pelos amantes. O verdadeiro amor dá; abençoa a todos que encontra pelo caminho.

O amor trágico é irresponsável; envereda pelo caminho mais fácil. Romeu não assume a responsabilidade pela morte de Teobaldo. Em vez disso, foge. Julieta não assume a responsabilidade por ter se casado com Romeu. Mente para o pai e não lhe revela a impossibilidade de casá-la com Paris. O jeito mais fácil de escapar dessa confusão toda é beber uma "poção mágica". Passado seu efeito, tudo estará certo.

O amor trágico é idólatra. O romance entre homem e mulher pode ser tão distorcido que se torna quase uma adoração. Podemos buscar a experiência, no amor romântico, de uma sensação avassaladora. Só existe um outro lugar onde o homem ousa buscar essa mesma sensação: no êxtase religioso vivenciado na presença de Deus. Buscamos no amor romântico a sensação de plenitude. Mas só existe um outro lugar onde ousamos buscar a plenitude: em Deus, por intermédio do relacionamento com Jesus. Enquanto estivermos "apaixonados", o mundo será lindo, repleto de cores, uma eterna primavera. Quando não estivermos mais, o mundo passará a ser um dia frio e nebuloso de inverno.

Por que será que Romeu, no início da peça, quando ainda sofre por amor, busca os conselhos do frade? Por que, diante da ameaça que paira sobre seu relacionamento, Julieta recorre também a ele? Porque o frade é um símbolo da igreja, a representante de Deus.

Adão e Eva conheceram o verdadeiro êxtase religioso antes da Queda. Como tinham uma relação correta com Deus, relacionavam-se da mesma forma um com o outro. Enxergavam-se como realmente eram, sem projeções de imagens idealizadas do amante perfeito. Por esse motivo, podiam ficar ombro a ombro, lado a lado e nus, sem vergonha alguma, perante Deus e um do outro. Só depois da Queda, Adão e Eva sentiram vergonha e cobriram-se com folhas de figueira. Ao fazê-lo, vestiram as primeiras máscaras para cobrir o verdadeiro eu.

O plano do frade produz resultados inesperados. Romeu está escondido, e o frade não consegue contatá-lo para informar-lhe que Julieta não morreu, apenas dorme induzida por uma droga. Depois que a colocam no túmulo, Romeu ouve falar de sua "morte". Imaginando que perdera seu amor, procura uma farmácia do período elizabetano e compra um pouco de veneno. Em seguida, vai ao túmulo de Julieta com o intento de se matar próximo da amada.

Para sua surpresa, porém, encontra Paris junto ao túmulo, que fora prantear a morte também da amada. Os dois travam um duelo em que Romeu mata o rival. Ele abre então o túmulo e entra, levando o corpo de Paris consigo. Ao ver o corpo "morto" de Julieta, dá-lhe um último beijo, bebe o veneno e morre.

Romeu não foi ao túmulo de Julieta chorar sua morte, mas sim beijá-la pela última vez, em um gesto dramático, e tirar a própria vida. Não pensa na dor e no pesar que o suicídio representará para sua família e os amigos. O amor trágico não leva em consideração os sentimentos alheios.

Paris, por sua vez, vai ao túmulo de Julieta prantear-lhe a morte, dizer-lhe adeus. A dor é a reação mais adequada à perda do amor verdadeiro. Apesar de, se genuína, muitas vezes conter elementos de desespero, e aquele que a sofre tente imaginar como continuar vivendo, ele tem entendimento suficiente para não provocar dor maior dando cabo de mais uma vida. Paris, ao se lamentar, prova que amava Julieta corretamente. Romeu não tem tempo para isso.

Pouco depois o frade, velho e vagaroso, chega ao túmulo de Julieta, apenas para se deparar com Romeu e Paris mortos. O efeito da poção mágica ingerida por Julieta passa e ela desperta. O frade tenta convencê-la a fugir quando ouve pessoas se aproximando do túmulo. Ela, porém, se recusa a fazê-lo e ordena ao frade que vá embora. Sozinha, tendo os corpos de Paris e Romeu a seu lado, ela dá um beijo de despedida em Romeu, toma seu punhal e se mata.

Julieta (como Romeu) não pensa em chorar a morte de ninguém; também ela opta pelo suicídio. Em algumas produções, o punhal que Julieta usa para se matar é o mesmo que Romeu usou para tirar a vida de Paris - um toque de ironia. O amor de Paris por Julieta é o único de toda a peça que se aproxima da realidade. O punhal, portanto, transforma-se em símbolo daquilo que o amor trágico pode fazer com o amor verdadeiro - matá-lo.

Chegam os familiares de Romeu e Julieta, acompanhados do Príncipe de Verona. Desesperadas pela perda de tantas vidas, as duas famílias se reconciliam, e a peça termina com essas palavras:

*"Pois nunca houve história mais triste
Que esta de Julieta e seu Romeu".*
(Ato 5, cena 3, linhas 309-310)

A Imagem Idealizada da Mulher

Como Romeu, também passei pelo estágio de idealização da mulher. Depois de deixar o emprego de professor na Unidade Estadual Wright, mudei-me para Milwaukee, onde morei três anos. Durante esse período, trabalhei com uma companhia teatral cristã, onde conheci "Melanie". Ela era, e imagino que ainda seja, uma mulher impressionante. Cheia de energia e muito animada, lembrava-me aquela aluna que fizera acender as primeiras fagulhas da sexualidade normal em mim. "Apaixonei-me". Melanie, entretanto, não se apaixonou por mim.

Trabalhamos juntos em várias peças, de forma que meus sentimentos românticos em relação a ela tiveram chance de se tornarem cada vez mais fortes. O que não seria problema se recíproco. Contudo, ela até se deu ao trabalho de encontrar-se comigo e dizer-me muito gentilmente que não estava interessada. Coisa que me agradou bastante, na verdade. Depois desse encontro, decidi parar de persegui-la. Mas meu coração tinha outros planos. Embora eu soubesse, racionalmente, que não havia a menor chance de se estabelecer um relacionamento entre nós, continuava experimentando sentimentos muito fortes em relação a ela. Melanie passou até a ser personagem frequente dos meus sonhos.

Na mesma época, Leanne Payne e eu tomamo-nos amigos. Contei-lhe alguns de meus sentimentos para com Melanie, e ela ficou encantada - até que revelei os sonhos que andavam me perturbando ultimamente, em que ela e Melanie apareciam. Analisando o conteúdo desses sonhos, Leanne percebeu que tanto ela quanto Melanie eram figuras altamente idealizadas para mim. Eu não estava preparado para compreender o que tudo isso significava na época. Mesmo assim, conversando muito com Leanne, concluí que, nos sonhos, ela e Melanie simbolizavam minha própria feminilidade. Portanto, não devia tomá-los literalmente, mas sim como figuras. Em outras palavras, eu não estava sonhando com duas amigas, mas com uma porção de mim mesmo que elas representavam.

Depois de ouvir alguns dos meus sonhos com Melanie, Leanne opinou:

Mário, acho que você está experimentando uma confusão de símbolos em relação a Melanie.

Mesmo sem compreender muito bem o que quisera dizer, apresentei o problema a Deus em oração. O Senhor respondeu trazendo revelação a dois incidentes desagradáveis.

O primeiro aconteceu em uma recepção para a companhia de teatro em que Melanie e eu trabalhávamos. Fomos os dois convidados, mas não como casal. Junto de outros membros da companhia, sentamo-nos a uma mesa comprida, eu na frente de Melanie. Enquanto jantávamos, meu corpo se manteve o tempo todo inclinado para ela, como se atraído por um campo magnético. Até que, de repente, minha gravata caiu dentro da comida. No meu consciente, eu resistia à necessidade física de aproximar-me. A despeito dos meus esforços, porém, meu corpo insistia em se inclinar para a frente, independente de qualquer controle. Se continuasse agindo daquela maneira, sabia que não só a gravata como também a camisa ficariam cobertas de pedaços do meu jantar. Por fim, aborrecido (e envergonhado) com meus sentimentos e atitudes, pedi licença e me mudei para outra mesa.

O segundo incidente foi um encontro com uma moça que chamarei de Louise. Ante as evidências de que Melanie não tinha a menor intenção de sair comigo, tentei me interessar por outras mulheres. Imaginava que assim, acabaria superando os sentimentos para com Melanie. Conheci Louise na igreja. Era uma cristã madura e inteligente - além de muito bonita. Começamos a gastar tempo juntos, para nos conhecermos melhor.

Até que, afinal, saímos para jantar. Passei a noite toda tão preocupado com Melanie que via-me obrigado a pensar duas vezes antes de pronunciar seu nome, para evitar chamá-la acidentalmente de Melanie. Durante o jantar, as várias qualidades femininas de Louise lembraram-me Melanie. Também seu delicado suéter de angorá, a fileira de pérolas em volta do pescoço, o modo como seu cabelo caía em cachos que viravam para cima antes de tocar-lhe os ombros, seu belo sorriso. Mas Louise não se parecia nada com Melanie, na realidade. Pelo contrário, eram bastante diferentes uma da outra, com uma exceção - eram ambas muito femininas. Depois daquela noite, reconheci que não estava preparado para um relacionamento com mulher alguma. Por isso, Louise e eu saímos mais uma vez para jantar e terminarmos, em grande paz, a fase romântica de nossa amizade.

Depois desses dois incidentes, associei os poderosos sentimentos por Melanie aos sentimentos neuróticos que tivera por um rapaz anteriormente, na época em que ainda sofria de homossexualidade. Agora sabia que havia algo errado dentro de mim. A opinião de Leanne, referente à confusão de símbolos, voltou-me à mente. Em meu coração, feminilidade e Melanie eram indissociáveis. Aquela amiga se transformara no padrão que eu utilizava para reconhecer o feminino em outras mulheres e em mim mesmo. Como símbolo do meu coração, ela representava um santuário à feminilidade, um tributo a tudo que é feminino. Ao ver alguma coisa feminina, pensava nela no mesmo instante. Inconscientemente, projetara sobre Louise o símbolo de feminilidade existente em meu coração - Melanie.

Relacionava-me com Melanie baseado na condição imatura de minha necessidade de possuí-la, de tê-la. Muito semelhante a minha antiga compulsão canibal pelos homens, eu tinha uma fome voraz de Melanie. Queria extrair dela uma parte de mim mesmo que ainda não conseguira atingir. Ela simbolizava uma parte do meu lado feminino da qual estava separado e com a qual precisava me reunir.

Como o amor imaturo que vimos em Romeu e Julieta, minhas ideias acerca de Melanie voltaram-se depressa demais para o casamento. Entretanto, deixara de me fazer algumas perguntas importantes e fundamentais como, por exemplo, "Ela me ama?". Como Romeu, não estava enxergando de verdade a pessoa de carne e osso a minha

frente. Eu a via apenas na medida em que projetava sobre ela minha imagem idealizada de mulher. Melanie era minha Julieta.

Quando tal revelação penetrou o fundo do meu coração, conscientizei-me do pecado de tentar encontrar a felicidade na criatura, e não no Criador. Como Romeu e Julieta, Melanie representava um santuário em meu coração. Portanto, precisava me arrepender dessa idolatria.

Na reunião daquela semana do grupo de bairro que frequentava, confessei meu pecado e me arrependi dele. Em seguida, os outros membros do grupo ministraram a mim, impondo-me as mãos, a fim de que eu recebesse perdão dos meus pecados e cura. Depois de receber o perdão de Deus, pus-me a clamar pelo amor de Jesus, espontaneamente. Pelo fato de direcionar meu êxtase religioso a Ele, e não mais a uma mulher, por causa de uma grande confusão mas, ainda assim, em adoração inconsciente a um ídolo, estava agora livre para amá-Lo e adorá-Lo ainda mais.

O real perigo de que Melanie e eu fomos poupados, basicamente porque ela não correspondeu a minhas investidas, foi o casamento. Se tivesse me casado com ela, poderia ter acordado um dia e descoberto que Melanie não correspondia a minha imagem idealizada de mulher - o ser humano dissociado de mim porém romântico e perfeito. Isso acontece com muitos recém-casados. Entretanto, no meu caso, o "amor" por Melanie poderia se transformar com facilidade em ódio, assim como esse lindo aspecto da ambivalência do sexo oposto poderia sofrer uma transformação repentina e revelar o aspecto desagradável dessa mesma ambivalência.

O Ser Temido e Desprezado

Nosso coração pode abrigar, em um canto qualquer, a imagem da mulher idealizada, alguém para se adorar e idolatrar (em um santuário sagrado). Em outro canto, pode ser que vejamos a mulher como alguém a ser temido e desprezado.

Pouco tempo depois de me mudar para Milwaukee, Leanne Payne ofereceu-me graciosamente sua amizade e conselhos. Embora sabendo que muita gente teria mais que depressa abraçado a oportunidade de trabalhar e aprender com ela, não o fiz. Na verdade, sentia uma estranha resistência em me aproximar demais, ao mesmo tempo que a amava de verdade.

Tinha sentimentos de aproximação-distanciamento. Sem o saber, experimentava a ambivalência do sexo oposto em relação a Leanne também. Mas em vez de enxergá-la como uma imagem idealizada do outro sexo, eu a idealizava e depreciava ao mesmo tempo. Uma parte de mim ainda a via como o ser temido e desprezado.

Inicialmente, procurei racionalizar esses sentimentos ambivalentes com pensamentos negativos acerca de Leanne. Basicamente, depus a culpa pela ambivalência em cima dela, imaginando que aqueles sentimentos, de alguma forma, existiam por falha sua.

Na verdade, meu amor por Leanne era sincero, e sentia-me grato por tudo que ela fizera por mim. Mais ainda, Deus usara *The Broken Image* para me levar de volta para junto de Si. Esse único motivo já seria suficiente para justificar minha gratidão. No entanto, quando estávamos juntos, eu não conseguia agradecer-lhe, educadamente, pelo modo como Deus a usara em minha vida. Encontrava dificuldade até para olhá-la nos olhos, que dirá dirigir-lhe uma palavra de agradecimento.

Em diversas ocasiões, Leanne convidou-me a sua casa para jantar ou simplesmente ter comunhão com outros cristãos. Compartilhávamos então o que o Senhor estava fazendo em nossas vidas. Ela nunca demonstrou a complacência de uma cristã madura que me olhasse, no estado imaturo que eu ainda me encontrava, de cima

para baixo. Pelo contrário, sempre me honrou como pessoa e irmão na fé. Quando eu compartilhava minhas lutas, Leanne costumava se oferecer para orar por mim. Telefonei para sua casa em diversas ocasiões e pedi orações. Nesses momentos em que orávamos juntos, raramente sentia qualquer coisa acontecer (às vezes tinha a mente ocupada demais com pensamentos ambivalentes em relação a Leanne). Entretanto, horas depois de orarmos, o poder do Espírito Santo descia sobre mim, e com Ele a cura.

Um dos motivos para minha dificuldade de receber de Leanne residia no fato de não querer ficar em débito com ela. Contudo, tendo lido seus livros e desfrutando de sua amizade, sabia que ela era das poucas pessoas do mundo cristão capaz de me ajudar realmente. Assim, forcei-me a receber dela, por mais que me ressentisse.

Mais tarde, li o livro de Walter Trobisch, *All a Man Can Be* (Tudo Que Um Homem Pode Ser), e compreendi o porquê. O livro se divide em três partes; sofrimentos exclusivos dos homens, como o homem reage a seus sofrimentos, e como o homem é redimido de seus sofrimentos. Quanto aos sofrimentos do homem inseguro, ele escreve:

O homem, conquistador orgulhoso, figura monumental, precisa admitir, no que diz respeito aos fatos básicos da vida, que depende da mulher. Sua posição tem sido do lado dos que recebem - e é a mulher quem lhe dá.

No mundo inteiro é a mesma história. Quem ocupa posição de receptor se sente sempre inferiorizado, depreciado aos olhos daquele que dá.

De acordo com Trobisch, essa é a desagradável condição do homem, até que ele traga todos esses sentimentos à luz redentora de Cristo e se arrependa. Não apenas nós homens temos de reconhecer a necessidade de receber da mulher, como também, a fim de sermos plenos, devemos ter a humildade de pedir-lhe ajuda quando preciso. Trobisch continua: "Um homem redimido é alguém que não tem medo de perguntar qual é a direção. Dessa forma, ele lidera. Só quem é liderado consegue liderar."

Leanne também aparecia em meus sonhos. Quando lhe contei sobre os sonhos, ela me lembrou, sempre muito delicada, que não sonhava com ela propriamente dito, mas sim com a parte de mim mesmo que simbolizava. Eu achava difícil compreender tal princípio, por isso guardei-o no coração, sem fazer qualquer comentário, para poder apresentá-lo ao Senhor e pedir entendimento.

Quase no final de meu primeiro ano em Milwaukee, assisti a uma série de conferências das quais Leanne participava como uma das principais oradoras. Durante a conferência, marcamos um encontro, só nós dois, em que Leanne me confrontou, com grande amor, acerca, da ambivalência do sexo oposto que eu tinha em relação a ela. Entretanto, como tudo estava acontecendo em um nível inconsciente, respondi que não sabia a que ela se referia.

É importante enfatizar que, graças à natureza inconsciente das projeções da ambivalência do sexo oposto, as pessoas costumam não se aperceber do que fazem. Por esse motivo, qualquer confrontação deve ser programada adequadamente no que diz respeito à escolha do momento oportuno, e feita por alguém que a pessoa respeita e em quem confia. Até então, os conselhos e as orações de Leanne sempre tinham dado bons frutos em minha vida, de forma que tomei suas palavras e apresentei-as em oração ao Senhor. Mais ainda, sabia que ela me amava, e que provavelmente dizia a verdade.

Retornei ao meu lugar na sala de conferência. Orei silenciosamente ao Senhor Jesus e apresentei-lhe as palavras de Leanne. Nesse instante, ela se levantou lá na frente, aproximou-se do microfone e deu início a sua preleção. Enquanto falava, gesticulava bastante, como de costume. Pela primeira vez, porém, notei que usava esmalte vermelho. Observando aquelas unhas compridas esvoaçando pelo ar a cada gesto seu, como fagulhas que se desprendem de um graveto em brasa, comecei a me

sentir incomodado. Lembro até de compará-la a uma bruxa por causa disso. Minha mente se pôs a divagar, levando-me consigo. Ó, Senhor, talvez ela não passe mesmo de uma bruxa disfarçada! Talvez eu tenha cometido um grande engano e me envolvido com um culto pagão qualquer. De repente, tive medo e desprezo de Leanne.

Ansioso devido a esses pensamentos todos, esforcei-me por fixar a atenção na palestra de novo. Naquele momento, Leanne dizia:

Às vezes, quando estou trabalhando com um homem que começa a ser curado da confusão de gênero, tudo que preciso fazer é pintar as unhas de vermelho para fixar em um só ponto toda sua ambivalência do sexo oposto.

Exatamente o que estava acontecendo comigo. Assim como as qualidades femininas de Melanie tinham evocado pensamentos e sentimentos relacionados à minha imagem idealizada da mulher, Leanne, naquele momento, evocava pensamentos e sentimentos localizados no extremo oposto. Suas unhas pintadas trouxeram-me à consciência minha imagem temida e desprezada da mulher. Essa confusão de símbolos manifestou-se a princípio através de pensamentos genericamente ambivalentes relacionados a Leanne, cresceu com o desconforto diante das unhas vermelhas, e culminou na projeção da imagem temida e desprezada da mulher, ou seja, a bruxa.

Para muitos homens, unhas vermelhas evocam imagens de mulher sedutora, uma bruxa, aquela que o controla por meio de manipulação. A maioria dos homens não nota quando isso acontece. Se Leanne não tivesse me confrontado momentos antes de sua palestra, e se eu não tivesse pedido a Jesus que sondasse meu coração, talvez saísse dali acreditando em uma mentira a seu respeito, além de profundamente decepcionado com o estado de meu próprio coração.

Olhando para trás, constato que eu dava tratamento emocional a Leanne muito parecido com aquele dispensado a Joana D'Arc. Em dado momento, via Leanne como "a Santa", uma mulher temente a Deus; no momento seguinte, eu a via como "a Bruxa", queimando-a na fogueira dos meus pensamentos ambivalentes.

Joana D'Arc é um triste exemplo do que muitas mulheres experimentaram no decorrer dos séculos. A História registra um número desproporcionado de mulheres queimadas como bruxas, em comparação aos magos (ou feiticeiros) conduzidos à fogueira. O que não significa dizer que bruxas de verdade não existam, nem que a mulher, quando desestruturada, não tenha problemas de dominação a serem trabalhados. Entretanto, a resposta cristã à verdadeira bruxa é levá-la à cruz, não queimá-la em uma fogueira.

Mesmo hoje, na igreja, é comum ver uma mulher muito talentosa, ou dominadora, ou manipuladora, acusada de estar possuída de um espírito de feitiçaria. O que muita gente não entende é que a mulher pode se tornar dominadora e manipuladora no relacionamento com um homem passivo. Em se tratando de mulher casada, talvez seja essa sua única defesa para manter a família unida, ou a única forma que ela conhece para motivar o marido a trazer provisões para os filhos. Também seria fácil espiritualizar o problema, afirmando-se que o homem está possuído pelo espírito de Caspar Milquetoast (Personagem submisso, tímido e inseguro, criado por Harold Tucker Webster -1885-1952).

Tenho ouvido pastores, ao se referirem a determinada mulher, dizerem: "Ela tem o espírito de Jezabel", ou "Ela está tomada por um espírito de feitiçaria". Sei de uma mulher que chegou a ser encostada contra a parede por um homem ambivalente que empreendia uma caça às bruxas e tentava expulsar o espírito de Jezabel que supunha possuí-la. Porém nunca ouvi falar de um homem dominador e manipulador sendo acusado de estar possuído do espírito de Acabe (o marido igualmente mau de Jezabel, retratado no Antigo Testamento) ou de Simão, o feiticeiro. Creio que homens ocupados em expulsar espíritos de Jezabel sofrem de ambivalência do sexo oposto. Sob

tais circunstâncias, operam não pelo dom de discernimento de espíritos, mas em uma suspeita carnal, aliada à ambivalência do sexo oposto.

A ambivalência, seja do próprio sexo, seja do sexo oposto está relacionada ao que os psicólogos chamam de transferência. Por transferência se entende a projeção de pessoas que conhecemos no passado sobre alguém da dinâmica de relacionamentos presente. Podem ser positivas, como a visão idealizada da mulher na ambivalência do sexo oposto. Mas existem também as negativas, como a visão temida, desprezada da mulher, na ambivalência do sexo oposto. A fim de sermos curados, precisamos encarar de frente nossas transferências e receber a revelação de como se originaram. Com frequência, porém, resistimos a essa revelação. Na verdade, nossa resistência pode se manifestar exatamente no instante em que a transferência está mais evidente. Como vimos no caso do tele-evangelista, depois de seu problema vir a público e ele confessar abertamente que pecara, recusou a ajuda que sua denominação lhe ofereceu.

O orgulho alimenta nossa resistência, impedindo-nos de encarar abertamente nossos pecados e deficiências. Agindo assim, damos lugar à ilusão. Dick Keyes declara:

Com frequência maior do que gostaríamos de admitir, a ilusão é a maneira pela qual lidamos com situações ameaçadoras e com a culpa pessoal. A desonestidade pode ser tão natural quanto o reflexo de se piscar os olhos ou levantar a mão para proteger o rosto.

Quando iludimos a nós mesmos, achando que os problemas em nossas almas não existem, comumente culpamos os outros. Uma vez encontrado alguém para culpar, nosso problema é desviado, recaindo sobre uma outra pessoa. É o caso do homem afligido pela ambivalência do sexo oposto, que se recusa a encarar o problema. Interpretando literalmente a confusão dos símbolos de mulher existentes em seu coração, ele a vê como alguém a ser temido e desprezado. Projetando essa distorção sobre uma mulher de verdade, engana a si mesmo e aos outros, fazendo acreditarem que ela é uma bruxa ou que tem o espírito de Jezabel.

As Mulheres dos Meus Sonhos

Na literatura, as figuras de linguagem geralmente substituem uma coisa por outra. Pode ter significado tanto literal quanto figurado. Ou seja, pessoas que aparecem em nossos sonhos podem ser representações literais ou figuradas de uma parte de nós mesmos. Uma vez que compreendi isso, passei a pedir a Deus a interpretação dos meus sonhos.

A presença de Melanie e Leanne nos sonhos que eu tinha revelavam, na verdade, pontos do meu coração que necessitavam de cura. Na infância, eu só tivera oportunidade de ver a mulher à luz negativa de uma degradante submissão. Era sintomático da minha condição de desajustado que meu coração procurasse o feminino verdadeiro, a mulher verdadeira. Meu lado feminino clamava pelo direito de expressar-se, tentando encontrar significado. Meu coração ansiava por imagens de mulheres plenas. Esse anseio se traduziu em meus sonhos. Leanne e Melanie representavam o feminino verdadeiro dentro de mim.

Leanne, enquanto escritora, professora e ministra, simbolizava meu lado feminino em sua capacidade criativa dada por Deus. Ela andava com Cristo e tinha muita experiência na área de aconselhamento pastoral, por isso eu via nela a maturidade cristã para a qual o Senhor estava me conduzindo. Quanto maior o nosso contato, mais ela evocava meu lado feminino em suas duas dimensões: curada e não curada. Melanie representava meu feminino como ele deveria ser - vivaz, livre para atender a Deus e alegre. No exato momento em que adquiria a consciência de que a

mulher é um outro ser, conheci Melanie. Ela também representava a mulher de verdade - a parceira certa para o homem real. Diante dela, tinha a impressão de que toda a masculinidade sadia em mim vinha à tona, feito o macho que dança na campina para atrair a fêmea. Como Romeu, afligido pelo amor que lhe dera sua má estrela, via a própria alma em Julieta, assim também eu via a minha alma em Melanie.

Quando não recebemos cura da ambivalência do sexo oposto e da confusão de símbolos em nosso coração, com frequência o pecado da inveja nos aprisiona. Em meu estado desajustado, invejava os dons de Leanne como escritora e ministra. Invejava Melanie também, por ter uma liberdade de espírito que eu considerava indisponível aos homens. Se não tivesse me arrependido desse pecado, jamais amaria uma mulher corretamente, nem apreciaria suas habilidades, nem conseguiria para mim parte das qualidades positivas de Melanie e Leanne que anteriormente invejara. Sem a cura, projetaria para sempre meu feminino sobre a mulher, incapaz de estabelecer relacionamentos saudáveis com mulheres, permanecendo alienado de grande porção de minha alma.

Quando o Homem Projeta Sua Alma sobre a Mulher

A alma (termo usado com moderação nas modernas traduções da Bíblia) não faz parte da natureza humana, porém a caracteriza em sua totalidade. A palavra alma, tanto no hebraico (*nepbetti*) quanto no grego (*.psuchê*) pertence ao gênero feminino. Ou seja, a alma em todas as pessoas é feminina; é ela que responde (o feminino) à iniciativa de Deus (o masculino). A respeito de nosso relacionamento feminino com o Deus masculino, o dr. Donald Bloesch afirma:

"Deus não é um homem, mas na maioria das vezes, opta por se relacionar conosco como masculino. Javeh, ao contrário dos deuses e deusas das religiões pagãs, não tem consorte. Nós, a Igreja, somos Sua consorte, e isso significa que a Igreja constitui a dimensão feminina do sagrado. Israel é retratada no Antigo Testamento como esposa de Javeh (Isaías 54.5; Oséias 2.2, 7,16) e Filha de Sião (Isaías 16.1; 62.11; Jeremias 6.2, 23; Lamentações 1.6; 2.18). A Igreja é representada como noiva de Cristo no Novo Testamento".

Eu e Kevin, cuja história introduziu este capítulo, tínhamos algo em comum - a alienação da mulher e do feminino em nosso interior. Por conseguinte, estávamos alienados de aspectos de nossa alma também. Lembre-se que Romeu se referia a Julieta como "minha alma". A respeito da natureza feminina da alma, Ruth Tiffany Barnhouse escreve:

"Não por acaso, nos sonhos dos indivíduos, bem como nos mitos (que são os sonhos de uma raça), sempre se escolhe figuras femininas para representar a alma. As escritoras feministas hoje em dia costumam se ofender, e os teólogos do sexo masculino, ficar pouco à vontade, por causa de alguns debates medievais sobre a questão de as mulheres terem ou não alma. Esquecem, no entanto, que um dos mais importantes argumentos utilizados para defender a ideia de que as mulheres não têm uma alma é porque elas são alma".

No livro *The Flight from Woman*, Karl Stern relata a fuga histórica do feminino, empreendida pelos homens. Por conseguinte, nós homens não só perdemos o contato com o que há de bom nas qualidades femininas existentes em toda a humanidade, como também com nossas próprias almas. No contexto do casamento cristão, com frequência ouço homens dizerem: "É minha esposa quem ouve Deus falar em oração; eu recebo toda minha direção da Palavra" (referindo-se à análise racional da Bíblia, necessária para um caminhar cristão saudável, mas que não deveria ser o único modo de nos relacionarmos com Deus). Invariavelmente, tais homens acreditam que as

mulheres são por natureza intuitivas, ao passo que os homens, racionais. Embora a sabedoria feminina inclua aspectos intuitivos, como a sabedoria masculina inclui aspectos racionais, é errado abrir mão de uma dessas formas de sabedoria apenas por causa do gênero a que pertencemos.

Em casamentos assim, as mulheres costumam concordar com os maridos, abdicando da própria mente e "sujeitando-se" simplesmente ao modo como ele pensa. Deixam de exercitar a parte analítica masculina de sua mente, e os homens, a parte intuitiva feminina. Leanne Payne escreve:

"Não podemos perder o princípio feminino sem enfraquecer e eventualmente perder o masculino; não podemos reter o que há de bom no raciocínio discursivo masculino, distante da mente e coração intuitivos femininos. Todos os preciosos e coloridos filamentos de realidade estão maravilhosamente interligados. Descartar um deles significa afrouxar e, portanto, colocar em risco toda a estrutura de sustentação da vida".

Quando homens alienados do feminino vêm a mim em busca de ajuda, é comum ouvi-los relatar, bastante contritos, que têm uma vida de oração muito pobre. Em contato apenas com o raciocínio masculino, a oração do homem pode não passar de uma série de declarações estanques e racionais acerca de Deus. Ao orar, é ele quem mais fala, e raramente aguarda uma resposta (o feminino), de forma a receber de Deus a palavra que Ele tem para enviar. Dissociado das qualidades femininas inativas dentro de si, projetará seu feminino sobre a esposa e esperará que ela se responsabilize por uma parte do relacionamento deles com Deus que também ele deveria experimentar. Se o homem não se relacionar corretamente com a mulher, não se relacionará corretamente com a própria alma (o feminino dentro de si). Visões distorcidas da mulher em seu coração podem demonstrar a existência de um problema em sua capacidade de se relacionar com Deus.

Quando se resiste à ambivalência do sexo oposto no homem, e quando ela é trazida à lua da verdade de Deus em oração, a confusão dos símbolos que ela esconde se desprende. As lembranças de pecado cometido por alguma mulher contra ele, ou de seus pecados contra ela, se mostrarão a sua mente consciente. A dor de nunca ter se relacionado corretamente com a mãe, de jamais ter experimentando a sensação de estar no amor dela, subirá à superfície. Em oração aos pés da cruz de Jesus, o homem pode perdoar as ofensas do passado, receber perdão dos próprios pecados contra a mulher, bem como a cura dos efeitos de uma infância em que a mãe nunca se fez presente quando ele mais precisou. Pode ainda confessar suas ofensas contra a mulher. Dessa forma, ele se liberta das visões radicalmente opostas da mulher, alojadas no fundo de seu coração. A oposição mais radical está no clássico complexo virgem/meretriz, porém a ambivalência do sexo oposto tem diversas gradações. O simples fato de conscientizar-se de que sua esperança de encontrar a mulher perfeita idealizada jamais se concretizará, ou de que sua imagem da mulher temida e desprezada jamais se provará verdadeira, costuma ser suficiente para dar início à cura de um homem.

Depois que passei a ver Leanne e Melanie corretamente, e parei de projetar sobre elas as dimensões ainda enfermas do meu feminino, o resultado foi algo admirável. Conheci um senso de ser muito maior. Se é no amor do feminino (mãe) que atingimos um senso seguro de ser, conclui-se que, quando nos relacionamos corretamente com o feminino tanto em nós mesmos quanto nos outros, nosso senso de ser se aprofunda. Em vez de projetar parte do meu eu sobre as mulheres, integrei-me a "minha alma-mulher", e ela encontrou abrigo dentro de mim.

Integrando-se ao Feminino

Com meu processo de cura da ambivalência do sexo oposto obviamente em curso, percebi que me voltava para as mulheres mais do que nunca. Pela primeira vez na vida, queria dar à mulher, abençoá-la. Na agonia da ambivalência do sexo oposto, o homem não consegue dar à mulher. Ele a vê como uma pessoa de quem é impossível se aproximar, mas também fora do seu alcance, ou a quem temer, a quem precisa controlar para não perdê-la pelos vãos dos dedos, ou a ser evitada completamente.

Não mais preso às velhas imagens distorcidas que meu coração tinha da mulher, estava livre agora para sentir todas as minhas emoções reprimidas em relação às mulheres. Embora a maior parte desses sentimentos fossem bons, alguns não o eram. Ao liberar a confusão de símbolos da mulher do meu coração, todas as atitudes, emoções e comportamentos ilógicos, nascidos de imagens desajustadas da mulher, afloraram em meu estado consciente.

No que dizia respeito ao relacionamento com minha mãe, agora estava livre para permitir que meus sentimentos negativos para com ela, os quais eu reprimira desde a infância, se revelassem. Contudo, nessa época já sabia que de nada adiantaria aniquilá-la com meus sentimentos, nem projetá-los sobre ela e culpá-la. Pelo contrário, apliquei a cruz de Jesus a minhas recordações, perdooando-a ou pedindo perdão, conforme a necessidade.

Chegou então o momento de enfrentar a realidade de que, nas condições adversas do lar onde crescer, causadas principalmente pelo comportamento do meu pai, mamãe não tinha como se dar a nós, os filhos, emocionalmente. Pois ela também estava com as emoções em frangalhos. Compreendi também que me ligara tanto a ela, de uma maneira negativa, na tentativa de protegê-la de meu pai. Diversas vezes mamãe confidenciou-me coisas que uma mãe não deveria compartilhar com o filho. Eu precisava estabelecer os limites apropriados entre o filho adulto e sua mãe.

Com o intuito de tornar-me saudável, devia ainda dissociar minha identidade da dela. Coisa que teria ocorrido naturalmente, se meu pai tivesse me apoiado como homem, dessa forma colocando-se entre nós dois. Mas ele não o fez. Além do mais, acostumara-me a estar presente sempre que ela precisasse - como caberia ao marido fazer para com a esposa. Por fim, tive de abrir mão de minha necessidade de protegê-la e confiar seu cuidado a Jesus. Foi doloroso para minha mãe. Sentiu que eu a abandonava. Porém era um passo fundamental para que eu encontrasse meu bem-estar emocional e o amadurecimento como homem.

Trabalhei os sentimentos relativos a minha mãe, tanto positivos quanto negativos, perante o Senhor. À medida que orava, acompanhado por amigos de confiança como Leanne e os frequentadores do grupo de oração do bairro, um amor mais profundo por minha mãe nascia dentro de mim. Comecei a enxergar como ela se dera genuinamente a mim, quando criança. Cheio de sincera gratidão, agora eu estava livre para lhe dar meu amor incondicional.

Nos anos que se seguiram, saí com diversas mulheres. Foram relacionamentos saudáveis, edificados em respeito, interesses mútuos e amor por Jesus. Depois de alguns meses envolvido em um desses relacionamentos, minha amiga me disse:

Mário, às vezes, quando estamos conversando, parece que você ergue um muro impedindo que se estabeleça uma comunicação genuína entre nós. Tendo percebido a existência desse muro também, concluí que havia ainda alguma coisa mal resolvida em meu coração, no tocante às mulheres. Poucos anos mais tarde, o Senhor me mostrou em que consistia esse muro. Um medo extremamente reprimido de

ser abandonado pela mulher me impedia de confiar nela em níveis mais profundos do meu ser. Portanto, nunca conseguia abrir meu coração por completo, a ponto de firmar um compromisso de casamento.

Esse medo de que a mulher me abandonasse encontrava raízes na separação de minha mãe, no período de mais de um mês que durara a hospitalização a que fora submetido na infância. Acabara desenvolvendo um caso de ansiedade por separação infantil que, por sua vez, resultara mais tarde em tensão genital sob forma de masturbação impulsionada pelo pânico. Seguiu-se também uma sensação inconsciente de abandono.

Mais uma vez o Senhor se serviu de meu relacionamento com Leanne Payne como contexto dentro do qual agruparia e curaria esse problema relacionado à mulher. Assim como seis anos antes minha ambivalência do sexo oposto se manifestara sob forma de uma projeção sobre Leanne, o mesmo aconteceu em relação ao medo do abandono, resquício de minha infância.

Na época, conhecia Leanne havia já quase oito anos. Ao longo de todos aqueles anos, nosso relacionamento se convertera em uma confiante amizade. No início, entrara em contato com ela como quem procura ajuda no aconselhamento pastoral. A partir de então, evoluímos para uma amizade sem cerimônia. No decorrer do tempo, a amizade se aprofundou, e Leanne tornou-se minha mãe espiritual. Além do mais, Deus me chamou para trabalhar bem de perto de Pastoral Care Ministries, de forma que ela passou a me ver também como um colega de sua confiança.

Essa confiança mútua, construída durante os já citados oito anos, era muito terapêutica. Graças ao nosso relacionamento, o Senhor restaurou em mim uma estrutura de confiança anteriormente corrompida. Estruturas desse tipo normalmente são construídas na primeira infância. Contudo, por causa do estado de privação emocional de minha mãe, e do trauma pelo constante abuso por parte de meu pai, aliados a minha ansiedade provocada pela separação, a confiança usual jamais se desenvolveu entre nós. Na verdade, Leanne foi a primeira mulher em quem confiei plenamente. Minha capacidade de confiar em uma mulher mais velha e mais sábia como ela permitiu-me começar a confiar em outras mulheres.

Na terminologia da psicanálise clássica, meu relacionamento com Leanne compreendia um forte elemento de transferência. Trata-se de um processo psicológico humano bastante comum, pelo qual pessoas do presente são substituídas por pessoas com quem nos relacionamos no passado. As transferências acontecem o tempo todo no contexto das amizades, dos relacionamentos de trabalho, entre irmãos em Cristo e nos casamentos. Elas costumam ocorrer também no contexto da igreja, que está equipada como ninguém para ministrar cura aos emocionalmente feridos. Quando saudável, a igreja adquire o aspecto de nova família em que podemos crescer até atingirmos a maturidade. Paulo, escrevendo a Timóteo, diz: *"Não repreendas ao homem idoso, antes exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza"* (1 Timóteo 5.1-2).

Algumas transferências são mais fortes que outras, dependendo da intensidade das feridas emocionais daquele que a faz. No meu caso, as feridas emocionais levaram-me inconscientemente a transformar Leanne em mãe substituta.

Existem transferências positivas e negativas. Inicialmente, quase todas são positivas. As características genuínas e positivas de uma pessoa saudável permitem que tais transferências se desenvolvam entre essa pessoa e aquela portadora de feridas emocionais. A princípio, Leanne era positiva demais aos meus olhos, excessivamente amorosa, graciosa, gentil, crente e generosa. E, de fato, existem muitas virtudes em seu caráter. As transferências positivas capacitam quem se feriu emocionalmente a confiar nos outros. Por esse motivo, muitos terapeutas trabalham no sentido de estabelecer um

padrão observação do outro que seja positivo e incondicional - a empatia e o respeito em relação aos clientes, de modo a criar um ambiente onde as transferências positivas possam ocorrer. Também é possível que se resvale para idealizações daquele sobre o qual incide a transferência. Aconteceu no princípio de meu relacionamento com Leanne, mas soubemos trabalhar minha idealização.

As transferências positivas quase sempre se transformam em negativas. Faz parte do processo de cura. No início, foi o que aconteceu quando projetei sobre Leanne a imagem confusa da mulher existente em meu coração, que a representava como bruxa e pessoa dominadora. À medida que fui trabalhando essa confusão, meu relacionamento com todas as mulheres melhorou muito. Somente anos mais tarde o medo de ser abandonado pela mulher, reprimido até então, subiu à superfície. Não seria possível que isso acontecesse exceto em um relacionamento em que existisse confiança (uma transferência positiva). Quanto mais confiava em Leanne, mais vulnerável ficava por compartilhar com ela as feridas do passado, e maior a probabilidade de o abandono reprimido vir à tona.

Minhas transferências negativas concernentes ao abandono ocorreram durante várias missões de cura, no período de um ano. O ministério crescia rapidamente e esse crescimento trouxe o conflito. No contexto de tais conflitos, Leanne e eu passamos por diversos desentendimentos. Em vez de tratá-los objetivamente, revelando os pontos em que discordava, eu tinha reações hostis a Leanne (a hostilidade é comum em transferências negativas). A princípio, reprimi as reações hostis e as discordâncias, por medo de ser abandonado. Imaginei que se soubesse das minhas divergências, deixaria de ser minha amiga. Na infância, sempre que discordava de meu pai, o restante da família, incluindo minha mãe, me abandonava e tomava o partido dele.

Certa ocasião, depois de uma série de pregações sobre cura, a hostilidade reprimida manifestou-se quando Leanne e eu conversávamos a respeito de um desses pontos discordantes. Para minha surpresa, projetei tamanha cólera sobre ela que a machuquei seriamente. Leanne então me disse que eu estava no meio de uma transferência. Todavia, não fui capaz de compreender plenamente o sentido de suas palavras, na época.

Quando as transferências enveredam por um lado negativo, também a resistência (um conceito psicológico) certamente virá à tona. Ela serve a pelo menos três propósitos neuróticos. Primeiro, para negar que a transferência tenha assumido um aspecto negativo. Minha repressão inicial da hostilidade em si mesma já representava uma tentativa de repudiar a transferência negativa. Mais ainda, minha incapacidade de enxergar plenamente essa transferência negativa no instante mesmo em que ela aflorou, sob forma de cólera projetada, também fazia parte desse repúdio. Em segundo lugar, a resistência serve como defesa contra problemas reprimidos que começam a ser revelados. Em mim, ela ajudou a reprimir um grande problema mal resolvido de abandono e respectiva cólera. Em terceiro lugar, serve para fazer da pessoa sobre quem recai a transferência um bode expiatório. No início, imaginei que parte de minhas reações hostis a Leanne fossem até legítimas.

De novo recorro ao comentário do dr. Gerard van den Aardweg sobre a resistência:

"Compreendemos o que Freud quis dizer ao discutir o fenômeno da resistência observado no tratamento de vários neuróticos, e que causou sobre ele 'a mais profunda das impressões', dando-lhe 'a sensação de existir uma força em operação que se defende com todos os meios possíveis contra a cura, e que se agarra obstinadamente à enfermidade e aos sofrimentos'.

Superar a resistência é fundamental para a cura psicológica. Sem pressão que rompa essa barreira, o indivíduo em busca de cura psicológica fica estagnado, preso a uma situação hostil de transferência negativa.

De volta para casa, depois daquela série de pregações, os problemas subjacentes a essa transferência negativa principiaram a emergir. Na tentativa de sanar a ferida que eu causara em Leanne com minha cólera, conversamos diversas vezes por telefone, além de trocarmos correspondências. Em uma de suas cartas, Leanne deu vazão à dor que sentia e afirmou que a confiança entre nós fora quebrada. Interpretei essas palavras como uma declaração de que nossa amizade acabara. Por si só, essa percepção errônea constituía uma projeção. Entendi errado a carta para lhe dar o significado de que ela me abandonara. Como fora uma mãe espiritual para mim até o momento, e inconscientemente eu lhe dera o lugar de minha mãe de verdade, sentia que estava perdendo uma figura materna. Isso potencializou a perda que experimentara em criança, quando fora hospitalizado e separado de minha mãe.

Lembranças reprimidas daquela época começaram a vir à tona. O bebê em estado prolongado de separação da mãe percebe sua ausência de forma análoga à morte. Além de sentir-se abandonado e sofrer a ansiedade da separação, experimenta também profunda dor. Lembranças da longa separação da mãe às vezes se manifestam em sentimentos reprimidos, mais que em imagens do passado. O modo como encarei a perda da amizade de Leanne fez surgir em mim sentimentos reprimidos de abandono e dor intensa.

Quando esses poderosos sentimentos apareceram, não soube identificá-los. No início assaltou-me a ansiedade. Meu coração batia tão depressa que tinha a impressão de ver meu peito subir e descer, quando me deitava. Dormia poucas horas por noite. Cheio de medos infantis, desenvolvi uma forte reação assustadiça. O menor ruído fazia com que pulasse como se uma bomba tivesse explodido atrás de mim. Uma profunda solidão e vazio interior eram meus únicos companheiros.

Desde que abandonara o padrão de negação, no que diz respeito aos comportamentos maldosos de meu pai, nunca enfrentara dor tão intensa. A única diferença agora estava na dor, que não cedia um instante sequer, nem de dia, nem à noite. Não imaginava que fosse possível a um ser humano suportar dor mental e emocional tão contínua. Conquanto já tivesse me defrontado com o sofrimento emocional em ocasiões anteriores, cheguei a duvidar que minha sanidade mental sobrevivesse dessa vez.

Em meio a tanto sofrimento, o Senhor lembrou-me do livro de Elizabeth Goudge, *The Scent of Water* (O Cheiro das Águas). É a história de uma mulher chamada Mary que sofre de uma terrível depressão e tenta se esconder do mundo. Certo dia, um vigário anglicano vai visitá-la. Conversando com Mary sobre a depressão, ele pergunta:

- Você tem medo dela?

- Claro que sim - foi a resposta. - Tenho pavor.

- Por quê? Se perder a capacidade de raciocínio, perca-a nas mãos de Deus.

Era esse o medo secreto de Mary, enlouquecer. Não ousava nem falar sobre o assunto, evitando transformá-lo em realidade.

Foi Jung que disse que "a neurose é sempre um substituto do sofrimento legítimo". Nos oito anos anteriores, minhas defesas homossexuais de ambivalência do mesmo sexo, ambivalência do sexo oposto e respectiva confusão de símbolos haviam sido liberadas. A neurose homossexual não estava mais intacta o suficiente para que pudesse recorrer a ela, em vez de enfrentar o sofrimento legítimo. Teria de sofrer simplesmente, e encarar meus temores mais profundos, mais secretos. Esses temores

constituem aquilo que os psicanalistas chamam de segredo patogênico. Ocasionalmente ele levantava a cabeça, para em seguida submergir de novo em um mar de defesas.

Como em *The Scent of Water*, meu segredo patogênico era o medo de perder a cabeça. O vigário anglicano por fim diz a Mary:

"Minha cara, o Amor - seu Deus - é uma trindade. São três as orações necessárias, cada qual composta de três palavras. São elas "Senhor, tem misericórdia", "Eu Te adoro" e "Em Tuas mãos". Nada muito difícil de lembrar. Se, nos momentos de dor mais intensa, você se apegar a elas, se sairá bem.

Após duas semanas de ansiedade contínua e pouco sono, enfrentei o medo patogênico e secreto de perder a cabeça na dor do abandono. Deitado na cama, a cabeça pendendo da borda do colchão, orei a Jesus: "É isso, Senhor. Estou prestes a enlouquecer. Tenho a sensação de que minha cabeça vai cair do corpo a qualquer momento. Confio em que Tu estás aqui para apanhá-la." Em seguida, lembrando-me das palavras do vigário, orei:

"Senhor, tem misericórdia. Eu Te adoro. Em Tuas mãos." Repetindo diversas vezes essa breve oração, o medo de perder a cabeça foi desaparecendo. Afinal, o Senhor falou ao meu coração e orientou-me a telefonar para Phil, um parceiro de oração.

Aquela noite, Phil e eu nos reunimos para orar. Lembrei-me de uma cicatriz no tornozelo, vestígio do implante cirúrgico intravenoso pelo qual fora alimentado durante minha hospitalização. Invocamos o nome de Jesus e entramos em Sua presença. Em seguida, Phil ungiu minha cicatriz com óleo consagrado. No mesmo instante, uma imagem retornou-me à mente. Era de uma haste de metal, com um gancho curvo para cima na extremidade superior. Meu pé direito pendia desse gancho e eu podia ver o tubo de alimentação intravenosa penetrando o tornozelo. Uma tira sobre a cintura me mantinha imobilizado. Estava completamente só. Era essa a lembrança verdadeira de meu abandono no hospital.

Prosseguimos em oração, até que Phil teve a visão de um espesso sistema subterrâneo de raízes que se erguia e enroscava em minha coluna vertebral. Também consegui ver essa raiz, toda retorcida, e dei-lhe o nome de medo do abandono. Enquanto Phil orava para eu fosse liberto, minha coluna começou a se mexer de um modo muito estranho. Senti então uma presença demoníaca me deixar. Aos poucos, a raiz do abandono foi se desenrolando e desprendendo de mim. Levou algum tempo, mas quando ela desapareceu afinal, Phil ainda viu o Senhor Jesus removendo pequeninos filamentos que também faziam parte daquela raiz. Em seguida, Ele encheu cada lacuna com Seu amor. Perdoei então as autoridades médicas que proibiram mãe de visitar-me no hospital. Também pedi ao Senhor que perdoasse meus pecados contra Leanne. Por fim, compreendi que a cólera projetada sobre ela nada mais era que a cólera reprimida na infância por ter sido abandonado.

Aquela noite, pela primeira vez em duas semanas, dormi oito horas ininterruptas. Na manhã seguinte, quando acordei, sabia que virara uma página do meu processo de cura. Pela primeira vez em semanas tinha condições mentais para fazer minha devocional matutina. Dentre outros, li o seguinte trecho da Bíblia:

"Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus... Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto; ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou... Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros,

perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição" (Colossenses 3:2-3, 8-10,12-14).

Revestindo-me do amor de Deus e de humildade, escrevi para Leanne, pedindo perdão por ter projetado sobre ela minha raiva pelo fato de ter sido abandonado. Agindo assim, rompi a barreira da resistência que sustentara a transferência negativa. Ela graciosamente me perdoou.

No decorrer daquele ano, comecei a fazer terapia para entender melhor a dinâmica das transferências. Descobri que minha transferência positiva sobre Leanne assentara os alicerces da confiança que permitiu às recordações de abandono na infância se manifestarem plenamente, no contexto de uma transferência negativa. Leanne permanece uma querida amiga, colega, mestra e mãe espiritual para mim. Agora, no entanto, meu relacionamento com ela exibe marcas de maior maturidade e está livre das transferências negativas.

Seis anos antes, minha libertação inicial da ambivalência do sexo oposto transformara todos os meus relacionamentos com mulheres para melhor. Isso me capacitara para começar a amá-las corretamente. Pouco a pouco, o Senhor revelou que minha confusão em relação às mulheres era composta de diversas camadas. No momento oportuno, Ele me fez retornar ao ponto em que eu sofrera e conhecera o abandono, apenas para me curar em maior profundidade. Com isso, fiquei ainda mais livre para amar a mulher da maneira certa.

A libertação dessa confusão da ambivalência do sexo oposto alcançou-me devido a pelo menos quatro fatores. Primeiro, eu me exercitava na presença de Deus e permitia que Ele sondasse meu coração, em busca de possíveis imagens distorcidas do sexo oposto. Mais do que qualquer outra coisa, eu precisava de paciência e graça para processar tudo que emergia de dentro do meu coração. À medida que imagens, sentimentos e pensamentos relativos às mulheres, obviamente distorcidos, subiam à tona, orava a Deus para que tomasse essas distorções e as substituísse por imagens boas e reais do sexo oposto. Às vezes, bastava que esperasse em Sua presença por longos períodos - dias, semanas, meses até, antes que fosse atendido.

Em segundo lugar, passei a estabelecer relacionamentos corretos com as mulheres, no contexto do Corpo de Cristo. Lembre-se das palavras de Martin Buber: "A vida real nada mais é que relacionar-se". A menos que estejamos dispostos a conhecermos (encontrarmos) pessoas e trabalharmos nossas dificuldades de relacionamento, jamais seremos curados a ponto de amarmos verdadeiramente. A comunhão cristã desempenhou papel muito significativo na re-simbolização da imagem da mulher existente em meu coração. Vi homens e mulheres saudáveis na igreja, relacionando-se corretamente uns com os outros. Mas também aprendi a reconhecer quando se relacionavam de maneira errada. A princípio, tinha dificuldades para identificar o comportamento normal entre os sexos pelo simples fato de não saber como ele era. Quando surgia alguma dúvida, dirigia-me a um amigo cristão em quem confiasse bastante.

Em terceiro lugar, de vez em quando ia diretamente às mulheres, pedir perdão pelas várias maneiras através das quais as machucara. Cinco anos atrás, eu e uma mulher chamada Allison tivemos uma experiência de reconciliação que mudou nossas vidas. Tornáramo-nos amigos no verão de 1980, época em que trabalhávamos juntos em um restaurante francês de Milwaukee. Pouco depois de me mudar para Boston, no outono de 1981, Allison também se mudou para a mesma cidade. Decidimos então compartilhar um apartamento excelente, e vivemos juntos por cerca de um ano. Nesse período, descobrimos que tínhamos interesses muito semelhantes. Nosso relacionamento assumiu contornos de casamento, com uma exceção - nunca

houve intimidade física. Tanto para Allison quanto para mim, foi doloroso constatar que o único impedimento para um relacionamento romântico entre nós era minha homossexualidade. Brincáramos com o fogo da relação macho/fêmea, e em vez de nossas almas se sentirem aquecidas pela doação recíproca, acabamos chamuscando os corações. Ao perceber o que acontecera, mais que depressa encontrei outro apartamento e me mudei.

Tempos depois, quando já recebera alguma cura para minha homossexualidade, o Senhor mostrou meu pecado contra Allison. Eu usufruíra do amor normal que uma mulher dá a um homem, porém não lhe retribuí com amor real. Ainda por cima, sem o saber, eu a expusera a sérios perigos, levando, dos bares gays para casa, visitantes que não ficariam por mais de uma noite. Também lhe transmitira rejeição, deixando nosso apartamento de forma tão abrupta.

Passaram-se anos até que, uma noite, voltando de uma série de pregações, tive de fazer uma escala de quatro horas em San Francisco. Assim que o avião aterrizou, o Senhor falou-me ao coração: "Ligue para Allison." Esquecera-me que ela se mudara para lá. Procurei o número de seu telefone no catálogo, liguei e perguntei-lhe se poderia me encontrar no aeroporto. Ela concordou, mas advertiu que não sabia se seu carro o permitiria. Quando chegou, contou-me que tentara sair no começo da noite, mas o carro apresentara problemas e ela voltara para casa. Para sua surpresa, contudo, ele funcionara perfeitamente em todo o percurso até o aeroporto. (Parecia que Deus já havia preparado nosso encontro.) Compartilhando com Allison como o Senhor me curara da homossexualidade, contei-lhe do peso que sentia no coração, toda vez que pensava nos dias que passaríamos juntos em Boston. Em seguida, confessei os pecados cometidos contra ela e lhe pedi perdão.

- Mário, depois que você se mudou e me deixou sozinha, sempre que nos encontrávamos, eu sentia como se tivesse uma nuvem de culpa a sua volta. Claro que te perdoou - ela respondeu.


- Que bom. Já posso morrer em paz!

Em quarto lugar, à medida que minha relação com as mulheres amadurecia, aprendi a fugir dos relacionamentos amorosos "instantâneos". Adotei as palavras de Cantares de Salomão 2.7 como lema para os relacionamentos românticos: "...*não acordeis nem desperteis o amor, até que este o queira.*" Para meu próprio bem, prometi não pensar em casamento com mulher nenhuma, até que tenha estabelecido com ela uma amizade saudável de pelo menos um ano.

Quando me encontrei pessoalmente com Jesus pela primeira vez, na adolescência, a igreja não me ofereceu cura de minha homossexualidade. Consequentemente, imaginei que tudo em que acreditava, no que diz respeito ao Evangelho de Jesus, fosse mentira. Mas muito embora me desviasse da fé e adotasse o estilo de vida gay, Jesus permaneceu fiel a mim. Ele me buscou. Ele me tirou da homossexualidade e conduziu para as mãos de cristãos amorosos, que sabiam ministrar cura para minha sexualidade. Ele me prometeu que eu O ajudaria a livrar homossexuais da escravidão desse pecado. Nos últimos dez anos, Ele tem me usado para ministrar cura a milhares de pessoas que estão vencendo o desajuste sexual. Hoje sei que tudo aquilo em que sempre acreditei, acerca da bondade de Deus e da fidelidade de Jesus, provou ser verdadeiro.

Jesus disse: "*Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros*" (João 13:34). Em minha penosa jornada da homossexualidade para a heterossexualidade, Deus tem me ensinado a amar corretamente. O objetivo da vida cristã é tornar-se como Jesus e amar como Ele amou. Jesus opera Sua vida dentro de nós estabelecendo ordem no amor.

A Deus somente seja a glória!



**“Leitura obrigatória
para todos que oram
pela cura de alguém.”**

Leanne Payne
Autora best-seller com sete títulos publicados
em diversos países, incluindo o clássico
“Imagens Partidas”, editado no Brasil pela Editora Sepal.

**amor
restaurado**

“De todas as paixões, talvez nenhuma exerça pressão
tão grande sobre a alma e a psique humanas quanto
a sexualidade. Mas nenhuma compulsão é tão poderosa
que não possa ser rompida pela fé e curada. Como
demonstra Mário Bergner em sua fascinante autobiografia,
o moderno pressuposto de que a sexualidade, em especial
a homossexualidade, é imutável, é uma mentira destrutiva”.

Jeffrey Burke Satinover
Consagrado autor de *Homosexuality and the Politics of Truth*
(Homossexualidade e a Política da Verdade)

Editora Sepal

Caixa Postal 2029 - Cep. 01060-970 - São Paulo - SP
Fone: 11 5523-2544 - Fax: 11 5523-2201
e-mail: editorasepal@uol.com.br